



MALACHI

AND

J. J. McAVOY

A CONTEMPORARY MYSTICAL ROMANCE BY





ESPALHE O AMOR POR AÍ

Dia dos Namorados

Tradução: Daniela

Revisão Inicial: Ana

Revisão Final: Lagertha & Ravena

Leitura Final: Ariella

Formatação: Ariella



J.J. McAvoy

Um romance místico contemporâneo.

*E se eu lhe contasse as melhores histórias de amor já contadas -
Cleópatra e Marcos Antônio, Salim e Anarkali, Romeu e Julieta e
muitos mais - são de longe as maiores tragédias que alguém poderia
imaginar?*

*E se eu te disser que você não está lendo uma nova história ... apenas
um novo capítulo em uma saga épica?*

*Se eu te dissesse... que todos esses amantes... eram na verdade, as
mesmas duas almas que procuram o seu felizes para sempre, uma e
outra vez, você acreditariam em mim?*

Você acreditaria neles?

Renasciam,

Se amavam novamente,

Se separavam novamente,

Era a maldição deles.

*Nesta era moderna, eles encontrarão o amor eterno ou estarão
condenados a repetir o ciclo para sempre?*



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Um

Maças Envenenadas

MALACHI

Maças.

Eu odeio maçãs.

As odeio apenas pelo simbolismo que elas representam. Ao longo da literatura, as maçãs assumiram o símbolo do pecado, o fruto proibido, o início do caos, o desfazer do homem. As histórias mais famosas são as de Adão e Eva, uma única maçã custou-lhes o paraíso e a paz.

A Branca de Neve e os Sete Anões - uma maçã envenenada que fez com que a Branca de Neve caísse em um coma até que um homem aleatório a despertasse com um beijo. Um final feliz, a menos que se soubesse que a Branca de Neve era Margarete von Waldeck, uma condessa alemã do século dezesseis que foi banida para Bruxelas por sua madrasta. O veneno veio do Rei da Espanha, o pai do seu príncipe, e sim, numa maldita maçã. Mas ela não adormeceu, ela morreu.

Depois, na mitologia grega, no casamento de Peleus e Thetis, Eris, a deusa grega do conflito e da discórdia, que compreensivelmente não foi convidada para o casamento, mas não teve a capacidade racional de perceber o porquê, decidiu atirar uma maçã de ouro para cima da mesa do banquete *à mais justa de todas*. Uma maçã, dezenas de deusas vaidosas, e bem desse jeito um casamento foi destruído e uma guerra começou.

Se eu pudesse pegar todas as maçãs ensanguentadas e atirá-las na lua, atirava. Talvez, se tivesse pensado nisso mais cedo, não estaria na minha atual situação - não estaria coberto de fumo, suor e sangue. Eu não teria tentado salvar a velhota do seu



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

carro em chamas. Em chamas devido a uma reação em cadeia de acontecimentos que começaram com a mulher mais nova que estava atravessando a faixa de pedestres em frente ao meu carro, e o tolo impaciente que saiu correndo da loja. Quando ele se chocou com ela e a derrubou, a sacola dela caiu e espalhou várias maçãs pela rua. As maçãs, que a filha dela se libertou do seu agarre para pegar, o que fez com que a camionete que se aproximava desviasse para a esquerda, chocando-se com o carro da velhota enquanto ela saía do estacionamento da Merceria Spencer's.

A visão e o som do acidente assustaram o motorista adolescente que estava encostando atrás de mim, fazendo-o pisar no acelerador em vez do freio. Quando o carro dele bateu no meu, a minha cabeça voou para a frente e bateu no volante, enquanto o meu cinto de segurança afundava no meu ombro.

— Cara, você tá bem?! — O adolescente idiota gritou enquanto corria do carro dele para o meu.

— Socorro!

— Oh, meu Deus!

— Está pegando fogo!

Embora a minha visão estivesse embaçada, vi o carro - um BMW prateado - e a mulher ensanguentada que estava inconsciente dentro dele, e sem pensar, tirei o cinto de segurança e corri em direção ao carro. Não senti nada ao puxar repetidamente a porta enquanto a fumaça subia no meu rosto. Mesmo quando ela estava nos meus braços e eu a arrastava para fora do carro, não sentia nada. Nada, até que olhei em volta gritando por ajuda, só para ver, o agora machucado, lascado e deformado, mas que já não rolava...monte de fodidas maçãs.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Dois

Rio de Veludo

ESTHER

—E porque ele a amava...estupidamente...egoisticamente...insuficientemente, sem qualquer consideração por ninguém ou qualquer outra coisa. Ele estendeu a mão, apertando o cabo de sua própria espada, a cravando no coração dela... até que a lâmina perfurou as costas dela e entrou em seu próprio peito, mesmo assim não foi suficiente. Ele apertou o seu punho e com a última de suas forças, ele forçou o aço através de ambos os corações. E sem palavras finais, nem mesmo um último olhar, eles morreram. Pelo rio Diyala... fim.

Eu terminei e ninguém disse uma palavra, permitindo que eu me sentasse e em silêncio limpasse as lágrimas dos meus olhos. Inspirando profundamente, eu olhava o manuscrito em minhas mãos.

— Então? — Perguntou meu avô enquanto se sentava em sua cadeira à cabeceira da mesa. Ele juntou suas mãos marrons e enrugadas e descansou seu queixo grisalho sobre elas. Era algo que ele sempre fazia quando estava excitado. Seus olhos castanhos olhavam-nos enquanto ele empurrava mais. — Algum pensamento?

— É lindo. — Eu sussurrei, acariciando o papel como se fosse uma criança.

— Só pode estar brincando comigo. — Howard resmungou quando pegou a caneta vermelha atrás da orelha e a jogou no manuscrito. — É a mesma coisa do último livro, diabos, todos os livros dele são exatamente iguais.

— Eles não são. — Eu respondi de volta.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Eles meio que são. — Acrescentou Li-Mei, virando o seu cabelo pintado de loiro sobre os ombros. Quando eu olhei para ela, ela colocou sua mão sobre o coração. — Não me entenda mal! Eu amo, quero dizer, *amo* os seus livros, mas eles são todos iguais a esta altura. Quando eu pego um romance do Malachi Lord estou fazendo isso porque quero que meus sentimentos sejam miseráveis e que eu tenha um bom choro horrível. Eu não estou esperando outra coisa.

—Veja...

— Deixe-me esclarecer. — Meu avô cortou Howard antes dele ousar dizer outra palavra má. — Será que este novo romance vai superar o seu último romance?

— Não. — Disse Howard com confiança. — Porque ele tem leitores dedicados como vocês dois, ele vai vender a mesma quantidade de cópias.

— Ele conquista novos leitores cada vez que publica um livro! — Eu lembrei a ele.

Howard rolou os seus olhos de cor de avelã para mim. — E perde leitores a cada novo livro...

— Ele...

— Correção. — Ele me cortou. — Ele não *perde* leitores, é que eles são lentos para comprar ou mesmo ler seus livros agora pelo mesmo motivo que Li-Mei disse: eles precisam estar com vontade de outro romance de partir o coração. Eles sabem como isso vai acabar, então eles adiam a leitura. Se nós publicássemos... — Ele olhou para baixo na contra capa, mas não havia nenhuma. Apenas dizia *Por Malachi Lord*.

— Rio de Veludo. — Eu o intitulei.

— Oooh....legal! Eu gosto. — Disse Li-Mei sussurrando para si mesma com um sorriso.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Rio de Veludo. Atrativo. Bom para o lançamento do Dia dos Namorados do próximo ano. — Meu avô acenou para si mesmo.

— Acho que estamos indo em frente... — Howard disse e eu pude senti-lo se preparando jogar um balde de água fria em mim. — Dia dos Namorados, onde ele vai vender quase a mesma quantidade de cópias, dar ou receber uns dois mil, acabar em todas as listas habituais, talvez outro negócio de filme B¹, depois nunca mais ler ou falar sobre ele, com a exceção de Esther.

— E o blog que tem quantos fãs? — Eu perguntei-lhe.

— Sim, tudo bem. Você e os outros 1,5 milhões de fãs...

— Dois milhões de fãs. — Eu corto olhando para o meu avô. — Todos os dias recebo dezenas de mensagens de fãs do mundo todo. Se a sua pergunta é ‘será que ele vai vender?’ A resposta é sim, porque ele sempre vende. Mesmo se ele escrevesse um menu de jantar, eu o compraria e leria. Todos nós conhecemos autores e aspirantes a autores que matariam pelo seu sucesso.

— Howard. — Li-Mei tossiu, zombando um pouco sutilmente do romance de Howard...aquele que ele escreve aparentemente desde a Idade da Pedra. Howard olhou de relance e eu sorri enquanto ela alcançava a caneca da Penohxi Publishing House. — Desculpe, o que você estava dizendo?

Eu a amava.

— Então está resolvido. — O avô acenou enquanto ele se inclinava para trás e ajustava sua gravata. Sim, a sua gravata, *eu sou sofisticado*, antes de nos dar as nossas ordens de trabalho.

¹ Termo usado para referir filmes de Hollywood destinados a ser a outra metade de uma sessão dupla.



— Howard, diminua os exemplares impressos dois mil a menos que o normal.

— Dois mil? — Eu franzi as sobrancelhas.

Howard agarrou sua caneta e acenou para si mesmo. — Assim, se ele não superar a quantidade normal, não ficaremos presos dando menos. E se ele o fizer por alguma razão estranha, podemos usar isso como um truque de marketing...sim, tudo bem. Alguma sorte em conseguir que ele autografe alguns exemplares?

— Continue sonhando. — Vovô riu antes de olhar para a sua esquerda. — Li-Mei, a produção é fundamental para isso. Tudo, desde a capa até os cabeçalhos das páginas, deve ter aquela sensação de meio oriente/árabe. Esther, promoção, promoção, promoção. Quero que o hype² para este livro seja como um renascer.

Acenando com a cabeça, eu tentei não me encolher diante do fato de meu avô ter usado apenas a palavra "hype".

— Em quanto tempo devo começar a comercializar? Na verdade, acho que devemos começar uma semana antes do Dia dos Namorados.

— Hmm...porquê? — Ele acariciava sua barba enquanto me observava.

— Metade dos leitores do Dia dos Namorados quer algo doce para ter essa sensação de amor. Então eles podem comprá-lo e lê-lo depois. Uma semana depois do Dia dos Namorados as pessoas ficam irritadas com qualquer coisa rosa ou vermelha e eles preferem ler um mistério ou um thriller. Mas, na semana anterior, temos aqueles que estão animados com o romance. Eles querem aquela história de amor arrebatadora, além de que também vamos ter a multidão do Dia dos Solteiros.

— Teremos o que?

² Promover um produto/ideia intensivamente.



— As pessoas solteiras não conseguem encontrar outra pessoa para lhes comprar chocolate e dizer-lhes como são bonitas então elas ficam em casa bebendo vinho, ouvindo a mãe chinesa da velha guarda gritar sobre como todas as outras mães estão enviando convites de casamento para suas filhas, mas tudo o que você fala é sobre trabalho... — Li-Mei divagou e eu chutei o pé dela.

— De qualquer forma, é apenas uma semana melhor, eu acho. E quanto às suas vendas? — Eu olhei para Howard.

— Seis meses é demais, mas podemos fazê-lo. — Respondeu ele, seus olhos cor de avelã focados apenas em mim, um pequeno sorriso nos seus lábios. — Mas do lado do marketing e da distribuição externa, vai ser apertado. Eu sei como você é meticulosa com este autor.

— Eu percebo. — Acenei com a cabeça. — Vou começar hoje se não tiver problema para você.

O vovô torceu os lábios — Tudo bem, mas não pise nos dedos dos pés de Shannon, o marketing é o departamento dela, não o seu. Certifique-se de repassar tudo com ela, mesmo que ela esteja fora.

Eu queria lembrá-lo que desde que eu era a sua neta — vulgo, herdeira da Editora Penohxi, trabalhei tecnicamente em todos os departamentos, como ele fez. Mas eu simplesmente lhe fiz uma saudação de dois dedos. — Sim, senhor. Eu sei.

— Bom. Traga-os para dentro. — Ele bateu no vidro bem na sua frente.

Subindo, todos nós colocamos nossos manuscritos na mesa e só então fomos autorizados a pegar nossos celulares e tablets no centro da mesa.

A razão de sermos apenas quatro, cinco se você contar com Shannon Kelly que estava atualmente em licença maternidade, foi por causa do que aconteceu no ano passado com o romance



de Malachi Lord sendo divulgado online. Meu avô, Alfred Benjamin Noëlle, era um homem calmo e simples. Ele gostava de pescar, ouvir discos antigos, ler à beira do lago, e nos vinte e dois anos em que eu estava viva, nunca o tinha ouvido amaldiçoar uma única vez. Mas naquele dia, se estivéssemos gravando ao vivo num estúdio, o número de beeeeeep que teriam sido necessários teria envergonhado qualquer rapper. E por causa desse incidente, ele tinha estruturado esse novo protocolo pelo qual cada grande autor conseguiu um certo grupo formado por alguém de cada departamento que leria o manuscrito copiado na sala de conferência apenas uma vez e nunca mais, a menos que eles trabalhassem com edição ou tradução como eu fiz.

— Li-Mei Zhou!

Sua alma quase saiu do corpo e tropeçou em sua cadeira quando meu avô chamou seu nome. Seus olhos castanhos ampliaram porque nunca ninguém chamou seu nome completo fora seus pais e avó, muito menos gritou como ele fez.

— Senhor...

Ele riu para si mesmo, como um gato velho. — Você gosta de trabalhar aqui?

— Sim... quero dizer... Sim, senhor. Eu gosto. — Ela se endireitou e falou muito mais seriamente.

— Então não se preocupe com sua mãe. Apenas continue lembrando a ela que você está feliz. Tenho certeza que há alguma pessoa sortuda lá fora para você.

— Obrigada, senhor. — Ela deve ter caído no modo padrão ao ouvir seu nome assim, porque ela até lhe deu um aceno respeitoso antes de se mudar para a porta. Howard segurou a porta para mim, esperando, mas eu balancei a cabeça e ele olhou entre meu avô e eu e pegou a dica para sair.



— Aww avô, você é tão doce. — Eu brincava enquanto evitava olhar para ele.

— Ou você quer algo ou você fez algo. — Ele cruzou os braços esperando. — Fale logo.

— Por que você não é doce para mim? Você percebe que vou ser eu cuidando de você quando você for velho, certo?

— Eu já sou velho. — Ele franziu a sobrancelha enquanto eu me apoiava no encosto da cadeira.

— Pssh...você não parece um dia acima de setenta e cinco. — Eu acenei para ele.

— Eu não deveria! Eu tenho setenta e três anos!

Vê-lo estremecer tão rapidamente me fez rir o que o fez fazer uma careta novamente antes de rir também.

— Viu, você não me ama? — Eu me derreti com um sorriso.

— O que você precisa, Esther?

Eu não precisava de nada, mas não tinha certeza de como dizer isso.

— O que quer que seja você pode-me dizer... a menos que esteja pensando em ir morar com aquele garoto.

Eu congelei, olhando para ele enquanto ele enfiava os manuscritos em sua bolsa.

—Você sabe?

— A casa inteira sabe, com o menino fazendo olhos de cachorrinho para você o tempo todo é tão óbvio que me sinto insultado que você pensou que eu era estúpido o suficiente para não notar.

— Aceite minhas desculpas então. — Falei com um suspiro.



Howard e eu estávamos namorando. Era para ser minha grande revelação e ele simplesmente foi e estripou tudo. Nós estávamos namorando há cerca de um ano desde que eu tinha começado a trabalhar aqui na verdade.

— Aceite minha rejeição então.

— O quê?

— Se você quer namorar com ele, isso é da sua conta, mas nenhuma neta minha vai morar com qualquer um. — Respondeu ele, ficando de pé.

— Vovô!

— Esther! — Ele zombou e eu já deveria ter aprendido a não fazer isso até agora.

Eu suspirei. — Avô, eu tenho vinte e dois anos. Eu não estou pedindo permissão, eu estou pedindo...

— Ajuda. — Ele falou enquanto parava na minha frente e colocou suas mãos sobre meus ombros. — Howard tem vinte e oito anos, ele está praticamente estabelecendo-se, pronto para fechá-la em sua cerca branca, o que seria bom se é isso que você quer. Mas se você quisesse isso, Esther, você teria me contado sobre ele, e se ele fosse o certo, ele mesmo teria me contado.

— Eu disse-lhe para não dizer.

— Não importa, amendoim. Ele ainda deveria ter sido homem o suficiente para fazer isso. Finalmente, se você realmente quisesse isso você teria começado com '*Vovô, eu o amo*'. Não '*Vovô, eu tenho vinte e dois anos*'.


Eu abri a boca para dizer as palavras, mas nada saiu. Por que três pequenas palavras eram tão difíceis de dizer? Eu não estava nem olhando para Howard e ainda não conseguia dizer.



— Eu serei o cara mau, certo? — Ele bateu no meu ombro. — Você me disse e eu disse que não. Além disso, quem mais vai tomar conta de mim quando eu for velho se você se mudar?

Eu rosnei. — Você já é velho.

Ele ofegou soltando os meus ombros. — Como você ousa? Quero que saiba que não pareço um dia acima de setenta e cinco.

Eu ri e ele apertou meu nariz. Ele não disse mais nada sobre o assunto, ele simplesmente caminhou em direção à porta e a manteve aberta para mim.

— Agora volta lá para fora e ganhe o meu dinheiro.

— Oh, de volta ao modo chefe. Claro, claro. Estou indo. — Eu disse enquanto agarrava minhas coisas e caminhava em direção à porta. — Eu até te acompanho ao seu escritório, velhote.

— Eu lembro-me quando suas pernas balançavam como uma girafa e você caía no seu traseiro e sentava ali confusa e chorando. — Ele sacudiu os joelhos fora do escritório para que todos pudessem ver.

— Vovô! — Agarrei o braço dele.

— Esther! — Ele zombou novamente.

Estreitando o meu aperto sobre ele eu caminhei mais rápido, puxando-o, o que o fez rir como ele sempre fazia. Esperava desta vez que o seu riso fosse interrompido por uma tosse. Ele tossiu tanto que tivemos de parar por um segundo e eu me separei um pouco só para olhar para ele.

— Não me olhe assim...ahuh! — Ele tossiu mais uma vez enquanto esfregava a garganta.

— Assim como?



— Assim, esse olhar. — Ele apontou seu longo e fino dedo diretamente entre os meus olhos. — Seus grandes, marrons e tristes olhos de cachorro como se eu fosse a algum lugar. Vamos lá, você está me acompanhando, não está?

— Estamos aqui. — Disse eu e como a anfitriã da Roda da Fortuna, levantei minhas mãos e dirigi sua atenção para a porta de vidro com seu nome gravado nela. — Vou voltar a ganhar meu salário agora. Namaste, Rafi. — Acenei com a cabeça e apertei as mãos quando o assistente pessoal do meu avô, Rafi Patel, correu para a porta usando seus clássicos suspensórios e gravata borboleta, que ao vê-lo pela primeira vez você pensaria que era meio estranho, mas no momento em que você via a sua construção muscular, os seus olhos cor de avelã e os seus meio milhão de seguidores do Instagram, você iria querer um par de suspensórios listrados verdes e brancos também.

— Namaste, Esther. Senhor, o seu café...

— Café? — Eu olhei para o meu avô. — Seu médico disse-lhe para cortar a cafeína.

— É descafeinado. — Rafi tentou salvá-lo. — Além disso, é mais leite do que café, então nenhum médico foi subornado enquanto eu recebia isto.

— Shoo! Vá, deixe-me, meu café, e meu assistente em paz.

Eu levantei a mão e recuei fazendo Rafi rir quando eles entraram em seu enorme e de vidro, escritório. Lá dentro, cada prêmio que ele ganhou desde os Oscars aos Tonys pendurados na parede. Sem mencionar as primeiras cópias assinadas de todos os seus autores, e as fotos; ele marchando pelos Direitos Civis quando era jovem, bem como os seus prêmios de filmagem que ganhou em todo o mundo. Toda vez que eu entrava naquele escritório meu avô desaparecia e o peso de quem ele era - Alfred Benjamin Noëlle, o famoso escritor, cineasta,



produtor, diretor, ativista, filantropo e ícone - me batia de verdade.

— *Tchau.* — Rafi murmurou e apertou as mãos, acenando com a cabeça para mim uma vez antes de clicar no controle remoto que fez com que as paredes de vidro congelassem, tornando impossível ver para dentro do seu escritório.

— Você também fala hindi? — Li-Mei saiu de trás de sua mesa, no centro do escritório. A colmeia como a chamamos... porque na verdade foi projetada para parecer uma colmeia, grata que não era amarela brilhante, mas feita de vidro.

— Hindi, Mandarim, Turco, Coreano, Japonês, Vietnamita, Árabe, Hebraico, Russo.... Lembre-se que ainda estamos na Ásia! — Howard sorriu quando chegou e me entregou uma garrafa de chá gelado.

— *Wo de tian na!*³ — Li-Mei exclamou enquanto a boca dela abria.
— Como eu não sabia disso? Honestamente, eu estou meio magoada. Impressionada, mas magoada.

— *Yīzhǒng yǔyán yǒngyuǎn bùgòu.*⁴ — Eu encolhi os ombros sorrindo enquanto Howard olhava para nós, esperando por uma tradução, mas eu simplesmente bebi meu chá.

— Gente... o que vocês disseram?

— Você não é parte chines? Como você não conhece nem o mandarim mais simples? — Li-Mei sorriu e deslizou de volta para trás de

³ Oh meu Deus!

⁴ Uma língua nunca é suficiente



sua mesa e pegou um bolo pop⁵ verde de seu frasco Harajuku Gwen Stefani⁶ para dentro da sua boca.

— Antes de mais nada, sou metade japonês, metade alemão. Em segundo lugar, não conheço nenhum dos idiomas porque meus pais nasceram e foram criados aqui em Nova York. Felizmente, talvez minha namorada me ensine. — Disse ele orgulhosamente enquanto eu me engasgava enquanto engolia, fazendo-me tossir tanto que tive de agarrar a borda da mesa de Li-Mei.

— Você...

— Eu estou bem. — Falei rapidamente olhando para ela. — Desculpe-nos, Li-Mei.

— Não se importe comigo, só vou estar aqui fingindo não estar interessada. — Ela respondeu mastigando o bolo.

Ignorando-a, caminhei em direção à sala de conferências que tínhamos acabado de deixar, e em direção à janela que dominava a ponte do Brooklyn.

— Você não pode andar por aí dizendo isso. — Gritei quando ele fechou a porta.

— Dizendo o quê? Que você é minha namorada? Todo mundo sabe, Esther...

— A questão não é essa. Isto é trabalho.

⁵ Cake pop: bolo no palito.



⁶ É uma zona do Japão onde os jovens adolescentes se vestem de uma forma muito estilosa.



— Vamos lá. Por quanto tempo você vai jogar o cartão 'estamos no trabalho'?

— Enquanto *estivermos no trabalho*! — Eu fechei minha boca tentando não gritar. — Todos sabem que estou aqui por causa do meu avô...

— Já se passou um ano. Todo mundo pode ver que você não é uma pirralha intitulada. O fato de agora haver um andar de distribuição estrangeiras e não um balcão de direitos estrangeiros é principalmente por sua causa.

— Exatamente! Há mais no meu prato agora. Mais eu quero fazer...

— E ser minha namorada impede isso como?

Parei sem ter certeza de como responder. E assim, como uma idiota, eu olhei fixamente para Howard – o graduado de Yale, o garoto de ouro de uma boa família, o Sr. Rapaz Agradável que tinha sido doce, gentil e paciente, que era alérgico a gatos, mas ainda deixava comida de fora para o do seu vizinho quando aparecia, o cara que estava me encarando esperando por uma resposta que eu lhe devia, mas que estava muito assustada para dizer.

— Esther, estamos nos separando? É isso que está acontecendo?

Eu coloquei as minhas mãos atrás das costas e pendurei a minha cabeça. — Eu não sei... desculpe não...quero dizer...eu...sim. Eu não quero me mudar. Eu não quero me estabelecer. Há tantas coisas que eu preciso fazer e preciso fazê-las no meu próprio espaço.

— Eu também sinto muito. — Ele suspirou, caminhou até mim e me envolveu em seus braços enquanto eu estava ali. — Eu não deveria ter apressado você. Vamos continuar levando as coisas devagar, está bem?



Quando ele puxou para trás eu estava muito estupefata para falar, então apenas acenei com a cabeça.

— Bom. Vejo você mais tarde. — Ele beijou meus lábios rapidamente e depois se virou e saiu.

Eu saí em direção a sala enquanto ele caminhava em direção ao elevador para descer até ao seu piso e coloquei a minha bolsa em cima da mesa.

— Vocês terminaram? — Ela perguntou sentada e me entregando um bolo.

— Eu não sei. — Franzi a testa enquanto pegava e me sentava devagar.

Ela veio e se apoiou na minha mesa. — O que você quer dizer com "não sei"? Uma mulher geralmente sabe dessas coisas.

— Aparentemente, não. Devo ficar feliz ou triste? — Eu perguntei e dei uma mordida, e quando eu fiz, eu queria o bolo de veludo inteiro. — Isso é bom e eu deveria estar feliz, certo?

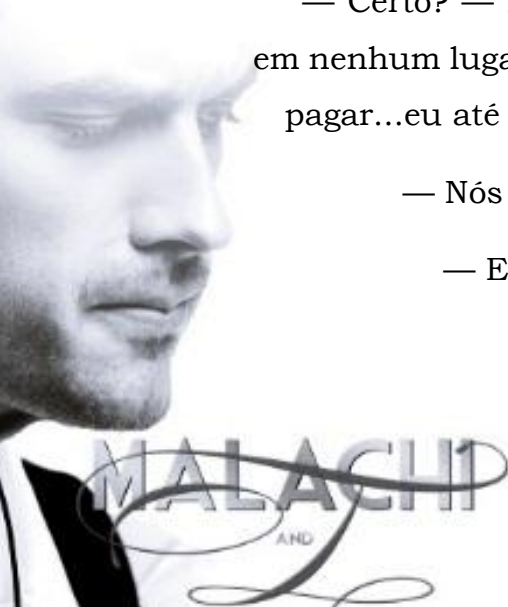
— Regra de ouro, se você tem de perguntar se está ou não feliz, você não está. — Ela se sentou e depois suspirou dramaticamente. — Mas o que eu sei? Eu sou apenas uma mulher solteira de 28 anos em Nova York.

— Bem-sucedida. — Acrescentei com um sorriso. — Você é uma mulher de sucesso, bonita e solteira em Nova York.

— Certo? — Ela sorriu. — Olhe para esta pele? Sem uma mancha em nenhum lugar. E nem uma única dívida de estudante me resta para pagar...eu até gosto do meu apartamento.

— Nós não somos dignas. — Eu me curvei para ela e ela riu.

— Eu gosto de você, Noëlle.



Sorri e coloquei a mão sobre o peito. — Aww, obrigada, mas minha vida amorosa já está complicada...

— Cale a boca. — Ela riu, balançando a cabeça enquanto olhava na tela do laptop e eu fiz o mesmo, embora não conseguisse me concentrar.

Por alguma razão eu sentia que estava perdendo algo. Como se houvesse um grande ponto cego em mim mesma e quanto mais eu tentava descobrir isso, mais cega me tornava. Quando olhei em volta, todos na Penohxi Publishing House pareciam estar com a cabeça em ordem. Todos eram talentosos, os melhores dos melhores. Especializados em Inglês e Ciências Humanas das escolas da Ivy League, com sonhos maiores que a vida. Depois havia apenas eu, Esther Noëlle. Minhas duas únicas habilidades eram a leitura de comparação e idiomas. Eu sei que só isso era ótimo. Eu sabia que a maioria das pessoas mal falava dois idiomas. Entretanto, eu sempre sentia como... como se eu não estivesse inteira. Como se eu não estivesse realmente vivendo, mas apenas passando pelos movimentos. Sempre que eu queria ir, eu encontrava-me ficando parada como se estivesse esperando...esperando pelo quê?

Li-Mei tinha vinte e oito anos e depois de se formar em Princeton, ela mochilou por toda a Europa tirando as melhores fotos de tirar o fôlego, as quais ela publicou mais tarde em várias revistas antes de se juntar a nós há apenas duas semanas. Ela era solteira, mas não porque estava muito ocupada viajando ou muito bonita, mas porque ela estava procurando pelo *único*. Ela tinha quase tudo o que queria e a sua vida estava toda traçada para ela.

Rafi Patel, assistente pessoal do meu avô, era um recém-formado em cinema que ganhou a honra de ser a sombra e ser mentorado por meu avô por um ano. Penohxi foi criada há apenas vinte e três anos e o sonho do meu avô de trazer histórias e origens mais diversas para a vanguarda do entretenimento tinha explodido mais rápido do que até ele esperava. Agora estávamos classificados ao lado do



Google e Facebook como um dos lugares mais felizes de se trabalhar. Trabalhar aqui era o sonho de todo especializado em inglês, e para chegar aqui você precisava ser o melhor.

Mas eu não fui para nenhuma Ivy League, ao invés disso, eu fui para a NYU.

Eu tive notas médias: As e Bs.

Eu nunca tinha viajado para nenhum lugar fora de Nova York, Califórnia e Nova Jersey. E todas essas foram para trabalhar com o meu avô quando eu era mais jovem. Em todo lugar que eu olhava as pessoas ao meu redor tinham um objetivo para o qual eles estavam correndo e eu estava apenas seguindo o meu avô.

*Você tem FanMail?*⁷

O ícone da coroa na tela do meu computador piscou.

— Quem me dera. — Murmurei para mim mesma quando abri e li a mensagem de AngstLover4Lord.

Prezado Sr. Lord,

Antes de mais nada, seu nome é tão legal! Alguém já te disse isso?

— Sim, como quase todos os outros dias. — Respondi suavemente ainda lendo.

*Eu sei que você gosta de manter um baixo perfil e eu nem tenho certeza se esta mensagem vai chegar até você, mas eu só precisava lhe dizer...seu livro mudou minha vida. Sério, eu sempre fui tão deprimida e ser tímida faz com que seja difícil para eu falar claramente mais vezes. Mas depois de ler **Sorriso para Ela e Duquesa da Esperança** eu percebi como a vida pode ser fugaz e porque precisamos falar ou morrer com nossas*

⁷ Traduzido do inglês-As cartas de fãs são cartas enviadas a uma figura pública, especialmente uma celebridade, por seus admiradores ou "fãs". Em troca do apoio e admiração dos fãs, figuras públicas podem enviar um pôster autografado, uma foto, uma carta de resposta ou uma nota agradecendo aos fãs pelo incentivo, presentes e apoio.



palavras. Hoje, algumas garotas na escola estavam tentando me obrigar a fazer o dever de casa para elas novamente. Quando disse a elas que não, você deveria ter visto seus rostos. É um pequeno passo, mas tenho certeza de que quando eu for para a faculdade, no ano que vem, eu vou ter aprendido tudo perfeitamente como a **Duquesa de Marina**. Obrigada e nunca pare de escrever. Eu sempre continuarei lendo.

Sua fã #1 da Áustria,
Franziska.

— Uau. — Tive de lutar contra as lágrimas. Eu era um bebê chorão, sim, eu sei, mas era tão doce, e eu a entendia completamente.

Eu queria responder-lhe pessoalmente e dizer-lhe que tinha recebido a sua mensagem e que a enviaria, mas eu estaria aqui o dia todo se tentasse responder às suas cartas. Em vez disso, o e-mail enviou a mensagem automática que li:

Obrigada por dedicar seu tempo para escrever ao Malachi Lord e por ser um fã tão incrível do seu trabalho. Ele realmente gosta de receber estas mensagens! Nós a reencaminharemos e eu avisarei quando ele a receber. Até lá, junte-se a nós no Lord Nation onde outros fãs podem compartilhar seu amor, apoio e pensamentos gerais sobre cada romance.

Esther Noëlle,
Editora de Tradução.
Editora Penohxi.
Nação Lord Criador/Blogger.

— Segurem os elevadores! — Eu pulei ao som da voz do Rafi, e me levantei enquanto ele corria em direção à porta, atrás do meu avô.

—Avô? — Eu chamei, mas ele não estava ouvindo. Eu nem tinha certeza se ele tinha me visto. Com o ouvido no telefone, ele



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

vestiu o casaco e entrou no elevador. Rafi tentou entrar atrás dele, mas balançou a cabeça.

— Rafi, o que é isto? — Pedi enquanto ele voltava correndo para a sala e alcançava o controle remoto do projetor para ligar a televisão para que refletisse no vidro do escritório do meu avô.

Na tela assistimos como um homem alto com o que parecia ser um chave de pneu quebrando a janela de vidro do BWM prata, que era um dos pelo menos doze carros envolvidos no acidente, mas não parecia ser Nova York.

A fumaça estava saindo do carro e ele puxou e puxou até a porta se abrir, então ele levantou uma mulher idosa do carro como o raio do Super-Homem. A câmara fez zoom em seu rosto arranhado, sangrento e cinzento enquanto ele gritava por socorro.

— O que há de errado com o volume? — Rafi bateu com o controle remoto na mão até se virar para nós frustrado. — Esqueça isso. Gente, esse é o Malachi Lord!

— Cale a boca! — Eu gritei enquanto todos nós nos aproximávamos para ver.

— Ele é um homem muito quente! — Diane ofegou e depois riu. — Eu pensei que ele era um velhote que seu avô conhecia, Esther.

— Sim. — Sussurrei olhando para a cena se repetindo, incapaz de tirar os meus olhos dele. Ele não era gostoso...ele era...*lindo*. E dizer isso enquanto ele estava machucado, cortado, e suado me fez pensar como ele era todos os dias. Fez-me pensar se os olhos dele eram realmente tão azuis.

— SENHORAS E SENHORES.

— Ah! — Todos cobriram os ouvidos quando o volume explodiu.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Desculpe! — Disse Rafi baixando-o rapidamente para nós ouvirmos o apresentador falar.

— Como você pode ver, Malachi Lord, o premiado e mais vendido poeta e romancista, que quase evitou o olhar do público, recusando entrevistas, fotos, até mesmo assinaturas, saltou em auxílio de uma mulher idosa que ficou presa em seu carro. Temos relatos de que apesar de ter parecido bem durante esta provação, ele caiu inconsciente devido aos ferimentos que sofreu apenas segundos após a transmissão do vídeo ter sido cortada. Ele foi transferido para um hospital local, onde alegadamente está em condição estável.

— Como é que eles sabem que é ele? — Leon perguntou enquanto mastigava a parte de trás de sua caneta. — Quer dizer, vamos lá? Romancista de dia, super-herói garanhão...também de dia?

Antes que todos nós pudéssemos falar, nossos telefones começaram a tocar ou a apitar.

Era uma boa pergunta...uma pergunta que todos queriam saber. E as duas únicas pessoas que sabiam com certeza se o homem na tela era Malachi Lord, era o próprio Malachi Lord, e meu avô, seu agente e editor.

— Tenho o Reader's Digest em linha perguntando se é mesmo ele!

— Dizemos que a Editora Penohxi não revela nenhuma informação privada sobre nossos autores, a menos que autorizados por esses autores. — Falei ao se mudarem para suas mesas. — Digam isso repetidamente como canários até que vocês estejam cansados de atender os telefones e twittar ou até que vocês fiquem sem tempo para o dia.

Todos me olharam fixamente e eu não percebi porquê até que Rafi me entregou um lenço de papel. — Você está bem?

Pestanejei algumas vezes e com certeza água suficiente estava saindo dos meus olhos e eu não tinha ideia do porquê. Isso sempre parecia acontecer!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Sim. — Eu limpei meu rosto rapidamente e tentei desviar.

— Então alguém tem uma ideia melhor?

— Nós somos canários. — Rafi acenou com a cabeça enquanto atendia seu telefone e, com um forte sotaque indiano, repetiu o que eu havia dito. Todos o fizeram, com exceção de Li-Mei, que ao invés de atender ligações estava fazendo-as. Ela discava, levantava até o ouvido, desligava e discava novamente. Em pânico, ela começou a tremer enquanto passava as mãos pelo seu cabelo loiro. Seu amado bolo de veludo estalou no chão desmoronando e quebrando.

— Li-Mei? O que é isso?

Ela apontou para a velhota que foi puxada para fora do carro. — A mulher que ele está carregando. Essa é a minha mãe.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Três

Dor e Novacaína

MALACHI

— Estou pensando em aumentar os meus honorários de agente. — Sua voz soou como os filmes retratavam a voz de Deus: calma, porém forte, firme, mas com um toque de mistério. Felizmente Alfred não era Deus ou eu...— Um aumento de cinco por cento soa bem para você?

Inclinando minha cabeça para sua voz, abri os meus olhos e o encontrei sentado em uma cadeira ao meu lado com seus pés sobre um pequeno espaço da cama, e, quando ele terminou de descascar sua tangerina, enfiou um pedaço entre seus lábios. Ele não estava me vendo, a não ser a televisão do outro lado da cama do hospital.

— Quanto você ganha atualmente?

Ele pausou e olhou para mim. Ele abanou a cabeça e perguntou: — O que você faz com os contratos que eu te dou?

— Assino a última página e devolvo a você.

Ele sugou os dentes e franziu a testa. — Por que eu me incomodo? — Ele murmurou e continuou comendo.

— Culpa. — Eu lembrei a ele. Alfred Noëlle, grande diretor, e o homem que carregou a morte de minha mãe sobre seus ombros, havia dedicado mais de vinte anos de sua vida a cuidar do filho que havia sido deixado para trás.

— Culpa. — Ele repetiu enquanto acenava para si mesmo. Erguendo-se de sua cadeira, juntou suas coisas e caminhou até a porta.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Quanto tempo eu estive fora desta vez?

— Doze horas.

— Nada mal. — Eu não queria que ele ouvisse, mas ele ouviu e sendo o homem que ele era... ele tinha de comentar.

— Você ao menos se lembra do que aconteceu? — Perguntou-me, e com toda a honestidade eu estava tão acostumado a vir ao hospital que não tinha pensado em...

Merda. — O acidente.

— Sim. — Ele apontou para a tela e eu me concentrei nela pela primeira vez, me observando enquanto tirava a mulher do carro, e lendo meu nome no banner por baixo do vídeo: *Malachi Lord: Herói.*

— Merda! — Me sentei rapidamente, aparentemente rápido demais e meu ombro doeu em protesto. — Alfred, diga-lhes para tirar...

— Eu pareço o Feiticeiro de Oz? Como? Você escolheu o dia de notícias mais lento da história da América para se expor publicamente. Seus dias de esconderijo acabaram, Malachi.

— Não... Não! — Eu gritei, entrando em pânico enquanto me observava na tela. Quanto mais observava, mais dor eu sentia até que me sentia empurrando e batendo a palma da minha mão sobre o meu olho direito. Moendo meus dentes, rasguei todos os fios presos ao meu corpo antes de vestir a bata branca.

— Malachi! — Ele me alcançou, mas eu lhe dei um tapa nas mãos.

— Eu preciso ir para casa! — Eu me enfureci com ele.

— Malachi, você precisa do médico...

— ELES NÃO PODEM ME AJUDAR!

— Você não pode sair assim, você precisa se acalmar.



MALACHI
AND
L

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu não disse nada enquanto me virava de lado e me concentrava na cadeira em que ele estava sentado. E lentamente, muito lentamente, como as águas calmas depois de um tsunami, a dor recuou...deixando aquele sentimento familiar de Novocaína⁸ na minha boca. Deitado ali como o lamentável desperdício de carne que eu era, eu me perguntava, talvez pela bilionésima vez, o que eu tinha feito para ser amaldiçoado assim.

— Malachi?

— Ela vai me encontrar, Alfred. — Sussurrei desesperadamente. Eu tinha cometido um erro. Vinte e nove...trinta anos no próximo fim de semana, era quanto tempo eu tinha conseguido evitá-la, e agora com o rosto estampado por toda a parte... e tudo porque eu tinha salvo a velhota que por alguma razão absurda me fez sentir mal por ela.

— Pelo menos a dor vai acabar, Malachi.

— Não. — Eu pisquei lentamente ainda olhando para a cadeira. — É aí que começa a verdadeira dor.

— Talvez...talvez ela fuja de você também.

— Ela não será capaz. — Não era assim que funcionava. Eu me lembrei do momento em que fiquei com a cicatriz por cima do meu olho várias e várias vezes sem contar. Para ela era diferente. Ela não conseguia se lembrar de nada. Ela vivia uma série de déjà-vus que ela tentava juntar até me encontrar. Uma vez que ela o fizesse...nós morreríamos e faríamos tudo de novo.

— Eu te darei alta. — Ao ouvir a voz dele eu realmente desejava que ele fosse Deus, talvez então eu pudesse exigir que resolvêssemos isso como homens...

⁸ Anestésico local injetável cujo nome real é Procaína, mas é mais conhecido como Novocaína. Foi inventada em 1905, para substituir a Cocaína, que era utilizada para anestesiá-la local.



Sorrindo para a ideia, fechei os olhos e sussurrei: — Aumente dez por cento, Alfred.

Eu não ouvi o que ele disse em troca. Esperei por alguns segundos antes de me empurrar da cama e esticar meu pescoço. Pendurado na parte de trás da porta do banheiro estava um saco de terno, cortesia de Alfred.

— Eu tenho que te perguntar. — Ninguém estava na sala, mas eu falei de qualquer forma sabendo que o mesmo Deus que poderia continuar devolvendo as lembranças das minhas vidas passadas tinha de estar observando, ou no mínimo escutando. — Por que se preocupar em me deixar morrer?

Ignorando a dor física, peguei a bolsa e entrei no banheiro. — Quer dizer, se eu vou lembrar de qualquer maneira, por que não me tornar imortal?

Ao abrir a torneira, espirrei água no rosto e respirei fundo antes de olhar para o espelho. Ao ver aqueles olhos azuis me encarando, os meus olhos, ainda assim não sentiam como se fossem... A pele branca, os cabelos pretos... nada disso se parecia comigo, com exceção da cicatriz; a linha tênue que corria do osso da bochecha através da pálpebra e parava logo acima da sobrancelha... não só este rosto, mas todos os rostos. Meu rosto não parecia meu rosto porque quando me olhava no espelho às vezes mudava para refletir minhas vidas passadas e era como se todos eles estivessem ao meu lado e eu pudesse vê-los claramente, um por um.

Havia os cabelos castanhos pelos ombros, olhos verdes, pele castanha clara, um turbante enrolado na minha cabeça. Ao lado daquele rosto estava a minha pele branca porcelana, olhos castanhos, o meu cabelo preto puxado em um nó com um



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Sangtugwan⁹. Ao lado daquele rosto, estava eu com pele castanha escura, olhos castanhos, minha cabeça raspada, e contas de guerra ao redor do meu pescoço. Seguida pela versão de mim que tinha pele branca, barba grossa e cabelos loiros que eram trançados no topo da minha cabeça e raspados nos lados e manchados com a tinta tribal. Quanto mais tempo eu olhava, mais rostos eu via — os meus rostos. Em épocas diferentes, era interminável.

Levantando o meu pul-

— Malachi?

Eu congelei, meu punho pairando na frente do vidro. Deixando-o cair, despi-me e mudei-me para jeans e uma camisa preta de manga comprida que ele tinha comprado.

— Eu preciso dar uma volta para limpar a cabeça. — Falei enquanto abria a porta do banheiro. Havia dois médicos vestidos com seus jalecos brancos, que estavam de pé ao seu lado.

— Eles queriam ver você antes de ter alta. — Disse Alfred enquanto jogava as chaves da minha moto em mim. — E antes que você pergunte ninguém mais a pilotou, eu a mandei entregar aqui nas costas dos anjos.

— Perfeito e eu estou bem. — Falei pegando as chaves antes de me abaixar para calçar as botas que estavam ao lado da porta.

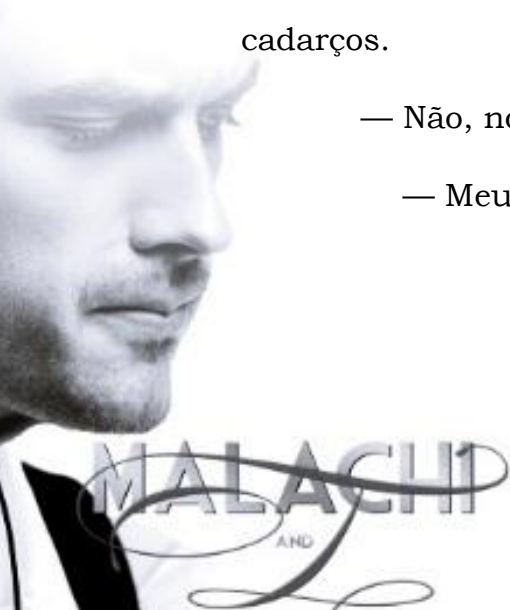
— Sr. Lord, quando você entrou, fizemos uma ressonância magnética em você...

— Eu tenho um tumor? — Perguntei enquanto amarrava meus cadarços.

— Não, nós...

— Meu cérebro estava sangrando?

⁹ É uma pequena coroa, feito de maneira a deixar passar o cabelo no topo.



— Não...

Erguendo-me, fiquei olhando para os dois homens que estavam na minha frente. — Então porque eu não estou sendo dispensado?

— Sr. Lord, se nos deixar explicar...

— Meu cérebro se ilumina como uma árvore de Natal.

Olharam um para o outro e depois para mim. — Você sabe disto? — O mais velho dos dois perguntou.

— Doutor, tenho certeza de que o Sr. Noëlle lhe deu o meu histórico médico completo e ao fazer isso você vai notar que eu entrei e saí dos hospitais com bastante frequência quando criança. Nada está errado comigo. — Nada que medicamentos pudessem ajudar de qualquer maneira.

— Você já pensou em tentar descobrir porque isso acontece?

— Não. E eu prefiro não ser um rato de laboratório enquanto você e todos os outros médicos tentam descobrir. — Respondi e acenei para Alfred quando me movia para a porta.

Eu precisava voltar para casa. Quanto mais tempo eu ficava assim fora, maior era a chance de me deparar com *ela*. Ela poderia ter sido qualquer uma. Uma paciente, uma médica...qualquer uma. Eu tinha ido à mercearia porque queria bife. Claro que era a necessidade primordial de comida que me tinha colocado nesta situação.

— Só porque você já viveu mil vidas não significa que você possa ser rude. — Murmurou Alfred.

— Deixe-me ser rude, se não está maldição vem sem nenhum benefício. — Respondi enquanto o seguia em direção à recepção. Mantive a minha distância e a cabeça baixa, tentando ser o mais invisível possível.



— Oh, meu Deus! Sr. Lord!

Eu pulei ao sentir uma mão pequena no meu braço e instintivamente me afastei da mulher enquanto fazia o meu melhor para não a olhar nos olhos. Ao invés disso, olhei para a bata coberta de patos que ela usava e me concentrei no padrão.

— Minhas irmãs e eu adoramos seus livros! Você vai assinar os meus? — Ela perguntou enquanto me entregava um livro de capa branco.

— Não. — Respondi, afastando-me dela e indo em direção à saída.

— O Sr. Lord não está se sentindo bem no momento. Ele acabou de sofrer um acidente de carro, como você deve saber bem, então, por favor, entenda. — Eu ouvi Alfred gentilmente tentar me encobrir. Mas eu não me importava se as pessoas me chamavam de horrível, ou se eu estava sendo mal-educado, ou um idiota. E se eu assinei o livro dela ou de qualquer outra pessoa e por alguma reviravolta do destino ele conseguiu ser ela? A opinião deles sobre mim não significava muito quando se opunha à minha vida...à vida *dela*.

Assim que cheguei à porta da frente e pensei que estava livre, encontrei uma cópia gasta do *Antígono* de Sófocles aos meus pés. Olhei fixamente para a capa e sem pensar me curvei para pegá-la. Quando a minha mão o tocou a dela também. O meu coração gaguejou e a cicatriz ardia tão forte que meus olhos arderam.

— Malachi Lord? — Ela ofegou.

Eu podia ouvir meu batimento cardíaco ecoar. Soltando o livro eu tentei escapar, mas ela bloqueou o meu caminho.

— Espere! Desculpe, eu sei que você deve ter tido pessoas na sua cara o dia todo, mas eu só queria dizer...

— Li-Mei?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Virando-me ao som de sua voz, eu assisti enquanto ele estava ao meu lado e falou com....*ela*.

— Sr. Noëlle. Bom dia. Desculpe por ter esquecido que você também veio aqui. — Disse ela. — Sr. Lord, eu só queria lhe agradecer. Você salvou minha mãe hoje.

Eu não deveria, mas olhei para ela em choque. Olhei realmente para ela. — O cabelo loiro dela estava puxado num coque bagunçado e os olhos castanhos dela estavam cheios de lágrimas. Era ela? A mãe dela?

— Sua mãe? — Alfred perguntou porque eu não conseguia mais encontrar as palavras para falar.

— A mulher na BMW, sim. Eu só...obrigada. De verdade. Obrigada. — Ela fungou rapidamente e eu tentei andar ao redor dela, mas ela entrou no meu caminho novamente. — Já nos conhecemos antes? Eu juro que é como um sentimento de déjà vu.

Era ela.

Quando eu pensei nisso, a dor voltou.

Indiferente a dor eu olhei para ela de relance. — Não, nós não.

Tirando a chave do meu bolso eu me movi em volta dela e em direção à moto vermelha escura que estava no estacionamento. Eu estava tentando descobrir como correr. Como desfazer isso antes de começar de novo? Antes de Li-Mei perceber que ela não tinha me conhecido apenas nesta vida, mas em quase mil vidas anteriores.

— Recuso-me a fazer isto novamente.

Eu já tinha tido dor suficiente. Chega.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Quatro

Sonhadores e Insone + Maria – Margaret Bondurant e Francis

ESTHER

— Você tem alguma ideia de que horas são, velhote? — Eu interoguei quando pisquei para a luz enquanto ele entrava no apartamento.

— Jesus Cristo-ESTHER! — Ele gritou agarrando seu peito. — Você quase me deu um maldito ataque cardíaco!

Não pude deixar de sorrir. Eu não o peguei fazendo nada errado, mas sempre quis fazer isso. — Vovô, são duas da manhã.

— Eu sei, e é por isso que eu vou rastejar para a cama... — Ele bocejou a última parte enquanto tirava o casaco e o lenço no pescoço.

— Oh não, você não. — Eu saltei do banco e corri na frente dele antes que ele pudesse se mover para as escadas. — O que aconteceu com Malachi Lord?

Ele gemeu. — Esther.

— Avô. — Cruzei meus braços e esperei.

— Você não deveria estar mais preocupado comigo? Como me ajudar na cama ou algo assim?"

— Você disse que o momento em que eu te ajudasse a deitar seria a última vez que você sairia da cama. O que, agora que eu



MALACHI
AND

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

penso nisso, é uma coisa horrível de se dizer a uma criança de dez anos.

— Anotado. — Ele acenou enquanto tentava andar ao meu redor novamente.

— Avô, sério! — Eu franzi tentando dar-lhe os meus olhos de cachorrinho enquanto amuava. Mas ele empurrou minha cabeça para trás com seu dedo indicador.

— Esse olhar não tem efeito quando você se esforça tanto. Mova-se. — A voz dele muito mais grave agora e então eu me mudei, mas não desisti.

— Avô, sabe por que eu amo os livros do Malachi Lord? — Eu perguntei a ele e ele parou no meio do passo para me ouvir. Eu nunca havia dado uma explicação antes e ele nunca havia perguntado. — Eu os amo porque a dor pela qual ele coloca seus personagens me permite viver com otimismo. Minha mãe me abandonou antes mesmo de eu ter uma semana de vida e meu pai está morto. Eu continuamente sinto como se eu estivesse falhando em viver à altura de alguma grandeza obscura, e assim quando tudo está borbulhando até o topo, é quando começo a entrar em pânico e quero me esconder no meu quarto para sempre, Malachi Lord lança um novo livro. Eu o li e reli, soluçando sobre as páginas, e você sabe que eu sou um bebê chorão, eu choro nas coisas mais aleatórias, mas eu nunca choro, nunca choro de verdade, até ler seus livros. Depois, respiro fundo e sorrio, porque consigo viver mesmo com a morte dos personagens. O que eu vou fazer no futuro se o Malachi Lord parar de escrever? Oh, o horror! — Eu adicionei a última parte enquanto colocava as costas da minha mão sobre minha testa e inclinava minha cabeça para cima, como as mulheres naqueles filmes antigos de Hollywood faziam.

Quando ele não disse nada eu tive que olhar para ele. Ele estava me encarando com aqueles velhos olhos castanhos dele.

— Abaixе sua mão.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu o fiz imediatamente e quando o fiz, ele empurrou-me a testa.

—Ai! — Eu vacilei ao voltar atrás. — Avô!

— Esther. — Ele zombou de mim até balançando a cabeça dele. — O que você vai fazer no futuro se Malachi Lord parar de escrever? Eu deveria te dar um chute no traseiro. Que tipo de pergunta é essa? Você vai viver como os outros sete bilhões de pessoas neste planeta e será a portadora da tua própria felicidade e otimismo. Não um livro. Não um homem. Mas você.

Minha boca caiu aberta em choque. — Espere, por que estou levando um sermão? Além disso, foi você quem me disse para ser apaixonada pelas artes.

— As artes. Plural. Não um só autor ou livro. É assim que eu sei que você não está pronta para assumir o controle da editora. Você provavelmente a transformaria na fundação Malachi Lord. Huh! — Ele me olhou de cima para baixo antes de subir as escadas.

Eu fiquei lá estupefata por um segundo. Nem uma única pergunta que eu queria fazer tinha sido respondida e o pior de tudo... Recebi um sermão, e o mau-olhado também, como se eu tivesse feito algo errado. Meu choque se transformou em espanto e meu espanto em diversão. Acenando para mim mesma, bati palmas e depois me virei para as escadas.

— Um destes dias, avô, eu vou...para...para...descobrir o que quer que seja que você faz para me fazer esquecer todas as minhas perguntas! — Eu gritei para ele.

— Boa sorte! — Ele gritou de volta e riu tanto que começou a tossir. Mas antes que eu pudesse perguntar se ele estava bem ele gritou: — Eu estou bem. Você tem que ser mais rápida do que isso.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Você tem que ser mais rápida do que isso. — Zombei debaixo da minha respiração fazendo uma careta para a sua porta agora fechada.

— Eu ouvi isso!

— De jeito nenhum. — Sussurrei, recuando e voltando para o meu quarto. *Por que eu estava na ponta dos pés? Deus, eu era tão patética!* Eu podia beber legalmente, me casar e ir para a guerra em todos os países do mundo e mesmo assim eu ainda me sentia como uma criança brincando de adulta. Com um suspiro, voltei para o meu quarto atrás das escadas. Eu arrastei os meus pés através do brilhante tapete vermelho persa e rastejei para minha cama em estilo futon, em frente às enormes janelas que mostrava a cidade.

— Ahhh — Eu gemi alegremente balançando debaixo dos lençóis. O quarto do andar de baixo era para ser o quarto principal. Entretanto, quando eu tinha quatro anos, eu sempre descia para dormir no quarto do meu avô... não na cama dele, mas no meu travesseiro, perto da janela. Toda vez que eu estava no alto de uma cama, eu acabava caindo. Quando eu tinha dez anos, uma certificada criança grande, meu avô me deu o quarto dele. E agora eu podia olhar para as luzes da cidade que pareciam estrelas até que ficasse com muito sono.

Como agora... Eu podia sentir minhas pálpebras ficarem mais pesadas quando de repente o som do *Für Elise* de Beethoven começou a tocar suavemente. Eu escutei, sentindo como se a cama e eu estivéssemos girando, à deriva, flutuando, e quando estava ficando boa, parou e senti como se eu estivesse sendo abruptamente puxada do céu pelos meus tornozelos e de volta ao chão. Sentada, peguei o meu telefone da estrutura de madeira da cama que era grossa o suficiente para segurar meu laptop e telefone. Olhando para a tela, vi que não só havia perdido a ligação de Li-Mei, mas também a mensagem dela...

— Você está acordada?



— Não...porque ninguém além de médicos, operadores do 911 e policiais devem estar acordados a esta hora. Boa noite. — Respondi e, logo que me encostei, a Bagatelle de Beethoven começou a tocar novamente. Gemendo, chutei meus pés enquanto respondia.

— É melhor você estar morrendo. — Falei para o telefone.

— Acho que estou apaixonada — Disse ela, falando em mandarim, não em inglês.

— Por quem? — Eu me sentei, a ideia de dormir agora foi apagada da minha mente.

— Adivinha?

— Eu não presto neste jogo, apenas me diga. — Eu estava empolgada agora.

— Tudo bem. Mas só porque estou animada. — Ela fez uma pausa.

— Bem?

— Eu queria deixar o suspense crescer.

Revirei os meus olhos e deitei-me de costas. — Você faz isso, mas aviso justo enquanto o suspense está se acumulando, eu posso adormecer.

— Tudo bem. Caramba. É o Malachi Lord.

Eu congelei, insegura do que dizer.

— O silêncio não é a reação que eu esperava, Esther.

— Desculpe... — Comecei a deriva, mas dei por mim. — Malachi Lord? Como no autor Malachi Lord?

— Nova York é um lugar grande, mas duvido que haja muitos que compartilhem o mesmo.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Ela tinha razão. — Eu simplesmente não entendo, como você pode est...

O riso dela me cortou. — Esther, você é tão ingênua e doce às vezes que é engraçado. É claro que eu não o amo. Eu só quero dizer que tenho um fraquinho por ele. Como uma enorme paixãoite de coração agitado. E eu tenho tentado a ciber-stalkeá-lo, sabe, para obter mais informações sobre ele, mas não há muito e seu fansite caiu.

Levei um segundo para processar...eu estava realmente tão cansada. Foi então que todas as perguntas que eu queria fazer ao meu avô voltaram à minha mente. — Espere. O meu site caiu?!

Eu me sentei rapidamente agarrando meu laptop novamente.

— Realmente o seu site é com o que você está preocupada eu...

— Li-Mei! Não caiu! Você quase me deu um ataque cardíaco! Você tem certeza que tem o link certo?

— Esqueça o maldito site! Minha vida amorosa está evoluindo!

Eu respirei fundo fechando o laptop. — Tudo bem, rebobina. Você conheceu o Malachi Lord hoje? O que aconteceu? O que ele disse para você? Aposto que ele é muito legal...

— Ele é um completo idiota. — Ela estalou. — E um pouco estranho...ele mal fez contato visual comigo. Ele era como um lobo ferido - se você se aproximasse demais ele te arrancava a cabeça à dentada.

Tudo o que eu imaginava como meu autor favorito tinha acabado de ser incinerado em duas frases. Não, espere...

— Bem em sua defesa, ele acabou de resgatar sua mãe de um carro em chamas. Ele provavelmente estava apenas ferido e lidando com o estresse de tudo isso.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Talvez... — Ela atirou fora. — Algumas enfermeiras eram fãs e pediram o seu autógrafo, aparentemente ele disse não e foi embora.

— Bem... — Eu não tinha uma desculpa para isso. — Espere, então por que você o ama, quero dizer, tem um fraquinho por ele?

— Esther. — Disse ela como se não acreditasse que eu estava perguntando. — Primeiro, ele é tão bonito. Ainda mais em pessoa. Ele é musculoso, mas não como uma cabeça de carne, então eu acho mais em forma do que musculado. Eu só queria estender a mão e tocar seus peitorais. Ah, e por falar nisso, ele brilha com aqueles olhos azuis e sutis como se soubesse o que você sabe. Ele é tão bonito que ele poderia totalmente....

— Segundo? — Eu cortei antes que ela descesse pela toca do coelho.

— Oh, certo...segundo ele salvou a minha mãe. E terceiro, ele salvou minha mãe de um carro em chamas como o Super-Homem. E em quarto....

— Por que você disse que ele salvou sua mãe como se fosse um pensamento posterior? — Eu ri então lembrei que não tinha perguntado sobre a mãe dela. — Como ela está? Você está em Jersey agora com ela?

— Por que você acha que eu estou falando mandarim?

— Li-Mei é uma hora ímpia da manhã, parece que estou funcionando o suficiente para pensar agora mesmo?

— Estou falando em mandarim, —Ela continuou como se eu não tivesse dito nada — para que minha mãe, que está no quarto dela agora, ouça partes da nossa conversa e fique satisfeita por eu ter amigas chinesas.

— Li-Mei...eu sou negra.

— Ela não sabe disso. — Ela disse alegremente e eu tive que rir. — Sério, você pensaria que uma mulher que acabou de ter



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

uma experiência de quase morte estaria mais preocupada com ela mesma. Não! Ao invés disso, ela está usando isso como motivação para me casar, porque aparentemente se ela morresse eu estaria sozinha com meus gatos que, quando eu morrer de velhice ou de depressão ou ambos, vão se virar contra mim e começar a comer meu rosto porque ninguém iria perceber que eu tinha morrido!

Eu retive o riso que estava lutando para libertar. Com a minha mão sobre a boca, consegui dizer: — Você está inventando isso.

— Oh, isso foi na verdade ela ser gentil. Quando eu tinha vinte e quatro anos, voltamos para Nanjing, na China, para o que eu pensava ser um funeral para o meu tio...adivinhe o que aconteceu?

— Não houve funeral?

— Não havia tio nenhum! — Ela gritou e eu não pude evitá-lo.

Eu ri tanto que as lágrimas rolaram pelas minhas bochechas abaixo.

— Nenhum tio. Nenhum funeral. Só as minhas tias-avós, os velhos amigos da minha mãe, seus filhos e eu, para esta grande e estranha cerimônia de casamento.

— A sua mãe é uma selvagem.

Ela riu. — Sim, uma característica que eu herdei. Desde então eu me recuso a manter meu cabelo preto e só falo inglês quando estou perto dela em protesto. Agora é só um deleite porque ela quase morreu.

São todas as relações entre mãe e filha uma batalha de vontades como esta?

— E é por isso que Malachi Lord é também meu marido perfeito.

— Você me perdeu de novo.

— Ele tem tudo que eu gosto nos meus homens...

— Você disse que ele era um idiota!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Exatamente! — Ela respondeu e agora minha cabeça está doendo.

Mudando para o meu lado suspirei e disse: — Explique.

— Todas as garotas gostam de meninos maus. É a verdade. Howard é legal e tudo menos ó meu Deus, ele é como um cachorrinho...

— Ei! Os cachorros são bonitinhos! — Eu fiz beicinho.

— Então por que você terminou com ele?

Eu não tinha resposta para isso e era irritante. Eu tinha terminado com Howard, mas isso foi só porque eu não tinha certeza do que queria e não gostava da ideia de tê-lo apenas em espera. Eu não queria brincar com ele. No entanto, ele, não parecia ter conseguido e tinha simplesmente dito que me daria espaço...embora ainda me mandava mensagens diariamente.

— Exatamente. Bonito é bonito, mas sexy é melhor. — Ela se vangloriou. Eu não precisava ver o rosto dela para saber que ela provavelmente estava sorrindo de orelha a orelha. — Malachi...ele não é um cachorrinho. Ele tem todo esse mistério sobre ele. Como porque é que ele vive em lugares como Ho Ho Kus, New Jersey...

— Sinto muito, onde? — Eu perguntei pensando que minha mente não tinha traduzido corretamente.

— Ho Ho Kus, New Jersey. Deixe-me adivinhar, você ainda não ouviu falar disso?

O nome tocou uma campainha, mas eu não tinha ideia do porquê.

Quando eu não falei ela continuou. — É, eu cresci lá, a tribo indígena Chihohokies diz que os Ho Ho Ho ou os Hohokes..."

— É isso que eles chamam ao som que a casca da árvore faz quando o vento sopra?

— Sim. Então você já esteve lá?



MALACHI
AND
LO

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Não. Eu nem sabia como eu sabia disso. Eu tinha lido isso em algum lugar? Talvez. Mas foi uma coisa estranha de se lembrar.

— Esther?

— Huh? Desculpe? — Eu balancei minha cabeça. — Malachi-quente, misterioso, eu estou seguindo...bem não realmente, mas ainda estou aqui.

— Você está realmente tão cansada? — ela perguntou, mas antes que eu pudesse lembrá-la mais uma vez das horas ela continuava falando. — De qualquer forma, ele tem uma borda de mauzão que eu gosto, mas ao ler seus livros você pode dizer que ele é sensível. Bem... ele ao menos sabe como pôr uma garota em movimento.

— Li-Mei.

— Ele também não é chinês.

Eu franzi a sobrancelha para isso. — O que há de errado em ser chinês?

— Nada! Mas isso vai irritar a minha mãe! E me poupará de ver o olhar presunçoso que ela teria estampado em seu rosto pelo resto da vida se eu acabasse casando e eu cito 'bom médico chinês ou advogado com uma boa família'....

— Então você está apaixonada pelo Malachi Lord porque ele é a maneira perfeita de desprezar a sua mãe?

— Exatamente! Com Malachi eu posso me rebelar, mas ela não será capaz de rejeitá-lo porque ele é seu salvador!

— Você é uma pessoa terrível.

— Você não tem ideia de o quão maluca uma mãe pode fazer você... merda, eu sinto muito!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Não. — Eu ri, embora não fosse tão engraçado assim. Entretanto, não queria fazê-la se sentir mal e mudei de assunto. — Gosto do seu plano. Além disso, é uma ótima história Li-Mei. A bela mulher que busca o amor em um mundo moderno. A mãe que deseja que esse amor venha de sua própria história. O homem, que salva as duas, uma em corpo, a outra em coração.

Eu definitivamente tinha lido isso.

MALACHI

— Sim, Alfred? — Atendi ao colocar o telefone na bancada de granito da cozinha e peguei o cortador de caixas para abrir a última caixa.

— Normalmente eu te repreenderia... — Ele tossia e não era uma tosse normal, era o tipo de tosse que fazia as pessoas vacilarem porque você tinha certeza de que era dolorosa. — Ah...essa maldita tosse. Desculpe, o que eu estava dizendo?

Coloquei o cortador de caixa para baixo e levantei o telefone ao invés de tirá-lo do alto-falante.

— Eu dispensaria de me repreender?

— Você percebe que nenhuma dessas palavras é usada em vernáculo comum. Na verdade, não tenho certeza de que repreender ou censurar seja uma palavra de todo.

Havia muitas coisas que eu gostava no Alfred Noëlle e até esse momento eu assumi que a sua franqueza estava distribuída uniformemente entre todos os aspectos da sua vida. Mas agora percebi que ele, como todo mundo, estava bem equipado para ser ousado e direto com os outros, mas incapaz de fazer o mesmo com ele mesmo.

Eu não tinha certeza do que dizer e decidi não dizer nada.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Quem diria que o seu silêncio seria mais irritante do que os seus atuais retornos.

Eu sorri para isso e caminhei em direção à janela. — Finalmente terminei a mudança.

— Finalmente? Só se passaram três dias. E eu contratei os organizadores. Você desfez alguma coisa?

— Eu não sou um inválido, Alfred. Quero que você saiba que eu desempacotei a cafeteira sozinho. — Bem, eu estava tecnicamente no processo de fazer isso, mas ele não precisava saber disso. Olhei para as árvores verdes que rodeavam a casa por todos os lados e me vi um pouco decepcionado com a falta de cores, apesar de estar quase no outono.

— De todos os lugares, por que Montana?

— Foi o último estado que me veio à cabeça. — Eu disse a ele. — E agora que eu sei quem e onde ela está...estou mais livre para vagar mais em um fuso horário diferente.

— Você tem certeza que Li-Mei é *ela*?

— Sim. — Eu não precisava pensar sobre isso. A conexão que eu senti quando quase tocamos. Era ela. — Tudo faz sentido... a maneira como nos reencontramos. A história impraticável de tudo isso que poderia começar um novo romance, e eu, num momento de fraqueza....

— Humanidade. — Ele corrigiu.

— Ainda fraqueza. — A humanidade pode ser o motivo pelo qual continuamos cometendo os mesmos erros repetidas vezes. — O clichê de tudo isso - salvei a mãe da mulher que não só trabalha na mesma editora em que escrevo, mas está na equipe que gerência o meu trabalho e como tal é capaz de descobrir onde estou. E na correria para o lado da mãe dela, nos encontramos coincidentemente e



serendipitadamente ¹⁰ às portas do hospital local, quando eu estava tentando sair e ela estava tentando entrar...e assim começa a tragédia.

— A menos que você se mude para Montana?

Eu acenei mesmo que ele não pudesse me ver. — A menos que eu faça um esforço para não me apaixonar por ela desta vez, para colocar uma floresta, rios e montanhas entre nós.

— Você percebe que agora nós temos aviões?

Revirei os olhos enquanto me sentava no sofá de cor creme. — Normalmente eu faria um rascunho...

— Não tem graça.

E enquanto sua resposta era divertida, eu não podia lhe dar mais tempo para evitar os seus medos. — Quanto tempo mais você tem, Alfred?

Silêncio.

— Eu fui médico em quatro das minhas vidas passadas. Sei que a tosse não é apenas uma tosse.

Ele fungou. — Quatro em mil é uma estatística horrível.

— Diz o homem com tuberculose nesta era da medicina *moderna*.

Silêncio novamente. E eu não me importei com o silêncio. Na verdade, eu preferia, o que significava que eu podia esperar até que ele desligasse ou falasse.

Ele optou por falar. — Dizem que é resistente a antibióticos, mas não contagioso. No entanto....

— Em um homem de sua idade será fatal.

¹⁰ Que se refere às descobertas afortunadas feitas, aparentemente, por acaso.



Ele exalou como se estivesse em alívio. — Os médicos aqui querem experimentar todas essas novas drogas e tudo mais. Parte de mim disse para esquecer porque eu não ia ser a cobaia de ninguém. Mas depois a minha neta... — Ele riu de alegria com o pensamento dela. — Ela chega em casa chorando, e embora eu esteja acostumado aos seus ataques de choro, eu ainda lhe dei a minha atenção e ouvi enquanto ela reclamava do herói do último livro que estava lendo. Ela o chamou de todos os nomes possíveis por desistir do seu amor depois de descobrir que ele tinha uma doença terminal. Ela disse que ele deveria viver por amor, e bla, blá, blá. E no final do seu discurso ela me abraçou e me disse que me amava. Eu sabia então que eu ia ser uma cobaia.

Eu pude sentir a dor, a escuridão se arrastando ao meu redor como uma cobra. Eu não queria suportar a dor dele, mas não pude evitar. — Tenho a certeza que você prepararia um adeus muito mais formal para mim do que está chamada, então o que você precisa de mim, Alfred?

— Sim. — Ele finalmente disse. — Mas deixe-me arranjar uma desculpa para isso de qualquer maneira.

Apenas Alfred. — Eu estou ouvindo.

— Não vamos publicar seu próximo romance porque é tedioso.

Eu pausei tentando fingir que não tinha ouvido isso, mas não consegui. — Desculpe, você acabou de dizer que a tragédia que foi uma de minhas vidas passadas é tedioso?

— Sim. — Respondeu ele e eu estava começando a odiar essa desculpa. — Só é tedioso porque acaba como seus outros livros. Todo o mundo conhece o seu rosto agora mesmo. Eles estarão esperando grandeza do seu herói da vida real e nós não podemos dar-lhes mais do mesmo.

— Então você quer que eu escreva um "felizes para sempre. Eles vão para o pôr-do-sol cheio de arco-íris"? — Era como se



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

ele estivesse zombando de mim. — Para o resto do mundo é ficção, mas para mim é uma autobiografia. Não posso escrever o que não aconteceu.

— Eu sei, Malachi. Eu sei, por isso é que é uma desculpa. — Disse ele e eu relaxei um pouco.

— Para?

— Minha neta. — Ele não se preocupou mais em escondê-lo. — Ela é inteligente, bonita, engraçada, e estranha o suficiente para ser adorável, mas o mais importante é que ela é gentil, ela sempre faz aqueles ao seu redor sorrir, e....e eu não quero que a última vez que eu a vejo ou ouço dela seja preenchido com....isto. Eu não quero que ela chore por mim. Comigo fora, e você agora sabendo quem é sua amante do passado, eu esperava que ela pudesse passar as próximas semanas em Montana com você enquanto eu busco tratamento aqui. Ela é uma fã dos seus romances. Na verdade, ela é uma super fã. Ela é a que intitula a maioria de seus romances e dirige sua página de fãs. Se alguém pode te ajudar a inventar um final feliz, é ela. E eu não quero que ela descubra ou conheça alguém por acaso. Ela não é um problema, você mal notaria que ela está aí.

— Mande-a quando estiver pronto. — Ele não precisava explicar nada. Ele só tinha que perguntar. — Eu não sei sobre este livro, mas vou continuar jogando até...você voltar.

— Obrigado.

— Eu sou um homem de palavra. — Não importa a vida, se alguém da família Noëlle precisasse de ajuda, eu a ofereceria. Era a minha eterna dívida a pagar.

17 de junho de 1853 - Paróquia St. James, Louisiana

— Você tem certeza de que a senhora está bem? — Philip de Noëlle perguntou de cima de nós enquanto segurava a



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

tábua de madeira firmemente a seu lado. Esperei que ela respondesse porque sabia que ele ficaria mais satisfeito, mas ela não disse uma palavra, e até eu olhei para ver se ela estava bem, mas ela apenas sorriu aquele sorriso dela, seus olhos brilhando de excitação e júbilo.

— Mary-Margaret? — Eu falei o nome dela para chamar sua atenção, e quando ela piscou, seus olhos verdes se deslocaram para o Dr. de Noëlle.

— Estou muito mais que bem, senhor. Obrigado. Você é muito gentil em nos ajudar assim.

Quando olhei para trás, o rosto branco dele estava atordoado como se ele achasse que ela já estaria voltando a si...agora que estávamos a milhas de distância de sua casa e da minha escravidão, e escondido numa vala de terra enquanto tentávamos chegar ao norte.

— Estarei de volta à noite. — Ele chegou ao seu lado e deixou cair cuidadosamente um frasco de água e uma cesta dos pêssegos que cresciam atrás da casa nas minhas mãos. — Eles são para ela, você me ouviu, garoto?

Eu acenei com a cabeça. Fiquei mais do que feliz em dá-los a ela. Nunca vou esquecer esse Dr. de Noëlle. — Ficarei eternamente em dívida com você.

Ele não disse nada em resposta. Ele não teve a oportunidade de responder. Ele rapidamente colocou a tábua sobre nós e os galhos sobre ela, permitindo que apenas a menor quantidade de luz solar chegasse até nós.

— Está quase acabando, Francis. — Mary-Margaret sussurrou enquanto descansava sua cabeça loira no meu peito escuro e machucado e passava suas pequenas mãos brancas sobre as cicatrizes. — Esta vida não é a mais fácil que já tivemos, pode



muito bem ter sido a mais difícil, mas nós vamos conseguir. Você vai ver, esta é a última. Nossa última vida.

Eu queria dizer a ela que ela já tinha dito aquelas palavras antes, que já tínhamos lutado contra as probabilidades assim e perdido. E ainda assim, aqui estávamos lutando mais uma vez. Mas eu não podia dizer aquelas palavras porque a esperança dela me deu esperança. Ao invés disso, eu envolvi meus braços ao redor dela e a abracei. E quanto mais apertado eu a segurava, mais confortável eu ficava e por isso eu não as ouvia.

— Seu negro sujo!

— FRANCIS!

Aconteceu rápido, muito rápido até para que eu pudesse juntar os meus pensamentos. As mãos estavam por toda a parte, mãos brancas, me batendo, me espancando, afastando-a de mim.

— FRANCIS! — Ela gritou, mas eu não a vi, apesar de ter tentado. Eu tentei proteger minha cabeça, tentei vê-la, para ter certeza de que eles não a estavam machucando. Foi o grito dela a seguir que me tranquilizou, ela ficaria bem. — PAPAI POR FAVOR! PAPAI! PARE! FRANCIS!

Mestre Bondurant era um homem mau para quase todos, mas mesmo homens maus amavam suas filhas, então eu imaginei que Mary-Margaret não iria morrer aqui. Eu não pensava na dor. Na verdade, eu tinha perdido a capacidade de ouvir qualquer coisa, o que era uma pena, porque eu queria ouvi-la pelo menos. Eu rezei para que eu pudesse ver o rosto dela mais uma vez antes de ir... e essa oração foi respondida quando o laço veio à volta do meu pescoço e eu estava sendo arrastado pelo chão da floresta antes de ser puxado. Foi assim que eu a vi, o rosto dela vermelho brilhante devido a todos os seus gritos e lágrimas.

Seu irmão mais novo, Adam, estava segurando-a enquanto ela dava pontapés e lutava para chegar até mim, enquanto seu



irmão mais velho cuspia no meu rosto. Eu queria dizer *"Mary-Margaret pare de lutar com eles,"* pois não havia nada que ela pudesse dizer ou fazer a não ser se machucar neste ponto, mas eu não podia por causa da corda... eles não a tinham amarrado bem, ou talvez tenham amarrado e queriam que eu sofresse, pois parecia mais que minha garganta estava se fechando do que meu pescoço quebrando.

— FRANCIS! — Pela voz dela eu pude ouvir novamente, lutar por mais tempo.

— Ele nem sequer é humano, Mary! — Adam a sacudiu, mas ela não parou, não até que ela estivesse livre e então ela correu para mim...teimosa até o fim ela era.

Ela agarrou as pistolas caída do pai e apontou uma para Adam e a outra para o pai.

— Deixe-o ir, papai! — O rosto dela estava cheio de sujeira.

— MARY! — Mestre Bondurant a chamou em estado de choque. — Mary, esta não é você. O que ele fez com você? Mary...

— PAPAI, DEIXE-O IR! Eu não vou falhar... assim como você me ensinou.

Mestre Bondurant grunhiu e empurrou o irmão dela para fora do caminho para que ele pudesse puxar a corda com mais força.

— NÃO! — Ela gritou e apontou as duas armas para ele, fazendo com que Adam a perseguisse com raiva, o que nunca foi bom para alguém que não era brilhante. Ele pegou o traseiro de seu rifle e bateu nela o mais forte que pôde, o que para alguém do tamanho dele, foi muito mais difícil do que deveria. O cabelo loiro dela girou quando ela recuou do golpe e ela caiu de cara para frente na sujeira bem debaixo de mim enquanto as armas caíam de suas mãos.



— Mary! Mary-Margaret! — Mestre Bondurant gritou enquanto soltava a corda e eu caí no chão. Eu vi vermelho na piscina de seus cabelos loiros entre a sujeira e a grama. — O que você fez?! Adam, o que você fez! Mary! Mary!

— O que é isso? — O Dr. De Noëlle veio cavalgando. — Isto é um motim?

— Motim?

— Um bando de negros estão revoltados rio acima, eu estava a caminho para ajudar. — Ele mentiu. Ele era um bom mentiroso. Até eu acreditei nele. Ele saltou do cavalo e correu para Mary-Margaret. — Corre para a minha casa e diz à minha esposa que eu preciso do frasco azul. — Ele disse a Adam, depois a Bondurant e seu outro filho, Sam, ele disse: — Ela vai precisar de ser levada. Eu preciso de um carrinho de mão e do maior número possível de lençóis.

Eles estavam prestes a ir para ele quando se lembraram de mim. A compaixão e a preocupação deles agora já desaparecida. Como é que as pessoas ligavam e desligavam assim?

— Nós não temos muito tempo! Ele vai sangrar logo! VAI!

Eles ficaram satisfeitos com isso antes de correr para a floresta e para os seus cavalos. Só então o Dr. de Noëlle veio até mim e eu tentei falar novamente. — Salve...

— Ela se foi. — Ele franziu o sobrolho sobre mim. — Ela não sentiu nada. Mas ela se foi.

Eu acho que eu sabia disso, mas ouvir isso doeu. Sabendo que ela se foi em primeiro lugar doeu.

— Vou-me embora.

— Quando e se eu puder, eu enterro vocês dois juntos. — Ele me disse. — Você quer que eu reze com você?



— Eu vou.... — Eu disse de olhos fechados. Eu queria dizer que eu vou vê-la novamente. Mas ele não entenderia de qualquer maneira, então estava tudo bem.

— Ahh! — eu exalei enquanto me encontrava rolando do sofá para o chão de madeira arfando por ar. Tremendo, tentei respirar mesmo que nada pudesse deter o pânico e o medo de morrer que se arrastou sobre mim.

Rolando para o meu lado, eu me enrolei em uma bola e fiquei ali até que a dor desapareceu e o tremor parou. Eu não saberia quanto tempo isso levou se eu não tivesse visto o sol se pôr sobre as árvores na janela na minha frente.

— Porquê? — Eu perguntei levantando-me do chão. Não esperando resposta e não conseguindo nenhuma, entrei na cozinha e tirei a máquina de café e o pacote de café torrado italiano. Nos poucos minutos que levou para preparar, fiz uma sanduíche para mim. Depois fui da cozinha para o meu quarto que não continha nada além da minha cama no chão escuro de madeira dura e dezenas de lonas cobertas que estavam todas alinhadas contra as paredes. Colocando minha refeição no chão ao lado da pintura em que eu estava trabalhando, sentei-me e limpei meu pincel, sem conseguir desviar o olhar dos seus olhos verdes.

— Você não precisava morrer também. — Eu disse a ela enquanto mergulhava as pontas do pincel na tinta branca e assinava não o meu nome, mas o nome de Francis. *Você não precisava, mas você corre na minha direção teimosamente cada vez...desta vez você precisa ficar longe.*

O pincel se partiu da pressão dos meus dedos. Mas eu não parava de pensar se *existe alguma conexão entre nós, você deve quebrá-la e ficar longe!*



Capítulo Cinco

Persona non Grata

ESTHER

— Ah! — Eu assobieei de dor enquanto agarrava minha cabeça.

— Desculpe! As estradas não estão realmente pavimentadas nesta direção. — Disse o taxista enquanto eu abria os olhos, mas eu imediatamente vacilei diante da luz do sol.

— Oh não, está tudo bem. Eu tenho essa dor de cabeça desde ontem. — Falei sentada no banco de trás do carro e ajustando o cinto de segurança perto do meu pescoço. Eu olhei para o meu relógio e vi que eram quase onze da manhã. Eu queria estar lá bem cedo esta manhã, mas de alguma forma eu acabei perdendo meu primeiro voo, o que significava que eu tive de apanhar o próximo avião que, devido a condições climáticas de emergência, acabou pousando a três horas de distância. E porque esta pequena cidade estava no meio do nada, Montana, não havia estação de trem e eu me vi pagando um táxi. O que foi surpreendentemente ainda muito mais barato do que a tarifa na cidade. — Quanto falta?

— Não muito longe, é só do outro lado do lago.

Lago?

Olhei pela janela e vi que era muito difícil de perder, a menos que você estivesse com jet-lag, faminta e irritada, o lago azul brilhante que ficava no fundo do cume da montanha. Ao longe eu pude ver algumas casas e edifícios nos verdes que levou acima da montanha.

— Uau. — Eu tinha visto coisas assim nos filmes e até tinha algo exatamente igual como o protetor de tela no meu laptop,



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

mas vendo-o de perto e pessoalmente... As vastas copas verdes de árvores que iam sem fim, as belas montanhas sulcadas, montanhas que até tinham neve nos seus picos.

— Não é Nova York, mas também não é ruim, hein? — Ele riu balançando a cabeça com orgulho.

— Sim, não é ruim. — Sussurrei enrolando a janela para baixo o que fez meu cabelo soprar ao redor do meu rosto, mas eu não me importei. Segurando-o com a minha mão, dei uma breve olhada num sinal enquanto passávamos de carro.

— Bem-vindo a Lieber Falls.... Sua para redescobrir. — Eu li em voz alta.

— Um pouco cativante, certo? Há dez anos não surgiram muitas pessoas assim.... o que...

— O quê? — Eu olhei para frente bem a tempo de ver a fumaça saindo de debaixo do capô.

— Não!

— Desculpe! Desculpe, vou ter que encostar. — Disse ele enquanto se deslocava para o acostamento da estrada e colocava o carro no estacionamento antes de sair rapidamente. Eu assisti enquanto ele afastava a fumaça cinza que estava subindo com seu casaco antes de usá-lo para levantar o capô. Ao fazer isso, a fumaça entrou no carro.

— Ugh! — Eu tossi e quando saí do carro, meu telefone tocou. — A....Alô?

— Esther? Você está bem?

— Não, eu não estou bem, avô. — Eu tossi novamente enquanto andava para mais longe do carro. — Para onde no mundo você me mandou, vovô? Eu acho que este lugar me odeia! Era para levar quatro horas...e mesmo assim aqui estou sete horas...sete



horas e meia depois ainda estou tentando chegar lá! Porquê? Porque meu táxi quebrou bem na frente de um lago. Sem contar que hoje eu não comi nada. Minha cabeça parece que está prestes a se dividir em duas. E a recepção do meu celular continua entrando e saindo.

— Respire.

Respirei fundo. — Eu estou e não está a ajudando.

— Respire novamente.

— Avô.

— Esther.

Suspirando fiz como ele disse.

— Mais uma vez, e desta vez vira para tua direita.

— A minha direita? — Eu virei-me. — O que é suposto para eu ver?

— Não sei, nunca estive no Montana. — Respondeu ele com um riso.

— Av-

— Nunca estive, mas ouvi dizer que é lindo. É mesmo?

Desta vez eu sabia o que ele estava tentando fazer e estava funcionando. Como é que não podia, quando realmente parei para admirar a natureza que me rodeava. — É mesmo, avô. Parece que entrei num dos romances de Henry David Thoreau.

— Qual deles?

É claro que ele perguntaria isso. Pensando nisso enquanto eu caminhava pelo trilho que se inclinava em direção à água, recitei-lhe uma citação para que ele soubesse a que livro me referia... — “Fui para o bosque porque queria viver deliberadamente, para enfrentar apenas os factos essenciais da vida, e ver se podia não aprender



o que tinha para ensinar, e não, quando viesse a morrer, descobrir que não tinha vivido”.

— Walden. — Ele suspirou alegremente. — Devia reler esse.

— Eu também. Acho que fará mais sentido quando eu estiver na natureza e não no telhado de uma grande cidade como Londres. — Brincava eu.

— Não tenho a certeza se está tentando me culpar ou apenas a amuar, entretanto te mandei passar algum tempo com o teu autor favorito.

— E estou entusiasmada..., mas por outro lado, descobrir que o teu autor favorito é um imbecil não é o melhor sentimento do mundo.

— Linguagem.

— Desculpe. Descobrir que o teu autor favorito é um idiota... não é o melhor sentimento do mundo.

— Malachi é... — Ele suspirou. — Como já te disse, Malachi é uma boa pessoa com...

— Com um mau passado. — Terminei por ele. — Eu sei. Eu dirijo o site de fãs dele. — Ou seja, eu conhecia a sua biografia...embora fosse curta. Ele nasceu em St. James Parish, Louisiana, no dia 2 de novembro, há trinta anos, amanhã. Viveu lá até aos nove anos de idade, quando a sua mãe arrumou o carro da família e se mudou para Nova Iorque com a esperança de entrar na Broadway. Só um ano depois é que ela conheceu o meu avô numa chamada de casting para Les Misérables, mas em vez de ganhar um papel como figurante, o avô lançou-a como Fantine. Um dos maiores espetáculos de todos os tempos, com um grande realizador, juntamente com dezenas de pessoas que pensavam que ela não merecia, deve ter sido a razão pela qual ela cedeu sob a pressão. Na noite do espetáculo ela embebedou-se, e sem lhe deixar qualquer escolha, ele expulsou-a do set. Na manhã



MALACHI
AND
L

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

seguinte, ela suicidou-se. Desde então, o avô tinha estado a cuidar de Malachi. Tenho a certeza de que ele sabia que a culpa não era dele, mas vovô ainda assim não conseguia fugir disso. Depois disso, a vida de Malachi era praticamente normal. Foi para Princeton com uma bolsa de estudo, estudou Inglês e História da Arte e publicou o seu primeiro romance um mês antes da graduação, que foi facilmente um bestseller. Depois disso, ele tinha basicamente deixado a face da terra até ao seu acidente na semana passada.

— Esther? Esther?

— Huh? — Sacudi a cabeça e voltei para trás, em direção à encosta.
— Lamento ter-me perdido nos meus pensamentos por um momento. Estou tão cansada e este maldito táxi... — Olhei para a minha direita e depois para a minha esquerda. Não. Nem pensar. — DEVES ESTAR BRINCANDO COMIGO! — Eu gritei.

— O quê? O que foi?

— O táxi desapareceu!

— O que quer dizer com "desapareceu"?

— Quero dizer, desapareceu! — Eu gritei enquanto estava na estrada principal e olhei para trás, para o caminho por onde viemos. — Como se não estivesse aqui! Como se eu estivesse no meio do nada sem as minhas malas ou a minha carteira! Eu nem sequer tenho um casaco! VÔVÔ!

Ele não disse nada. Não nada como ele não podia acreditar em nada, mas nada, como o meu serviço telefónico, desapareceu!

"VAMOS LÁ!"

Dando um pontapé no ar e saltando de raiva virei-me e, claro, porque estava obviamente amaldiçoada, não havia um único carro à vista. Eu lutei contra o pânico que se elevava na minha alma



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

enquanto tentava pensar. Não tinha a certeza do que mais podia fazer senão pensar.

— Está bem, Esther, respira. — Treinei-me a mim mesma enquanto respirava o ar fresco até ao meu nariz. — Isso mesmo, continua a respirar...continua a respirar. Você está bem. Você está bem. Parece a montagem de um romance do Stephen King, mas vamos lá, tenho a certeza de que a taxa de homicídios é muito mais alta em Nova Iorque. — Fiz uma pausa. Estaria eu tentando me fazer sentir melhor ou pior? Seja qual for a taxa de homicídio, não importava se você era a pessoa que ia ser malditamente assassinada!

— Porque eu cai no sono? — Eu nem sabia quão longe estava qualquer coisa daqui! Mas havia a possibilidade de haver uma cidade por perto. Voltar era mais seguro.

Não. Por alguma razão não parecia certo voltar para trás. Eu não estava longe da casa. Eu consigo.

Não tinha a certeza de onde vinha a confiança ou porque pensava que tinha a capacidade de me deslocar até à casa de alguém. O mais próximo que estive do bosque foi no Central Park! — Ugh! Isso é um pouco deprimente. — Murmurei para mim mesma. Olhando de volta para o lago, esperava que o meu serviço voltasse rapidamente enquanto caminhava pela encosta até ao local onde estava antes. No entanto, nem sequer o serviço de barras do sinal surgiu. Apenas as palavras Sem Serviço como se estivessem zombando de mim.

— Nem todos aqueles que vagueiam estão perdidos. — Sussurrei para mim própria enquanto caminhava para mais perto do lago. Não tinha a certeza se caminhar na estrada era a melhor escolha...especialmente depois de ler Hitchhikers de Teddy Grey.

O sol estava sem pondo, o que significava que qualquer pessoa que estivesse pescando voltaria do lago e iria para casa.



Então eles teriam de vir para terra, certo? E a maioria das casas ficariam mesmo ao largo do lago, certo? Porquê viver junto ao lago se não se queria ver o lago...

Não sei quanto tempo andei, mas não vi nenhuma casa, nenhum barco ou pescador, e eventualmente nenhum sol. Em vez de procurar ajuda, caminhei até às rochas junto ao lago e sentei-me.

Murmurei para mim mesma: — Lieber Falls, não me sinto muito bem-vinda neste momento.

MALACHI

— Ela está aí?!

Não sabia o que lhe dizer a não ser a verdade. — Não.

— MALACHI!

— Alfred, eu vou encontrá-la está bem? Apenas... deixa-me te ligar de volta. — Desliguei rapidamente. Não gostei de o ouvir assim. O pânico e o medo. Ele tinha sido sempre nivelado e eu precisava que ele ficasse assim. Inclinando-me para a frente para agarrar o guidão da minha moto, estava prestes a arrancar quando vi uma ondulação na superfície da água. Depois algo pequeno, demasiado pequeno para eu ver na escuridão da noite, ricocheteou no topo da mesma. Não teria sido estranho se não fosse por isso continuar a acontecer uma e outra vez. Era um lago feito pelo homem. Portanto, para além das ondas menores trazidas pelo vento, as ondulações só podiam ser feitas por alguém ou alguma coisa que caísse lá dentro.

Inclinado para trás, desmontei da minha moto e coloquei o capacete no cabo antes de descer a encosta com a ajuda da pequena lanterna que estava pendurada nas minhas chaves. O caminho era suficientemente claro para que eu pudesse ver pegadas no



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

fundo perto da beira da água. Seguindo-as pelo lado da água não precisei chamar para ver se tinha alguém, porque ouvi o canto. Era barulhento e não era muito bom, na verdade era estranho...principalmente pela escolha da canção.

— Eu simplesmente devo ir. — A sua voz estava alta e depois caiu para o que eu acho que ela pensava que era a voz de um homem. — Baby, está frio lá fora. — E depois voltou a subir.

A figura dela, sentada numa rocha com os joelhos puxados até ao peito enquanto balançava para trás e para a frente, e os seus cabelos castanhos escuros, que paravam alguns centímetros depois do ombro, balançavam com ela enquanto cantava a versão mais estranha do Baby, It's Cold Outside, que eu já tinha ouvido.

— Baby, está frio lá fora...

— Não está assim tanto frio. — Disse eu enquanto me aproximava um pouco mais.

Seria de pensar que alguém que fosse descrito como "com medo da sua própria sombra" e tivesse tendência para "tirar conclusões precipitadas" estaria muito mais perturbada por um homem, que ela nunca tinha conhecido antes, estivesse a caminhar até ela. No entanto, ela não estava, o que significava que ou o seu avô não a conhecia bem ou que ela não tinha qualquer conceito de autopreservação. Tinha que ser o último dos dois porque ela esticou as pernas e calçou as suas sapatilhas antes de caminhar até mim.

Mesmo com o luar refletindo ao largo do lago, não a conseguia ver até que ela estava perto. Não sei bem porquê, mas a cada passo que ela dava, sentia que o tempo abrandou até ela estar finalmente à minha frente. O sorriso no seu rosto era tão largo e tão genuíno que me atirou para fora. Os seus olhos castanhos brilharam, mas ela reteve as suas lágrimas.



— Eu sabia que o avô te mandaria. Olá, Malachi. Desculpa o meu atraso... — E assim ela desmaiou e eu, instintivamente, estendi a mão para pegar ela.

Será que esta mulher desmaiou mesmo?

— Zzzz. — Ela ressonou suavemente dando-me a minha resposta... A meio da frase, enquanto estava de pé, tinha adormecido. Eu não tinha a certeza se devia ficar espantado ou irritado, por isso fui com ambos.

— Ei. — Eu a abanei, mas ela nem se mexeu. — Se pensa que sou o tipo de homem que vai deixar a minha moto na estrada para a levar através da floresta, está enganada.

Eu tentei novamente. Tentei de tudo e ela ainda não se mexeu. Se não fosse o ronco, eu teria pensado que ela estava morta.

— Se acontecer alguma coisa essa moto, vou ficar chateado. — Eu murmurei enquanto levantava a Bela Adormecida e começava a andar.

— Você ligou para Alfred Benjamin Noëlle, deixe uma mensagem após o... — Desliguei e voltei a olhar para o telefone. Aquela sensação... aquela sensação que eu odiava... Subiu de novo no peito. Já era de manhã e ele não tinha respondido a nenhuma das minhas chamadas. Eu não me lembrava de uma hora em que eu ligava e ele não me respondia dentro de uma hora, independentemente da hora do dia. Especialmente dadas as circunstâncias de ontem à noite e o fato de ele nem sequer saber o que tinha acontecido à sua querida neta.

Mas vai ter de se habituar a isto. A racionalidade de parte de mim pensou e, no entanto, dei por mim a remarcar o único número do meu telefone.

— Ligou para Alfred Benjamin Noëlle, deixe uma mensagem após o sinal... — BEEP!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Alfred... hum.... Encontrei-a. Ela está bem. Ela está dormindo... apresse-se e responda, você sabe o quanto eu odeio... quero dizer...ligame de volta. — Desligando, encostei-me contra a parede do meu quarto e bebi a minha agora fria xícara de café. Terminei a xícara antes que eu alcançasse e desligasse a lâmpada, o que de qualquer forma não foi eficaz, uma vez que a luz do sol já estava passando pelo menor espaço entre as cortinas escuras. Pensei em levantar-me para as fechar, mas não queria levantar. Em vez disso, fechei os olhos na esperança de que me sentisse desconfortável o suficiente para não sonhar.

Baque. — Oua... gosh bul-ah!

Os meus olhos abriram-se e eu olhei para a parede à minha direita. Mas que raio? Nem sequer foram palavras... seguidas pelo som das tábuas do chão a ranger enquanto ela caminhava.

— Olá? — Sussurrou ela suavemente.

Levantei-me como se estivesse a saindo de um caixão, pois sabia que não seria capaz de dormir com ela acordada e a vagueando por aí. Ao tirar uma camisa do chão, puxei-a sobre a minha cabeça antes de entrar no corredor. Esperava que ela estivesse à porta do quarto de hóspedes, mas em vez disso encontrei-a em cima das escadas com as suas mãos castanhas agarrando a almofada como se fosse uma arma. Parte de mim estava curioso em saber como ela pensava que uma almofada, de todas as coisas naquele quarto, seria a sua melhor arma de defesa.

De pé sobre os seus pés descalços ela sussurrou um pouco mais alto. — Olá....

— Sim?

— Ah! — Ela gritou e rodou tão depressa que tudo o que vi foi branco enquanto a almofada batia com tanta força no lado do meu rosto que eu tropecei para trás enquanto se rasgava, mandando



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

uma explosão de penas para todo o lado. — Jesus Cristo, você me assustou!

Fiquei ali em estado de choque, com dores no maxilar, enquanto as penas brancas caíam à nossa volta como neve. — Eu. Assustei. Você? — No início, repeti-o suavemente antes de perder a cabeça quando uma pena quase entrou na minha boca. Tirando-a para longe, pisei para mais perto dela e gritei. — VOCÊ ESTÁ LOUCA?!

Com os olhos bem abertos, tentou recuar apesar de não ter espaço, e como o fez, recuou no topo das escadas enquanto o seu corpo se inclinava para trás. Estendi a mão e agarrei-lhe o pulso, mas ela só conseguiu arrastar-me junto com ela. Nós caímos uma vez antes de eu conseguir apertar a grade de madeira enquanto ela se agarrava a mim.

Esta mulher...

— Você está bem? As suas mãos estão bem? — Perguntou ela quando se conseguiu libertar do meu braço e sentar-se na escada.

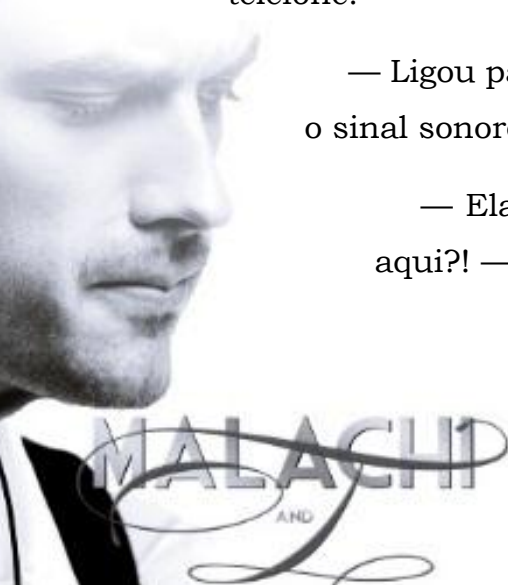
Puxando-me para cima, mordi a língua e exalei.

— Esta sangrando. — Ela mexeu-se para me alcançar o cotovelo, mas eu enfiei a mão para fora, o que felizmente foi o sinal universal para PARA TRÁS!

— Vai lá para baixo. Não toque em nada. Não vá a lado nenhum. Não respire se for causar outro desastre. — Sibilei enquanto me levantava e voltava para cima em direção ao meu quarto e bati com a porta atrás de mim antes de me mudar para a cama e pegar no meu telefone.

— Ligou para Alfred Benjamin Noëlle, deixe uma mensagem após o sinal sonoro... — BEEP!

— Ela não é um problema?! Eu mal vou notar que ela está aqui?! — Eu gritei para o telefone. — Alfred, a sua neta irradia



problemas. Se os problemas estivessem num raio de dezesseis quilômetros dela, eles viriam correndo até a derrubar. Eu reparei nela. Eu reparo muito nela! Ligue para ela e diga-lhe para ir para outro lugar!

Ao desligar, atirei o telefone de volta para os lençóis. Respirando fundo e com o meu cotovelo raspado, levantei-o mais alto para ver. Caminhando para o meu banheiro, passei água fria por cima dele e cobri a ferida com uma toalha de mão limpa antes de voltar para o meu novo campo de batalha. Estava preocupado que se a deixasse sozinha por algum tempo, ela acidentalmente começasse um maldito incêndio florestal.

— Eu merecia isso. — Disse ela enquanto se sentava no penúltimo degrau da escada, olhando pela janela. — Quer dizer, ainda nem sequer estou aqui há um dia inteiro e consegui...oh, por onde começo? Perdi o meu voo, voei para a cidade errada, fui assaltada pelo meu motorista de táxi... — Ela começou a rir, mas colocou a mão sobre a cabeça. — Desculpe! Urgh! Mas sério, a quem é que isso acontece? De lá, perdi-me na floresta, e agora te machuquei. — Ela olhou-me com um sorriso por cima do ombro, embora não fosse o mesmo sorriso que me tinha dado ontem à noite. Este foi forçado. Ela acenou-me com a cabeça no cotovelo: — Lamento muito. Caí da cama e entrei em pânico porque não sabia onde estava...normalmente não sou tão desastrada, juro. Eu vou falar com o meu avô e...

— Você é irritante. — Disse-lhe.

Ela franziu a sobrancelha quando se levantou. — Estou tentando te pedir desculpas!

— Sei que é por isso que está aborrecida. — Disse enquanto estava sentado no mesmo degrau em que ela tinha acabado de estar sentada. Eu toquei no meu cotovelo ferido. — Devias permitir-me a cortesia de ficar um pouco mais irritado contigo antes de pedir



desculpa e depois fazer de mim o idiota que não quer aceitar as suas desculpas.

— Que tipo de lógica é essa?

Eu olhei para ela. — A minha lógica. E como esta é a minha casa e eu sou seu cliente, a minha lógica é a única lógica que importa.

Ela fez uma cara e olhou-me para cima e para baixo antes de se sentar ao meu lado. — Esther Noëlle. Editora de tradução da Penohxi Publishing House, desajeitada reformada, persona non grata de Lieber Falls, e criadora do Lord Nation online. Sou a sua maior fã.

Ela enfiou a mão, que tinha cerca de quatro anéis diferentes em cada um deles, para fora e eu olhei para ela por um momento e depois para ela.

—Se não a sacudir vou sentir-me super patética e se as minhas defesas estiverem baixa, quem sabe quantos problemas vão me encontrar.

Ela estava certa. Ela era patética.

—Malachi Lord. — Falei enquanto lhe estendi-a a mão, e quando o fiz, uma dor diferente de tudo o que tinha sentido antes me atravessou. Deixei cair a toalha enquanto a minha visão se esbatia e caí para a frente.

— Malachi? Malachi!

—Não... ligue para o 911. — Era o que eu queria dizer, mas tudo ficou negro quando caí no passado.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Seis

As Romãs florescem

MALACHI

1599 Bhadra (agosto) - Lahore, Capital do Hindustão, Império Mongol.

Regressando da guerra, quando me sentei ao lado do rei, Love veio até mim e perguntou: — Você morrerá por mim? Você andará através do fogo por mim? Você abandonaria o mais doce dos vinhos e o maior dos banquetes para nunca soltar minha mão?

Ela olhou para cima a partir do seu instrumento, anéis dourados nos dedos, vestida com os mais belos verdes e jóias, os seus pés nus sobre azulejos vermelhos do melhor dos aposentos da cortesã que o Imperador Akbar, meu pai, lhe tinha dado. A sua longa trança castanha estava sobre o seu ombro, onde se derramou sobre o seu colo. Procurando negar-me o seu sorriso e o belo calor dos seus olhos cor de sol, ela voltou ao seu instrumento, tocando gentilmente quando perguntou: — E a sua resposta a Love foi?

— A minha resposta? — Repeti seguindo as formas no chão - verde-terra e dourado na outra camada, seguindo o padrão até ela. — A minha resposta foi como Love esperava.

— Love não espera nada. Nem mesmo o amor em troca. — Murmurou ela, com as mãos e os olhos ainda fixos no instrumento.

Alcançando o padrão da flor vermelha logo atrás dela, coloquei minha mão no lado da bochecha dela e ela se apoiou sobre ela.

— Minha Love faz. — Sussurrei enquanto lhe acariciava a



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

bochecha. — Então eu disse que sim. Eu disse que sim a Love. O que é a vida sem você? Deixa-me morrer, pois desejo nunca saber. O que é o fogo para alguém cujo coração está em chamas? Pois eu sou fogo para ti.

— E que tal vinho e festa? — Perguntou ela enquanto eu me sentava ao seu lado.

— Que eu não podia libertar. — E antes que ela pudesse desviar o olhar, coloquei o meu polegar nos seus lábios cor-de-rosa. — Porque o mais doce de todos os vinhos são os seus lábios, e o maior dos banquetes são aqueles em que posso partilhar com você.

— Salim. — Ela deu gargalhadas. — Você é um príncipe nesta vida e ainda assim é um poeta.

— Anarkali. — Eu sorri. — Quem não se tornaria um poeta ao ver você?

— Não quero saber de quem mais... nem mesmo dos imperadores. — Ela pendurou a cabeça e, com o torcer do meu dedo, eu levantei-lhe o queixo. O rosto dela era mais sério do que eu alguma vez tinha visto quando ela disse: — Não sou a sua cortesã.

— Não é. — Eu concordei e como ela relaxou eu disse: — Você é minha.

— Você! — Ela esticou a mão para me bater, mas eu já estava de pé.

— Porque não gostas da palavra cortesã? — Eu provoquei e enquanto ela levantava a sua lehenga¹¹ para me perseguir, o seu odhani¹² caiu o que me ofereceu uma visão clara da sua cintura e barriga,

¹¹ É uma forma de saia comprida no tornozelo usada por mulheres do subcontinente indiano que é longa, bordada e pregueada.

¹² É usado em muitos estilos regionais em todo o subcontinente indiano, originalmente, era usado como um símbolo de modéstia. Não existe uma maneira única de usar, mas é tradicionalmente usado nos ombros e na cabeça, podendo ser usado como uma capa em todo o tronco.



permitindo que ela estendesse a mão e me agarrasse na minha distração.

— Se eu for a única mulher que você tocar de novo. — Sussurrou-me nos braços enquanto eu colocava as mãos sobre a sua pele e me aproximava da sua cintura. — E se nenhum homem além você me tocar...então eu aceitarei a palavra cortesã com orgulho.

— E esposa?

Ela levantou-se, com os dedos levemente tocando a minha cicatriz no meu olho. — Desta vez você é o Príncipe do Hindustan. Não posso ser mais do que uma cortesã.

— Tudo o que eu sou muda, menos o meu amor por você. Você é minha mulher até não sermos mais. De todos os filhos do Imperador Akbar, eu sou o seu favorito, vou te pedir como recompensa pela vitória na guerra. Você deve se torna minha cortesã. Não terei outra se não você, e quando eu for o rei do Hindustan, quando ninguém puder permanecer no nosso caminho, será minha esposa. — Eu tinha mais do que esperança. Consegui ver isso. Como era possível para nós estarmos finalmente juntos e ela também podia, e foi por isso que me abraçou e pressionou o seu corpo contra o meu.

— Anarkali! Anarkali!

Nós nos separámos rapidamente quando a voz risonha da mulher nos alcançou, e Anarkali correu para apanhar o véu enquanto eu me escondia no canto atrás do espelho, onde não a conseguia ver, quando a menina entrou.

— Mansi? Não corra...

— Anarkali você é a mulher mais sortuda de todo o mundo. — A menina suspirou alegremente. — Oh, se ao menos o Imperador chamasse por mim!



— O Imperador chama por mim? — Ela repetiu muito mais suavemente e ouviu as palavras mais uma vez, tranquilizando-me que não foi um pesadelo, mas sim a força que procurava manter-nos separados nesta vida...o meu pai.

— Vim para ver se queria ajuda nos preparativos. E não se esqueça de mim amanhã, quando você realmente se torna do Imperador...

— Não! — Ela gritou.

— Anarkali?

— Estou indisposta, Mansi. Antes de chegarem, diga-lhes que não posso ver o Imperador. — Ouvi passos que se aproximaram até estarem ao meu lado. Olhei para a minha esquerda, vendo como ela tirava o véu, e selecionava um dos óleos perfumados do seu tronco. Ela deixou cair algumas gotas sobre ele antes de devolver o óleo e ir embora. Não olhando para mim uma única vez. — Dê-lhe o meu véu, e virei buscá-lo amanhã.

— Anarkali...porque é que não está bem? Você precisa...?

— O meu peito dói, mas não se preocupe. Vai. Não deixe o Imperador esperando. — Respondeu ela. Dizendo que voltaria, a menina saiu tão alto quanto ela veio.

Foi só quando ficou em silêncio que eu saí de trás do espelho. Ela ficou no meio da flor vermelha do seu quarto, com os braços envoltos em volta de si. Olhando para mim como se já fosse a Rainha do Hindustan ordenando. — Salva-me disto ou prefiro morrer e voltar a te encontrar em outro lugar.

— Eu vou. — falei enquanto estendi a mão e coloquei na sua bochecha. — Sorria. O que você sempre me diz?

Ela tentou não fazer, mas não conseguiu impedir que os cantos dos seus lábios se voltassem para cima. — Nós vamos conseguir. Você vai ver. Esta é a última. A nossa última vida.



ESTHER

BEEP...

BEEP...

— 36,7°C. — Eu li. — Está descendo. — Suspirando em alívio, alcancei o adesivo frio na sua testa quando de repente a sua mão me agarrou, as suas pálpebras se abriram, e ele apertou o seu domínio — Ahh!

— Quem é você? — Os seus olhos azuis olharam para mim enquanto ele me puxava para mais perto. — Quem é você?!

— ME SOLTA! — Eu gritei, arranhando o braço dele enquanto puxava a minha mão dele. — O que há de errado com você?!

Raios partam isso. Esfreguei o meu pulso e ele continuou a olhar como se não soubesse quem eu era. Talvez ele não soubesse. Talvez a febre o tivesse deixado atordoado. — Esther Noëlle? A neta de Alfred Noëlle...

— Eu sei! Mas quem... — Ele fez uma pausa, o seu olhar à deriva nas minhas mãos, uma das quais estava a esfregar o meu pulso dorido e a outra a agarrar o termómetro. — Você estava usando anéis?

— Huh?

— Os anéis! Os que tinha na mão quando apertou a minha? Aqueles anéis?

Ele estava louco e eu não queria aproximar-me dele. Apontei para os anéis que estavam na mesa do café ao lado da garrafa de água, medicamentos e pacotes de gelo. Ele estendeu a mão para lhes tocar, mas hesitou. Foi então que me lembrei do romance de Jeff Wheeler, "O Envenenador da Rainha".



— Você é alérgico ao níquel? — Pedi-lhe que se inclinasse cuidadosamente e ele levantou a cabeça para olhar para mim e eu inclinei-me novamente para trás.

— Não é ouro.

Eu dei um risinho silencioso — Duvido que Li-Mei tivesse me dado os seus anéis de ouro maciço. Tenho a certeza que é composto por um monte de metais diferentes, mas li que mesmo a mais pequena quantidade de níquel pode causar...

— Estes são de Li-Mei? — Perguntou ele, olhando suavemente para eles.

—São meus agora... mas eram dela. Nós partilhamos coisas o tempo todo. — As suas mãos são mais pequenas do que as minhas, por isso, em vez de lidar com o incómodo de os devolver, ela deu-os a mim.

Ele olhou para eles sem dizer nada e eu me vi caminhando para frente. Parecia estar sofrendo. Não fisicamente, mas... como se se lembrasse de algo triste. Chegando à caixa de gelo vazia, virou-a, cobriu os anéis e deslizou-os até ao fim da mesa e para dentro da caixa. Levantou-se e entregou-me a caixa. Confusa e um pouco atordoada, eu a peguei lentamente. Ele arrancou o adesivo da testa e colocou-o sobre o meu pulso.

— Desculpe. — Ele murmurou ao pressioná-lo. — Tem razão, eu tenho alergia ao níquel. Normalmente sou muito melhor a evitá-lo, mas parece que eu negligenciei.

— Porcaria. — Eu suspirei baixando a cabeça. — Acho que hoje posso acrescentar o envenenamento à minha lista de disparates.

Ele se afastou e olhou ao redor da casa que tinha a mais pitoresca vista e largamente aberta que eu já tinha visto. Toda a casa era feita de madeira e, no entanto, a maior parte do mobiliário parecia muito mais moderno. Mas as cores



aborreciam-me. Tudo era suave. Como uma casa modelo. Talvez fosse uma forma de fazer com que os habitantes se concentrassem nas vistas?

— Você limpou? Quanto tempo estive fora?

— É um pouco depois do meio-dia, por isso acho que cerca de cinco horas. O meu avô disse para não pedir ajuda e que você ficaria bem. Estava nervosa e decidi limpar, visto que, em primeiro lugar, causei a confusão.

— Alfred? Ele te ligou?

— Sim. Consegui encontrar um carregador numa das caixas do quarto de hóspedes juntamente com algumas roupas velhas...visto que tudo o resto que eu tinha estava naquele estúp...não amaldiçoe, Esther... — Corrigi a mim mesma. — No carro daquele ladrão. Você deve deita-se, talvez comer...

— Sinto cheiro de café. — Disse ele, e como um cão de caça andou à minha volta e foi em direção a cozinha. Sem creme ou açúcar, nem sequer se preocupou em aquecer a panela, pegou numa caneca preta do armário, encheu-a e bebeu.

— Vou levá-la para fazer um relatório policial. Pode levar o resto das roupas da minha mãe para a casa de hóspedes quando voltar. — Disse ele enquanto voltava a colocar a xícara no balcão.

Tantas coisas importantes tinham sido ditas nessas duas frases. Enquanto pensava em como responder, ele já estava caminhando de volta para as escadas.

— Espera! — Cheguei até ele a meio do caminho.

— E agora?!

Perdoe-o, ele está com febre.



Fechei a boca e abanei a cabeça. Ele apenas revirou os olhos e continuou a subir em direção ao seu quarto.

Chegando ao bolso de trás, do sempre-tão-elegante jeans de cintura alta dos anos 90 com o buraco no joelho que agora eu usava, peguei o telefone e mandei uma mensagem de texto com o que queria dizer em seu lugar.

MALACHI

Feliz aniversário! É por isso que disse espera. Eu queria dizer isso para você, mas entendo que provavelmente não estou fazendo tudo isso feliz. Também sobre as roupas da sua mãe... Desculpa ter mexido nas suas coisas. Eu meio que rasguei as minhas calças para te levar para o sofá. E antes que você diga que eu sou uma desastrada lembra que eu estava movendo peso morto em jeans skinny! :D Lol. Sim, mas obrigada por tudo isso. A partir de amanhã, vou ser muito mais profissional. Nós vamos fazer um livro! Finalmente, como eu disse, sou a sua maior fã e cuido do seu fansite. Eu decidi substituir o site com uma contagem regressiva para o seu aniversário e disse a todos para refletir sobre por que eles são fãs, em seguida, enviar vídeos dos seus pensamentos, é ao vivo agora. Graças a Deus eu o configurei antes do meu laptop ter sido roubado! Aqui está o link... www.LordNationOnline.com/LoveyouMalachi01/HB_wishes.

Parte de mim, a parte egoísta reprimida de mim, foi tentada a olhar. Mas o resto de mim sabia que, Li-Mei estaria entre as mensagens de vídeo e eu não queria que nada mais desencadeasse uma memória. Se apenas os seus anéis pudessem fazer isso, então o que poderia fazer um vídeo?

Fechando a sua mensagem, percebi outra coisa - ela agora tinha o meu número.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

—...nesta vida. — Sussurrei enquanto contemplava se devia ou não guardar o número dela. Estava prestes a apagar quando chegou a chamada do Alfred. Relaxando, eu respondi.

—Você ainda está vivo.

—Você também. Mas trinta e duas chamadas não atendidas? Estou um pouco emocionado, Malachi. — Ele riu e, estranhamente, soou muito melhor.

— O que aconteceu com você?

— Isto e aquilo, mas as drogas que me deram parece estar ajudando.

— Então como faço para devolver sua neta?

— Sim, ela cuidou de você até ficar saudável, não foi?

— Ela colocou um pedaço de gelo na minha cabeça, que deixou uma estranha marca retangular vermelha na testa, e...

— E ela rasgou as calças te levando para o sofá.

Ela também lhe tinha dito isso? — Sinceramente, será que ela não tem filtro? Ou a capacidade de se manter de pé...

— Dá-lhe um pouco de folga, seu ingrato... — Ele suspirou. — Ela é tímida com novas pessoas, por isso tende a fazer muito ou a congelar. — Além disso, não ajuda que ela não saiba como tratá-lo.

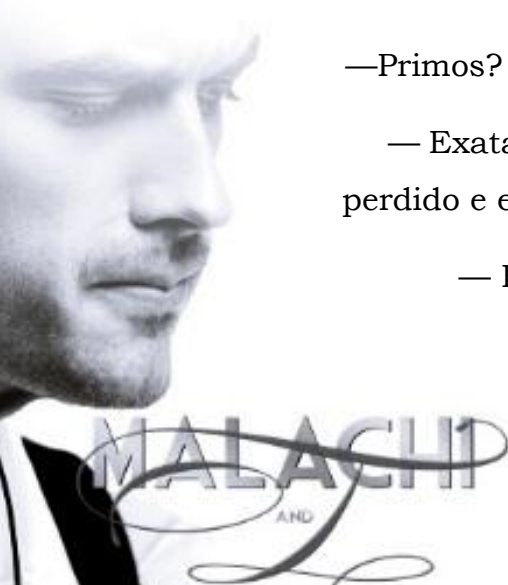
— O que é que isso significa?

— Significa que ela sabe que eu basicamente te criei depois da morte da sua mãe. Então vocês são como...primos.

—Primos?

— Exatamente! Para ela é como um primo de sucesso há muito perdido e ela quer que você goste dela.

— E como sabe isso?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Ela disse quando eu liguei.

Ela disse? Claro que sim. Nós, primos.... Quanto mais eu pensava nisso, mais me sentia um pouco aliviado. — Pelo menos ela não está apaixonada por mim...

— Sim, porque você é tão fácil de amar e as mulheres caem aos seus pés diariamente.

— O seu sarcasmo não é apreciado.

Ele riu..., mas foi seguido por aquela tosse de novo. Ele tossiu tão alto que, apesar ter tirado o telefone do ouvido, consegui ouvi-lo com a mesma clareza.

— Esther apaixonada? — Disse ele quando finalmente devolveu o telefone aos seus lábios. A sua voz estava muito mais suave agora. — Aquela menina não conheceria o amor mesmo se corresse em direção à sua alma gêmea. Ao contrário de uma outra pessoa que eu conheço. Quão doloroso foi desta vez?

A ironia dele perguntar sobre a minha dor enquanto se sentava em sofrimento não se perdeu em mim.

— Não foi doloroso. Descanse um pouco. Não se preocupe com ela.

—Não estou só preocupado com ela, Malachi. Se você é primo dela, faz de você meu neto. Estou preocupado com você.

Eu ri, silenciosamente, enquanto entrava no meu banheiro. — Não fique todo sentimental, isso é algo que alguém diz à medida que entra calmamente na noite.

Silêncio.

— Alfred?

— O seu coração caiu um pouco, não foi? — Fungou enquanto ria.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Este velho... —Ad.. falo com você depois Alfred! — Levantei os olhos do ecrã que brilhava com a opção de apagar o número da sua neta...a minha nova prima, aparentemente.

— Os loucos juntam-se. — Murmurei enquanto salvava o número.

ESTHER

Porque eu era assim?

Uma introvertida alguns dias, uma extrovertida no dia seguinte. O que teria sido bom se não continuasse a aumentar as inconsistências que eu tendia a encontrar em mim mesma. Havia dias em que eu odiava o inverno e dias em que adorava o inverno. Eu adorava o sol, mas também adorava a chuva. Eu gostava de todas as cores do arco-íris. Alguns dias eu adorava o cheiro do café, mas havia outros dias em que eu não suportava bebê-lo. Eu podia ser vegetariana durante um ano e depois acordar um dia e comer uma pilha inteira de bacon. Religião? Tinha feito quase todas as religiões mais praticadas e gostava delas. Podia lutar alguns dias, não apenas qualquer luta, mas uma luta do tipo Mortal Kombat- estilo Karate Kid-Eye of the Tiger-, e depois, no dia seguinte, encontrava-me a tropeçar num lance de escadas e incapaz de fazer alguma coisa do jeito certo! Era tão frustrante! Eu não sabia quem eu era. Não como o meu nome ou quem era a minha família, mas quem eu, Esther Noëlle, era por dentro. Se eu era um pouco de tudo, isso não significava também que eu era um pouco nada?

O que havia de errado comigo?

— Está pronta?

— Huh? — Sentei-me e limpei rapidamente os meus olhos.

Ele congelou na porta de vidro da sua casa em estilo de cabana, enquanto me olhava com os ponderados olhos azuis.



Ele usava calças de ganga azuis escuras que estavam enfiadas em botas pretas, e um casaco de couro preto sobre a sua camisa de flanela verde e azul.

— Eu choro muito. — Falei muito mais depressa do que queria e senti vontade de me bater, mas tentei salvar a cara dizendo: — O meu avô diz que os meus canais lacrimais estão soltos e por isso os meus olhos choram mesmo quando o vento sopra. HA!.... Então quão longe está a esquadra da polícia, espero mesmo que eles consigam encontrar as minhas coisas...

— O relatório é simplesmente para fins de seguro. — Disse ele enquanto caminhava pelos primeiros degraus da casa. — As suas coisas já devem estar muito longe.

— Certo. — Já devia ter calculado isso.

Sem mais uma palavra, ele continuou a andar até chegar à entrada da garagem e eu o segui esperando ver um carro quando ele levantou a porta da garagem. Mas, em vez disso, estacionada no meio da garagem enorme, estava uma Harley preta. Ele passou por ela e pegou um capacete no balcão ao fundo da garagem antes de voltar e me entregar. O capacete que deveria proteger o meu crânio... Apesar de não acreditar.

— Você prefere ir a pé? — Ele perguntou enquanto montava na moto.

— Você acabou de passar por um febre e...

— Última oportunidade. — Ele ligou a moto.

Peguei o capacete e coloquei antes de subir nervosamente na moto. Sentei-me atrás dele sem ter a certeza do que fazer com as mãos, mas ele esticou as costas e colocou as minhas mãos à volta da sua cintura.

— Segure firme. E não se preocupe, eu nunca caí antes.

— Você nunca andou comigo. — Lembrei-o. — Sou uma desastrada.



O canto do seu lábio apareceu quando ele chutou o pedal para cima.
— Pensei que tinha dito que se reformou?

Antes que eu pudesse responder ele lançou a moto para a frente e eu fechei os olhos e me segurei com mais força, enquanto o meu cabelo voava para cima e ao meu redor enquanto cortávamos o vento.

— Abre os olhos! — Ele gritou comigo.

— Eu estou bem, obrigada! — Eu gritei ao vento.

— Você está esmagando meu fígado!

Os meus olhos abriram-se e as minhas mãos afrouxaram. No entanto, vi que o sorriso ainda estava nos seus lábios.

— Relaxa. Olha. — Ele acenou em direção ao lago e eu vi a forma como a água parecia brilhar ao passarmos. Não estávamos onde eu tinha sido abandonada, mas sim no lado que estava mais próximo das montanhas.

Eu não sabia por que nem como, mas comecei a relaxar e o vento já não me incomodava. O fato de não haver nada que me separasse da estrada abaixo ou do ar que me rodeava era estranhamente familiar e, enquanto montávamos, soltei-o completamente e estendi as mãos o mais longe que pude do meu corpo. Porque é que isto me fez sentir tão bem?

— Malachi, isso é incrível! Sinto-me como... como... se estivesse andando de cavalo! Ah! — Apertei as minhas mãos à volta dele com força enquanto a moto guiava para o lado, mas senti o peito dele tremer enquanto ele ria. — Isso não foi engraçado! Ugh! — Tossi enquanto me agarrava à garganta, esperando realmente que o que eu pensava que tinha acabado de voar para a minha boca não tivesse voado realmente para a minha boca.

Conduziu-nos diretamente ao coração da pequena cidade que ficava um pouco longe do sopé das montanhas e no meio



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

das árvores maciças. Percebi então que, se tivesse caminhado na direção oposta à sua casa, teria ficado muito pior e, provavelmente, completamente incapaz de encontrar alguém. Lieber Falls, uma população de mil e dez - onze habitantes- se agora me incluísse - estava completamente escondida, uma pequena cidade enfiada no vale com um enorme lago e árvores salpicadas. Parou no edifício de tijolo vermelho onde se encontrava uma estátua de duas criancinhas - uma agarrava-se ao mastro que segurava a bandeira do estado de Montana e a outra tinha uma ave aninhada dentro da mão estendida.

— Você vai descer?

— Não. Pretendo criar raízes aqui. — Fiz uma careta nas suas costas. Estava realmente ficando cansada dele me tratando mal. Ao sair da moto, retirei o capacete e tentei arrumar o meu cabelo - a palavra-chave sendo *tentei*.

— Já acabou?

—Você sempre faz essas perguntas ou está tentando me irritar? — Perguntei.

— Estou te irritando?

—Sim. — Voltei-me para o edifício. — Não vem.

— Na verdade, não. Eu disse que eu iria trazê-la aqui não segurar sua mão e guiá-la através disso. Você realmente não deve incomodar seus clientes, Sra. Noëlle.

Observei, em estado de choque, enquanto ele saiu pela rua, o preto do seu casaco e a sua moto desapareciam enquanto outros carros saíam dos seus lugares de estacionamento.

— Muito bem! Eu entro sozinha! Nada de mais. — Girei nos calcanhares e olhei diretamente para o edifício quando dois oficiais saíram. Um deles deu-me uma olhada enquanto



caminhava para o seu carro verde e branco do esquadrão. Sorri e acenei-lhe com a cabeça enquanto entrava no edifício que, na verdade, era muito mais pequeno por dentro. Quando olhei à minha volta, vi que dois homens bêbados estavam dormindo no chão da cela de detenção. Encostada ao balcão com um café numa mão e um pãozinho na outra, uma mulher velha, branca, com os pés de galinha em volta dos olhos castanhos e com os cabelos grisalhos cortados e curtos atrás das orelhas, olhou para os dois homens e abanou a cabeça antes de reparar em mim. Ela olhou-me de cima em baixo desde a barra de sono da minha calça até ao meu rosto, e a sua mastigação abrandou.

— Olá. O meu nome é Esther Noëlle...

— Deixa-me adivinhar... — Ela levantou-se mais direita. — Foi assaltada ao chegar na cidade ontem?

Abri a minha boca. — Como...

— Esta é a minha cidade, menina, eu sei tudo o que acontece aqui...

— Alfred Noëlle telefonou ontem e exigiu uma caça ao homem. Consegui ouvi-lo gritar do outro lado do telefone. — Um homem alto e jovem, de cabelo louro e olhos castanhos, deu a volta ao balcão e ficou ao lado da mulher que olhou para ele. — Eu nunca tinha visto a minha avó a ser mandada por aí antes. — Ouch!

— Você também ainda não viu o interior do seu próprio estômago. — Ela levantou a sua caneca como se estivesse prestes a bater-lhe com ela. — E para você é Xerife, Agente Richards. Xerife Eleanor Richards, foi assim pelos últimos...

— Últimos cem anos? — Perguntou-lhe sorrindo para ela.

—Continue sorrindo. Vou ver o quanto sorri quando começar a descontar no seu salário. — Ela acenou enquanto voltava para o seu escritório.



— Xerife!

— Avisa os rapazes que já não precisamos de uma busca. — Ela acenou-me com a cabeça e depois franziu-me a sobrancelha. — E diz ao seu avô que vamos encontrar o ladrão. Nós, os polícias retrógrados sabemos como fazer o nosso trabalho, obrigada. — A porta bateu atrás dela.

Eu me encolhi. —Por favor, não me diga que o meu avô chamou a todos vocês de polícias retrógrados? Eu sinto muito por...

— Está tudo bem. Lieber é bastante retrógrado. — Ele sorriu e entregou-me uma prancheta. —Além disso, como eu disse, a minha avó nunca ficou tão sem fala. Aqui, preencha isto e vamos ver se aparece alguma coisa numa loja de penhores ou online.

Eu suspirei em alívio. — Obrigada, oficial Richards.

— Esse era o meu pai. Pode me chamar de David. — Ele sorriu e eu olhei fixamente para ele. E pensar que Li-Mei disse que todos nós queríamos maus rapazes. Ha! Dá-me um bom rapaz qualquer dia.

— Esta tudo bem? — Ele inclinou-se para a frente.

— Sim, só estou pensando que você é muito simpático. — Eu sorri.

— Nem sempre sou simpático, apenas acontece que você é fofa. — Ele piscou e acenou para a prancheta.

— São as calças à boca de sino, não são? — Eu perguntei enquanto balançava a perna para ele ver e quando ele se riu, eu também... finalmente.

MALACHI

Quanto tempo demora para preencher um maldito relatório?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Era um minuto depois das cinco da tarde e ela ainda não tinha me chamado para ir buscá-la.

Será que ela se perdeu outra vez?

Devo ir... por que eu iria?

O sol ainda estava alto, mas conhecendo-a, ela era a mais...

Conhecendo-a? Como eu a conheci? Eu tinha acabado de conhecê-la. Tanto faz! Ela era uma garota grande... que conseguiu pegar uma carona com um ladrão, perder-se e cair de uma escada em menos de vinte e quatro horas.

Alfred, é melhor você não morrer e deixar essa garota! Eu gemi quando deixei cair o pincel, me levantei do chão e agarrei o casaco de couro da cama enquanto descia as escadas correndo. Abri a porta da frente quando as luzes vermelhas e azuis do carro da polícia parou em frente à minha casa.

Ótimo, o que é que ela tinha feito agora?

— Olá, você está aqui! — Ela acenou como se não nos vissemos há quatro décadas e não há quatro horas.

— Claro que estou aqui, vivo aqui. — Lembrei-a assim que cheguei ao fundo.

Ignorando-me, ela e o oficial de cabelo louro tiraram sacolas de... sabe Deus o quê do seu carro. — Esta cidade é incrível! Eu a amo! — Ela declarou.

Ao subir os degraus, estava em pé de igualdade comigo. — Ah, então você é o cliente ultra-secreto da Esther. Prazer em conhecê-lo, eu sou o oficial David Richards.

Ele esticou a mão, mas eu, em vez disso, peguei as sacolas e as tirei dele.



— Obrigado por trazê-la de volta, oficial.

— E pelo passeio. Se vir o Sr. Baker antes de mim, não se atreva a ajudá-lo a trapacear. — Ela apontou-lhe o dedo enquanto lutava para segurar as suas outras sacolas.

— Eu? Nunca. — Ele acenou com a cabeça enquanto olhava para as sacolas nas mãos dela. Antes que ele as pudesse tirar dela, eu estendi a mão e também as peguei. Os seus olhos castanhos mudaram-se para mim. — Foi um prazer conhecê-lo, embora eu adorasse ter um nome que não fosse "o autor?"

— Sou obrigado por lei a dar-lhe o meu nome? — Mordi a língua quando ela empurrou o cotovelo nas minhas costelas.

— Eu disse-te que os autores às vezes são um pouco carrancudos. Mais uma vez obrigada, David, e por favor, diga a xerife que lamento profundamente o comentário retrógrado em nome do meu avô. Diga-lhe que certamente vou falar com o meu avô sobre isso.

— Você se desculpa demais.

— Sim. Eu sou meio canadense, sabe?

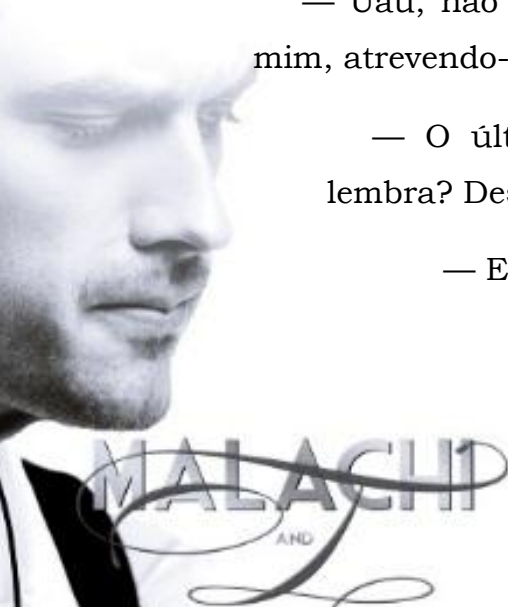
Eu não estava aqui? Era isso que estava acontecendo? Eu me tornei invisível?

— Sr. Autor. — Ele acenou-me com a cabeça e eu acenei de volta quando ele voltou para o seu carro-patrulha e se afastou. Esther estava dando a ele a mesma onda de despedida que tinha me dado.

— Uau, não consegue mesmo evitar, não é? — Ela virou-se para mim, atrevendo-se a cruzar os braços. — Ele estava sendo simpático.

— O último cara simpático que conheceu aqui te roubou, lembra? Desculpa se não confio na sua intuição.

— Eu nunca disse que o taxista era simpático!



— Oh? Então sabia que ele era um cara mau e entrou no carro dele mesmo assim?

O seu punho fechou-se quando ela olhou para mim. — Então porque veio aqui fora?

— Desculpa-me? Eu moro aqui! Posso vir aqui fora se quiser. Você é a única que desapareceu por cinco horas.

— Você que me deixou!

— Não te disse para ligar quando acabasse?

— Não!

Fiz uma pausa, pois percebi que não tinha dito. — Bem, eu pretendia dizer. Toma, leva alguns destes. — Estiquei a mão para que ela pegasse metade das suas coisas de volta. Mas ela apenas olhou fixamente. — Igualdade. Eu tenho metade, você metade.

— Você é o sonho de toda garota, não é?

— Não preciso de todas as garotas, só de uma. — Tínhamos andado para trás e para a frente, mas quando o disse, vi os olhos dela alargarem-se. — Você não...

— Você tem um amor há muito perdido? É por isso que os seus livros acabam sempre tragicamente? Por alguma razão não funcionou e agora os seus personagens nunca podem ser felizes? É por isso que este novo livro é tão difícil para você escrever?

Devolver ao remetente. Eu queria carimbá-lo na sua testa e enviá-la.

— Me dê a sua outra mão. — Falei.

Enquanto ela levantava o outro braço com um olhar confuso no rosto, eu coloquei as alças das sacolas por cima dele, fazendo



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

com que a mão dela caísse sob o peso delas. Chegando ao meu bolso de trás, puxei então uma chave que coloquei numa das sacolas.

— A casa de hóspedes fica na parte de trás. O que você faz com o seu dia é da sua conta. É só dizer-me. Eu não gosto de pessoas vagueando pela minha casa. Boa noite.

— O que aconteceu com a igualdade?!

— Isto é igualdade. Eu vim sem nada e vou embora sem nada.

— Isso é justiça, não é igualdade.

— Huh... — Acenei com a cabeça lentamente. — Isso é verdade. Boa noite. —Voltei para trás e subi as escadas até à casa.

— Oh, todos têm razão! É um grande idiota!

— E você é a minha fã número um! —Respondi batendo com a porta atrás de mim e, quando estava sozinho, tudo o que tinha acabado de fazer voltou para mim. Porque é que eu estava a agindo como uma criança?

Alfred. O seu nome passou-me pela cabeça. Eu estava agindo assim porque se ela se tivesse perdida ou magoada novamente ele viria aqui pessoalmente para me falar até a morte.

Essa era a razão.

Voltando para o meu quarto, tirei o casaco, atirei-o para a cama e voltei para a pintura. Tirando os meus sapatos sentei-me à sua frente e peguei no pincel. Mergulhando as cerdas na tinta dourada, toquei-a levemente na tela, criando uma linha fina que se tornou no seu anel dourado no nariz. Os seus olhos castanhos cor de avelã também brilhavam.

Não preciso de cada garota só uma.... Só uma que aparentemente parecia diferente cada vez, pensei enquanto olhava do quadro para a janela do meu quarto, vendo como a própria



Klutzarella pegava todas as sacolas que tinha comprado para o convés da casa de hóspedes antes de cair ali por um momento. Os ventos sopravam-lhe fios de cabelo à volta do rosto e ela murmurava o que tinha de ser uma maldição para mim, embora eu não soubesse porquê. Ela tinha a sua própria casa privada com vista para a água completamente livre, porque eu era apenas um tipo simpático. Se ela não gostasse, podia ir embora.

— Ah. — Eu assobieei alcançando o meu olho quando o pincel caiu da minha mão

Não. Outra vez não.

— AH! — Escorreguei enquanto tentava chegar à minha cama, mas fiquei muito aquém.

1599 Ogrohayon (novembro) - Lahore, capital do Hindustan, o Império Mongol.

— Meu filho! Mais uma vitória...

— ONDE ESTÁ ELA?! — Gritei para o tribunal. Avancei e desembainhei a minha espada enquanto os guardas se precipitavam na minha direção.

— Salim! — A minha mãe tentou chegar até mim, mas os guardas chegaram primeiro e eu cortei-lhes as mãos fazendo um longo e profundo corte em um deles. Naquele momento foi como se o tempo abrandasse e eles suspiraram, observando horrorizados como o sangue caía sobre o branco do chão no meio das pétalas das flores.

—NÃO TEM VERGONHA?! — O meu pai, o Imperador, levantou-se do seu lugar à cabeça da sala, e todos se levantaram



com ele. — ATREVES-TE A DERRAMAR SANGUE NESTE SALÃO? O MEU SALÃO?!

— Akbar! — A minha mãe ajoelhou-se diante dele até que a cabeça dela tocou nos títulos brancos. — Perdoa o meu filho! O nosso filho! Ele foi agredido! Ele é cego! Esse é o único sentido para esta loucura.

— Anarkali! — Eu gritei por cima dela. — Onde ela está?

— Não vê que a sua mãe implora pela sua vida?!

— Eu não tenho vida sem a minha mulher!

— Essa a quem chama de sua mulher colocou veneno na minha mesa!

Ele desceu os degraus, com as mãos atrás das costas, até ficar ao lado da minha mãe ainda ajoelhada.

— Eu, vosso Imperador, NÃO dei a bênção de tal esposa!

— Eu não precisava de tal bênção!

Todos entre o Grande Salão ofegavam enquanto a minha mãe chorava. Não só tinha infringido a lei e me amaldiçoado ao derramar sangue em solo sagrado, como tinha abandonado o Imperador, o meu próprio pai.

— Lufti!

— Sim, pai! — O meu irmão mais novo caiu de joelhos.

— A partir deste dia serás Salim, Príncipe do Hindustan, e MEU HERDEIRO! — Ele declarou a todo o mundo, e Lufti olhou-me com os olhos bem abertos enquanto prosseguia. — Mulher, levanta-se e abrace seu filho. Salim, levanta-se e abrace sua mãe!

A minha mãe não se levantaria.



Lufti, levantou-se e caminhou até à mulher que me criou, que me amou, que chorou por mim mesmo agora, e no meu coração eu lamentava, mas não pude ir até ela. Eu já não podia ser seu filho.

— Guardas, levem este...este...homem...à mulher dele! Deixem-nos morrer juntos!

Atirei a minha lâmina, cuja ponta estava manchada de vermelho, juntamente com o turbante sobre a cabeça e todas as joias do meu corpo sobre a cama de pétalas de flores. Esticando os braços para os guardas - homens com quem tinha treinado, homens com quem tinha ido para a guerra - para me levarem. Ao puxarem-me suavemente, como se não me quisessem magoar, olhei para os olhos verdes do meu pai, olhos que estavam vidrados de raiva e dor. Lufti segurou minha mãe enquanto ela tapava a boca para silenciar seus soluços.

— TIREM-NO DAQUI! — O meu pai gritou para que todos ouvissem.

Nada disseram quando me levaram pelos corredores do palácio em direção ao poço abandonado. Era o único lugar que eu nunca tinha visto em toda a minha vida. Dentro da câmara não havia nada, as paredes e o chão estavam desprovidos de qualquer cor e vida. Não havia nada a não ser o poço escuro que tinha sido escavado no chão. Até o sol só era permitido através de um círculo correspondente no teto diretamente acima dele, um círculo destinado a queimar quando o sol se levantava, e a afogar-se quando chovia.

— Há quanto tempo ela está aqui? — Sussurrei enquanto me soltavam à beira do poço.

Nenhum deles respondeu. Em vez disso, Rashad, o meu General... não, o General de Salim disse. — Desistiu do mundo em troca de uma mulher que vai te deixar.

Ela ainda estava viva. Eu segurei o meu peito. Voltando-me para ele, sorri.



— Rashad, voltando da guerra, enquanto eu estava sentado ao lado do Rei, Love veio até mim e perguntou: *“Você morrerá por mim? Você andará através do fogo por mim? Você abandonaria o mais doce dos vinhos e o maior dos banquetes para nunca soltar minha mão?”*

Ele deu um passo atrás em relação a mim. — Love foi cruel ao pedir tal coisa a um príncipe.

— Love não se importava que eu fosse um Príncipe. E por isso adeus, meu amigo. Protege o Lufti, pois ele é agora o príncipe que você seguirá.

Ele agarrou o bastão firmemente, mas não conseguiu empurrar-me para o fosso. Nenhum deles parecia ser capaz e, por isso, dei um passo atrás. O sol cegou-me os olhos quando caí na escuridão em direção a ela, a mulher cujo rosto era como flores de romã... o meu único amor nesta vida e em todas as vidas.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Sete

Luto

ESTHER

DOMINGO

— Você pode fazer isto. — Tranquilei-me enquanto respirava fundo e batia na porta.

Não obtive resposta.

Esperei mais dois minutos antes de voltar a bater na porta. E demorei mais um minuto antes de ouvir a maçaneta da porta a mexer. Esperava que ele abrisse a porta mais do que uma pequena fenda, mas era suficientemente larga para eu ver metade do seu corpo. O seu olho direito estava vermelho e parecia que ele estava chorando. O seu cabelo estava completamente desganhado e ele ainda usava a roupa que tinha vestida ontem.

— O que é isso? — Perguntou ele com a voz profunda e dorida.

— Eu queria falar sobre o seu próximo romance...

— É domingo. O dia de descanso. Deixe-me descansar. — Respondeu ele enquanto me fechava a porta na cara.

Fiquei ali um momento atordoada, antes de me virar e descer as escadas. Enquanto estava na entrada, fiz uma pausa e olhei para a sua casa. — Estava ele de ressaca? Mas eu não tinha cheirado nenhum álcool nele.

Talvez ele ainda estivesse doente?

— Acho que vou voltar para a cidade. — Enfie as mãos no novo par de calças de ganga que tinha comprado e fui até ao



fim da estrada. Mas com cada passo atrás de mim, senti vontade de voltar e ver como ele estava.

Ele é um rapaz crescido. Ele vai ficar bem. Certo?

SEGUNDA-FEIRA

KNOCK!

KNOCK!

KNOCK!

— Se você não responder eu vou pensar que você está morto! — Eu gritei do outro lado da porta. — Vou acabar por chamar a Xerife e....

— Cala a boca por favor. — Ouvi uma voz do seu lado da porta.

Coloquei a minha mão sobre ela. — Você está bem?

— Eu estaria, se parasses de gritar.

— Estou aqui fora há uma hora e liguei nove vezes!

— Esther. — Ele suspirou. Ele abriu a porta numa distância ainda menor do que no dia anterior. Eu só conseguia ver o seu rosto e estava pior. Ele estava pálido, demasiado pálido, e os seus olhos, já não estavam vermelhos, mas agora tinha olheiras à sua volta.

— Você parece...

— Esqueci-me de te dizer que também não trabalho às segundas-feiras. — Ele tentou dar-me o seu habitual sorriso, mas caiu por terra e fiquei atordoada por não me perceber que quando ele fechou a porta eu não me percebi mais depressa, que ele estava mentindo.

— Malachi!

— Vai embora!



MALACHI
AND
LOVE

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

A minha têmpora latejou e pude sentir uma dor de cabeça a caminho. Inspirando profundamente, eu me levantei mais reta. — Está tudo bem, Esther. — Eu disse a mim mesma. — Ele está doente. Dá-lhe espaço. Ele sabe tomar conta de si.

Mas ele quase não tinha nada no frigorífico durante o seu aniversário, além de dois bifes, algum presunto e algum pão. O que é que ele estava comendo agora? Será que ele estava comendo? A melhor pergunta era, ele estava a dormir? Parecia que não tinha tido uma boa noite de descanso desde... desde que cheguei aqui, se não mais.

Tirei o meu telefone e mandei uma mensagem a Li-Mei.

Operação a Grande Novela Malachi — dia dois: Fracasso.

Ela mandou-me uma mensagem imediatamente e eu respondi enquanto descia as escadas. *Em primeiro lugar, precisamos de um novo nome para esta operação. Segundo, é o quarto dia. O dia em que você chegou e o seu aniversário conta. Terceiro, seriamente, o que se passa com este cara? Faz parte do seu processo artístico ou algo assim?*

Não...não sei. Eu respondi. Mas eu não estava desistindo. Se eu tivesse de cuidar dele de volta à saúde para que ele pudesse escrever, então era isso que eu faria.

TERÇA-FEIRA

Subi as escadas até à sua casa com os sacos da mercearia e loja de bebidas do Nevis's. Estava totalmente preparada para os deixar cair ao lado da porta e bater, mas quando me aproximei vi que a sua porta estava aberta e balançando assustadoramente para trás e para a frente nas suas dobradiças.

— Malachi? — Chamei, mas não obtive resposta.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Aproximando-me, voltei a chamar. — Malachi? Está em casa?

Silêncio.

Absorvendo o meu medo, empurrei ligeiramente a porta e espreitei para dentro. Não vendo nenhum sinal dele, finalmente entrei.

Era difícil acreditar que eu tinha limpado o lugar no sábado. Papel do bloco de notas estava por todo o lado, juntamente com canecas - não uma ou duas, mas pelo menos quatro canecas diferentes, espalhadas por toda a sala de estar. Duas delas estavam estilhaçadas. O cabo de uma estava sentado em uma pilha de seu próprio corpo quebrado no chão. O sofá foi movido de forma estranha, a lâmpada que anteriormente residia na mesa de café estava agora no chão com a sua lâmpada também estilhaçada.

— Malachi? — Chamei outra vez quando coloquei as sacolas no sofá. Virei-me para as escadas, mas baixei-me para apanhar alguns dos papéis no chão.

Tinta.

Não, era tinta de pintura. Tinta preta. Havia palavras em árabe, a caligrafia era frenética, chocante, com salpicos de tinta por todo o lado.

Pai. A primeira palavra lida, no papel seguinte: Perdoe. Seguido por: Dor. Depois Anarkali, que era um nome. O meu árabe não era o melhor, mas creio que significava desabrochar vermelho. A frase mais longa foi escrita a vermelho. Love perguntou e eu disse que sim.

Juntei os papéis antes de ir para o meu quarto. A porta também estava aberta, e lá, deitado na sua cama em nada mais do que calças de ganga, encontrei-o olhando fixamente para algo no quarto. Vi que ele tinha abandonado as canecas, optando, em vez disso, por trazer a cafeteira toda para o meu quarto. Até isso estava vazia, à exceção do mais pequeno líquido castanho que havia dentro dele.



— Malachi? — Eu sussurrei enquanto entrava e tentava que ele olhasse para mim.

Mas ele permaneceu em silêncio enquanto as lágrimas caíam dos seus olhos sem o seu controle. Agora que eu estava mais dentro do quarto, virei-me e segui o seu olhar. E ali, encostada a algumas outras telas em branco, estava uma mulher indiana com longos cabelos castanhos escuros, vestida com roupas tradicionais verdes e douradas. No canto do quadro vi a data escrita em branco-1599.

Levantei os papéis na minha mão e acenei-lhe.

— Anarkali? — Perguntei-lhe virando-me para ele. — Ela é Anarkali?

Pestanejou lentamente e os seus olhos azuis atordoados olharam para mim, como se não conseguisse concentrar-se em mim e, em vez disso, estivesse olhando através de mim.

— Eu a matei. — Sussurrou ele. — Eu a matei para lhe poupar da dor... Não deveria! Eu deveria ter aguentado! Ele teria nos perdoado! Ele ia nos perdoar! Tenho a certeza que ia. Podíamos tê-los impedido! Podíamos ter vivido felizes para sempre, mas eu a matei! EU A MATEI!

— Malachi! — Eu deixei cair os papéis e corri para o seu lado enquanto ele tossiu e enrolou-se numa bola.

— Não. Por favor. Não! — Ele implorava balançando para frente e para trás com a cabeça nas mãos.

— O que eu faço? O que está errado? —Eu gritei tocando o braço dele, mas ele apenas tremeu e rolou de costas para mim. Ele gritou uma última vez antes de cair na inconsciência. —Malachi!

Ele estava gelado e tremendo como se estivesse nu no meio do Pólo Norte. Incapaz de tirar os cobertores de debaixo dele, embrulhei-o o melhor que pude, mas ele não parava de tremer,



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

por isso deitei-me ao seu lado e segurei-o o mais apertado que pude.

— Você vai ficar bem. — Sussurrei nas costas dele. — Você vai ficar bem. É só apenas na sua cabeça. Você vai ficar bem.

Só apercebi que estava a chorando quando a minha visão se desfocou. Aguentei e não me atrevi a deixar de repetir que ele ficaria bem uma e outra vez enquanto rezava para que ficasse.

— Avô, ele não está bem!

— Esther...

— Não! Não me venha com Esther, avô! Não fale comigo como se eu estivesse exagerando! Nas últimas cinco horas, observei enquanto ele chorava de dor, confessava um homicídio que aconteceu há mais de quatrocentos anos e implorava duas vezes a morte. Ele pensa que é o antigo príncipe do Império Mongol! — Isto era uma loucura! Malachi não era são, ele precisava de tratamento médico e não de estar escrevendo livros!

— Ele pensa que é porque é.

Eu congelei. A panela de sopa que eu estava fervendo borbulhou assim que a deixei. A minha mente estava tentando compreender a loucura que saía do meu avô.

— Desculpa, a recepção está um pouco irregular... o que acabou de dizer?

— Esther, Malachi não é louco.

— Ele tem pouco mais de quatrocentos anos? — Eu estava rodeada de lunáticos? — Amo tanto ficção paranormal como a próxima pessoa, mas isto está indo longe demais. O que ele é então? Um vampiro? Um vampiro caucasiano de quatrocentos e



MALACHI
AND

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

dezoito anos, viciado em café, amante de carne, sem caninos, que já foi príncipe na Índia? É essa a história que está tentando me vender?

— Preciso que tenha a mente aberta quando lhe digo isto.

— Claro! — Desliguei o fogão e mudei a panela para outro boca. — Estou aberta, por favor continue, vou tentar não me transformar num morcego e voar para longe.

— Já acabou?

Mantive-me em silêncio para que ele pudesse falar, embora uma parte de mim se perguntasse se haveria um acordo dois por um no hospital psiquiátrico.

— Agora que está em silêncio, não sei como te explicar isto.

— Avô! Já estou no limite, não se pode fazer piadas...

— Não estou brincando. Malachi é o antigo príncipe do Império Mongol. — Ele repetiu e não souo mais credível do que há um minuto.

— Não tenho palavras. — Na verdade, o meu cérebro quis dar-me um pontapé no crânio e fugir porque, aparentemente, já não era necessário pensar racionalmente.

— Foi difícil para mim acreditar também. — Ele tossiu uma vez e eu ouvi o que souo como um sinal sonoro, mas falou um pouco mais alto. — Esther, Malachi não é apenas o príncipe do Império Mongol. Ele já foi Romeu Montague para Julieta, Obinna o Grande para Adaeze, Lancelot para Guinevere, Wei Xiao para a Princesa Changping...

— Avô. — Só sorri porque tinha certeza de que ele estava brincando comigo. — Está tentando me dizer que Malachi Lord, o romancista, é a reencarnação de todos os heróis mais trágicos e icônicos de toda a história?

— Sim. — Recebi a resposta. Mas não do avô.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Virei-me para ver o próprio homem... o próprio herói trágico, encostado ao corrimão das escadas. — Posso beber um pouco? — Ele acenou com a cabeça para a panela.

— Ele vai explicar.

— Avô! — Mas ele tinha ido embora, deixando-me com o homem que tinha acabado de me dizer que tinha vivido cinco vidas diferentes vezes. Agarrado ao seu lado, ele veio na minha direção – não – em direção à panela de comida, e eu afastei-me enquanto segurava o telefone no meu peito olhando para ele, enquanto ele pegava a colher que eu tinha usado para mexer e enchia a tigela até que ela mal transbordava. Pousando a panela, ele levantou a tigela até aos lábios e bebeu profundamente até não restar nada a não ser o arroz, a carne de vaca e as cenouras. Depois virou-se para mim, as olheiras ainda estavam lá, mas não estavam tão escuras como antes.

— Você se importa se eu termina isso? — Ele apontou para a panela.

Sem dizer uma palavra, acenei com a cabeça que ele podia ir em frente. E foi o que ele fez. Ele derramou o resto na tigela, pegou numa colher e sentou-se lentamente no chão, desta vez usando a colher para se alimentar.

— Está bom?

— É horrível, mas estou com fome. — Respondeu ele, enchendo o sua boca novamente.

— Ei! Você não tem que comer seu idiota! Coloque de volta se é tão horrível.

Ele finalmente riu olhando por cima da tigela. — Como você vai me obrigar a fazer isso quando está com muito medo de se mover?

— Não estou com medo.



— Você circulou lentamente à minha volta como se eu fosse um monstro do qual você estava tentando fugir.

— Desculpe...

— Não estou ferido. Estou aliviado que tenha o bom senso de desconfiar de homens como eu. — Ele enfiou outra colherada na boca.

— Não sei se você está me elogiando ou me insultando. — Respondi enquanto me sentava lentamente em frente a ele.

— Ambos. Nenhum dos dois. Eu também não tenho a certeza. — Disse ele enquanto continuava comendo.

Sentei-me em silêncio até ele terminar. Ele respirou fundo e disse. — Não sei como explicar... O Alfred é o único a quem já contei e ele não precisava de muitas provas.

— Vergonha para ele. — Ia precisar de provas e de muitas delas. — O meu avô é um homem de ficção científica e de thriller. Eu? Eu sou uma romântica inflexível. Então você não pode me dizer que já foi Romeu Montague, o Romeu de Shakespeare, Romeu e Julieta e receber um passe de oh-isso-soa-legítimo de mim.

— Eu não era Romeu Montague, o Romeu de Shakespeare, Romeu e Julieta. — William tomou liberdades com a nossa história. Tal como Arthur Brooke e antes deles os dois, Masuccio Salernitano. Eu era Romeu Montecchi de Verona e Julieta não era Julieta, mas Giulietta Capuleti em 1378. Nós não nos casámos, mas jurámos. Tentei fugir para o Egito, mas foi-me dito que Giulietta precisava me ver na igreja em que nos prometemos. Cheguei apenas para ser esfaqueado. Giulietta não se matou, mas morreu de ataque cardíaco quando veio à igreja para tentar avisar-me de que se tratava de uma armadilha. Além disso, nunca houve uma Rosaline, por que William acrescentou ela eu nunca vou entender.



Eu tive que colocar minha mão na minha cabeça, porque parecia que o mundo estava girando. Onde eu deveria começar com isso? Sendo o menos importante o fato de ter chamado um dos maiores escritores de todos os tempos William como se o conhecesse pessoalmente. Ou devo começar a partir do mais importante-que ele tinha acabado de arruinar completamente a história para mim!

— Você... isto... o quê... ó meu Deus, já não sei quem é louco. — Eu joguei minhas mãos para cima. — Não, isso é uma mentira. Eu sei que eu não sou louca. Você ouve a si mesmo?

Ele suspirou assim que se levantou e foi para a pia. Ao abrir a torneira, colocou sua tigela e também alcançou a panela. Foi só quando comecei a levantar-me do chão que ele voltou a falar.

— Eu não posso fazer você acreditar em mim. Com toda a honestidade, eu gostaria que Alfred não tivesse dito a você. Você acha que eu quero ser assim? — Ele fez uma pausa enquanto apertava a esponja com força. — Você sabe como é doloroso lembrar não só como você mesmo morreu, mas como a pessoa que você amava morreu?

Eu não disse nada e ele continuou a esfregar a tigela com mais força. — Novecentos e noventa e nove vezes, foi quantas vezes me senti morrer, e a vi morrer. E alguns dias eu não posso respirar, eu não posso comer, e eu temo que se eu fechar meus olhos eu vou cair em outra memória e assistir impotente como tudo desmorona! Estou cansado de viver assim. Quem me dera estar louco, te juro que sim, porque, pelo menos, haveria algum tipo de droga que pudesse me poupar a esta agonia! Em vez disso, eu tenho café para me manter acordado à noite! NOVECENTAS E NOVENTA E NOVE VEZES que a amei e isso só nos levou à morte. Portanto, que se lixe! Que se lixe o amor! Que se lixe o romance! Eu não quero isso! Vou morrer sozinho na floresta antes de voltar a isso!



A tigela estilhaçou-se quando ele a atirou para a pia. Ele agarrou a borda do balcão e pendurou a cabeça. Aproximei-me lentamente e coloquei as minhas mãos sobre a dele.

— Eu acredito em você e é....triste. — Sussurrei.

Ele me olhou de relance. — É pior que triste, é um pesadelo. Não sei porque estamos sendo castigados desta maneira...

Ele voltou a agarrar a sua cabeça.

— Outra... memória? — Perguntei agarrando-me a ele rapidamente.

— Vou me deitar. — Sussurrou e se afastou de mim.

Observei enquanto ele caminhava, quebrado, cansado, e cada vez mais miserável, de volta para as escadas. Ele subiu uma de cada vez, como se o peso do mundo estivesse tentando puxá-lo de volta para baixo. Quando ele se foi, virei-me para a tigela partida no lavatório.

— Eu te disse que ele era romântico. — Sussurrei enquanto pegava cuidadosamente nos pedaços. Novecentas e noventa e nove vezes ele tinha amado a mesma mulher, a única mulher no mundo para ele, a sua alma gêmea. Não foi triste porque eles morreram. Foi triste porque ele não parecia perceber que ela o amava de volta, todas as novecentas e noventa e nove vezes, ela o amava mesmo sabendo que isso iria matá-los aos dois e agora ele tinha decidido rejeitá-la. Essa era a parte triste.

Talvez eles voltem a se encontrar?

Espera, eu realmente acredito nisso?

— Merda. — Olhei para baixo para ver que tinha cortado o meu dedo num pedaço da tigela partida. Enfiando o meu dedo na boca, atirei rapidamente os pedaços partidos para o lixo e acabei a limpeza.

Não importava se eu acreditava nisso. Ele acreditou e estava de luto por causa disso.



Capítulo Oito

A terra dos vivos

MALACHI

BEEP... BEEP... BEEP...

— O que no...

— São 8 da manhã.

— Ah! — Sibilei enquanto o sol atacava meus olhos, forçando-me a rolar. — Vai embora... — A minha voz vacilou enquanto o cheiro de ovos mexidos, batatas fritas, bacon, torradas francesas, e o melhor de tudo, café, encheu o meu nariz. Abrindo os olhos, vi a comida em uma bandeja ao lado do meu rosto. Fiquei tão hipnotizado pela comida que nem reparei nela até ela colocar um urso de origami azul ao lado do conjunto de talheres que não só estava deitado, mas também dobrado num guardanapo. — Sente-se e coma antes que fique frio. — Ela pediu enquanto se levantava do seu lugar em frente a bandeja e eu vi suas polainas verde escuro com as palavras Lieber Falls escritas em branco desaparecer no meu banheiro. — Que diabos você está fazendo? — Perguntei enquanto me sentava e fiquei consternado ao descobrir que não se parecia nada com o meu quarto. Estava impecável. Não pensei que a madeira pudesse brilhar e mesmo assim o chão do meu quarto era tão perfeito que eu tinha a certeza que conseguia ver o meu reflexo. Olhei para o lado...

— Onde estão os meus quadros?!

Ela colocou a cabeça de fora do meu banheiro. — Na sala de arte.

— Sala de arte? Que sala de arte?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— O quarto vazio ao lado do quarto de hóspedes. Também desempacotei lá o resto das caixas. Havia um sótão... espera, não.

— Não pode simplesmente mover as minhas coisas...

— E você não pode simplesmente morrer. — Ela estalou ao agarrar o lixo do meu banheiro e dirigir-se para a porta. — Você está vivo. Talvez queira morrer. Podes sentir que está morrendo, mas você, Senhor Malachi, está vivo. E você é da minha responsabilidade. Eu não vim aqui para umas férias. Vim aqui porque prometi ao meu avô que te ajudaria a produzir o seu melhor trabalho até agora. No entanto, na semana em que estive aqui, não escreveu nada. Nem sequer sabe que dia é hoje, a menos que eu te diga.

— Consegui escrever suficientemente bem e viver perfeitamente bem...

— Que dia é hoje? — Perguntou ela, os seus olhos castanhos me encarando. O cabelo dela foi puxado de volta para um rabo de cavalo grosso e encaracolado.

— Não preciso lhe responder. Esta é a minha casa...

— Não. — Ela puxou do telefone e leu. — Propriedade #283, Lieber Falls, Montana. Proprietário: Editora Penohxi. Locatário: Malachi Lord. Estou enviando a você o contrato que obviamente não leu. — Ouvi o meu telefone vibrar no chão, mas não olhei para ele enquanto ela continuava com as suas ordens.

— Você não é dono desta casa. O meu avô, o homem que tem cuidado de você desde criança, é dono desta casa. Por isso não vou deixar que a trate tão mal como tem tratado a si próprio. Os livros que escreves também são propriedade da Editora Penohxi, e talvez você não se importa com o seu trabalho. Mas eu me preocupo. Milhões de pessoas importam-se. E nós prometemos-lhes que você teria um novo livro no próximo ano. Eu o confirmei online. Por isso,



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

se precisar de te dar de comer, eu dou. Se eu precisar carregá-lo nas minhas costa, carrego. Não por você. Mas pelo meu avô, e por todas as mulheres de quem me tornei amiga e que estão à sua espera. Eu não vou decepcioná-los.

Enquanto ela falava, os seus olhos ficaram lacrimejantes e eu sentia o desejo de me afastar dela. Ela limpou os olhos com a manga do seu suéter.

— O que você está olhando? Coma! Junte-se à terra dos vivos. Eu tive que ir na cidade para que o café da manhã.

— Você andou na minha moto?!

— Não. Eu comprei uma bicicleta enquanto você estava tentando se tornar um com sua cama! — Ela gritou de volta. — E obrigada por ser grato. Estou tirando o lixo!

Ela murmurou algo numa língua que eu não compreendia quando saiu. Fiquei ali um momento atordoado antes de, lentamente, me afundar de novo no meio da minha cama. Chegando ao prato, dei uma mordida no bacon.

— Caramba. — Era bom... muito bom. Enchi a minha boca como um selvagem, comendo as torradas francesas em duas mordidas antes de chegar ao garfo, e antes de mais uma vez reparar no origami azul.

Abra-me.

Com cuidado, abri-o lendo a sua letra ironicamente graciosa no centro do papel.

“A Lei de Gavin: Viva para começar. Comece a viver - Richie Norton”. Eu li a citação antes de ler as instruções dela com o seu nome. “Primeiro passo: Coma. Segundo passo: Fazer a barba e tomar banho, por favor. Terceiro passo: Vestir-se confortavelmente para um passeio.” Subconscientemente,



alcancei e toquei o crescimento do cabelo que tinha brotado na minha bochecha.

Deixando cair o papel, peguei no garfo e comi rapidamente... um hábito que aparentemente não conseguia quebrar. Porquê? Eu não tinha a certeza. Mas ao tomar o café, bebi-o como normalmente fazia, mas quase amordaçado.

—O que no...

— É descafeinado. — Ela entrou no meu quarto como se fosse dona do lugar... bem, aparentemente ela pensou que sim, embora eu tenha a certeza de que o Alfred provavelmente não tencionava que ela usasse esse fato contra mim. Uma vez que eu podia pegar e mudar-me em qualquer altura, o Alfred alugou-me lugares para que não houvesse um rastro de papel para o caso de eu querer mesmo desaparecer.

— Não é café se for descafeinado.

— O café não é bom para você.

— Viver não é bom para mim.

Ela fez uma cara para mim. — Isso é porque está vivendo mal.

— Realmente? E o que faz de você uma especialista em viver...

— Eu me aventurei lá fora. — Ela sentou-se à minha frente e colocou uma garrafa de água na bandeja. — Você não pode ser um idiota porque está com dor. Todo mundo tem ou está em com alguma dor...

— Não assim. Não faz ideia...

— A minha mãe tentou me matar quando eu tinha cinco anos. — Ela soltou e eu congelei enquanto ela estendia a mão para o prato e me roubava um pedaço de torrada. — Não me lembro muito disso, bloqueei tudo. Só me lembro dela me dizendo que era hora do banho, e quando entrei ela me segurou debaixo da água.



— Eu... — Não tinha a certeza do que dizer a isso.

Ela acenou lentamente enquanto mastigava e depois engolia. — Você sabe como... bem, provavelmente não sabe, mas os filhos dos grandes de Hollywood... alguns deles não se dão muito bem quando crescem. Alguns dizem que é a pressão, outros dizem que foi todo o dinheiro e nenhuma supervisão. Drogas, bebida, festas... um dia, quando tinha dezessete anos, foi estuprada. Ela não sabia por quem nem quantos. O meu avô ficou de coração partido e dedicou o seu tempo a tentar ajudá-la. Ele tentou encontrar os homens, mas nunca o fez, e quando ela soube de mim queria fazer um aborto. Pediu dinheiro para o procedimento, mas em vez disso usou-o para se drogar. Ela usou-me para tirar dinheiro do meu avô antes mesmo de eu nascer.

Ela inalou profundamente e relaxou novamente. — Eu acho que ela pensou que ela sempre poderia apenas se livrar de mim, mas esperou muito tempo. Quando ela deu à luz, ela me deixou em cima do velho Mercedes do meu avô em cima da neve. Meu avô me chamou de Esther “a estrela mais brilhante que ele já viu” e se mudou para Nova Iorque, tornando-se minha mãe, meu pai e meu avô.

— Quando eu tinha cinco anos, a minha mãe voltou, ela estava limpa, tentou realmente, realmente me amar, mas não conseguiu se curar, ressentiu-se de mim e tentou me matar. O meu avô expulsou-a e nunca mais a vi desde então. Mas eu a amo. Eu a perdoei. E espero que ela esteja bem onde quer que esteja... porque compreendo que a minha dor não me deve cegar da dor de outras pessoas. Está sofrendo, Malachi, mas não é a única pessoa neste planeta a sofrer. Não importa quantas vezes tenha acontecido, não pode dizer que ninguém sofre como você. Isso não é justo. De qualquer forma, vou esperar lá em baixo para você se preparar.

Chegando para pegar outro pedaço da minha torrada, agarrei-lhe no braço.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Se nossa dor é igual. Por que eu deveria desistir da minha comida?

Ela fez beicinho e eu fiz beicinho zombando dela o que a fez rir. — Muito bem, fica com a torrada. Mas amanhã vou ter o dobro.

— Amanhã? — Eu olhei para ela.

Ela esticou as costas e acenou com a cabeça. — Você terminou o livro?

— Alguém lhe disse que você... — Fiz uma pausa.

— Oh.... — Ela sorriu e apontou para mim. — Você ia me chamar de irritante, mas se lembrou do meu passado e parou, certo? Ah! Então você tem um coração!

Levantei-me, tirei as minha calça. — Você vai ficar e assistir também?

Ela acenou para mim. — Eu estou indo, eu estou indo. Não que você teria qualquer efeito em mim de qualquer maneira.

— Desculpe?

— Gosto um pouco mais dos meus homens...em forma...e você sabe, não atualmente em uma saga de amor épico perpétuo com alguma outra mulher misteriosa.

— Ela não é um mistério. Ela é a sua colega de trabalho. — Falei enquanto entrava no banheiro e fechava a porta.

— Nem pensar! Quem é, Malachi?

— Desculpe, eu não posso ouvi-la, uma mulher ditatorial está ordenando eu comer, barbear e tomar banho.

— Não esqueça do passeio.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Vai embora, Esther! — Gritei para porta, revirando os olhos, embora ela não conseguisse me ver.

— Se pensa que vou deixar passar isso, não me conhece! — Gritou ela de volta.

Eu não a conhecia. Embora a sua personalidade me fizesse lembrar o Alfred.

— Dar, continuar dando, se dedicando mesmo quando não tem. — Murmurei para mim mesmo enquanto examinava a navalha e a escova de dentes novinha em folha que ela tinha comprado e colocado em cima de um conjunto de toalhas novas e bem verdes.

Ambas eram... as únicas duas pessoas na minha lista de contatos. Eram as duas únicas que conheciam o meu segredo...o nosso segredo.

ESTHER

— Athena? Piper? Mei-Ling?

— Pela última vez, não te vou dizer! — Gritou-me ele enquanto andávamos.

Ignorando-o, tentei lembrar-me dos nomes das minhas colegas de trabalho...estalando os dedos, voltei para ele. — Chioma, das vendas.

Ele suspirou. — Sim. Chioma, das vendas. É ela. O meu amor há muito perdido.

— Não é divertido quando você desiste. — Eu franzi a sobrancelha enquanto enfiava as mãos no bolso do colete e inalava o frio, ar fresco.

— Alguém já te disse que você é imatura?

— Sim. — Fiz uma pausa voltando-me para ele. — Tentei crescer, mas ninguém me disse como seria terrível, por isso



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

decidi parar de envelhecer depois do meu vigésimo terceiro aniversário.

Eu ri enquanto saltava sobre a árvore caída coberta de musgo e tirava o pó das minhas mãos. Ele também saltou sobre ela, embora o tenha feito com mais facilidade e graciosidade do que eu, o que foi um pouco irritante. Quero dizer, ontem, ele foi perseguido pela dor e agora aqui estava ele saltando sobre as coisas melhor do que eu.

— Como exatamente você planeja fazer isso? — Ele perguntou enquanto ele se abaixava para amarrar minhas botas enquanto eu estava lá em choque. — Isso tem-me incomodado nos últimos dez minutos.

—Obrigada...

— Então o seu plano é ficar na casa dos vinte anos?

Eu sorri e apontei para ele.

— O quê?

— Já viveu novecentas e noventa e nove vezes, certo? Alguma hipótese de ter encontrado a fonte da juventude em alguma delas?

Ele parecia genuinamente interessado no meu plano até eu o dizer em voz alta, foi então que ele se afastou de mim e continuou a andar. — Você é uma lunática.

— Eu sou uma lunática? — Ele não podia estar falando sério. — Você é o único que afirma viver...

— Afirma? E eu pensei que você acreditava! Você é só conversa, Srta. Noëlle.

Eu queria chutá-lo na parte de trás de seus joelhos, mas eu olhei para a parte de trás de sua cabeça, em vez disso, antes de perceber algo.



— Você nem sabe para onde estamos indo, então por que está me levando? — Corri para acompanhar o seu ritmo, mas ele parou tão subitamente que quase me bati contra ele.

Virando-se ligeiramente, os seus olhos azuis estreitaram-se para mim. — Pensei que estávamos só a andar para me fazer falar.

— Não, estamos a pegando um atalho, vamos. — Desviei-me do caminho e empurrei cuidadosamente os ramos para a minha esquerda e direita, enquanto o Sr. Gigante atravessava o caminho.

— Acabou de chegar aqui, como sabe que tem atalho...? — A sua voz foi-se arrastando enquanto estava à beira da clareira da floresta, e ali, sob a proteção das imponentes árvores verdes, estava um lago magenta de flores tão espesso que não se via uma única fenda entre elas e tão profundo que cresceram até aos meus joelhos. Não importava a estação do ano, ou mesmo o tempo, as flores magenta que atapetavam o chão ficavam altas, brilhantes e orgulhosas.

— Esther?

Ao ouvir o meu nome, olhei para cima com um sorriso para o casal de velhos que estavam do outro lado do lago de flores.

— Sra. Yamauchi! — Acenei, vendo como ela virava e empurrava a cadeira de rodas do marido para a única falha no lago, um caminho que ela tinha criado para que pudesse levar o marido sempre que pudesse. Voltando-me para Malachi, que agora olhava para eles confuso, agarrei-lhe no braço e puxei-o. — Venha, vou te apresentar.

Sem uma palavra, ele permitiu que eu o arrastasse até aqui. Rezei para que ele não estivesse prestes a ruir novamente. Por favor... ele precisava disso mais do que ninguém. O caminho que a Sra.

Yamauchi tinha criado através das flores só corria do seu lado do campo em direção ao centro, o que significava que Malachi e eu tínhamos de caminhar através das flores magenta, o que



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

infelizmente danificava e estragava o campo, assim que o fazíamos. O Sr. Yamauchi sentou-se calmamente enquanto ela o empurrava para a frente. O seu rosto branco estava tão enrugado como o dela, embora tivesse mais algumas manchas de idade no rosto e nas mãos, que ele mantinha dobrado no colo. O seu gorro de golfe castanho-riscado cobria o seu cabelo cinzento prateado. O par correspondente da Sra. Yamauchi também estava na cabeça dela, os seus cabelos grisalhos puxados num coque.

Soltando Malachi, apertei as mãos juntas enquanto me curvava em saudação. — Ohayō!

— Ohayō! — A Sra. Yamauchi riu-se enquanto se movia em volta da cadeira do seu marido para me dar um abraço. Ela separou-se de mim após alguns segundos para olhar para Malachi. — E olá para você, bonito.

Entrei em pânico na esperança de que ele não fosse rude como sempre, mas para minha surpresa, ele apertou as mãos como eu fiz e se curvou. — Ohayō gozaimasu.

Ele sabe japonês? A maioria das pessoas que conheci que não conhecia a língua ou repetia o que eu disse ou dizia "Konnichiwa", embora isso fosse mais para dizer boa noite. Ohayō ou Ohayō gozaimasu era para cumprimentar as pessoas pela manhã. Ela saudou-o de volta, sorrindo gentilmente ao aproximar o marido de nós.

— Malachi Lord, apresento-lhe Kikuko e Kosuke Yamauchi, futuras lendas e o casal mais velho de Lieber Falls.

— A quem está chamando de velho? Oshaberi.

Malachi riu-se e eu virei-me para olhar para o traidor enquanto ele fingia pensar sobre o assunto. — Oshaberi? Tagarela? Encaixa.

— Ninguém te perguntou.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Desculpa, Oshaberi. — Ele sorriu quando olhou para os dois. — É um prazer conhecer as futuras lendas e o casal mais doce de Lieber Falls.

— Eu gosto de você. Ela veio e o abraçou, o que fez com que Malachi ficasse tão rígido como uma tábua.

Agachada ao lado do Sr. Yamauchi, coloquei gentilmente as minhas mãos marrons sobre as suas enrugadas, dizendo-lhe em inglês, — Eu preciso de ajuda. Eles vão se juntar contra mim se você não me ajudar.

Ele virou-se para me enfrentar, os seus olhos negros eram como cavernas escuras. Eu podia olhar, mas não conseguia ver

— Eu te conheço? — Ele falou pela primeira vez desde que todos nós tínhamos nos encontrado. Mas depois olhou de relance para Kikuko e Malachi perguntando. — Eu conheço todos vocês?

Kikuko apertou o ombro dele e disse, — Sim. Eu conheço você. Você me conhece também. Espere, você vai se lembrar.

Ele voltou o seu olhar para as flores, e Kikuko, que não estava nem um pouco perturbada, tirou um cobertor grosso e escuro da mochila que estava pendurada na cadeira.

— Eu vou...

Malachi tomou dela. — Onde quer que eu coloque?

— Aqui está bem, obrigada.

Com um aceno de cabeça, ele colocou cuidadosamente, assegurando que não havia sequer uma ruga... porque aparentemente conseguia pensar nas outras pessoas. Aparentemente, só eu é que não importava.

— Esther?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Sim? — Eu olhei para ela enquanto ela estendia a lancheira bento¹³ para mim. Olhei para os recipientes transparentes. — Não, você não...

— Pauzinhos ou um garfo? — Ela levantou os dois, cortando-me propositadamente o que significava que não aceitava um não como resposta.

— Pauzinhos, por favor. — Cedi, aceitei-os e à garrafa de água que ela me entregou.

— Espero que esteja com fome, Malachi.

— Faminto, na verdade. — Ele caminhou em sua direção e aceitou a lancheira e os pauzinhos. — Esther, como pode deixá-lo morrer de fome? — Kikuko franziu a sobrancelha para ele enquanto ela lhe dava também uma garrafa de água.

A minha boca ficou aberta. — O quê? Eu não sou a sua... — Eu parei e ela o notou rindo de mim.

— Enfermeira? Criada? — Perguntou ela, ao colocar um guardanapo à volta do pescoço do Sr. Yamauchi, e deu-lhe uma colher juntamente com a sua comida.

— Eu não sou a mulher dele. Mas de alguma maneira, acabei por lhe fazer o pequeno-almoço esta manhã.

— De alguma maneira? — Malachi tirou os sapatos e deixou-os na borda do cobertor antes de se sentar. O que lhe teria dado crédito se ele não estivesse atualmente implicando comigo. — Então você não se



13



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

lembra que ninguém lhe pediu para entrar no meu quarto, me forçar a sair da cama e exigir que eu comesse esta manhã?

— Me pediram. Meu avô me pediu, lembra? Dá para acreditar? Você pode acreditar? Meninas da minha idade estão recebendo ursos de pelúcia gigantes e vinte dúzias de rosas. Eu? Estou tentando manter um homem de trinta anos vivo. Aigoo. — Suspirei cansada.

— Trinta. — Sussurrou o senhor Yamauchi e eu parei imediatamente de falar para o ouvir. — Boa idade. Trinta anos. Em cima do penhasco.

Ele acenou para si próprio enquanto enfiava uma pequena bola de arroz na boca, enquanto olhava para as flores. — Acho que já estive aqui antes.

Kikuko sorriu enquanto tirava os sapatos, e sentou-se no cobertor junto às pernas dele enquanto ele voltava para a sua névoa mental. Segui-os e tirei os meus sapatos e sentei-me também. Queria perguntar-lhe uma coisa, mas o Malachi interrompeu-me.

— Porque que trinta anos é uma boa idade se estiver em cima de um penhasco?

Kikuko respirou fundo e virou-se para mim. — Posso dizer-lhe agora?

— Por favor, faça.

— Eu estou supondo baseado nos quatro almoços para nós quatro que esta reunião não é uma casualidade? — Malachi perguntou olhando entre nós. — Então o que precisa me dizer?

Os olhos negros de Kikuko olharam para ele. — Por que Kosuke e eu somos as futuras lendas desta cidade.

Dando-lhe toda a minha atenção, esperei ansiosamente que ela começasse. Afinal de contas, quando é que eu poderia ver



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

um verdadeiro mestre rakugo? Muito antes do teatro, dos filmes e até dos romances, havia o rakugo - a arte de contar histórias. Todos podiam contar uma história, mas muito poucas pessoas podiam tornar-se uma. Rakugos poderia atuar o papel de dezenas de personagens fazendo você acreditar que cada um era um indivíduo separado contido em um ser. Não qualquer um... mas, Kikuko Yamauchi.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Nove

A próxima lenda do Kosuke & Kikuko Yamauchi

MALACHI

Ela sentou-se de joelhos e colocou um pequeno leque de papel à sua frente. Esperámos tranquilamente, Esther e eu, vendo como ela tirava o chapéu, revelando o seu cabelo, que estava fino e preto, e colocava-o para trás de si. Quando ela olhou para nós dois, sorriu, e quando a Kikuko sorriu espalhou-se por todo o seu rosto. Os seus olhos tornaram-se pequenos e, devido à sua idade, tinha rugas em volta da boca, mas usava-as com orgulho.

— Perdoem-me, há tanto tempo que não faço isto. — Falou suavemente enquanto respirava fundo, pegou no seu leque e começou.

— A menina tinha seis anos e não compreendia o medo que a rodeava... — Ela começou a apertar o leque como se fosse parti-lo em dois. — Porque é que a sua mãe andava depressa, mesmo durante o dia, apertando-lhe a mão, e sim a mão toda porque a menina era pequena, a mais pequena das crianças Sato, e como a única menina, a sua mãe segurava-a como se ela temesse que elas nunca mais se tocassem. — Ela abriu o seu leque e se vangloriou ligeiramente. Com alegria acrescentou. — Um pensamento, uma possibilidade, uma oportunidade que nunca tinha passado pela cabeça da menina porque ela não conhecia a América, apesar de ter nascido ali, de ter sido criada ali e de ser onde ela estava.

A América não era apenas um lugar ou um país, era ela. A terra dos livres e a casa dos corajosos era ela. Então ela caminhou livremente para a casa do seu tutor na esquina da Maple com a Fifth Bank.

Chegou mesmo a ficar até tarde alguns dias, e porque era corajosa não temia o escuro.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

De repente, ela fechou o leque apertando-a com as duas mãos. O sorriso dela caiu e os olhos dela pareciam agora enfadonhos quando a voz dela ficou dura, mas não sem emoção. Em vez disso, ela estava cheia de uma mistura de confusão, dor e tristeza.

— Ela não temia o escuro para que os monstros não vinham do escuro. Eles não vinham com garras, nem com dentes afiados, nem com olhos vermelhos. Porque eles não eram monstros, eram pessoas. E apesar de não terem garras, ainda tinham uma arma nas mãos - papel. Papel importante. O papel dizia à menina pequena que ela não era americana, era japonesa e por causa disso já não podia andar livremente, e o pai disse-lhe para nunca mostrar a coragem do seu coração porque isso seria confundido com traição.

— A menina pequena ainda não compreendia, mas seguia o resto da sua espécie, ela tinha agora uma espécie separou-se da outra a que a tirou da sua casa em Fifth Bank para a sua nova casa em Camp Bella Vista – assim chamada porque também lá havia italianos. Os italianos disseram à menina o que os seus pais e irmãos não lhe queriam dizer; que a América estava em guerra, uma guerra mundial, e que eles estavam combatendo uma espécie particular. Por isso não podiam continuar a ser dessa espécie. Camp Bella Vista não era um campo, mas uma prisão com uma bela vista.

— A menina chorava porque não entendia, ela era das duas espécies, queria ser boa para os dois, mas isso era traição, e assim todos os dias, ao pé da cerca, ela chorava mesmo quando a neve começou a enterrá-la nessas primeiras semanas de março.

Ela curvou-se enquanto o seu corpo tremia e quanto mais eu olhava para ela, menos ela parecia estar ali até eu pestanejar e eu estava olhando para a menina sentada na neve junto a uma cerca e soluçando tanto que a sua respiração não passava de suspiros,



e quando ela conseguia pôr ar suficiente nos seus pulmões, ela chorava ainda mais.

Março de 1942 - Camp Bella Vista, Montana.

— Como pode estar chorando? — Um garoto elevou-se sobre ela. O seu cabelo preto estava molhado de neve e as suas orelhas brancas estavam lentamente a ficar vermelho vivo do frio.

A menina olhou para ele e limpou o rosto. — Estou triste!

— Eu sei, mas como é que ainda pode ter lágrimas? — Perguntou ele curiosamente enquanto enfiava a sua cara redonda diretamente à frente da dela.

— O quê? — Ela puxou a cabeça para trás e olhou fixamente para ele.

Ele ficou a olhar para ela. — Chorou aqui ontem, e no dia antes de anteontem, e no dia antes desse. Como é que ainda tem lágrimas?

— Eu bebi o oceano! Deixem-me em paz! — Ela empurrou-o para longe e levantou-se do seu assento de neve enquanto marchava furiosamente para outra parte da cerca de arame farpado.

— Você tem neve no seu traseiro! — Gritou ele atrás dela.

Ela saltou como se tivesse sido chutada e girada para olhar para ele, ao mesmo tempo em que colocava as mãos atrás das costas. O garoto riu dela.

— Adeus, bebê chorão!

— Eu não sou um bebê chorão!

— Sim, você é!

— Não, eu não sou!

— Hey! — Os dois saltaram ao som da voz do guarda. As suas botas pretas esmagaram a neve debaixo dele enquanto



ele andava para a frente, a sua espingarda castanha repousando no ombro do seu casaco de uniforme castanho-oliva. O garoto correu para menina e pegou-lhe na mão.

— Desculpe! — Disse ele rapidamente para os dois.

O oficial olhou para eles. — Onde estão os seus pais? Porque estão os dois andando por aqui?

— Porque nós queremos. — A menina murmurou e o garoto ficou na sua frente.

— Porque queríamos ver o veado. — Ele apontou através da cerca, e mesmo que a linha das árvores ainda estivesse um pouco longe, havia ali, de fato, um veado. — Queríamos que se aproximasse, mas ela continuou a chorando porque está com frio. Por isso, vou levá-la agora para casa.

Ele esperou que o guarda assentisse antes de pegar na mão dela e correr. Ele correu com ela o mais rápido que as suas pequenas pernas puderam levá-los, mas antes que eles pudessem chegar à segurança do acampamento, um tiro de espingarda soou atrás deles. Ele empurrou-a para baixo pensando que era contra eles que o oficial disparava, mas quando olhou por cima do ombro viu o guarda e alguns outros a dirigirem-se para o veado. Respirando fundo, ele se levantou e bateu na menina na parte de trás de sua cabeça.

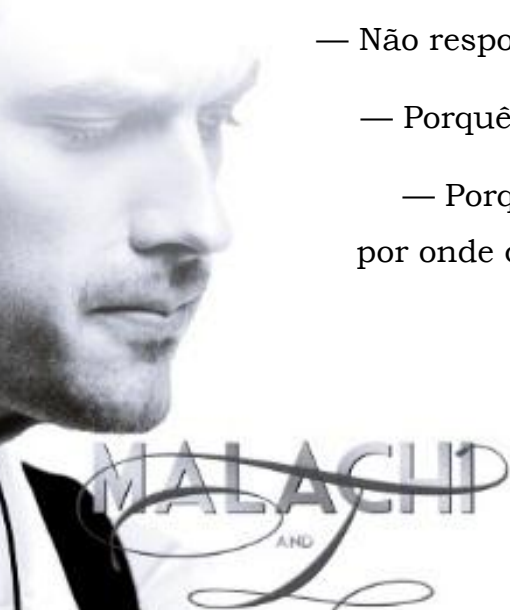
— Você está louca?!

— Ouch! — Ela gritou de volta para ele.

— Não responda eles.

— Porquê?

— Porquê? — O garoto olhou para ela como se nem soubesse por onde começar e ela continuou a falar.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Porque é que tenho que parar de falar? Porque é que tenho de estar aqui? Porque...

— Porque a vida não é justa. — Ele falou ao cruzar os braços, numa tentativa de se fazer parecer mais velho do que era, mas o feito era demasiado assustador e por isso suspirou enquanto abaixava os braços e coçava a parte de trás da cabeça. — É o que diz o meu pai, ele lutou a primeira vez que o mundo esteve em guerra e diz sempre que a guerra não é justa para ninguém, por isso não é justo que estejamos aqui. Mas não podemos andar por aí causando problemas, porque não é justo que o que fazemos prejudique também outra pessoa. O seu pai está doente, certo? Se os irritar, e eles não deixarem o médico vê-lo?

Ela parou de se mexer como se ele tivesse acabado de quebrar o pouco orgulho que lhe restava.

— Tem que ser forte pelo seu pai, Kikuko. — Disse ele enquanto se inclinava e lhe tirava a neve.

— Todos me chamam de Daisy agora. — Ela franziu a sobrancelhas e depois percebeu. — Como é que sabe o meu nome?

O garoto sorriu. — O seu irmão, Tsutomu, disse-me que tinha uma irmãzinha chamada Kikuko que nunca brinca conosco, mas que podíamos encontrar se seguissemos o choro.

— Eu não sou um bebê chorão! — A menina bateu o pé.

Ele acenou com a cabeça e depois estendeu a mão. — Kosuke Yamauchi.

Ela não queria apertar a sua mão, pelo que se virou e marchou para longe.

— Adeus, Daisy

— Não Daisy, Kikuko! — Gritou ela. — A minha mãe deu-me esse nome.



Ele tinha-se despedido, mas em vez disso, estava caminhando na sua direção. — Onde está a sua mãe?

A menina olhou para o céu. — No céu com a minha irmãzinha. O meu irmão disse que a viagem era ruim para ela.

— Desculpa, Kikuko, mas...

— O quê?

— Podemos ir para dentro agora? Está frio! — Suplicou ele enquanto lhe agarrava na mão e a conduzia para um dos alojamentos.

E, sem mais nem menos, estava olhando para a Kikuko enquanto ela estendia a mão enquanto era conduzida pelo garoto até ao alojamento. Lentamente a sua mão caiu de novo no seu colo e ela abriu parcialmente o leque de papel e abanou a sua cara.

— E foi assim que a famosa dupla, que era conhecida por todos na prisão Bella Vista, se conheceram. Eles eram muito jovens e inocentes para perceberem que estavam se apaixonado um pelo outro. Os dois se uniram pelo objetivo comum de tornar a vida um pouco melhor e discutiram sobre como fazer isso. Eles discutiam sobre tudo. Se Kosuke disse que ia nevar, Kikuko disse que ia ser o dia mais quente do ano só para o irritar..., mas nunca o fez, o que a deixou irritada em vez disso.

— As crianças mais novas achavam hilariante assistir e logo os seus irmãos mais velhos iriam assistiam, e o som do riso das crianças faziam os avós virem, e o som do riso dos mais velhos trazia os adultos. Com os adultos vieram os guardas. E antes que Kosuke e Kikuko pudessem ficar sem ideias, eles receberam ideias de outros e foram ensinados pelos mais velhos o ofício de contar histórias. E no dia da sua primeira verdadeira atuação de rakugo - que poderia ter sido confundida com um casamento por causa de quantas pessoas riam - O céu abriu-se e a chuva caiu e Kikuko olhou para o Kosuke e, de



forma provocadora, perguntou: — Você vai ficar sobre mim e ser o meu guarda-chuva?

Eu não tinha reparado nela desde o início dessa história. Mas quando Esther se sentou e se inclinou ansiosamente para ouvir a sua resposta, eu não pude deixar de abanar a cabeça.

— Vá para a chuva. Kikuko continuou a falar como se fosse Kosuke. A sua voz era mais profunda agora do que quando ela tinha narrado a sua voz quando eram crianças.

— Kikuko disse-lhe que ele era demasiado sério e que ela estava apenas brincando, mas quando ela saiu para a lama e neve derretida, a chuva não a tocou. Quando ela olhou para cima da cabeça apareceu um casaco e Kosuke disse-lhe a ela — Corre. — E assim correram em direção ao escritório do oficial chefe porque os guardas tinham criado uma plataforma coberta para que pudessem fazer os seus espetáculos. Kikuko pensou que era porque gostaram do espetáculo, mas Kosuke sabia que o tinham feito porque tornava mais fácil para eles nos verem. Com todos no mesmo lugar, não tinham muito trabalho para fazer. Ele não disse isso a Kikuko nem permitiu que este fato dissuadisse a sua missão - fazer a vida de todos um pouco mais feliz apenas por algum tempo. E assim, enquanto eles estavam realizando, enquanto os olhos de todos estavam sobre eles, um fugiu, um que tinha vindo como um menino e agora estava à beira da idade adulta. Não conseguíamos tirar sua frustração, raiva ou dor com o riso. Pensando que nenhum dos guardas estava vendo, ele tentou fugir da prisão de Bella Vista. Ele deu vinte passos antes de...

Ela equilibrou o leque no dedo e transformou as mãos num rifle enquanto se afastava da sua direita até me apontar a arma. "BANG!"

Ela gritou e imediatamente as suas mãos caíram mandando o leque para o chão à sua frente. Reluzindo, ela virou a cabeça



para o campo, os olhos dela vidrados enquanto nos sentávamos em silêncio.

— Danny. Eles mataram o Danny.

Não foi ela que falou. Na verdade, ela fugiu do seu papel e virou-se para o marido que agora se sentava de olhos bem abertos. Ele piscou algumas vezes enquanto olhava à sua volta e finalmente voltou a olhar para ela. Os seus olhos já não estavam tão sem vida como há pouco.

— Você está acordado agora? — Ela colocou a mão em seu joelho e ele sorriu e acenou para ela enquanto ele colocava a sua mão enrugada sobre a dela e olhava na nossa direção.

— Como está, Oshaberi?

— O senhor também não, Sr. Yamauchi. Porque é que todo mundo pega no meu pé? — Esther gemeu enquanto pegava no seu almoço ignorado e enfiava uma bola de arroz na boca.

Ele riu silenciosamente para ela antes dos seus velhos olhos se desviarem para mim. — E você é?

— Malachi Lord desu.

Ele riu e olhou para Kikuko que acenou com a cabeça como se ela soubesse o que ele estava pensando. Talvez ela soubesse. Voltando-se para mim, inclinou-se para a frente e disse em inglês, — Sabe que o homem que matou o meu irmão, Danny, era igualzinho a você.

Kikuko bateu-lhe na perna, mas sorriu e ignorou-o. — Os mesmos olhos azuis, cabelos escuros, todas as moças o achavam bonito também, apesar de ele nos odiar, japoneses. E agora você senta aqui falando em japonês. Você pode acreditar Kiku? Uma menina negra e o homem branco podem ambos falar japonês melhor do que eu. Não é o mundo algo?



Kikuko suspirou e revirou os olhos quando se virou para Esther. — A razão pela qual ele te chama Oshaberi é para desviar o nome de si mesmo, perdoe ele.

— Sim. — Ele desaprovava e era difícil acreditar que este homem, este vívido e animado velho, era o mesmo homem que já tinha estado sentado quase sem vida na sua cadeira de rodas.

— O quê? — Kikuko desafiou-o enquanto ela levantava a cabeça sem se preocupar com sua mudança drástica de personalidade.

— Umm... — A Esther engoliu a sua comida antes de continuar. — Não quero ser rude, mas você nos deixou num suspense aqui!

— Você tem braços fortes? — Sr. Yamauchi brincou, e tanto Esther e Kikuko gemeu. Ele ignorou as duas e disse: — Então você pode pendurar lá.

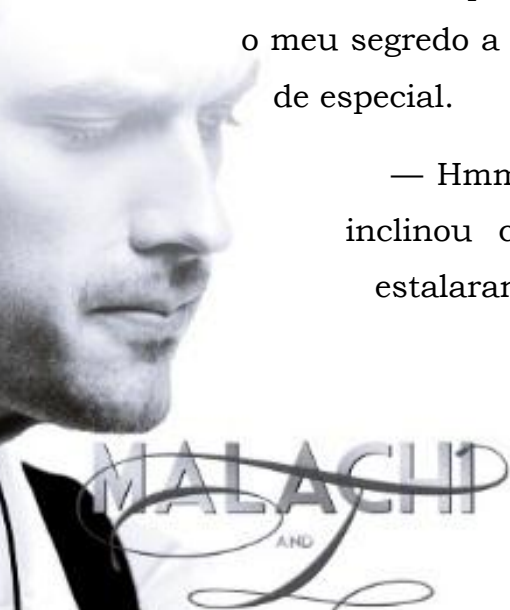
Tentando lutar contra o riso, tentei chegar à água, mas ele estendeu os braços acima de si mesmo como se estivesse pendurado no parapeito de um penhasco e disse, — Entendeu? Agente aí? Na história de suspense?

Tossindo contra a parte de cima da garrafa de água ri enquanto colocava as costas da minha mão sobre os lábios.

— Ahh... Lá vamos nós. — Ele acenou-me com a cabeça. — Você é muito jovem para ser tão sério.

— Ele teve uma vida difícil. — Esther falou antes de comer outra bola de arroz... porque aparentemente se não estivesse comendo contaria o meu segredo a toda a gente debaixo do sol... como se não fosse nada de especial.

— Hmmm... — O Sr. Yamauchi desaprovou-me e quando se inclinou contra a cadeira e esticou as pernas, os joelhos estalaram, mas isso não o impediu de se agarrar aos lados para



se erguer. Esther moveu-se para o ajudar, mas Kikuko abanou a cabeça e nós observámos enquanto ele se abaixava para se sentar de joelhos ao seu lado. Chegando para cima, ele tirou o chapéu, revelando o seu grosso cabelo branco prateado. Em seguida, empurrou as mangas para cima revelando as velhas cicatrizes por todos os braços e olhou diretamente para mim. Inalou profundamente e o seu corpo relaxou. Então ele começou.

5 de janeiro de 1945 - Prisão Bella Vista, Montana.

— Aquele idiota, Kiku! Você ouviu? A guerra acabou agora e eles estão realmente fechando esse lugar. Se ele tivesse esperado... se ele tivesse aguentado mais uma semana. Estaríamos livres de novo! — Um mais alto, ainda jovem, mas não mais um menino, Kosuke disse em pé na frente do quartel.

— Nunca seremos livres aqui. — Kikuko pendurou sua cabeça e seu cabelo preto, agora bem além de seus ombros, caiu para a frente.

— Eles disseram que estávamos livres e depois tiraram essa liberdade. Ou somos livres ou não somos. É o que diz o meu pai. Foi por isso que decidimos voltar para o Japão.

— Kiku!

Ela mordeu as lágrimas. — Eles nos odeiam, Kosuke! Eles sempre vão nos odiar. Danny correu porque ele odiava eles também e não queria fazer nada de ruim. Não é culpa dele, é deles. A guerra acabou, mas os japoneses não serão bem-vindos, foi o que o meu pai disse, por isso temos de ir. Diz ao teu pai para....

—Ele não vai. — Disse Kosuke suavemente. — Ele diz que lutou por este país, e acredita nele.



— Ele não podia. — Não foi Kikuko que falou, mas sim o pai dela que saiu de casa e lhe pôs um lenço sobre o pescoço dela enquanto ficava ao lado da filha.

— Você vai para o Japão, Sr. Sato. — Kosuke acenou-lhe com a cabeça.

— Nós vamos. — Ele pôs o braço à volta de Kikuko. — E o seu pai está errado ao te obrigar a ficar aqui. A sua vida aqui vai ser mais difícil. Este país levou a sua irmã e o seu irmão. Ele não o deve mais.

— Não é uma dívida. — O Sr. Yamauchi levantou-se ao lado do seu filho e colocou as mãos na cabeça. — É lealdade. Só porque me enganaram não significa que eu deva desistir da crença que tenho neste país.

— Muito bem. — O Sr. Sato desceu e ficou na frente dele. — Mantenha essa convicção, mas, no mínimo, manda o Kosuke. Nós vamos assistir...

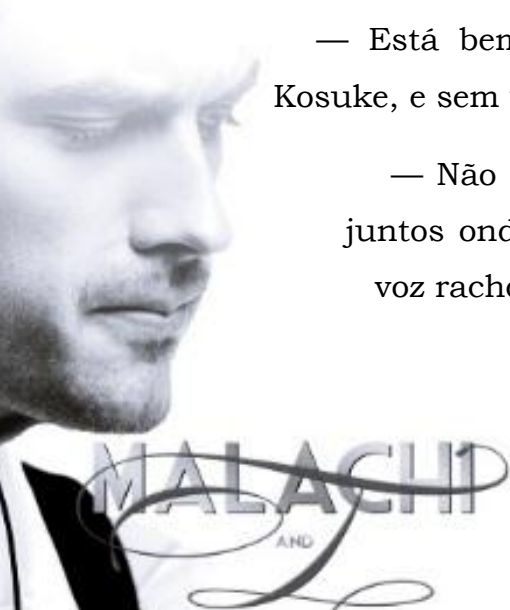
— Não. — O Sr. Yamauchi ofereceu um sorriso simpático. — Obrigado. Mas eu e a minha mulher precisamos do nosso filho. Eles estão dando aqueles de nós que querem voltar para casa 25 dólares e um bilhete de trem. Se você voltar, estaremos indo para Irvine, Califórnia. Um amigo meu diz que pode me conseguir um emprego lá.

— O quê? — Kikuko olhou para ele. — Quando você vai?

Ele acariciou a cabeça dela. — Primeiro trem amanhã. Por que você não vai dizer adeus a todos com ele enquanto seu pai e eu conversamos?

— Está bem. — Ela desaprovou quando ela tomou a mão de Kosuke, e sem uma palavra a ninguém, ele a levou embora.

— Não fique triste. Quando formos mais velhos, vamos viver juntos onde quisermos. — Kosuke tentou soar feliz, mas a sua voz rachou.



— Por que eu moraria com você? — A Kikuko pôs a língua de fora.

— Porque eu vou me casar com você. — Ele disse e Kikuko olhou para ele, com os olhos bem abertos antes de rir. — Estou falando sério. Não ria.

— Mas e se eu não quiser casar com você?

— Muito bem. — Ele se preparou para ir embora, mas ela pulou nas suas costas. Ele não disse nada, mas a carregou enquanto caminhavam.

— Não quero deixá-la aqui. — Sussurrou Kikuko suavemente.

— Mas o pai disse que não podemos mover os mortos.

— Sim. — Respondeu Kosuke, desiludindo-a quando ambos apertavam a mão e curvavam a cabeça. — Danny. Sarah. Adeus, por agora.

— Toshirô. Takeshi. Tsutomu. Adeus, por agora.

Kosuke olhou para ela. — E a sua mãe?

— A minha mãe nunca me deixa. — Ela sorriu. — Ela mandou Toshirô, Takeshi e Tsutomu embora, mas ela vai cuidar de Tomi, papai e eu. Ela ouviu você dizer que vai se casar comigo. E ela está feliz com isso.

— Eu sou o melhor rapaz. — Ele virou-se para ela de costas e ela subiu, mas não respondeu. — Você deveria concordar, Kiku.

Ela roncou.

— Kiku? — Ela roncava mais alto.

— Você é um pouco pesada. Como um porquinho.

— Ei! Retira o que disse.

Ele riu dela. — Quem é o melhor rapaz?

—Você não! Deixa-me descer.



— O que estão fazendo? — A voz de um familiar chamou-os e eles viraram-se para o enfrentar quando Kikuko lhe saiu das costas.

— Está tudo bem. — Disse outra voz, mas os dois permaneceram no lugar. — Eles estão bem, vocês dois estão entusiasmados para irem para casa? Vão no trem de amanhã?

Ambos olharam para ele em branco.

— Sim, s... — Kosuke começou a dizer, mas Kikuko levantou-se.

— Eu não estou no trem. Vou voltar para o Japão.

— Deixe os japoneses saberem que se tentarem algo de novo, temos mais pacotes para colocar na cabeça deles...

— Ei! — O segundo oficial gritou com ele. — Vocês dois vão embora. É uma longa viagem para os dois.

— Sim, senhor. — Kosuke saiu correndo enquanto segurava a mão de Kikuko e a arrastava para um dos espaços entre as casernas. — Porque é que fazes sempre isso?

— Eles me deixam furiosa! — Ela gritou ao cruzar os braços e encostou-se à casa. — E que pacotes são?

Kosuke desaprovou quando esfregou a cabeça em frustração. — Kikuko...! Kiku... — Disse ele mais suavemente. — Não importa para onde vamos, vai ser difícil. Promete-me que não vai desistir.

— Kosuke, o que está errado...

— Promete-me que vai trabalhar no seu temperamento.

— Eu não tenho temperamento!

Ele inclinou a cabeça para olhar para ela e ela franziu a sobrancelha enquanto olhava para o lado.



—Eu não teria um, se as pessoas não me irritassem. Não estou errada...

Beijou-a rapidamente e recuou ao dizer. — Não está errada. Eu nunca disse que você estava errada. Mas há uma maneira melhor de estar certa, como diz a minha mãe. Promete-me que vai ter cuidado e que não vai desistir por mais difícil que seja. Faz o melhor que puder e eu também vou trabalhar muito para que quando nos voltarmos a nos encontrar, possa fazer o que quiser e possamos ir para onde quisermos.

— Promete. — Ela pôs o mindinho de fora.

— Prometo. — Ele ligou o dele ao dela.

1946 - Irvine, Califórnia

“No dia seguinte de ter feito treze anos, o meu pai e a minha mãe divorciaram-se. Eu acho que eles estavam esperando por minha causa, mas eu queria que eles tivessem feito mais cedo. Perguntei o que ia acontecer a seguir, esperando que isso significasse o fim da colheita de morangos. Mas eles pareciam não saber. O meu pensamento de mudar para Nova Iorque é tão longe quanto seus pensamentos. Assim, a colheita de morangos continua e não há muito mais. Espero que um dia estas cartas cheguem até você. O meu pai disse que o correio para o Japão está provavelmente sendo verificado primeiro. As pessoas ainda estão assustadas.” - *Kosuke Yamauchi*.

1952 - Osaka, Japão

“Kosuke, você está aí? Porque se está, gostaria de te dizer que a promessa que fizemos está ficando cada vez mais difícil de cumprir, quanto mais velho fico aqui. Pensei que o Japão já teria se tornado a casa por agora... Que eu já seria totalmente japonês. Mas até aqui eu me destaco. A minha personalidade é demasiado



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

barulhenta, o meu comportamento demasiado arrojado. Eu não falo suavemente como as outras meninas. Sou curiosa sobre tudo e isso faz de mim uma criança selvagem agora. E quanto mais japonesa eu tento ser mais o Japão tenta ocidentalizar-se. Tenho saudades de uma América de que mal me lembro. O tempo antes do Bella Vista. Mas eu te conheci no Bella Vista. Era como aquelas flores cor-de-rosa que cresciam ao longo do arame e das vedações. Recebeu esta cartas? Ainda estás em Irvine, Califórnia? O sol bate em você duramente como a mim quando está nos campos? Você esta aí a colhendo morangos e eu estou aqui, ajoelhada em água lamacenta, plantando arroz. Mas não é isto que eu quero fazer... eles me chamam de egoísta e mimada quando digo isso. Por isso, penso sempre assim. O que é que eu vou fazer? Como vou chegar até você ou você até mim quando nem as nossas cartas conseguem chegar?"

- *Kikuko Sato*

1959 - Osaka, Japão

"Há apenas uma mulher neste planeta que tem a capacidade de me frustrar ao ponto de insanidade e é você, Kikuko. Durante os últimos dois anos o meu coração tem estado pronto para explodir desde que vi as suas fotografias na TIME. A sua fotografia é tão incrível como você. Quem disse que uma foto valia mil palavras, esqueceu-se de mencionar que essas palavras eram passado. Então, enquanto eu trabalhava em três empregos nas fábricas com o meu pai em Nova Iorque, para ter dinheiro para vir aqui ao Japão para te ver, usaste o seu dinheiro para ir a Irvine, Califórnia? Kikuko!"

- *Kosuke Yamauchi.*



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

1960 - Irvine, Califórnia

"Você não está aqui. Por que você não está aqui? Por que você se mudou para Nova Iorque? Eu mal tenho o suficiente para chegar a Nova York. Como vou encontrá-lo? Kosuke!"

- *Kikuko Sato*

1961 - Irvine, Califórnia

"Nova Iorque? Foi para Nova Iorque? Pelo amor de Deus mulher, fica quieta! Eu imploro. Sinto-me como se estivesse a enlouquecer. E agora todas as pessoas que magoei e as coisas que fiz para te encontrar estão a apanhar-me. O meu pai está agora doente e voltou para a minha mãe, morrendo de coração partido porque o país que amava não o amava em troca... e também a bebida. Nova Iorque é um lugar grande e perigoso. Fique a salvo até eu chegar a você."

- *Kosuke Yamauchi.*

1962 - Nova Iorque, Nova Iorque

"Deixei a cidade. Assustou-me. Parecia a prisão Bella Vista. Fria, húmida, suja, os ricos riam como os guardas e os pobres morriam como nós morríamos. A minha fotografia chamou a atenção aqui. Por isso, sento-me com os guardas... os ricos... agora, mas não consigo rir com isso. E descobri que finalmente aprendi a ser como aquelas moça em Osaka agora. Eu sei como sorrir mais e falar menos. Se eu fizer menos de ambas... as pessoas aqui gostam mais. O meu silêncio significa mistério. O mundo é um lugar engraçado. Se Você vê a fotografia da Pink Fireweed Flowers na esquina da Boone Street & Geneva Boulevard, saberá onde estou e eu estarei aqui à sua espera."

- *Kikuko Sato*



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

1963 - Nova Iorque, Nova Iorque

"Hoje, no meu 30º aniversário, compreendo agora porque é que a minha mãe estava tão preocupada comigo. Finalmente pude ver o quanto eu era como o meu pai. Como ele se agarrava às suas crenças, mesmo que isso o matasse. Tal como estou me agarrando a você, dezoito anos mais tarde. Trabalhar em bicos não porque seja necessário, mas porque preciso ganhar o suficiente só para viajar e continuar à procura, ignorando os conselhos de quem tenta me salvar de mim mesmo. Sou um homem crescido e devo agir como tal, dizem eles. O peso da idade adulta é pesado, é como tentar andar pela grama alta no escuro, e quando me apetecia desistir, a construção fechou o Mainway Park e tive de caminhar pela Boone Street & Geneva Boulevard para chegar a casa, e vi a fotografia. Creio que parecia muito com um homem rindo e chorando em frente a ela. Eu já estava aqui há um ano, tentando te encontrar, perdendo a esperança de alguma vez te encontrar e um desvio era tudo o que precisava. Parto hoje à noite. Não amanhã. Não quando tiver dinheiro suficiente, mas agora."

- Kosuke Yamauchi.

ESTHER

Eu chorei. Oh garoto, eu chorei. — Desculpem. — Levantei a minha mão para eles.

— O rosto dela vaza frequentemente. — O Sr. Coração de Pedra entregou-me o seu guardanapo e ficou ali sentado sem problema algum. — Obviamente que eles encontraram um ao outro. Porque está chorando tanto?

Ao tirar-lhe o guardanapo, olhei fixamente enquanto limpava o nariz. — Depois de dezoito anos de separação! Isso ainda é triste,



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

eles continuavam falhando um com o outro. Todos esses anos eles que poderiam ter ficado juntos por mais tempo.

— Ainda teria chorado de qualquer maneira. — Murmurou ele. — Que oceano você bebeu?

O Sr. Yamauchi riu-se dele. — Há quanto tempo vocês dois estão juntos?

— Juntos? — Malachi e eu perguntámos simultaneamente, e antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele falou primeiro... mais uma vez. — Não estamos nada juntos. Ela é a neta do meu agente.

Kikuko franziu a sobancelha enquanto olhava entre nós. — Vocês dois não são casados?

Arfei enquanto tentava recuperar o fôlego. — Casamento agora? Como é que saltámos para lá?

— Não. Ela é muito jovem para mim.

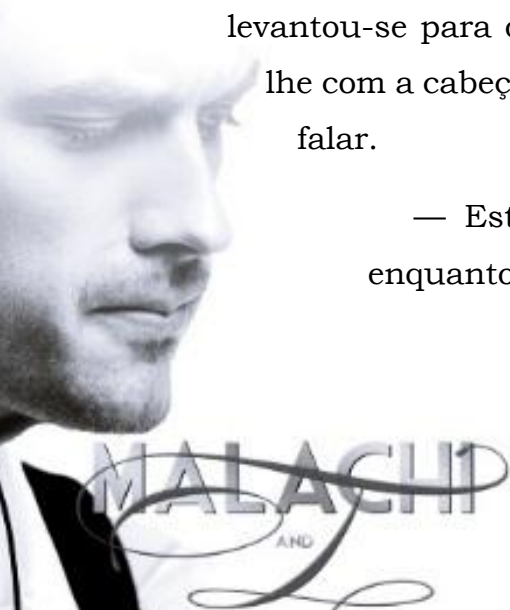
Eu olhei para ele. — Você é apenas dois anos mais velho que meu ex-namorado. O que você quer dizer com muito jovem?

Ele bateu no lado da cabeça. — Eu quis dizer mentalmente.

Agarrando a garrafa de água, eu me preparei para bater nele quando o Sr. Yamauchi começou a rir e tossir o que causou Kikuko para colocar as mãos em seus ombros. Ele sacudiu a cabeça para ela e olhou de novo para nós.

—Vocês dois... são boas pessoas... — Ele tossiu novamente e Kikuko levantou-se para o ajudar a sentar-se na sua cadeira, mas ele acenou-lhe com a cabeça. — Eu estou bem, Kiku. Acabei de acordar. Deixa-me falar.

— Está ficando frio. Voltaremos amanhã. — Disse ela, e enquanto eu recolhia as lancheiras e os pauzinhos de prata,



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Malachi tirou o pó do cobertor e dobrou-o cuidadosamente antes de o devolver a Kikuko.

— Malachi. — O Sr. Yamauchi acenou para ele. — Você quer saber o segredo para ter uma vida longa?

— Nunca pensei nisso, no entanto, conheço alguém que possa gostar de saber. — Eu sabia que ele estava a falando de mim e queria ouvir a resposta por mim própria, mas a Kikuko passou à minha frente e, apesar de ser mais baixa, a sua voz distraiu-me.

— Nós conversamos sobre isso e concordamos que vamos publicar nossa história se você for a escritora.

— Espera, o quê? — Eu olhei para ela. — Eu não posso...

— Então não o faremos.

Eu desaprovei. Tinha ouvido a sua história do oficial Richards e, enquanto Malachi estava deitado, eu tinha saído à procura deles. Eu sabia que as pessoas queriam ouvir uma história como esta, mas eu não acho que eu teria que escrevê-lo, eu estava planejando contratar um escritor fantasma.

— A história já está escrita. — Disse o Sr. Yamauchi ao colocar a manta e as lancheiras bento que estavam no seu colo. — Apenas certifique-se de descrever o quão bonito eu sou.

— Mas você não era assim tão bonito. — Kikuko riu enquanto acabava de arrumar as bolsas e ficou atrás da cadeira dele.

— Claro... Não se esqueça de descrever suas bochechas de castor também.

— Traga as minhas bochechas mais uma vez e vou deixar você com os castores! — Kikuko resmungou enquanto ela o empurrava para a frente. — Tenham uma boa noite. Vai para casa em segurança, Esther, e envia a informação para a nossa filha.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Ela é uma advogada, sabia? — O Sr. Yamauchi perguntou orgulhosamente. — Será que ela telefonou hoje?

— Ainda não. Ela está à espera de que a avisemos quando. — Ela acenou mais uma vez antes de sair com ele e de caminhar ao longo do caminho livre que conduzia de volta para sua casa.

— Todos os dias ela o acompanha até este campo. Conta-lhe uma história e ele fica magicamente lúcido por um curto período de tempo. — Sussurrei, observando-os enquanto se dirigiam para o outro lado da floresta. — Quando voltam para casa, ele se esquece de novo. Todos os dias é assim e ambos estão felizes. É lindo.

— Li-Mei. — Disse ele aleatoriamente.

— O quê?

— A mulher que eu amei novecentas e noventa e nove vezes. — Ele virou-se para mim.

— Nessa vida o seu nome é Li-Mei Zhou, e tal como em todas as nossas vidas passadas, também não se lembra. — Ele franziu a sobrancelha enquanto enfiava as mãos no bolso do seu jeans. — Eu sei que queria me ajudar a ver a vida das outras pessoas... Não estou chateado com isso. Mas também me deixa frustrado com a minha própria história.

Ele seguiu em frente muito rápido. Eu ainda estava em Li-Mei. — Li-Mei Zhou? A minha Li-Mei?

— Porque é ela sua?

Não respondi porque ela não era minha Li-Mei, mas era minha amiga, e agora... agora eu não sabia como não lhe contar isto.

— Não conte para ela. — Ele disse como se pudesse ler a minha mente. — Eu quero que ela seja feliz nessa vida e vou tentar fazer o mesmo. Era isso que você queria, certo?



Eu não sabia.

Quanto mais tentava, mais minha cabeça dói.

MALACHI

— Ela realmente fez uma sala de arte. — Murmurei para mim mesmo quando acendi a luz. Quando terminava um quadro, tentava nunca mais olhar para eles. No entanto, Esther, intrusiva, Esther de o-sol-está-sempre-brilhando-mesmo-quando-está-chovendo-lá-fora, tinha-os colocado em cavaletes. Fui obrigado a enfrentá-los... todas as imagens dela. E por alguma razão, embora fosse sinistro ver todos os seus olhos, em todas as diferentes tonalidades, a olhar para mim, não sentia a dor. Não consegui com as palavras do Sr. Yamauchi a circulando na minha mente.

“O segredo para uma vida longa, Malachi, é amar para viver, sabendo que o sofrimento por amor não é sofrimento, e encontrar alegria nisso.”

Ao chegar, desliguei as luzes e tranquei a porta por dentro antes de fechá-la.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Dez

Chamadas de Acordar

MALACHI

SÁBADO

BEEP... BEEP... BEEP...

Novamente não.

— Levante-se e brilhe. — Rolei para o lado e cobri os meus olhos contra os raios solares. — Você me dizer isso vai ser uma coisa diária?

— Só até você começar a levantar-se antes de mim. Aqui está o café da manhã.

Olhando para a minha esquerda, vi um prato cheio de comida à minha espera, juntamente com uma xícara de descafeinado fumegante. Desta vez nos talheres estava uma borboleta de origami.

Sentando-me, olhei para ela. Como ela podia estar tão otimista a uma hora tão ímpia, estava além de mim.

— Você escreveu alguma coisa ontem à noite? Você estava inspirado?

Ignorando-a, peguei na borboleta e abri as asas. — *A melhor época para plantar uma árvore foi há vinte anos. A segunda melhor época é agora.* - **Provérbio Chinês.** — Eu olhei para ela. — O quê?

— Tradução. Você deveria ter escrito o livro ontem, mas já que não o fez podemos começar hoje. Você tem alguma ideia?

— Já começou a história do Yamauchi?



O sorriso no rosto dela caiu e ela olhou-me de relance. — Ninguém está esperando.

— Eles são velhos. Devia tentar antes que morram.

— Coma. — Ela entregou-me um pedaço de torrada. — Estou tentando e você?

— Você não tenta escrever, você apenas escreve. — Eu disse-lhe enquanto mordida a torrada.

— Então porque não está escrevendo?! — Ela bateu de volta.

Eu comi mais. — Hoje está um pouco salgado¹⁴, não acha? não? E pode me trazer um café de verdade?

— Você é um ser humano insuportável. — Ela levantou-se. — Não sou sua empregada, posso sair quando quiser.

— Adeus, então. — Eu acenei-lhe com a cabeça.

Ela estendeu a mão como se fosse me sufocar antes de sair e bater à porta atrás dela.

— Não se esqueça do café! — Eu gritei.

Ela amaldiçoou-me e eu sorri enquanto mordida um pedaço de bacon.

SEGUNDA-FEIRA

BIP... BIP...

BIP...

— Bom dia!

— Estou mudando as fechaduras. — Murmurei enquanto o sol me batia nos olhos.

¹⁴ Salgado: Irritado, agitado, aborrecido, chateado.



— Vou quebrar uma janela.

O que foi terrível é que eu acreditei nela. Ela quebraria mesmo as janelas.

Sentando-me, virei-me para examinar o meu café de manhã de omeletes e papas de aveia. O seu animal de origami escolhido para hoje era um crocodilo. — *Do meu ponto de vista, se quer o arco-íris, tem que aguentar a chuva.* - **Dolly Parton**

— Tradução. — Ela colocou o laptop perto de mim. — Eu posso fazer isso por um tempo. Por quê? Porque eu quero meu livro. Meu livro é o arco-íris e você é a chuva.

Eu olhei para ela por um momento e depois levantei o crocodilo de papel. — Mas por que este animal?

— O meu crocodilo chora o seu desdém por acordar.

— Está bem, então. — Então era assim que era viver com uma pessoa louca. A loucura deles transformava você em algum momento.

TERÇA-FEIRA

— Oh, meu Deus! — Ela suspirou enquanto eu me encostava na parede e olhava para a porta enquanto caminhava com o café da manhã.

— Por que eu acordei trinta minutos atrás? — Eu perguntei quando levantei meu celular e mostrei a ela. — Eu sei, é porque alguém tem me acordado mais cedo, mas hoje ela chegou às 8 da manhã.

Ela sorriu. — Eu dormi demais.

— Isso significa que eu posso voltar a fazer isso também?

— Certo. Tem o meu livro?

— Você escreveu?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Eu já concluí os três capítulos. E como você está acordado, podemos comer no andar de baixo enquanto você lê.

Com isso, ela saiu e eu levantei da cama novamente. Eu só consegui alguns metros antes de ouvir o barulho das panelas caindo no chão.

—Estou bem! — Ela gritou.

— Estou mais preocupado com minhas panelas. — Falei enquanto descia as escadas.

— Suas panelas? — Ela olhou para mim. —Fui eu quem as comprou! Sr. Tudo o que preciso é de uma dúzia de canecas, uma tigela, um prato e uma frigideira.

— Você nem cozinha. Então, por que comprar panelas?

— Você não pode morar em uma casa sem panelas!

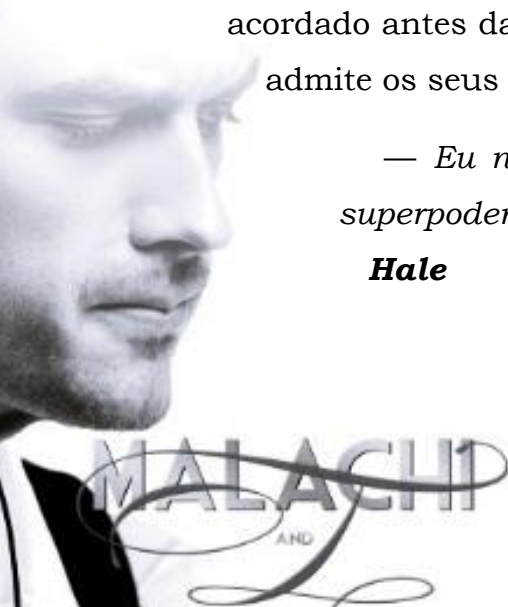
— Você não mora aqui.

— Então escreva meu livro para que eu possa ir para casa, para minha casa com panelas! — Ela pegou uma na minha mão para colocá-la de volta no armário da cozinha.

— Onde está esta história que escreveu? — Perguntei enquanto examinava o café da manhã que ela deixou no balcão da cozinha. Desta vez, o seu animal de origami era um carneiro. Eu levantei-o. — Deixa-me adivinhar, porque sou teimoso?

Ela ofegou e colocou a mão sobre o coração. — Malachi... está acordado antes das oito, está comendo aqui em baixo, e para completar admite os seus próprios defeitos... meu coração bateu forte.

— *Eu não sei como você persiste em ser tão teimoso? É um superpoder. Eu fui mordido por uma mula radioativa.* - **Shannon Hale**



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Quando olhei para ela, ela estava sorrindo porque se sentia sempre tão inteligente.

— Isso é inspirador? — Eu perguntei a ela.

— Não há necessidade de inspirá-lo muito. Além disso, meu senso de aranha estava me dizendo que você estaria acordado até agora, então por que não fazê-lo rir.

Eu aplaudi. — Belo disfarce.

— Deixa-me ir buscar o meu livro antes que mude de ideia. — Ela correu para o sofá atrás de mim e eu a vi ir em espanto. Ela realmente era persistente e que em si era inspirador.

ESTHER

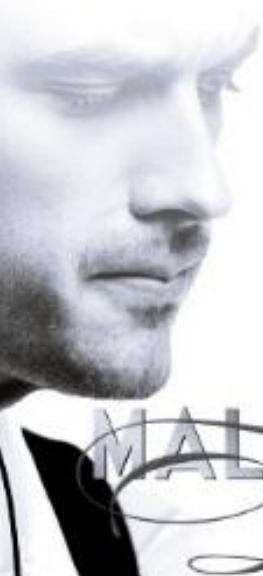
— Você é uma péssima escritora. — Disse Malachi, o Impiedoso, enquanto bebia o café da manhã. Seus óculos de armação grossa estavam empoleirados em seu nariz enquanto ele lia no meu laptop.

— Uau, obrigada. — Murmurei enquanto tentava pegá-lo, mas ele empurrou minha mão para longe e continuou a ler.

— Você é uma bela pensadora. Eu posso ver o que você quer dizer, mas só está a complicando as coisas. — Ele franziu a testa enquanto ia de volta para o topo do documento. — Você é formada em inglês, certo?

— Você também.

— Mas eu odiava as minhas aulas. — Ele tirou os óculos e virou-se para olhar diretamente para mim. — Todos eram pretensiosos. Sempre quiseram ser o próximo Shakespeare, Fitzgerald ou Salinger, escrevendo em prosa que não entendiam enquanto atiravam simbolismo na sua cara.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Me fale como se sente realmente. — Caramba.

— Você é uma péssima escritora porque não é você que está escrevendo. Seus dedos estão digitando, mas as palavras na página vêm de cada professora e professor de inglês que você já teve. Você não é Shakespeare, Fitzgerald ou Salinger. Essas pessoas escreveram numa época em que a leitura era a maior forma de entretenimento. Toda a gente era, de certa forma, formada em inglês. Mas agora não são, somos uma raça rara, por isso precisamos escrever mais simples e fazê-lo com muito mais convicção. — Afirmou, ao devolver-me o meu laptop.

Eu olhei para ele sem tirar o laptop do seu braço estendido e ele acenou-me com ele à frente do meu rosto.

— Cuidado, acabei de comprar isso. — Peguei rapidamente.

— Era você que me olhava como se asas tivessem brotado de repente das minhas costas. — Murmurou ele enquanto tomava o seu café. — Não é um olhar muito atraente para você, se me permite dizer.

— Viu? Estava te admirando por um momento e então você só tinha ir e arruiná-lo, voltando ao seu velho idiota.

— Desculpe?

— Você me ouviu. — Falei enquanto caminhava em direção à minha bolsa.

—Admirando-me pelo quê?

Eu virei-me para o enfrentar pensando que ele estava apenas me provocando, mas ele parecia ligeiramente curioso.

— Realmente?

— O quê? — Ele questionou com irritação crescente no seu tom.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Malachi, alguns dias atrás eu não sabia quem você era. Eu conhecia suas palavras. Conhecia suas histórias e elas me comoveram profundamente. Eu ficava pensando comigo mesma, se eu pudesse apenas sentar em uma sala com esse cara e ter uma conversa por uma hora, eu saltaria de alegria. Eu seria tão feliz. Você estava aqui... — Levantei a minha mão e levantei-a sobre a minha cabeça. — E eu estava aqui...

— E agora? — Perguntou ele enquanto tomava um gole do seu café. Parecia tão indiferente e isso me aborreceu tanto.

Eu virei as mãos. — Agora você é só Malachi.

— Ummm.

— Ummm? — Porquê perguntar se ele não se importou. — Manifesto a minha decepção...

— Se caí de um pedestal que me colocou, a culpa é sua, não minha. — Ele empurrou de volta. — Tudo o que fiz foi contar a minha história. A história da minha vida... as minhas vidas. Eu não disse que era sábio. Eu não disse que era um conversador. Eu não disse que era uma boa pessoa. Nem era suposto eu ser idolatrado. Eu não disse nada.

Eu nunca pensei em mim mesma como lenta, mas por alguma razão foi só então que eu era capaz de conectar os pontos.

— Você se lembra da vida e depois escreve. Você não está escrevendo histórias, você está escrevendo diários. — Sussurrei essa última parte para mim mesma.

— Sim. — Ele acenou com a cabeça enquanto limpava as mãos. — Escrevo a minha verdade e não posso lhe dar nada menos que isso.

Como eu perdi isso? Por que eu estava apenas percebendo isso? Os grandes. — Eu... Quando me contou sobre Romeu e



Julietta - quero dizer Romeo e Giulietta, pensei que eram apenas os grandes romances. Os que todos nós conhecemos. Mas...

— Escrevo sobre os que a história esqueceu. — Disse ele suavemente, enquanto estava diretamente à minha frente. Os seus olhos azuis estavam cansados, mas era quase como... como se ele sentisse pena de mim. Não dele próprio, mas de mim. — Escrevo-os porque o amor naquela vida era tão importante quanto aqueles em que éramos Reis e Rainhas. Quando estávamos no topo do mundo, eu a amava, e quando caímos no fundo, eu ainda a amava, rico, pobre, rei, escravo, fazendeiro, estudioso, negro, marrom, amarelo e branco. Eu a amava. Assim, todas essas vidas, essas memórias, o que o mundo chama de histórias importa. Eu a amava.

Quanto mais eu pensava nisso, mais dor sentia. Lembrei-me da dor daqueles personagens... dele... e de Li-Mei.

— Li-Mei. — Olhei-o de novo nos olhos. — Ela lê você o tempo todo. Ela so-

— Pare. — Ele franziu a testa. — Não me fale dela.

— Malachi, ela é minha amiga e ela...

— Se ela é sua amiga, porque quer que ela morra? — Ele poderia muito bem ter me esbofeteado. Isso é o quão dura a realidade de suas palavras foram. — Ela está segura sem mim como eu estou seguro sem ela. Então não a pendure na minha frente... é desumano.

— Então porque estou eu aqui? — Por que eu estava me esforçando tanto? Se ele não queria mudar sua história, “sua vida” ele não deveria ter que mudar. — Sinto muito.

— O quê?

Alcançando a minha bolsa atirei-a sobre o ombro. As minhas sobrancelhas juntaram-se em uma carranca, enquanto me



sentia envergonhada agora. — Eu disse que acreditava em você. Mas eu menti. Eu realmente não gastei tempo pensando nisso. Só disse a mim mesma para aceitar o que você acreditava... mas agora acredito em você. Acredito mesmo. Eu não acho que você deve ser forçado a escrever dessa maneira também.

Ofereci-lhe um sorriso, apesar de mal me sentir a fazer um esforço. Ao acenar-lhe, caminhei em direção à porta. — Apenas deixe-me saber o que você quer publicar. Eu vou em frente com ele depois de falar com meu avô. Tenha um bom dia.

O vento era tão forte que parecia que estava a tentar me empurrar de volta para dentro. Mas eu apenas me agarrei com mais força à alça da bolsa. Corri pelas escadas, pela esquina da casa, para o caminho de tijolos e para a pequena pousada de madeira. Eu realmente gostei. Era aconchegante. Estava tudo num só andar e a cozinha tinha vista para a sala, tal como na casa principal. Um grande tela plana, prateada, pendurado na frente ao sofá marrom maçante que eu tinha animado com uma colcha branca, azul e verde que tinha comprado na Fung's Quilts and Carpets. Eu tinha movido a mesa de café para o lado da lareira, a fim de dar espaço para a minha cama improvisada, uma vez que era sempre tão frio no quarto. Agarrando a colcha e meu travesseiro que estava no lado do sofá eu deitei no tapete e enrolei-me em um casulo.

— Ummm.... — Agarrei o meu peito.

Porque é que me senti assim?

Porque é que o meu coração doía desta maneira?

Respira fundo, Esther.

Isso mesmo.

Só isso.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Você é a portadora de sua própria felicidade. — Sussurrei para mim mesma. Eu disse isso uma e outra vez até que eu pudesse me sentar sozinha.

Atirando-me de costas para o sofá, peguei no meu laptop, abri a palavra documento para as quatro páginas que tinha escrito e apaguei tudo. Me sentei a ver o cursor a piscar para mim enquanto aguardava pelo meu comando... a minha voz. O problema era que eu não conhecia a minha voz... mas conhecia os Yamauchi.

MALACHI

SEXTA-FEIRA

8h:47m.

Eu olhei para o relógio e depois para a porta.

— Eu posso fazer isso por um tempo. Por quê? Porque eu quero meu livro. Meu livro é o arco-íris, você é a chuva. — Zombei dela enquanto me deitava na minha cama. — Tudo o que eu disse foi a verdade. — E ela desistiu pelo segundo dia consecutivo. Não que eu me importasse, mas a sua falta de tenacidade foi bastante decepcionante. Fechando os olhos, esperei, mas o sono não veio.

A escuridão não veio.

Em vez disso, havia um único raio de sol que espreitava através das cortinas, numa tentativa de me cegar.

Eu tinha acordado há quase duas horas.

Levantei-me da minha cama e dirigi-me para as cortinas.

Com uma vista como esta, porque é que estou a olhando para a sua casa? Ela estava mesmo lá?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— O que estou pensando? Eu não me importava onde ela está. Ela poderia voltar para casa se quisesse. Merda... Alfred.

Eu precisava manter ela aqui, por agora.

Pelo menos para o bem do Alfred...

Andando em direção ao meu armário, fiz uma pausa. Foi estranho ver tudo tão bem organizado. Abanando a cabeça, mudei para par de sapatos de corrida e uma jaqueta corta-vento.¹⁵ Peguei o telefone, as chaves e a carteira enquanto saía de casa.

Estava mais quente do que eu pensava, mas o vento não diminuiu.

Atrás das escadas, do lado oposto da garagem, estava uma bicicleta amarela vintage com um cesto castanho na frente e painéis de madeira nos pneus de trás. Passei por ela e subi o caminho de tijolo vermelho que cortava a relva em direção à casa de hóspedes da cabana.

— Rosas? — Estendi a mão para tocar nas flores que estavam penduradas no parapeito da janela quando, de repente, olhei para cima e encontrei-a a olhar de novo para mim. Ela estava enrolada em uma colcha e seu cabelo era uma bagunça emaranhada em torno de seu rosto, fazendo parecer que ela estava tentando se passar por um leão.

— Jesus...! — Gritei enquanto instintivamente saltava para trás. — ESTHER!

Ela olhou para as rosas e depois de volta para mim e sorriu antes de abrir a janela. — Numa escala de um a dez, quanto te assustei?

¹⁵ A jaqueta corta vento é um item desenvolvido para esportes que exponham o atleta a situações climáticas específicas. A principal proposta desse item é proteger contra os fortes ventos em dias de frio. ... Essa jaqueta é um meio-termo interessante, que faz com que ela seja útil até mesmo quando não esteja tão frio assim.



Eu inalei profundamente, tentando me acalmar, mas aquele olhar presunçoso no rosto dela era bem irritante. — Perdeu a sua escova ou está tentando contatar extraterrestres através do seu cabelo?

— Diga o que quiser, mas isto aqui é a aparência de um gênio.

— A linha entre o gênio e a loucura é tênue. Tem a certeza que não a cruzou por engano? — Eu ri quando os olhos dela se estreitaram sobre mim.

— Posso ajudá-lo, Sr. Lord? Estou muito ocupada criando o maior romance desta geração.

É isso que ela estava fazendo desde ontem? — Tem certeza que você está pronta, Dickens?

— Bem, eu vejo que você só queria me incomodar então adeus-

— Vista-se, estou com fome. — Disse-lhe enquanto me esticava.

Ela se inclinou sobre o selo da janela descansando o queixo na palma da mão. — E isso é o meu problema, como?

Ela tem de lutar comigo? — Não sei de onde vem a comida.

— Oh, bem o nome é...

— Eu não sei o que você pede.

— Vou telefonar ao Pete.

— Quem é o Pete?

— Quem mais seria o Pete quando falamos do restaurante?

— Esther, eu não me dou bem com as pessoas. Não vai ficar mal para o teu bloguezinho se as pessoas pensarem que sou um idiota?

— Mas você é um idiota!



— Até os idiotas têm de comer...haa... — A visão dela rindo enquanto se inclinava pela janela revelou-se demasiado cómica, e não consegui ajudar a mim mesmo, juntei-me ao seu riso.

Ela fez uma pausa e a sua expressão escureceu. — Chamou ao site de fãs que criei para o seu trabalho atualmente com mais de dois milhões de pessoas, 'o meu bloguezinho'? — perguntou ela enquanto se levantava e deixava a colcha escorregar dos seus ombros.

— Desculpe, não posso responder a perguntas com o seu cabelo assim. — Voltei a rir.

— Muito bem! Eu vou mudar e depois podemos lutar apropriadamente.

— Tem alguém aí? — Eu falei na minha mão, olhei para cima, e então levantei minhas mãos para o rosto dela como se ela fosse uma antena de rádio. — Esther, vire a cabeça para o lado, a recepção está ruim.

— Urgh! Você.. você parece uma criança de quatro anos! — Ela fechou as janelas e eu sorri enquanto tentava tocar nas rosas.

— Seda. — Ela tinha plantado rosas de seda, debaixo da janela... no Outono. Não fazia sentido, mas também Esther não fazia sentido para mim de qualquer maneira, então porque não rolar com ela. Eram tão vermelhas, quase vermelhas sangue. Elas me lembram de... estendendo a mão para tocar a cicatriz no meu olho, tentei ignorar a irritação ardente. Mas as memórias estavam lutando para chegarem à frente. Eu não queria cair novamente nessa escuridão.

Ah...



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

12 de maio de 1781 - Guanajuato, Nova Espanha

— Só uma? — A mulher perguntou enquanto cortava a flor para mim.

Sorrindo, acenei com a cabeça enquanto levantava a única rosa cor-de-rosa do bouquet, depois, quando alcancei dentro das calças por causa do meu dinheiro, só encontrei um buraco no meu bolso.

— Carlos, é apenas uma flor. Vai.

— Tem certeza...?

— Pareço faminta para você? — Ela perguntou e eu sorri, sabendo que ela estava se divertindo.

Em vez de lhe responder, ofereci-lhe a minha gratidão quando me virei e subi mais acima no beco de paralelepípedos. As paredes vermelhas e amarelas dos apartamentos circundantes flanqueavam-me de lado e em breve parei à porta. Olhei para a sua varanda, incapaz de me impedir de sorrir. Eu teria ficado ali atordoado se outras pessoas não tivessem começado a subir. Subindo as escadas, entrei no meu apartamento e imediatamente fui para a minha varanda e saí. Ela estava tão perto...um pequeno salto e eu estaria com ela.

— Logo, amada. — Sussurrei enquanto colocava a rosa no trilho da varanda dela.

— Quanto tempo?

Olhei para cima e encontrei-a inclinada na soleira da porta. Os seus cabelos ondulados e castanhos escuros caíram-lhe nos ombros e, ao olhar para mim com aqueles seus belos olhos, ela enrolou os braços à sua volta e saiu. Tomando a rosa, levantou-a e inalou o seu cheiro.



— Quanto tempo mais, Carlos? Vamos. Vamos fugir agora.

Abri a boca para falar quando ouvi uma voz profunda gritar. — Ana? Ana, onde está?

Seus olhos se alargaram e eu corri de volta para o meu apartamento observando como ela girou em torno tão rapidamente que a rosa escorregou de sua mão e caiu para a rua.

— Você está bem?

Ao sair de lá, afastei-me das flores.

— Malachi? — Ao som da sua voz, virei-me para a encontrar vestida com calças ganga justas e escuras, botas marrom e um suéter de malha grossa e vermelha. O cabelo dela... não sei o que ela tinha feito, mas há momentos estava por todo o lado e agora ela tinha-o transformado numa massa de lindos cachos que descansavam logo acima aos seus ombros.

— Há quanto tempo estou aqui de pé?

Ela franziu a testa quando se aproximou de mim e se inclinou. — Você estava tendo outra lembrança? Você só toca sua cicatriz quando você está ficando assim.

Ela tinha reparado? Na sua maioria, esqueci-me que estava lá.

— Eu estou bem. Está pronta?

Ela acenou com a cabeça. — Desculpa ter demorado tanto tempo.

Olhei para o meu relógio.... Estava ali parado há mais de meia hora num torpor. Foi por isso que detestei estar consciente das horas. No momento em que soube, soube quanto tempo tinha acabado de perder a cabeça lutando contra a minha própria mente.

— Malachi.

— Sim. — Eu olhei para ela. — Pensando melhor, vou só tomar café...



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Oh não, não vai. Você prometeu comida, vai haver comida. Vamos lá... espera, estava pensando em caminhar até lá? — Perguntou ela enquanto olhava para a minha roupa.

— Sim.

— Está bem. Eu levo a minha bicicleta. Eu só corro com a ameaça de morte.

— Espera, o quê? — Eu perguntei-lhe quando ela se mudou para a sua bicicleta. — Sob ameaça?

— Sim. — Ela montou na bicicleta e inclinou-se para um lado. — Em Nova Iorque, temos este poder mágico. Colocamos as mãos para fora e de repente um carro vai chegar e levá-lo em qualquer lugar que você precisa ir.

— O seu sarcasmo foi notado.

Ela sorriu e deu o fora. — Venha apanhar ou então!

— Ou então o quê?!

— Ou então vou te acordar as três da manhã, só por isso!

Eu sabia que ela não estava brincando. Sacudindo a minha cabeça, saí pela estrada atrás dela enquanto ela se levantava no seu assento e pedalava com toda a força que podia, fazendo o vento soprar através dos seus caracóis castanhos. Sem mais nem menos, esqueci-me outra vez da minha cicatriz.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Onze

As boas pessoas

MALACHI

— Está tudo bem aí atrás?

Eu me virei e vi quando ela olhou para mim. Ela pedalava o mais forte que podia quando comecei a alcançá-la e agora, depois de quase 25 minutos, quando nos aproximamos da periferia da cidade, ela estava respirando com mais dificuldade do que eu. — Eu acho que você comentou sobre eu estar fora de forma há alguns dias?

— Como você está mal suando? — Ela parou e permitiu que suas botas tomassem a calçada na faixa da estrada.

— Eu corro frequentemente e geralmente muito além disso. E muito mais rápido, mas não havia necessidade de fazê-la se sentir pior.

— Desde quando? Você é eremita desde que cheguei aqui. As pessoas da cidade chamam você de Corcunda de Notre Dame.

Eu olhei para ela completamente perplexo, um olhar que ela erroneamente se ofendeu e desta vez seu tom era mais suave.

— E eu disse a eles que era muito rude e que você só estava resfriado.

— Não fiquei ofendido.

— Tem certeza? — Ela se inclinou sobre o guidão me olhando com cuidado. "Porque sua boca está dizendo 'eu não ligo', mas seu rosto está dizendo 'que diabos?'"



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Que perspicaz da sua parte. Mas tanto meu rosto como a minha boca, como está no meu rosto, dizem exatamente isso: Eu não me importo. Estou perplexo porque as pessoas pensam que a versão da Disney do Corcunda é uma peça. Victor Hugo foi o único que conseguiu corrigir uma das nossas histórias.

A boca dela abriu e ela olhou para mim com os seus grandes olhos castanhos prontos a soltar um rio de lágrimas.

— Também era você?! — Ela ofegou lamentavelmente. — Realmente?

— Sim. Realmente. É por isso que não estou ofendido. — Como é que eu poderia estar? Na verdade, eu era o Corcunda de Notre Dame. — A Disney, na verdade, ofende-me mais. Eles mudaram toda a história para torná-la um final feliz, nem mesmo um final feliz para Quasimodo, mas para Phoebus de Châteaupers, que foi a razão pela qual Esmeralda foi enforcada. E ele não a salvou quando poderia tê-la salvo. Ele a viu morrer e casou com sua noiva, com quem ele esteve o tempo todo. Foi com ela que a Disney fez o seu verdadeiro amor. O Corcunda não pode ter a bela moça apesar de ser um bom rapaz porque continua a ser um monstro, pelo que, em vez disso, recebe uma ovação de pé da cidade. Ele não precisava da cidade, ele precisava dela. Então que se lixe a Disney e os seus felizes para sempre.

— Está bem, então. — Sussurrou ela enquanto saltava da bicicleta e caminhava ao meu lado. Agora eu estava aborrecido. Eu não queria ficar tão irritado, mas... mas não suportava aquele filme. Não suportava a zombaria de tudo isso.

Eu podia dizer que ela estava perdida em pensamentos. Ela estava calada. Ela não disse nada; o único som vinha da sua bicicleta quando os pneus giravam. Esta era a razão pela qual eu também não gostava das pessoas, elas não entendiam. Ninguém entendia... ninguém além dela. E eu não podia ir até ela.



Na cidade, passamos pela Estação da polícia. Lá, quatro carros de patrulha estavam estacionados no estacionamento onde um grupo de oficiais com seus copos de café estavam rindo alto. Uma das suas caras tinha ficado vermelha e eles não nos conheciam até ela gritar. — Bom dia, Cobie! Bom dia, Bo!

As suas cabeças levantaram-se. Um deles - Cobie ou Bo - inclinou-se para a frente para ver quem éramos antes de sorrir e levantar a sua xícara de café. Ele era muito mais velho do que o outro rapaz ao seu lado.

— Bom dia, Esther!

— Vem ao festival hoje à noite? — Gritou o outro.

Esther acenou com a cabeça. — Sim. Eu vou estar lá!

O primeiro deu-lhe um polegar para cima enquanto o mais novo gritou — Bom dia! Você não deveria encontrar Joanna ontem?

— Porcaria! — Ela parecia pronta para correr. — Será que ela já foi para casa da nora? Alguém a pôde ajudar?

— Sim, eles disseram...

Deixei de ouvir. Nora? Joanna? Pete? Cobie e Bo? Quem eram estas pessoas e como é que ela já estava tão próxima delas?

Honk.¹⁶

Honk.

Outro carro da polícia virou na estação e parou mesmo ao nosso lado. Dentro o rosto de um loiro sorridente e familiar cujo nome eu não conseguia lembrar, olhou para nós. Ao seu lado, estava uma oficial ruiva com sardas por todo o nariz branco.

— Olá, David. Olá, Murphy.

¹⁶ Som da buzina.



Ótimo, mais nomes irrelevantes.

— Esther, a conhecedora.

O quê agora?

— Oooo... —A mulher ao lado zombou — Você está usando palavras grandes aí, David, conhecedora.

— Cale-se, Murph. — Ele estalou para ela.

Ela ignorou-o, inclinou-se para a frente e acenou para mim. — Olá. Eu sou Murphy Daniels. Você é o infame Malachi?

— Corcunda e tudo. — Respondi sem emoção, fazendo com que a Esther me acotovelasse na costela.

O David abanou a cabeça. — Não leve para o lado pessoal-

— Mas é pessoal. — Eu disse interrompendo-o, e Esther segurou a cabeça como se estivesse prestes a morrer de vergonha.

— David, Murphy, nós vamos comer qualquer coisa, sabem aqueles anúncios de snickers?

O quê?

— Aquelas em que a Betty White é abordada? — A ruiva perguntou e depois riu. —Eu adoro essa.

— Sim, ele está no modo Betty White neste momento. Nos vemos no festival.

Que modo?

E quando me inscrevi para um festival?

Foi como se eu tivesse entrado num universo paralelo.

— Está bem, eu guardo um lugar para você. — David acenou para ela e acenou para mim. — Prazer em vê-lo, Sr. Lord.



MALACHI
AND
L

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu estava prestes a dizer-lhe a verdade quando Esther interrompeu.
— Até logo! Estou tão entusiasmada!

— Aposto que não é nada como a cidade, mas espero que goste. —
Ele piscou para ela e dirigiu para dentro em direção aos outros carros.

Ela esperou até que nós andássemos alguns metros antes de me
bater no braço. — Tente agir como se não odiasse as pessoas, por favor.

— Mas eu não odeio as pessoas. — Só não queria conhecê-las.

Ela suspirou profundamente. — Dois passos em frente, sete passos
para trás. Eles são boas pessoas, Malachi...

— Mal os conhece. Conheci muitas pessoas, as boas são muito
difíceis de encontrar.

— Então seja um! — Ela me passou enquanto marchava.

Queria dizer-lhe que também já tinha tentado isso. Tentei ser uma
das boas, mas nunca funcionou bem. Se ela vivesse o tempo suficiente
ou pelo menos visse a história das pessoas a desenrolar-se, ela saberia
que eram os vilões que geriam o mundo. Parte de mim pensava então se
tornar o vilão... mas a parte mais racional de mim perguntava se este
seria o meu inferno, se eu estava condenado a viver, amar, morrer e
repetir para sempre, que diabos era o destino?

Foi o medo que me impediu de chegar a essa fase.

ESTHER

— Aqui está. Um Wake Me Up para Esther e um Big Man para você.
Qual é o seu nome mesmo? — Pete perguntou a Malachi ao colocar o
prato de bacon, presunto, salsicha e batatas fritas à sua frente. Mas
Malachi... ele não estava aqui. Ele estava sentado à minha frente.
Eu podia vê-lo; todos nós podíamos vê-lo. Mas nos seus olhos
eu podia ver que ele estava em outro mundo... em outra



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

memória ou, pelo chegando lá. Não tinha a certeza do que fazer. Não queria fazer uma cena, mas se fosse tão má como da última vez...ele estaria no chão em breve. E eu não teria como mantê-lo longe do hospital ou dos mexericos.

— É Malachi. Obrigada, Pete. — Eu sorri.

Pete acenou-me com a cabeça antes de olhar por cima do ombro para a sua mulher, Millie, que estava de costas olhando para Malachi como se ele fosse... um corcunda. Chegando até ele, coloquei minha mão em seu pulso e apertei com força.

— Malachi, por favor. — Eu sussurrei suavemente. — Seja o que for.... já aconteceu. Acorda. Malachi... Malachi.

Pestanejou algumas vezes antes de os seus olhos azuis claros se concentrarem em mim. Ele fez uma careta quando estendeu a mão para tocar sua cicatriz. Levou-lhe um segundo para perceber que estávamos no restaurante e quando ele olhou à sua volta e aqueles que estavam olhando rapidamente desviaram o olhar, tornando óbvio que tinham estado a olhar para ele para começar.

Pegando no seu garfo, ele agarrou no prato e escondeu a cara.

—Não é preciso ter vergonha...

— Eu corro à noite. — Sussurrou ele enquanto olhava para cima. — Algo entre a uma e as três da manhã. Eu vou correr porque as pessoas normais estariam dormindo nessa hora - você está dormindo nessa hora. Mas é a única altura em que não tenho de ficar na minha zona segura. Não vejo televisão, nem leio as notícias, nem viajo mais de trinta quilómetros do local onde estou a vivendo no momento. Eu evito o contacto visual com os que me rodeiam. Porquê? Porque saber que um dia poderei vê-la me assusta. E agora que sei quem e onde ela está, a dor já não é assim tão má, mas não consigo controlar as memórias.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Ele levantou o seu dedo indicador para o cartaz pendurado ao lado da minha cabeça. Era uma mulher nativa americana que estava nas montanhas com um bastão nas mãos, olhando para a floresta. Pete era meio índio nativo americano, então o imaginário encaixava perfeitamente no tema do restaurante.

— Sua vida como nativo americano?

Ele acenou com a cabeça. — Ela também era. Mas de outra tribo que estava em guerra com a minha. Fui trazido como prisioneiro, ferido. Naquela vida, o machado do pai dela deu-me isto. — Ele bateu no rosto. — Em todas as vidas, através de alguma circunstância eu fico com esta cicatriz. Nessa vida, assim que acordei, e todas as lembranças voltaram, ela já era a que cuidava de mim. Ela disse que se lembrava do momento em que me viu. Falámos durante uma hora. Reunimo-nos durante uma hora antes do ataque da minha tribo e ela e eu morremos. Uma hora, acredita nisto?

Ele riu amargamente ao levantar um pedaço de bacon para os lábios.

— Malachi...

— Não é preciso procurar palavras. Nunca ninguém tem as palavras. Não quero a sua piedade. Sinceramente, não sei o que quero...sinto que...não importa.

— Não, diga-me. — Peguei no meu garfo também.

Ele se forçou a sorrir. — É a minha terapeuta agora?

— Eu sou sua amiga.

A sua sobrancelha levantou-se — Amiga?

— Sim. — Eu acenei com a cabeça. — Você me irrita às vezes... muitas vezes, de fato. É teimoso e sabe sempre o que dizer para me chatear. Mas... você... você é amigo e família. Eu sei que o meu avô também gosta muito de você. Às vezes ficava um



pouco ciumenta quando fazias uma lista de best-sellers. O avô murmura sempre sob o seu fôlego "é o meu rapaz". Isso fez-me trabalhar mais. Sou um pouco competitiva.

— Você, competitiva? — respondeu ele. — Sra. Eu-travo-por-esquilos?

— Eu não travei, eu desviei-me! — Disse rapidamente.

Ele acenou, o canto da sua boca subiu. — E foi por isso que um homem a pé foi capaz de te bater enquanto andava de bicicleta.

— Correção - um atleta treinado foi capaz de bater uma nova-iorquina com botas de salto alto. — Correr algumas horas por dia não faz de ti um atleta treinado.

Não pude deixar de ofegar. — Umas horas? O quê? Você provavelmente estava correndo lentamente por minha causa também!

Ele parou por um momento e eu preparei-me para a sua resposta inteligente, mas em vez disso ele disse, — O que estávamos discutindo novamente? Eu não tenho certeza se eu estou provando ou contradizendo o meu ponto mais.

Também pensei nisso e depois ri. — Muito bem, vamos voltar atrás. Está bem?

— Você é meu amigo e família para que você possa falar comigo sobre suas... memórias. Eu não sou um juiz.

— Todo mundo é um juiz.

— Está bem, mas eu sou legal sobre isso. Então me diga o que você estava sentindo

— Eu também me esqueci disso.

Eu gemi. Era como se ele estivesse tentando esquecer. — Muito bem, eu também posso ser teimosa. Eu tenho perguntas.



— Que tipo de perguntas?

— Perguntas do tipo terapeuta.

— Isso soa julgador.

— Malachi. — Respirei fundo. Era como se estivesse jogando um jogo interminável de xadrez com ele e pudesse sentir o meu cabelo lentamente ficar cinzento. Ele pegou no jarro de água do centro da mesa e encheu o seu copo, o que por si só foi um choque. — Pergunte à vontade, amiga. Mas saiba que não sou fã de chorões.

— Não precisas de ser fã. Só tem que ter lenços de papel à mão. Primeira pergunta, — Tentei pensar por onde começar. Ele tinha tanto conhecimento sobre tantas coisas. Eu estava curiosa sobre ele e queria muito entrar na sua cabeça. — Essa cicatriz, como é que a conseguiu? E foi aí que as suas memórias voltaram?

— Quando eu tinha oito anos. — Não tinha certeza do olhar que tinha no rosto nesse momento. Mas o que quer que fosse, fez com que ele assentisse. — Sim, estou assim há pouco mais de vinte e dois anos.

Isso foi toda a minha vida.

Ele tinha sofrido assim durante toda a minha vida.

— O meu pai era polícia na paróquia de St. James, Louisiana, que é onde, ironicamente, morri em outra vida. Ele era o homem da cidade e todos o amavam depois de ter salvo algumas crianças de uma igreja em chamas. Todos pensavam que ele era a segunda vinda de Cristo. Bonito, erguido, um agente da lei, com uma esposa amorosa que ele abusou fisicamente, emocional e sexualmente, e um filho orgulhoso que ele gostava de espancar depois de um dia estressante de ser um herói.

Um dia ele usou a sua garrafa de cerveja como um taco e o meu rosto era a bola. Acordei três dias depois e tinha todas as minhas memórias de volta. E depois ele já não era tão assustador. Eu



não tinha medo dele. Eu tinha visto pior. Uns meses depois consegui convencer a minha mãe a deixá-lo e fugimos juntos.

— Sinto muito pelo seu pai. Realmente sentia. Quanto é que uma pessoa pode sofrer? — Doeu quando todas as memórias voltaram?

— Não. — Ele abanou a cabeça, parecendo surpreso. — Não o fez então. Foi como se eu tivesse visto um filme.

— Então, o que aconteceu?

— Mudei-me para Nova Iorque com a minha mãe e suponho que estava demasiado perto de onde Li-Mei estava nesse momento. — Sussurrou ele. Normalmente ele se referia a ela como dela ou ela, mas esta era apenas a segunda vez que eu o ouvia chamá-la pelo nome. — Mas cada vez que isso acontecia, a minha mãe apressava-me para o hospital e em breve as contas começavam a acumular-se. Então forcei-me a parar de pensar nisso e comecei a tentar esconder os meus black outs. Fiz pela saúde dela, mas depois ela morreu... ela se matou, mas tenho a certeza de que o seu avô já te contou essa parte da história.

— Ele fez, mas só porque eu estava com ciúmes, lembra? Perguntava-me porque é que ele tinha sempre de te ver. Nessa altura já era uma adolescente. Podia ter-te desejado mal... desculpa. Caramba, eu era uma pessoa tão terrível e ciumenta.

— Não seja. Eu compreendo. — Ele respirou fundo e inclinou-se para trás na cadeira, o seu prato agora vazio à sua frente. — Você não tinha mais ninguém, certo? Eu, pelo menos, tinha o meu pai.

— Voltar para aquele filho da puta? — O largo sorriso que se formou no seu rosto foi tão genuíno como eu alguma vez tinha visto. — Não. Não falamos desde que deixei a Louisiana. Mas o Alfred arranjou-me um advogado e processou-o por pensão alimentícia e ameaçou-o com pena de prisão por abuso. Quando eu tinha dezesseis anos, emancipei-me. Vivi sozinho num pequeno apartamento em



Brooklyn. O Alfred tentou arranjar-me algo melhor, mas eu recusei. Não gostei da ideia de estar tão em dívida com ele.

— Em dívida... com ele? — Isso não fazia sentido para mim. — Pensei que ele estava em dívida contigo. Era sempre assim que ele o fazia parecer.

Ele abanou a cabeça. — Alfred... a minha mãe... a culpa não foi dele. Não havia nada que ele pudesse fazer. Na noite em que ela ia atuar como Fantine em *Les Misérables* ela não se embebedou. Ela foi drogada pelo back-up que pensou que não era justo que uma ninguém tivesse conseguido o papel principal. A minha mãe não se percebeu o que tinha acontecido e estava tão assoberbada e zangada que se suicidou.

— Alfred só se percebeu quando uma das outras atrizes confessou ao ouvir o que a minha mãe tinha feito. Não havia nada que ele pudesse ter feito para impedi-la. Ele estava apenas fazendo o seu trabalho. O Alfred é uma boa pessoa. Um dos poucos. As pessoas boas não entendem o quão mal as pessoas pensam. Ele passou a sua vida tentando tomar conta de mim enquanto a pessoa que o fez e aqueles que sabiam o que tinha acontecido continuavam a agir e a viver as suas vidas, esquecendo-se do seu passado. 'Eles não a mataram, ela se matou. Eles só estavam brincando. Esse tipo de coisa sempre aconteceu'... eles vão arranjar desculpas até ao fim dos tempos, antes de assumirem a responsabilidade.

Agora compreendi porque é que o meu avô nunca me deixou ir mais fundo nas artes. Penso que todos as crianças pensam que a certa altura gostariam de estar no cinema... mas o meu avô sempre me afastou disso.

E eu, sendo a pessoa facilmente distraída que sou, pior ainda quando era criança, encontrava-me a desfrutar de tudo, por isso fui a aulas de piano e ao clube de voleibol.

— Você não está chorando.



Concentrei-me nele e encontrei-o olhando fixamente para mim, à espera de ver como reagiria. Alcancei o canto do meu olho.

— Acho que não.

— Então só chora por romances? — Ele provocou.

— Acho que sim.

— Sabe, as suas respostas são um pouco desconcertantes para uma terapeuta.

Sorri para isso enquanto baixava o meu garfo e descansava os cotovelos sobre a mesa. — Amiga, lembra? Com o ouvido de um terapeuta então?

Ele também se inclinou para a frente. — O que está pensando?

— Nada.

— Mentirosa. — Sussurrou ele. — Quando não está falando, está pensando, Oshaberi.

Eu gemi enquanto colocava as mãos no rosto. — Odeio tanto essa alcunha.

— Eu gosto.

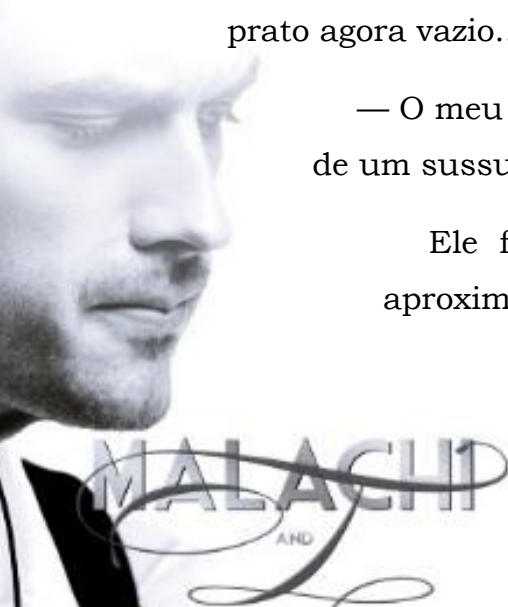
— Só porque ninguém te chamar disso.

— É verdade. E agora você está desviando.

Por que ele estava me lendo tanto. Acho que era justo intrometer-se depois de eu ter acabado de desvendar a vida dele. Ao olhar para o meu prato agora vazio... aparentemente tinha comido em piloto automático.

— O meu avô é uma boa pessoa. — Falei a minha voz mal acima de um sussurro. — Mas eu não sou.

Ele franziu a testa. — Não creio que todos os que se aproximaram para lhe dizer bom dia concordem.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Isso é porque eles não me conhecem. Você também não me conhece.

— Você é uma assassina em série? — Ele me perguntou.

— NÃO! — Eu disse um pouco alto demais e algumas pessoas viraram-se para nos olhar fixamente. Eu acenei-lhes com a cabeça antes de olhar para ele. — Não me sinto uma boa pessoa porquê... porque me sinto como uma fraude alguns dias. Eu tento fazer a coisa certa - ser gentil, respeitar e ajudar os outros. Mas às vezes sinto que o faço não porque me preocupo realmente com as outras pessoas... mas porque quero que as pessoas pensem que sou uma boa pessoa. A maioria das pessoas sabe quem é o meu avô, por isso sabem quem era a minha mãe, e quando as pessoas olham para mim é com este olhar de expectativa. Será que ela vai bater e queimar e jogar fora sua vida como sua mãe? Ou ela vai se tornar algo grande como seu avô? Na escola eu não queria ser a menina negra barulhenta. Então eu não falava muito e me enterrei em livros. Vesti-me o mais rica que pude porque não queria que as pessoas pensassem que eu não tinha classe. Queria ser a melhor para poder deixar o avô orgulhoso. Para que dissessem coisas boas sobre mim. Olha como ela interpreta bem Mozart. Você sabia que ela ganhou o torneio de xadrez? Oh, ela foi a mais voluntária das horas. Ela é uma das boas... Eu sinto-me uma fraude.

— Não é. — Respondeu ele e eu percebi que ele estava ali sentado de novo enquanto eu estava apenas falando e expressando os meus pensamentos.

— Você não...

— Eu conheço pessoas más e as pessoas más não querem saber se estão sendo falsas. As pessoas más não se preocupam se estão ou não sendo boas pelo amor de Deus. Elas não se importam. Você sim. E faz isso pensando nos outros, portanto não é uma pessoa má, Esther Noëlle.



— Poderia dizer o mesmo de si mesmo?

Ele olhou de volta para o poster na parede. Ele não precisava de pensar muito porque já estava acenando com a cabeça que sim. — Eu sou uma boa pessoa. Não sou a melhor das boas pessoas. Sou provavelmente a última entre as boas pessoas, mas sou uma boa pessoa.

Sorri enquanto me levantava do meu lugar. — Como uma boa pessoa, me acompanha ao festival esta noite?

Ele olhou para mim como se eu estivesse louca. — Nem numa maldita chance no inferno.

— Você não disse que já estava lá? Por que não ficar e ver os fogos de artifício

— Você acabou de...

— Usar o seu sofrimento pessoal como uma piada para que você venha ao Festival do Dia dos Fundadores da Lieber Falls? Sim. Sim. Eu fiz. Porque eu sou má...má até aos ossos.

Ele tapou a boca e abanou a cabeça enquanto me olhava desconcertado.

— Malachi, posso fazer piadas idiotas o dia todo.

— Será que fica mais idiota do que essa?

Inclinei a cabeça de um lado para o outro e fingi partir o pescoço antes de limpar a garganta cantando — Bad Boys, bad boys, whatcha-

— Seja o que for que ela queira, dê-lhe antes que ela cante mais. — Disse Pete a Malachi enquanto caminhava e pegava os pratos de outra mesa.

— Ei! O que é que isso quer dizer?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Significa que você é uma péssima cantora. Simplesmente horrível.
— Murmurou Malachi ao pegar na sua carteira e colocar algumas notas na mesa... muito mais do que o necessário.

— Você é ofensivo. As pessoas adoram a minha voz.

Todos eles riram, até a Millie. Eu olhei para o seu fingimento e ela dobrou a cabeça e fingiu verificar os recibos na sua mão.

—Viu? — Malachi inclinou-se tão perto de mim que eu saltei um pouco. Mas ele não pareceu notar, em vez disso, olhou entre a Millie e o Pete. — Eles são boas pessoas na frente da linha das boas pessoas ... não querem magoar seus sentimentos... Eu, por outro lado, ao fundo da fila, sinto que devo dizer que você parece três gatos que foram atirados para uma máquina de lavar roupa e deixados a morrer.

— HA! — O Pete pôs o punho na boca enquanto o seu corpo tremia, mas já não conseguia reter-se e ele irrompeu em gargalhadas.

— Pete... Pete... para... haha! Pobres gatos. — Millie riu.

— Pobre de mim! — Eu falei e eles riram mais.

Pete finalmente conseguiu compor-se enquanto olhava para Malachi de olhos lacrimejantes. —Mas porquê três?

— O seu tom muda... ahh... uoooo... ieee... Uma criatura não consegue fazer todos esses sons.

Nesse ponto, Pete ia arrebentar o estômago

— Está bem. Claro. Zombem de mim. Não quero saber. Eu canto se eu quiser! — Murmurei enquanto marchava em direção às portas de vidro do restaurante.

Mas quando olhei para o Pete falando com Malachi, não pude deixar de sorrir. Pelo menos eles não pensaram que ele era uma



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

aberração. Eu conseguia aguentar ser o rabo da piada por hoje... só hoje.
Em breve me vingaria dele.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Doze

Não salvável

ESTHER

— Uau. — Sussurrei olhando para cima para todas as estrelas que brilhavam no céu sem lua como diamantes sobre seda preta, enquanto o lago, que lentamente começava a congelar, estava diante de mim. Na beira da praia, as águas já tinham gelado. Se tivesse ficado em silêncio, a beleza teria sido imensa, mas toda a cidade tinha convergido para o lago e pequenas fogueiras pontilharam a circunferência das suas margens.

Senti o cobertor cair sobre os meus ombros antes de ouvir a sua voz.
— Você gosta?

— David? Hey. — Eu olhei para ele. Estava sem o uniforme de polícia e, tal como a maioria de nós, estava agasalhado com um gorro vermelho que cobria os seus cabelos loiros. Levantou o pé por cima do tronco e sentou-se ao meu lado enquanto abria estalando a sua lata de cerveja e tomava um longo gole. Ele já cheirava ao que quer que fosse que tinha bebido e começou a dar-me dores de cabeça.

— Ah.... — Ele balançou a cabeça e lambeu os lábios frios e ressecados enquanto a entregava para mim. — Quer um pouco? Isso vai aquecê-la bem.

— Não, obrigada. — Acenei para a fogueira a poucos metros de mim. A cidade inteira estava agrupando-se e bebendo, num esforço para se manter quente. Assim que o sol se pôs, o ar ficou cheio de gelo e um frio terrível tomou conta da noite. Se não fossem os



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

sacos de aquecimento que estavam a dando a todo mundo, os meus dedos já estariam dormentes.

— Realmente, é bom, tem-

— Ela está bem. — Virei-me para ver Malachi a alguns metros de distância de nós. Sobre o seu braço esquerdo segurava a minha colcha e na sua mão direita um frasco de prata. Eu tinha-lhe pedido para me trazer a minha colcha desde que ele tinha voltado para casa para se trocar, mas eu não tinha pedido a bebida, não que eu me importasse. Ele agora estava de jeans, botas e um casaco de lã azul escuro e as chamas do fogo cintilavam no reflexo dos seus olhos enquanto olhava para nós. — Oficial.

— Me chame de David, e vem tomar realmente uma bebida conosco!

Malachi ignorou-o e olhou para mim. — Estou interrompendo alguma coisa?

Era isso que eu queria saber. Pensei, ao olhar entre os dois.

— É...

— Realmente, qual é o seu problema? — David estalou enquanto se levantava. — Temos tentado dar-lhe as boas-vindas desde que chegou, mas não tem sido senão mal-educado.

— Peço desculpa. — Disse Malachi, mas não me soava nada arrependido e David percebeu.

Aproximando-se dele, o David atirou-se ao peito do Malachi. — Não sei quem pensa que é, mas não gosto da maneira como fala comigo!

— Como devo falar com o senhor? — Malachi respondeu tornando-o pior, considerando que ele era mais velho do que David.

— David, desculpe, precisamos trabalhar.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Devia parar de inventar desculpas para ele! —Ele se virou para mim.

— David! preciso da sua ajuda com isto. — Olhei por cima do ombro de Malachi para ver Eleanor, a avó de David e a Xerife de Lieber Falls, chamando-o, para ajudar alguns outros pessoas que traziam bebidas para a beira da fogueira.

— Tente não agir como uma aberração, corcunda. — Murmurou ele antes de se voltar para mim e sorriu. — Eu volto mais tarde, está bem?

Acenei com a cabeça sem dizer uma palavra quando ele terminou a sua bebida e caminhou em direção à sua avó. — Ele é um...

— Um alcoólico, sim. Tenho certeza de que toda a cidade sabe. A avó dele está mantendo ele com rédea curta. — Disse Malachi quando pegou no cobertor que eu tinha esquecido que estava usando e o deixou cair no tronco antes de me entregar a minha colcha.

— Reparou?

— Ele é exatamente como o meu pai, é claro que reparei. — Era tudo o que ele tinha para dizer e eu compreendi. Mas ele se sentou ao lado dele enquanto eu me envolvia em um casulo.

— Quando ele estacionou no carro, vi o frasco no bolso lateral, ao lado do assento. E a mulher ruiva ao seu lado, Mandy-

— Murphy. — Eu corriji.

Ele revirou os olhos enquanto torcia a parte de cima do frasco. — Tanto faz, Mandy, Murphy. Se ele a chamasse de qualquer um desses nomes ela responderia. Ela está apaixonada por ele, e cobrindo-o muito como minha mãe fez uma vez.

— Se o amor da sua vida cometesse um crime, você a encobriria?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Ele derramou o marrom profundo em sua caneca, e me entregou.

— Café?

— Chocolate quente. — Respondeu ele, bebendo diretamente do frasco. — E sim.

— Sim? — Eu olhei para ele enquanto soprava no chocolate.

— Sim, eu ajudaria a encobrir qualquer crime. — Disse ele, olhando para as estrelas.

— Realmente?

Ele sorriu e olhou para mim. — Você nunca se apaixonou, não é?

— Eu tinha um namorado?

Ele franziu a testa enquanto inclinava a cabeça para olhar para mim.

— O quê? Eu sou muito atraente se ainda não reparou.

— Ainda não. — Respondeu ele enquanto bebia.

Eu queria bater nele, mas em vez disso eu fechei os olhos e bebi também, apreciando o quão quente me fez sentir.

— Ter um namorado e estar apaixonada são duas coisas diferentes.

— Eu sei. — Foi por isso que eu tinha terminado com ele... ele disse que me daria espaço, mas não só não o fez, como me irritava cada vez que ele me mandava uma mensagem. Então, antes de vir para cá, eu simplesmente disse a ele que queria ver outras pessoas por mensagem de texto. Ele não tinha respondido e eu não tinha pensado mais nisso até agora. Senti-me melhor por estar livre dele.... foi uma coisa má de se dizer?

Caímos num silêncio confortável e talvez tenha sido o chocolate, ou o fogo, ou talvez eu estivesse demasiada exausta



para me preocupar, mas inclinei-me lentamente para ele e descansei a minha cabeça sobre o seu ombro.

— O que está fazen-

— Shhh. — Sussurrei enquanto abria os meus olhos e olhava para o céu. — Eu conheço sua história. Sua vida tem sido dolorosa, mas eu ainda estou com ciúmes.

— Você realmente precisa ver alguém sobre esse seu problema de ciúme. — Disse ele suavemente e eu percebi que ele estava desconfortável, por isso sentei-me de novo.

— Qualquer pessoa ficaria com ciúmes. Consegue imaginar ser uma dessas estrelas? — Eu apontei para uma aleatória. — Há milhares e milhares de estrelas à sua volta e a sua tarefa é encontrar aquela que é perfeita para você. É difícil. Alguma estrela que gosta não gosta de você de volta. A estrela que gosta de você, você não gosta dela de volta. Por vezes as estrelas gostam umas das outras durante algum tempo e depois apercebem-se, por qualquer razão, que não é esta. Às vezes... começamos a perguntar-nos, mesmo entre as milhares e milhares de estrelas, se há alguém realmente lá fora para nós. E você, Malachi, é a única estrela que sempre sabe que há alguém para você.

— Eu não sou uma estrela. — Disse ele e depois levantou a mão e apontou para a minha esquerda. — Eu sou isso.

Assim que ele disse que o primeiro fogo de artifício explodiu no ar e as suas luzes cintilantes de ouro caíram como... como estrelas partidas.

— Eu sou um fogo-de-artifício. Só aqui brevemente e depois desapareço. Enquanto as estrelas ficam onde estão.

Eu franzi a testa, olhando para ele enquanto assistia ao espetáculo. — Malachi.

— O quê?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Olha para mim.

E quando o fez, eu fiz o que o meu avô sempre me fez. Bati com toda a força no centro da sua testa.

— Ah! Mas que...?

— Pare de ser tão negativo!

— Eu estava apenas...

— Sendo negativo. Pare por um segundo e olha a sua volta. — Esfregando a testa, olhou à sua volta.

— O que você vê?

— O que é suposto eu ver?

Cara, ele era um chato. — A cidade inteira está aqui para ver os fogo-de-artifício. As estrelas são lindas. Os fogo-de-artifício é de cortar a respiração, porque vêm tão instantaneamente e depois poof. Desaparecem, mas essa exibição permanece na sua mente. Eclipsa a lua e as estrelas. Mas o mais importante é que faz com que todos parem. Faz com que se juntem num só lugar e olhem apenas para o céu.

Olhei para o céu quando quatro, depois cinco deles explodiram.

— Consegue imaginar esse mundo sem Romeu e Julieta, Obinna o Grande para Adaeze, Lancelot e Guinevere, Wei Xiao e a Princesa Changping, Quasimodo e Esmeralda? Seria... miserável. Não ousaríamos arriscar as probabilidades, porque não tínhamos exemplos de como isso era. O seu amor, a sua vida, inspirou milhões - não bilhões - de pessoas a amar insensatamente... egoisticamente... irracionalmente, sem consideração por alguém ou qualquer outra coisa. — Repeti as linhas do último livro, e pude sentir novamente as lágrimas que se formavam nos meus olhos. — E por isso, quando vemos fogo de artifício, quando vemos o verdadeiro amor, temos de parar o que estamos fazendo e respeitá-lo o suficiente para o deixarmos



ser, para o vermos dominar o céu, olharmos com admiração os fogos de artifício.

Estava tão perdida na minha reclamação que só olhei para ele quando acabei, e quando finalmente o encontrei olhando para mim. A maneira como ele olhou para mim... a esperança, o orgulho, a bondade... fez-me doer o peito porque eu o achava quase sobrenaturalmente bonito. E eu não queria pensar assim. Pensar que isso me faria pensar... sobre o quanto eu gostava dele. Sobre o quanto era divertido lutar com ele. E viver aqui..., mas esse não era o meu lugar. Eu não queria ser a substituta de Li-Mei... como é que eu poderia ser?

— Estou cansada. Vou voltar. — Falei enquanto me levantava do tronco e pousava a caneca. — Obrigada por ter vindo comigo.

Envolvendo o meu cobertor à minha volta, deixei-o o mais depressa que pude, o que significou que acabei por tentar atravessar um labirinto de pessoas que estavam todas paradas com os seus telefones no ar para tirar uma foto. Quanto mais pessoas eu tinha de atravessar mais frustrada fiquei e não sabia porquê. Mas a minha cabeça estava a girando. Eu só queria correr.

Finalmente, consegui sair da praia e entrar no trilho do bosque, mesmo a tempo de ver Murphy tentar afastar David, que estava perseguido ela com uma garrafa de cerveja na mão.

— David, para. — Murphy não gritou, mas estava tentando dar o seu melhor para lhe bater nas mãos enquanto ele lhe agarrava as calças de ganga. Eu agarrei um ramo grosso partido do chão e estava pronta para usá-lo como taco de baseball quando uma grande mão branca agarrou a metade superior do ramo e o flash de uma câmara disparou.

— Tenho certeza que isso ficaria ruim em qualquer contexto.

— Disse Malachi ainda agarrado ao ramo que eu tinha planejado



usar. David afastou-se rapidamente de Murphy até perceber que éramos nós.

— Está começando a me irritar! — Ele gritou quando começou a avançar na nossa direção, mas Murphy agarrou o seu braço.

— Esqueça isso. — Ela puxou o mais forte que pode, mesmo sendo muito mais baixa que ele. — Tudo isto foi apenas um mal-entendido. Certo, Malachi?

— Certo. — Malachi acenou com a cabeça.

Relutantemente e desajeitadamente, ela levou David, que parecia pronto para matá-lo.... a nós, para longe. Malachi esperou até que eles passassem por nós e voltasse para o lago antes que ele arrancasse o galho da minha mão.

— Você perdeu o juízo?

— Ele estava prestes a....

— Isto. — Ele acenou o galho no meu rosto antes de jogá-lo na mata.
— Não funciona. Você bateu nele. Ele vai querer vingança, muito provavelmente prendendo você. E quando você explicar o seu lado da história Mindy...

— Murphy.

Ele parecia pronto para me estrangular quando eu o corrigi.

— Mandy, Mindy, Murphy, tanto faz. Ela vai protegê-lo. Você não. Você não pode salvar pessoas assim. Eles têm de encontrar uma razão para se salvarem. Se você quiser ajudar tire fotos ou vídeos se você vir alguma coisa. Mas não vá escavar a vida de outras pessoas. Você vai se machucar! Entendeu?

— Está bem, desculpe! Pare de gritar comigo. Nossa. — Eu estalei antes de caminhar até a casa, mas só consegui alguns



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

metros antes de parar e ver o menor floco branco cair do céu e dançar no ar em frente ao meu rosto. Ao chegar lá, deixei-o cair na palma da minha mão e derreter. Quando olhei para cima, vi as nuvens grossas que rastejavam sobre o céu. Nuvens que escondiam as estrelas e traziam a neve das montanhas até nós. Uma a uma elas desceram.

— Parece que vai haver uma tempestade. — Disse Malachi suavemente, estendendo a mão também para eles.

— A cabana de hóspedes é fria.

— Não tem sido muito ruim. — Eu me agarrei com mais força à colcha sobre meus ombros.

— Fique no quarto de hóspedes ao invés disso. — Foi tudo o que ele disse enquanto se virava e caminhava na minha frente.

— Você poderia dizer por favor.

— Ou você está livre para congelar se quiser! — Ele convidou e eu não pude deixar de sorrir. Ele só tinha de jogar um pouco de sal com a sua gentileza.

MALACHI

— Malachi!

O que é que eu fiz? Pensei enquanto ela abria as cortinas e mandava toda a luz do universo para dentro da sala.

— Malachi, levante-se. Olha.

— Tenho certeza de que a neve ainda vai estar lá quando não estiver... — Eu levantei meu telefone e olhei para a hora. — CINCO HORAS! — Eu tinha ido para a cama há quatro horas! Ela estava louca!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Em poucas horas as pessoas vão começar a andar e a empurrá-la e não vai parecer como parece agora. — Ela se voltou para mim. Seu cabelo encaracolado foi puxado para cima e amarrado ao redor da linha do cabelo com um lenço que ela tinha moldado em um laço.

Tirando o travesseiro da minha cama, eu o coloquei sobre o meu rosto. Mas por que eu deveria sofrer sozinho? Sentando-me, peguei outro e o joguei na parte de trás da cabeça dela.

— Oh você vai se arrepender disso. — Disse ela enquanto se curvava e pegava o travesseiro do chão.

— Não. — Eu a avisei.

Ela correu em minha direção como uma louca e eu me levantei rapidamente agarrando o outro travesseiro para bloquear o dela. Ela não o soltou e então eu bati-lhe de lado com ele. E ela ficou lá chocada como se não estivesse esperando que eu batesse nas costas dela.

— Como está indo essa coisa de arrependimento?

— Estou progredindo. — Ela respondeu logo antes do travesseiro me bater na bochecha... e um flash de déjà vu veio-me à mente.

Esta foi a segunda vez que ela me bateu no rosto com um travesseiro. Desta vez foi guerra. Ao redor do meu quarto nós lutamos batendo um no outro o mais forte que pudemos até que nossos travesseiros cederam e mandaram todas as suas penas para o ar, para o chão, e por todo o meu quarto, cobrindo o lugar de branco, quase igualando a visão do lado de fora da janela.

— Há tantas coisas que eu quero perguntar agora.

Nós dois congelamos com essa voz. Aquela voz que se parece com Deus. Eu olhei por cima do ombro dela para ele. Ele estava vestido com seu terno de assinatura e o lenço no pescoço colorido, a escolha de hoje um púrpura profundo. Ele parecia



completamente bem... com exceção da bengala que ele estava segurando. Era como se ele tivesse vivido aqui este tempo todo.... Será que ele tinha vindo aqui porque funcionou? Teria o tratamento funcionado? Eu olhei para a Esther, esperando que ela se voltasse para ele, mas ao invés disso ela estava realmente congelada. Não só ela, mas tudo estava. A neve caindo lá fora, as penas caindo aqui dentro, estava tudo suspenso no tempo. Ele olhou para ela por um longo tempo, e então eu vi... o olhar nos olhos dele. Ele não tinha acabado de aparecer. Ele estava aqui... para dizer adeus.

— Alfred?

— Não diga a ela até depois de hoje. Eu não posso morrer em seu aniversário. — Ele me disse.

— Alfred... não. — Eu balancei a minha cabeça. Ele não podia morrer de jeito nenhum.

— Faça-me um último favor? — Perguntou ele.

Eu não conseguia falar. Minha garganta queimou e eu não consegui me mexer. Eu não podia fazer nada. Eu estava congelado, assim como Esther.

— Hoje vai ser o último bom dia dela por um tempo... faça com que vale para ela, ok? Fiz um vídeo para ela, assim ela só vai saber mais tarde.

— Alfred... não por favor... POR FAVOR! — As lágrimas queimaram enquanto desciam pelo meu rosto.

— Vou sentir sua falta também. Este é um bom sonho. — Ele acenou com a cabeça e olhou em volta. — Tenha mais desses tipos de sonhos. Melhor ainda, tente viver mais assim também, ok? Saiba que eu te amo e estou orgulhoso de vocês dois.

— Malachi?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Quando os meus olhos estalaram abertos, ela estava ajoelhada na minha frente. Eu olhei para os olhos castanhos dela por muito tempo antes de limpar meus olhos. Levantei da cama, caminhei até a minha janela e olhei para fora. Todas as montanhas de Lieber estavam cobertas por uma espessa camada de neve que parecia brilhar enquanto a luz do sol a tocava.

— Não é lindo? — Esther olhou para fora, o rosto dela quase pressionado contra o vidro. — Ha! Minhas rosas.

Eu as vi, cobertas de neve, mas o brilho do vermelho se destacava na brancura.

— Por que plantá-las? — Eu perguntei para tentar recuperar a minha voz.

— Porque eu estou esperando pelas verdadeiras. — Ela sorriu. — Eu plantei sementes de rosas, mas elas não vão florescer por um tempo. Então eu coloquei as de seda até lá. Eu adoro rosas, mas elas nunca estão na estação durante meu aniversário, então plantei as minhas.

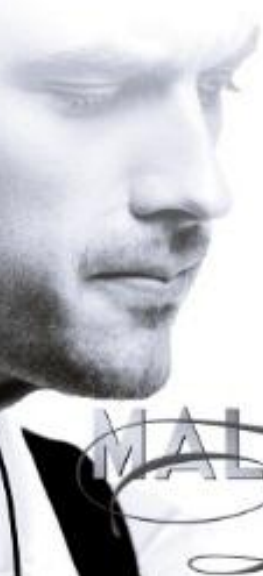
— Hoje é seu aniversário? — Eu esperava que fosse uma mentira. Que tivesse sido apenas um sonho. Que eu pudesse fingir que não sabia o que eu sabia.

Ela olhou para mim enquanto sorria e estendia suas mãos. — Estou oficialmente com vinte e três a partir das quatro da manhã desta manhã. O que você me comprou? — Eu olhei para a mão dela e ela riu. — Estou só brincando...

— Vinte e três desejos.

— O quê?

Eu me virei para ela. — Você recebe vinte e três desejos. Qualquer coisa que você quiser. Basta fazer um desejo.



— Você está falando sério? — Ela cruzou os braços e me olhou com atenção. Eu acenei com a cabeça.

— Você está entrando em águas perigosas. Eu sou uma grande desejadora.

— Então comece a desejar. — Pelo bem de Alfred, meu bem, pelo bem dela, eu esperava que ela desejasse a lua e mais antes que o mundo tentasse esmagar seu coração.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Treze

Desaparecido MALACHI

Uma grande desejadora foi um eufemismo.

Primeiro - Ver as Sete Maravilhas do Mundo.

Segundo - Fazer um passeio de balão de ar quente com uma bela vista.

— Um pouco vaidosa, não é? — Eu perguntei enquanto secava o cabelo e li o terceiro por cima do ombro dela enquanto ela sentava no sofá.

Ao me ouvir, ela abraçou o caderno em seu peito e me olhou de olhos arregalados. — Quando você desceu?

— Um vestido feito sob medida? — Eu repeti o terceiro desejo dela e ela se levantou. Ela tinha se mudado para um suéter de malha verde escura, um dos muitos que ela tinha conseguido de Joanna na cidade, que parou bem nos quadris dela. Debaixo dela, ela usava leggings pretas grossas e um par de meias arco-íris peludas por cima disso. Escondendo o caderno que ela estava escrevendo nas costas, ela sorriu enquanto zombava de mim.

— É demais para o grande Malachi Lord? Eu tentei te avisar.

Ela sabia que era um pouco demais, mas eu queria que ela pedisse tudo isso. — Não. Continua. Mas por favor tente acrescentar algo que possa ser realizado no dia do seu aniversário real.

— Desejo quatro. — Ela leu em voz alta enquanto se deitava no sofá e eu me movia para sentar ao seu lado. — Malachi Lord



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

deve fazer para Esther Noëlle um bolo de baunilha com cobertura de chocolate.

— Muito bem. Você quer vinte e três velas também? — Perguntei, sentado onde estavam os pés dela. Ela mexeu os dedos dos pés com as meias coloridas de arco-íris enquanto olhava para mim e ficou olhando para mim por tanto tempo que comecei a me sentir desconfortável sob o olhar dela. — O quê?

— Por que você está sendo tão gentil comigo?

— É o seu aniversário. Você gostaria que eu não fosse legal?

Ela não parecia convencida, mas continuou escrevendo enquanto olhava para mim de vez em quando.

—Desejo cinco, Malachi Lord vai me desejar um feliz aniversário e agradecer a todas as pessoas que lhe desejaram um feliz aniversário em seu grupo de fãs.

Ela teve de empurrá-lo. Ela estava me testando... e isto não era algo que eu pudesse falhar. Então eu peguei meu telefone e virei a tela para me encarar. Sentando reto eu apertei o gravar.

— Olá... Nação Lord — eu ri. — Eu sou, como você pode ou não saber, Malachi Lord, e hoje é o aniversário de Esther Noëlle. Esther... é.... se você a conhecesse pessoalmente você saberia que não há uma única palavra que possa quantificar quem ela é. E enquanto ela me leva a loucura as vezes, eu não ignoro o fato de que ela investiu tanto neste site simplesmente porque ela ama meu trabalho. Por isso, hoje em seu vigésimo terceiro aniversário, eu gostaria de dizer obrigado e feliz aniversário, Esther. E também gostaria de agradecer a todos vocês que me desejaram um feliz aniversário também. Sinto-me honrado.

Terminando o vídeo, eu olhei para ela e ela me franziu a testa.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— O quê? Não é grandioso o suficiente? — Eu perguntei enquanto lhe enviava o vídeo.

— Não. Eu só não sei o que dizer quando você está sendo tão legal.

Revirando os olhos, eu peguei a lista dela, mas ela a puxou para longe. — Eu não terminei!

— Então termine!

— Desculpe-me se eu não quero me apressar uma vez na vida a oportunidade de ter qualquer coisa que eu queira. É muita pressão tentando pensar em coisas.

Ela não estava falando sério. — Tudo bem, leve o seu tempo, crie raízes se quiser. Eu vou trabalhar no seu bolo.

— Você vai mesmo me fazer um? Você pode ao menos assar?

— Por que pedir desejos se você não acha que eles são possíveis? Nós temos farinha?

Ela me encarou maravilhada.

— Muito bem. Vou só verificar por mim mesmo então. — Murmurei enquanto me levantava do sofá.

— Desejo seis: Malachi Lord faz um jantar de aniversário completo para mim. — Ela bateu no queixo com a caneta azul nas mãos. — Desejo sete, vamos patinar no gelo no lago... assim podemos pegar coisas para o bolo e jantar. O Teddy's faz esses patins legais. Eu realmente quero um. Ohhh desejo oito: você vai me contar mais sobre suas vidas passadas... ou talvez você não se importe de me pintar? Sinceramente, o mundo merece ver sua arte, é tão bonita. Na verdade, as duas coisas. Vou fazer esse meu nono desejo, já que você está sendo tão generoso.

Eu realmente não tinha pensado bem nisto. Eu me afastei dela, mas quando olhei para trás, a cabeça dela balançava para



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

frente e para trás e ela sorria para si mesma... eu queria sorrir. Ela não estava com dor... mas eu sabia que estava apenas atrasando-o. Eu não conhecia os mistérios do universo. Não sei porque morri e acordei como uma nova pessoa com minhas antigas lembranças intactas. Eu não tinha visões, nem podia prever o futuro, e a magia para mim era outro nome para coincidência. Eu nunca tinha visto ninguém nos meus sonhos. Eu nunca sonhei realmente por dizer. Eu me lembrei, mas não sonhei... até ontem à noite, quando o vi. E como quando acordei com todas as lembranças da minha vida passada que eu apenas conhecia. Eu confiava nos sentimentos que sentia e sabia que eram reais.

Alfred tinha ido embora e isso doeu. Ardeu pior do que eu pensava, mas não consegui chorá-lo agora. Eu não podia mostrar essa dor porque ele e eu queríamos que ela tivesse um dia. Mais um dia onde ela acreditava que o sol ainda estava brilhando mesmo quando estava chovendo lá fora.

— Malachi?

Pestanejei e me concentrei nela enquanto ela se voltava para mim e descansava seus braços no topo do sofá.

— Você conseguiu entrar em contato com o avô? O telefone dele continua indo para o voicemail.

Mentir. Ou não dizer nada que ainda seja uma mentira.

Essas foram as minhas escolhas.

— Não. — Foi o melhor que pude fazer.

— Estranho. — Ela murmurou para si mesma. — Este projeto em que ele está trabalhando... não, mas mesmo assim ele chamaria não importa como. Espero que ele consiga voltar a tempo de ter o Dia de Ação de Graças conosco.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Engolindo o caroço na minha garganta eu respondi, — Nós? Ação de Graças? Não, obrigado. Tenho certeza que você vai ter notícias dele em breve.

— Aparentemente, o Grinch acordou cedo, este ano! — Ela murmurou revirando os olhos. — Vou adicionar o jantar de Ação de Graças para nós três à minha lista.

— Vamos lá. — Eu disse, esperando distraí-la. — Precisamos ir às compras e depois podemos ir patinar.

— Mas a minha lista...

— Continue trabalhando nela. Você terá tempo para pensar no carro. — Falei enquanto caminhava até onde nossas botas e jaquetas estavam penduradas ontem.

— Carro? Quando você conseguiu um carro?

— Eu sempre tive um carro. Ele foi levado para reparos depois do meu acidente. — Falei enquanto pegava seu lenço de malha e o colocava ao redor do pescoço dela antes de encolher os ombros para dentro do meu casaco e pisar nas minhas botas.

Ela leu sobre sua lista com uma expressão séria enquanto esperava por mim. — Talvez eu devesse pedir um carro.

— O que aconteceu com aquele poder especial onde um carro amarelo aparece na sua frente se você acenar com a mão na rua? — Eu zombei e ela fez uma careta para mim.

Apalpando os bolsos, dei uma olhada lá em cima. — Esqueci a minha carteira, eu volto já.

— Oh! Você pode pegar meu telefone? Eu o liguei perto da minha mesa de cabeceira. Obrigada! — Ela disse.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Sem carros. — Eu disse a ela enquanto subia as escadas correndo.

— Sua moto então? — Ela perguntou e eu quase tropecei, o que a fez rir. — Você disse qualquer coisa, certo?

Eu sabia que ela estava mexendo comigo, então decidi mexer com ela também. — Claro. Assim que você conseguir sua carteira de moto.

— O quê? — Ela colocou as mãos em seus quadris. — Você acha que eu não posso?

— Sim, tudo bem. Boa sorte com isso. Ela quase quebrou minhas costelas quando ela me agarrou firmemente.

Eu só cheguei até a porta do meu quarto quando a campainha tocou.

— Eu tenho isso!

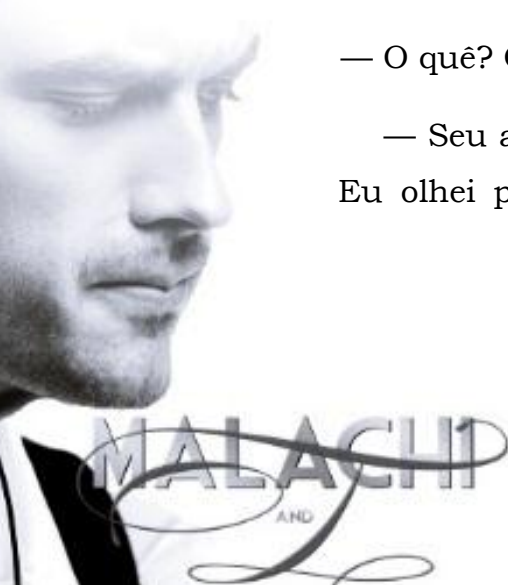
O meu estômago caiu quando os cabelos nos braços e na nuca subiram. Eu não sabia porque, mas sabia que ela não deveria abrir a porta e então corri, quase pulei, mas já era tarde demais. Ela já a tinha aberto. E lá, de pé na moldura da porta, vestido com seu uniforme com um buquê de lírios brancos nas mãos, estava a própria cobra de cabelo louro.

— David? — Ela perguntou um pouco menos alegre do que costumava fazer, como se estivesse aborrecida em vê-lo e eu estava grato por isso, pelo menos.

Ele lhe entregou os lírios e disse. — Eu só queria que você soubesse, se precisar de alguma coisa eu estou aqui.

— O quê? Obrigada. Você não precisava fazer tudo isso por...

— Seu aniversário. Nós entendemos. — Eu disse indo até ela. Eu olhei para ele dizendo para ele ir embora. Esperando que



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

houvesse alguma... qualidade resgatável sobre ele. Infelizmente, não havia.

— É o seu aniversário? Sinto muito pela sua perda...

— CALA A BOCA! — Eu gritei para ele.

E ele pulou, mas ela não enquanto lia a carta anexa às flores. — Sentimos muito pela sua perda? Que perda?

Ela olhou para cima entre nós.

Foi então que o tolo, o asno intrusivo e irrefletido de um ser humano, percebeu o que ele tinha feito. Ele me olhou em busca de ajuda e eu não tinha nada a oferecer. Ao invés disso, eu queria chutá-lo pelas escadas com força suficiente para garantir que ele nunca mais voltasse a subir.

— Malachi?

Eu olhei para ela e o medo em seus olhos. Abri minha boca para falar, mas não saíram palavras. As flores caíram da mão dela enquanto ela corria. Ela correu em direção ao sofá e pegou o controle remoto que duvido que eu alguma tivesse tocado e ligou a televisão.

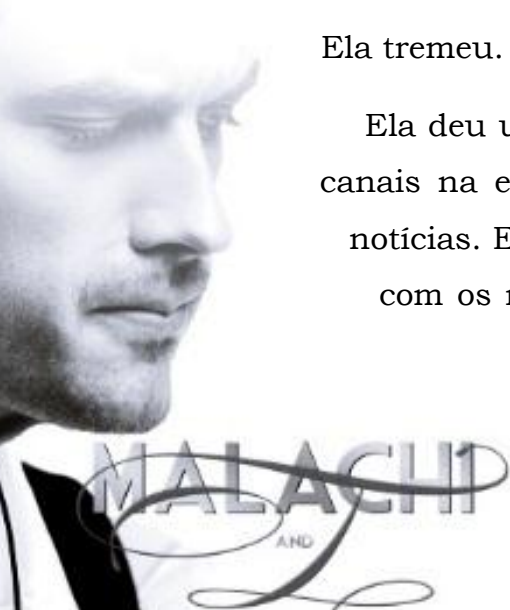
— Esther...

— Notícias de última hora: A IPN acaba de confirmar que Alfred Benjamin Noëlle, o famoso roteirista, diretor e cineasta, de filmes como O Filho Levanta-se e O Pai dos Infiéis, e ativista dos direitos civis de longa data, faleceu esta manhã com a idade de setenta e três anos...

— Ugh.

Ela tremeu.

Ela deu um passo atrás e estendeu as mãos trocando entre os canais na esperança de que isso de alguma forma mudasse as notícias. E quando ela percebeu que cada canal tinha seu nome com os números 1944-2017 sob seu nome e em suas fotos o



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

som que vinha de seu corpo enquanto ela se inclinava para frente não soava humano.

— AHH! UGH! AHH! OGGH! — Ela gritou até não ser mais forte o suficiente para se segurar. Ela gritou enquanto caía no chão e eu a agarrei enquanto tentava segurar minhas próprias lágrimas, mas era como tentar segurar o fogo. Mesmo assim eu não a larguei, mesmo quando ela me bateu.

— Você sabia! — Ela gritou tentando fugir. — VOCÊ JÁ SABIA!

Ela esbofeteou, bateu e cavou as unhas em mim e eu estava mais preocupado que ela se machucasse, então eu a soltei e ela correu. Ela correu para a porta e saiu correndo para o branco da neve.

— Esther! — Eu chamei-a enquanto corria atrás dela.

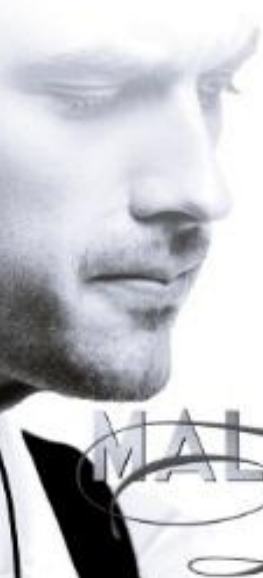
Ela estava no fundo das escadas quando eu cheguei lá fora. David, o próprio diabo, já estava em seu carro, sem vontade de fazer nada porque era um covarde.

— Esther! — Eu gritei mais uma vez enquanto ela escorregava na neve e no caminho coberto de gelo enquanto corria em direção à cabana. Ela equilibrou-se, mas escorregou mais uma vez antes de entrar.

— SAIA! — Ela pegou a primeira coisa que pôde, que era a lâmpada ao lado do sofá e atirou-a para a porta. Eu me abaixei e a lâmpada explodiu quando ela atingiu o chão atrás de mim, deixando apenas a parte de metal intacta.

— Esther...

— Pare de dizer o meu nome! — Ela limpou o rosto enquanto pegava sua bolsa e jogava suas coisas para dentro. — Você sabia! Por isso você estava sendo tão gentil! Você sabia! E você queria que eu apenas... como você sabia?



Ela fez uma pausa. O rosto dela estava coberto de lágrimas e seu cabelo estava enfiados nas mãos. Suas mãos marrons agora estavam vermelhas e sangrando da queda dela. Mas ela não olhou para mim.

— Eu te acordei. Eu estava com você até que nós fomos nos preparar. Mas você tem agido de forma estranha desde que acordou... o meu avô? Ele te ligou? Ele disse algo para você ontem à noite?

— Não.

— PARA DE MENTIR! Ahh! — Ela gritou novamente enquanto colocava uma mão sobre o peito e a outra sobre a boca. Respirando fundo, ela olhou para mim. — Você está mentindo. Como você sabe? Por que você não está chocado? Ele estava... perfeitamente bem! Isso é algum tipo de erro! Tem de haver um engano...

— Ele... estava doente. — Minha voz rachou, mas eu continuei. — Ele tem estado doente há um tempo. Ele não queria que você o visse...morrer.

— Pare de falar. — Ela levantou sua mão para mim. Seus olhos pareciam mais escuros, ocos, enquanto ela me olhava fixamente. Ela ficou em silêncio por quase dois minutos inteiros antes de falar novamente. — Você nunca teve um livro para mim. — Ela sussurrou para si mesma.

—Eu estou aqui... não para te ajudar, mas então... então... ugh... ele poderia... ele... ele poderia morrer sozinho? É isso que você está dizendo para mim?

— Ele tinha tuberculose... o estágio final é ruim. Ele queria poupá-la...

— Tuberculose? O QUE VOCÊ ESTÁ DIZENDO?! — Ela colocou as mãos na cabeça mais uma vez. — Ele estava bem! Eu falei com ele dois dias atrás! Ele estava bem!



— Ele foi para o tratamento...

— POR QUE VOCÊ SABE DISSO?! — Ela pegou as coisas de sua bolsa e atirou em mim. — Eu sou sua família! Eu! Eu sou sua neta! POR QUE ESTOU OUVINDO ISSO DE VOCÊ?

Eu não consegui responder a essa pergunta e ela começou a hiperventilar.

— Esther...

Ela se afastou de mim abanando a cabeça. — Este tempo todo... este tempo todo você só estava sendo babá? Você estava fazendo isso por ele? Você estava cuidando de mim para me impedir de ir para o meu avô? Você o deixou morrer sozinho!

— Ele perguntou...

— E quanto a mim?! PORQUÊ? Por que ninguém está me perguntando?! Uhh... — Ela alcançou a garganta dela incapaz de respirar. Quando eu cheguei até ela, ela recuou, mas eu alcancei-a. Não me importando que ela me agarrasse, coloquei minhas mãos nos ombros dela e coloquei meu rosto na frente do dela.

— Respire. Esther. Apenas respire. — Ela não estava me ouvindo. Ela estava cedendo ao pânico. Colocando as mãos no rosto dela, eu a fiz olhar nos meus olhos. — Eu sei que dói...

Ela deu mais um tapa nas minhas mãos e lentamente afundou no chão e se enrolou na posição fetal enquanto suas lágrimas rolavam do lado do seu nariz enquanto tentava respirar. Deitada ao lado dela, ela disse três pequenas palavras que eu nunca pensei ouvir.

— Eu... odeio... você... — Ela disse no meio das respirações.

Odeia-me, mas vive. Eu pensei enquanto ela ficava soluçando.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

ESTHER

O chão de madeira em que eu agora estava deitada sob era frio ou era eu?

Eu não conseguia sentir nada.

Eu só cantava. — Querido, está frio...

— Eu tenho de ir embora...

Através das correntes das minhas lágrimas eu notei ele deitado ao meu lado... cantando comigo. Eu tentei enxugar minhas lágrimas, mas elas caíram ainda mais. Tudo... todo o tempo que ele passou comigo... todas as coisas que nós dividimos. Tinha sido tudo para o bem do meu avô. Ele tinha chegado a dizer adeus. Ele tinha chegado a.... estar lá para ele, enquanto... enquanto eu só brincava por aí.

— Eu te odeio.

— Cante comigo de qualquer maneira.

Eu não fiz. Ao invés disso, eu disse um desejo. — Eu desejo que você o traga de volta. Traga-o de volta, Malachi.

— Eu não posso. Se eu pudesse, eu faria, mas não posso.

Eu precisava ir.

Eu nunca deveria ter vindo aqui para começar.

Eu nunca deveria tê-lo deixado.

No momento em que o fiz. Ele tinha ido embora.

Empurrando para fora do chão, eu me levantei. — Me leve ao aeroporto. Eu desejo... eu desejo nunca mais te ver.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

MALACHI

Ela não olhou para trás quando entrou no avião.

Eu fiquei lá olhando enquanto eles rasgavam o esboço do bilhete dela. Eu queria entrar naquele avião com ela. Mas o desejo dela tinha me impedido. E então eu apenas fiquei ali parado.

— Esta é a última chamada de embarque para o voo 2331 para Nova York. As verificações finais estão sendo concluídas e o capitão vai ordenar que as portas da aeronave fechem dentro de aproximadamente cinco minutos. Repito. Esta é a última chamada de embarque para o Voo 2331. Obrigado. — O atendente chamou para o portão, mas eu fiquei sentado lá e olhei pela janela para o avião.

— Senhor? Senhor, este é o seu voo, não é? — Perguntou ela.

— Não. — Erguendo-me, passei das cadeiras para a janela. Eu esperava vê-la novamente, mas sabendo que não iria, fiz o meu melhor para aceitar isso. Dando a volta, eu me afastei de tudo isso.

No final... eu não tinha conseguido fazer nada por nenhum dos dois. Entrando no banheiro, entrei na cabine, fechei a porta, e empurrei contra as paredes até os meus nós dos dedos estarem vermelhos e eu soluzei. Sem mais nem menos... Alfred se foi... e eu não pude fazer nada por ela.

Eu sou patético.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Quatorze

Almas de Matrapilho

ESTHER

— Esther, você precisa de comida? — Li-Mei bateu.

Mas eu não pude responder.

— Esther, hey, sou eu, Howard. Eu trouxe sopa de lagosta, você quer um pouco?

Eu queria o meu avô.

— Esther... desculpe. — Disse Li-Mei ainda batendo. Eu pensei que ela queria dizer desculpa pelo meu avô, o que ela queria dizer era desculpa pela minha porta.

— Ah! De que diabos essa coisa é feita? — Alguém que soou como Rafi gritou quando ele chutou a porta.

— Esther?! Esther, se você está bem... — Fechando meus olhos, eu os afoguei. Todos eles continuaram chamando, mas eu apenas deitei na cama do meu avô, esperando, orando, e sonhando com qualquer coisa, menos isso.

MALACHI

Minha casa estava fria.

A razão simples para isso era o fato de eu ter deixado a porta aberta e a neve ter entrado.

O motivo mais complexo era interno: Eu estava sozinho. Eu era incapaz de ajudá-la, incapaz de fazer a única coisa que



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Alfred havia me pedido. E agora os dois tinham ido embora. Eu vi o caderno dela. Ela e o controle remoto cujas baterias haviam saltado para fora, sentados no chão de madeira atrás do sofá. Pegando o caderno, eu li a lista dela. Ela só tinha chegado à treze. Treze lembranças felizes antes... antes dela ter ido embora.

— Uma promessa é uma promessa, — eu sussurrei para mim mesmo enquanto rasgava a página. Dobrei a nota e a enfiei no bolso de trás. Ela era uma Noëlle e se havia alguém neste mundo com quem eu estava em dívida, era os Noëlles.

Um dia.

Eu não sabia quão longe estava aquele dia de agora, mas um dia eu lhe concederia tudo o que ela tinha pedido e mais.

— Se você estiver ouvindo. — Eu olhei para o teto. — Deixe-me, no mínimo, manter a minha promessa nesta vida.

ESTHER

Um homem que eu não conhecia, que era apenas mais uma das muitas pessoas que eu não conhecia, subiu ao pódio que estava coberto de tulipas brancas e vermelhas. Vestido de preto como todos nós, ele limpou a garganta algumas vezes antes de se dirigir a toda a igreja, a igreja do meu avô.

— Alfred Benjamin Noëlle — falou o homem — era o tipo de homem que fazia você se sentir pequeno. Ele não tinha a intenção. Eu acho que ele nem percebeu que estava fazendo isso... mas só por ser autenticamente ele mesmo, em toda a sua grandeza, ele fez com que todos à sua volta quisessem crescer e continuar lutando. Ele nos mostrou que não havia limites para o nosso....

Eu não queria ouvi-lo.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu não queria ouvir nenhuma das pessoas que estavam de pé para falar.

— Esther, não...

Ignorando Li-Mei, eu discretamente cheguei até o meu ouvido e coloquei meus fones de ouvido. Eu não queria estar aqui, mas não havia como evitá-lo. Olhei para a foto dele, minha única contribuição para este funeral. Era uma dele rindo de mim. Uma das cerca de trezentas pessoas aqui sabia disso. Parecia que ele estava rindo genuinamente de algo.

Eu não posso.

Engolindo o soluço, baixei a cabeça e coloquei minhas mãos debaixo das pernas. Eu podia sentir algumas mãos nas minhas costas me esfregando e me dando tapinhas. Mas eu não queria isso... eu queria... eu queria que eles se movessem. Que saíssem do meu caminho para que eu pudesse correr.

Eu não queria estar aqui.

Aquele caixão estava vazio.

O corpo dele estava lá, mas ele tinha ido embora, então qual era o objetivo?

MALACHI

— Porquê? — Eu resmunguei quando olhei para o revestimento de madeira do teto do meu quarto.

Já haviam se passado duas semanas. Duas semanas desde que ele... desde que ele faleceu e ela saiu... também...

— 7:37 da manhã. — Eu estava acordado às 7:37... agora 7:38 da manhã segundo o celular que eu não precisava mais, já que uma das duas pessoas nos meus contatos não estava mais aqui para me ligar e a outra não tinha mais razão para isso. Duas semanas



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

e ainda assim acordei antes das 8 da manhã, não importava o quão tarde eu fosse para a cama ou o quanto eu queria dormir.

— É tudo culpa dela... — Eu murmurei colocando meu braço sobre meus olhos. Tentei não pensar nela, mas o que eu poderia fazer quando acordei e soube que a única razão pela qual eu estava acordado em uma hora tão esquecida por Deus era por causa dela? Não só ela, mas Alfred... se ele não tivesse falecido, nada disso teria acontecido, então eu estava culpando ele também.

Alfred.

Esther.

A mim mesmo.

Eu estava culpando o mundo por tudo e qualquer coisa hoje.

— Se eu estou assim, ela provavelmente está muito pior. — Eu precisava me recompor. Levantei-me da cama e entrei no armário para me trocar.

No entanto, como ela estava se sentindo não era meu negócio agora.

ESTHER

— Por favor, sente-se, Sra. Noëlle.

— Obrigada. — Eu sussurrei suavemente enquanto me sentava na cadeira branca que estava atrás da mesa de conferência de vidro. Colocando minha bolsa no chão ao lado dos meus pés, respirei fundo. — Vamos acabar com isso, Sr. Morell.

Eu não queria estar no escritório dele por mais tempo do que o necessário. Eu não era uma grande fã de advogados - eles eram como ceifeiros: eles só apareciam quando algo estava prestes a



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

morrer, ou morrendo, ou já morto, fosse você pessoalmente ou sua conta bancária.

— Ainda estamos esperando por mais uma pessoa. — Disse ele enquanto olhava através das portas de vidro e para o resto do escritório. — Ah... aí vem ela.

Parte de mim sabia que era ela. Só podia ser ela. Eu cerrei meus dentes enquanto ela entrava na sala e ignorava o advogado que segurava a porta para ela. Ela estava vestida de branco com o seu casaco vermelho pendurado em seus ombros. O cabelo preto dela foi modelado em um corte pixie, e o fio de pérolas ao redor do pescoço dela eram as mesmas pérolas que eu tinha visto em fotos antigas dela e da minha avó. Eu não conseguia ver os olhos dela por causa dos grandes óculos escuros que ela usava, mas enquanto caminhava em nossa direção, ela se movia como se estivesse passando por uma fuga ao invés de vir para lidar com a vontade de seu próprio pai... o mesmo pai cujo funeral ela nem teve a cortesia de comparecer. Eu tentei não olhar para ela enquanto o Sr. Morell estava de pé para apertar sua mão, mas ela o ignorou e colocou sua bolsa na cadeira antes de se sentar.

— Você poderia pelo menos...

— Eu ainda tenho o apartamento no West 18 e minha mesada habitual, certo? — Ela perguntou, me cortando e olhando apenas para ele.

— No West 18? — Eu gritei. — Você vive a menos de dez minutos de distância de mim?

Mais uma vez, ela não respondeu e continuou a olhar para o Sr. Morell. — Bem?

Ele se sentou e respirou fundo enquanto consultava a pilha de papel em sua pasta. — Você terá o apartamento por mais seis



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

meses e sua mesada será cortada pela metade pelo restante do ano. Depois disso, você precisará se sustentar.

— Você é engraçado. — Ela o cortou enquanto tirava seus óculos. — Mas eu não estou com disposição para piadas. Meu pai e eu tínhamos um acordo...

— Que expirou no dia em que ele morreu. — Disse o Sr. Morell enquanto lhe entregava um pedaço de papel. — Isso é tudo que você recebe e ele disse que eu deveria lhe dizer para ser grata até com isso.

— GRATA?! — Ela gritou e eu vacilei e desviei o olhar dela enquanto ela rasgava o papel. — Ele vale bilhões e quer que eu fique grata pelo resto do ano? Você está mentindo. O que você fez com todo o dinheiro do meu pai, huh? Eu sei que seus abutres provavelmente andaram provavelmente roubando...

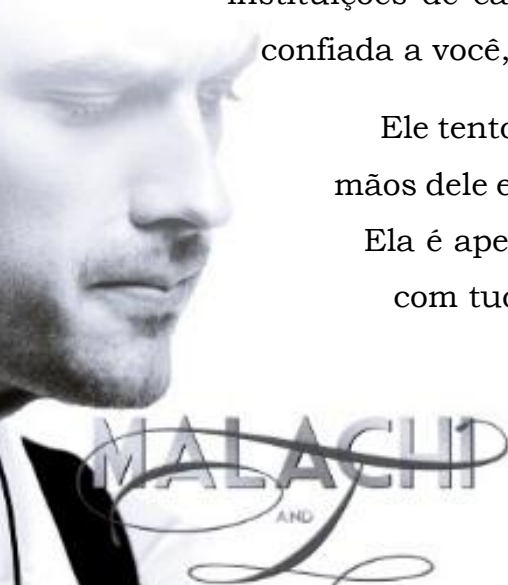
— Sr. Morell e vovô são amigos há quase quatro anos. Se você não quer me respeitar, tudo bem. Mas você deve ao menos respeitá-lo. — Eu gritei para ela.

O nariz dela queimou e seus olhos castanhos finalmente se deslocaram para mim. Mesmo que ela estivesse brilhando, pelo menos eu não estava invisível agora. — E por que eu respeitaria um...

— Sr. Morell, o que mais está no testamento do meu avô. — Desta vez eu a interrompi, não querendo ouvir qualquer insulto que viesse da boca dela. Eu não tinha a força... eu não achava que nunca teria.

— É muito simples. Qualquer coisa que ele não deixou para suas instituições de caridade, fundações e um Sr. Malachi Lord, está agora confiada a você, Sra. Noëlle.

Ele tentou me mostrar os documentos, mas ela os arrancou das mãos dele e leu através deles. — Você não pode estar falando sério! Ela é apenas uma criança! Ela não sabe nada sobre como lidar com tudo isso.



— Eu sei mais do que você. E o que eu não sei eu estou disposta a aprender. — Eu disse a ela quando me baixei e peguei minha bolsa. Eu me levantei da cadeira e a considerei. — Se você quer seu apartamento e sua mesada de volta, mãe, tente primeiro agir como um ser humano decente.

— Com quem você acha que está falando?!

— Obrigada, Sr. Morell. Continuaremos isto mais tarde. — Apertei a mão dele e caminhei até a porta antes dela gritar comigo.

— NÃO SE ATREVA A SAIR! NÃO ANTES DE VOCÊ CONSERTAR ISSO...

— O AVÔ MORREU! — Eu gritei com ela. — ELE MORREU! ELE SE FOI! E você está fazendo uma cena por causa do dinheiro dele? Eu não queria acreditar que você pudesse ser tão egoísta, mas... tanto faz. Você só continua sendo a pessoa miserável que você é; eu vou me certificar que você ainda tenha dinheiro. Eu vou levar até você... mas primeiro, eu preciso cuidar de mim mesma. Quanto pior você me fizer sentir, mais difícil será para você conseguir algo de mim.

E porque ela não conseguiu se conter. Porque ela era uma pessoa verdadeiramente miserável, ela teve de receber um último insulto.

— Eu sou sua mãe. Veja como você fala comigo. Eu poderia ter te deixado em um parque do gueto e você seria ninguém com nada. Você deveria ser grata a mim. Eu sempre poderia te processar e ficar pelo menos...

E como eu era, na verdade, filha dela, eu também não conseguia me deter. — O dia em que você tentou me matar foi o dia em que eu não lhe devia mais nada. E por favor, vá em frente e traga mais advogados para isso, eu sei como contar uma história e chorar é minha especialidade. Quem você acha que vai ganhar?

Eu saí sem esperar pela resposta dela.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Era está a minha vida agora?

Se sim, eu desistiria de tudo... Não posso fazer isso. Não era minha para desistir. Era do meu avô. Tudo a que ele havia se dedicado. E agora eu me dedicaria a isso também. O que mais eu poderia fazer?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Quinze

O Destino do destino

9 meses depois

ESTHER

— Senhora?

Eu olhei da minha mesa para cima para vê-la de pé na minha frente com duas grossas pilhas de provas em suas mãos de cor creme.

— Shannon, você já foi minha chefe, você não precisa me chamar de senhora. — Eu sorri enquanto me sentava na cadeira do meu avô. -minha cadeira. Estendi meus braços para os livros. — Por favor, sente-se. Como está seu filho?

— Terrível. — Ela franziu a testa enquanto me entregava as pilhas. — Ele é tão bonitinho que odeio deixá-lo pela manhã.

— Você precisa de um...

— Não seja mole. — Ela dirigiu-se a mim usando seu tom de chefe, algo que eu não ouvia há algum tempo. — Você pode ser jovem, mas você é a chefe. Você não pode ter esses garotos andando por cima de você, certo?

A maneira como ela falava, você pensaria que ela tinha sessenta anos. Na verdade, ela tinha quarenta e quatro, mas isso não me pareceu velho. Ela era uma daquelas pessoas nascidas com um nariz longo e ousado, mas ela tinha uma pequena moldura. Ela mantinha o cabelo no comprimento dos ombros e a franja caía sobre as sobrancelhas para fazer o nariz dela ficar mais saliente, para exibi-lo. Toda vez que eu a via eu não podia deixar de pensar que ela se parecia com Anna Wintour.



— Esther?

— Você quer beber comigo? — Perguntei a ela quando abri a gaveta e peguei a garrafa de vinho tinto com que havia substituído o conhaque do meu avô, junto com dois copos.

— São quinze e dez. — Ela olhou para o relógio dela.

— São vinte e dez em Londres. — Levantei-me da minha cadeira e dei-lhe o copo, que ela pegou e cheirou.

— Isto é....?

— Roma Lemur? Sim. Foi um presente de Melton. — Com um sorriso, andei pela mesa, sentei-me na cadeira de couro ao lado dela e cruzei minhas pernas.

— Melton? Como em Ryan Melton, o diretor?

Eu acenei enquanto tomava um gole. — Ele tentou me seduzir pelos direitos de uma das peças do meu avô. Ele tinha sinais de dólar nos olhos. Mas ao menos ele tinha bom gosto em vinho, certo?

Eu levantei meu copo e bati contra o dela.

— Pesada é a cabeça que usa a coroa. — Ela bebeu e quando lhe tocou os lábios ela gemeu. — Alguém pode, por favor, tentar me seduzir com vinho? Eu não tenho bilhões em meu nome nem nada.

Eu ri. — Não bilhões, mas você vem com classe e sofisticação e um emprego estável

— E um menino de dezoito meses que eu amo muito, mas eu adoraria... você sabe. — Ela piscou o olho para mim e eu sabia o que ela estava implicando.

— Eu não sei. — Pisquei o olho quando terminei meu copo e o coloquei na minha mesa. — Mas eu gostaria de ter feito. Eu não estive com ninguém desde... Caramba. Acho que desde que



terminei com Howard, que ainda está evitando o contato visual comigo e eu não tenho ideia...

— Ele dormiu com Li-Mei quando você estava fora no ano passado.
— Ela confessou enquanto lambia o vinho dos lábios, e os olhos dela de repente ficaram largos quando percebeu o que ela tinha dito. — Porcaria. Veja, é por isso que eu não bebo durante o dia.

— Li-Mei? Foi por isso que ela pediu para ser transferida para a filial de Londres depois do funeral do meu avô?

Ela não comentou, então eu peguei a garrafa da minha mesa e enchi de novo o copo dela. — Conte-me tudo.

— Esther...

— Pense nisto como fazer bem com o chefe. — Eu acenei para ela continuar falando.

Suspirando, ela bebeu novamente e como uma pecadora na igreja, ela começou a confessar, voltando-se completamente para mim. — Certo. Ano passado, quando você foi para Indiana...

— Montana.

— Pior ainda. — Ela fez uma cara como se nunca tivesse ido a um lugar assim. Mas, se não fosse uma cidade de pelo menos um milhão, a maioria das pessoas em Nova York preferiria ficar em Nova York. — Lembre-me porque você estava em Montana novamente?

— De qualquer forma...

— De qualquer forma. — Ela continuou. — Li-Mei estava sentindo seu jeito habitual de Carrie Bradshaw, e Howard estava apenas com o coração partido. Foi como dois dias depois que você saiu - eu entrei porque tanto você quanto seu avô estavam fora. Eu não confio nesses garotos para manter esse lugar funcionando sem alguém para culpar se algo desse errado. Eles - Li-Mei e Howard-



mantiveram, você sabe, evitando o contato visual e depois roubavam olhares um para o outro. Mas isso não é só fofoca. Uma noite eu saí do escritório e logo no dia 4 as línguas deles estavam na garganta um do outro. E não me pareceu um primeiro beijo entre duas pessoas. A mão dele estava praticamente na saia dela.

— Como ela poderia...? — Eu sussurrei.

— Eu sei! Vocês nem tinham acabado há uma semana?

— Para mim não. Para ele.

— Quem?

Quando ela disse isso é que eu percebi que não tinha ideia porque eu realmente queria saber... acho que ela pensou que eu ficaria com ciúmes ou chateada. Mas eu não estava chateada com Howard. Eu estava chateada com Li-Mei... apesar de não ter o direito de estar. Não é como se ela soubesse sobre... ele. Mas mesmo assim... Eu me senti mal. Como se eu tivesse pegado uma esposa traindo seu marido enquanto ele estava fora.

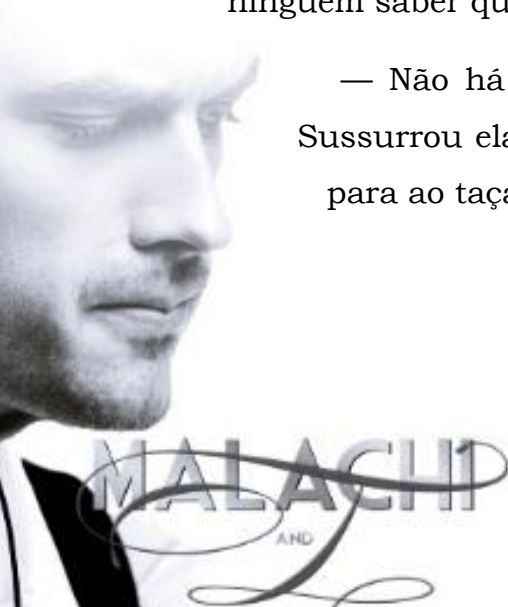
— Esther?

— Huh? — Eu olhei para ela e ela estava olhando ansiosamente para mim. — Nada. Não se preocupe com isso. Além disso, Li-Mei volta hoje à noite, então eu vou levar ela para jantar.

Os olhos dela alargaram-se.

— Não se preocupe, eu não vou falar sobre isso ou nunca deixar ninguém saber que você me disse. Eu prometo.

— Não há promessa melhor que a promessa de um Noëlle. — Sussurrou ela. Era algo que o meu avô costumava dizer. Ela olhou para a taça em suas mãos. — Eu sinto falta dele.



— Eu também. — Falei encostada para trás. Em um mês, seria um ano inteiro desde que ele tinha falecido

— É por isso que você não mudou o escritório dele?

Eu olhei ao redor de todos os seus prêmios, e fotos, e.... a vida... tudo pendurado nas paredes do seu escritório. Era o meu escritório agora, mas seria sempre o dele.

— Sim, além disso, não tenho nada com que o substituir. — O que eu poderia pendurar? O meu diploma universitário? Parecia meio idiota em comparação... vendo que meu avô nunca havia se formado na universidade. Embora ele tivesse recebido muitos diplomas honorários.

— Você ainda tem uma longa vida pela frente. Tenho certeza que você estará substituindo -não- fazendo coisas maiores e melhores. — Disse ela enquanto se levantava e estalava os dedos. — Como o seu livro! Por que eu não fui a primeira a conseguir uma cópia do rascunho final? Ouvi dizer que Rafi exigiu dirigir se alguma vez se tornar um filme. Aparentemente vai ser enorme, ele disse. É sobre os campos de concentração japoneses, certo? Quando vamos publicá-lo?

— Não até eu conseguir a aprovação. — Eu sussurrei levantando também.

— De quem?

— Obrigada por beber comigo, Shannon. — Eu acenei para ela. Entendendo que eu não queria falar sobre isso, ela não me pressionou mais e ao invés disso sorriu para mim enquanto saía.

Eu me movi em direção à minha cadeira, alcancei o controle remoto e apertei o botão que fez com que as paredes de vidro congelassem.

Voltando minha atenção para a tela do computador, vi que a palavra CONFIRMAR ainda estava lá.



Rolando para cima, cliquei sim apenas para ser atendido com, —
Erro: A sua sessão expirou. Por favor, remarque este voo.

Mas quando tentei fazer a reserva, o voo estava cheio. Não pude deixar de rir enquanto me sentava de volta na minha cadeira, que me fez sentir constrangida de sentar. Depois de quase um ano, ainda estava moldado à forma do meu avô e tinha se recusado a mudar para a minha. — Por que é tão fácil sair de Lieber Falls, mas é uma dor tão grande para chegar lá?

Será que ele ainda lá estava?

Eu não estava indo por ele. Eu não estava. Eu ia ver o Sr. e a Sra. Yamauchi. Eu queria que eles lessem o livro e ouvir seus pensamentos. Mas eu sabia que se eu fosse... eu acabaria tentada a vê-lo novamente, nem que fosse para dar um tapa nele.

Malachi Lord. Depois de tudo que meu avô tinha feito por ele, ele nem tinha ido ao seu funeral... Por que ele não foi ao funeral? Porque ele estava preocupado com Li-Mei. Enquanto isso, ela estava ocupada transando com outra pessoa!

— Sra. Noëlle?

— O quê?! — Estalei enquanto me virava para ver Adith, o tímido, menos chique, irmão mais novo de Rafi, me encarando de volta, com seus olhos cor de avelã bem abertos. — Desculpe. Entre. O que foi?

— Você está se reunindo com os advogados da Semi-Ted Entertainment. Você vai se atrasar se não sair agora. Eu já chamei um carro. Ouvi dizer que Sr. Rickman tende a falar muito, então eu empurrei a reunião de volta para as cinco e meia. Isso lhe dá mais do que tempo suficiente para se encontrar com a Sra. Zhou antes de ir para a Gala hoje à noite. Seu vestido foi enviado para o seu apartamento ou você gostaria que ele fosse trazido para cá?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Aqui é melhor. O trânsito vai ser uma dor da minha casa — Falei enquanto ele me entregava minha bolsa e meu casaco.

— Sem problemas. — Disse ele, já mandando mensagens. — E eu vou avisá-los que você está a caminho.

Eu acenei enquanto abotoava meu casaco e colocava minhas luvas Prada de couro. Agarrei meus óculos de sol, os que usei para mais do que apenas o sol, e saí do escritório com Adith logo atrás de mim. Todos na Colmeia olharam para mim e eu percebi mais uma vez que eu não era mais o meu antigo eu. Eu sabia que meu avô era importante - que o trabalho dele era importante - mas depois que ele morreu eu vi a magnitude de tudo o que agora me restava para cuidar. Percebi que ele estava segurando o céu acima da minha cabeça... permitindo-me apenas ser jovem e aproveitar a vida sem me preocupar com nada além de mim mesma. E agora que ele tinha ido embora, eu não podia mais pensar em mim.

O legado do meu avô. Tudo que ele construiu, tudo a que ele dedicou sua vida, eu não podia e não deixaria ir para o lixo. Então eu não podia ser amigo deles... eu não podia ser realmente acessível, não com tanta gente tentando tirar tudo. Eu tinha de ser a Esther Noëlle e os óculos de sol ajudaram a criar a distância necessária. Se eles não conseguiam olhar nos meus olhos, não conseguiam ver o quanto eu me sentia fraca.

— Tenha um bom almoço.

Eu acenei para ele e entrei nos elevadores. Assim que a porta fechou, uma das estagiárias se virou para mim.

— Nós temos o mesmo gosto! Christian Louboutin faz as melhores bolsas. Eu tenho esse exato...

— Não faça isso. — Falei enquanto as portas se abriam para o andar térreo. — Não invente uma mentira para se aproximar de mim. Especialmente uma em que você não está confiante. Isto



não é um Louboutin. Os sapatos são, mas a bolsa é Oscar. Existem apenas três no mundo e eu tenho duas.

Quando saí, me virei parcialmente para ela. — Você não é a primeira estagiária que andou de elevador o dia todo esperando por coincidência me entregar seu trabalho. Se o seu trabalho é bom, e você trabalha duro aqui, ele eventualmente vai acabar na minha mesa. Não tente mentir para seguir em frente comigo... eu odeio isso.

Eu acenei para ela antes de virar e caminhei em direção à saída onde o meu carro estava esperando. O vento rodopiou ao meu redor enquanto eu saía pelas portas giratórias e, sem uma palavra, deslizei para o banco de trás do carro. Colocando minha bolsa ao meu lado, tirei minhas luvas e peguei meus fones de ouvido. Respirando fundo, pressionei o play.

— Esther! — Ele riu. — Como eu gostaria de ouvir você gritar ‘Vovô!’ De volta para mim, peço desculpas... eu peço desculpas por não estar com você. Eu não estou aí para te dizer Feliz Aniversário, Feliz Ação de Graças, Feliz Natal e Feliz Ano Novo. Eu gostaria de estar. Mas às vezes desejar não é suficiente. Ação é necessária. Então eu agi. Mas às vezes agir não é o suficiente. Você precisa de fé. Você precisa confiar em si mesma. Eu sabia quando te mandei para Malachi que seria a última vez que te veria. Mas eu não fiquei chateado. Eu estava feliz porque eu sabia que você não estaria sozinha. Eu sabia que você iria rir. Eu sabia que você faria o que sempre fez e faria todos à sua volta sentirem... alegria.

Pressionando a pausa, pressionei minha cabeça contra a janela. Desculpe, vovô... eu não tinha mais alegria para dar.

MALACHI

— Bem-vindo à Big Apple! — A aeromoça sorriu para nós enquanto eu, e o resto dos passageiros da primeira classe, saíam do avião.

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS



— Eu gostaria de poder ficar. Estou apenas me conectando. Onde encontro o voo NW343? — perguntou-lhe um idoso com uma bengala.

— Senhor. — Eu acenei para ele e ele olhou para mim. — Eu estou indo para lá. Você gostaria de me seguir?

— Ahh! Sim, por favor.

Eu peguei a sua bagagem de mão.

— Não, está tudo bem.

— Não se preocupe, eu peguei. — Andando para frente eu esperei que ele me seguisse e quando o fez, ele andou devagar.

— Você sabia que mais de cento e cinquenta mil pessoas transitam pelo JFK por dia? Isso é grande o suficiente para ser a sua própria cidade.

— Eu não sabia disso. — Falei enquanto tentava evitar o aglomerado de pessoas que seguia na direção oposta. — Mas eu acredito nisso.

JFK estava sempre ocupado. Era um dos aeroportos mais movimentados do mundo e por causa disso, era uma porta de entrada para o mundo. O último lugar que eu queria estar era na Big Apple. Na verdade, meu voo era para se conectar através de Montreal, mas porque havia uma tempestade de neve esquisita cobrindo a cidade, tínhamos sido redirecionados para cá.

Mais duas horas. Mais duas horas.

— Desculpe.

— Desculpe-me.

Algumas pessoas disseram enquanto esbarravam em mim. Alguns nem sequer disseram uma palavra, apenas ficaram olhando para seus celulares.

—Há apenas três coisas que mandam um homem para a Itália. — Disse o velhote na minha frente. Eu notei que



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

ninguém parecia chocar com ele quando entramos no aeroporto. Acho que as pessoas eram mais cuidadosas ao redor dos idosos. Parecia ser um bom privilégio ser velho. —Arte, comida e amor. Para qual você está indo?

Minha sobrancelha se levantou só de pensar nisso, então olhando para baixo no topo de sua cabeça careca eu perguntei, — Para qual você está indo? A arte?

— O que é a vida se você não pode ter os três?

— Então eu também estou perseguindo os três. — Menti, embora soubesse que ele podia dizer. — O portão não está longe. — Eu acenei para a frente no número do portão. Mas fiz uma pausa quando vi meu nome em um estande com meu romance, Rio de Veludo. Fiquei olhando para a capa vermelha profunda com a escrita em ouro em estilo árabe por um momento. — Minhas filhas adoram o trabalho dele; elas me contam tudo sobre eles. Eu não percebi que ele era tão popular. — Ele disse enquanto olhava para mim.

— Aparentemente não. Ninguém está comprando uma cópia.

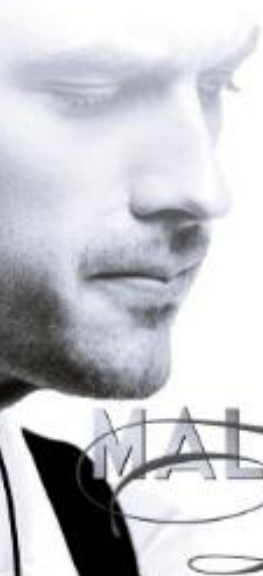
No momento em que eu disse, ele pegou uma cópia, entrou e a entregou para a mulher atrás do balcão. Ela sorriu para ele e lhe deu o livro e seu recibo.

— Eu sou um tolo para um bom romance. — Ele sorriu enquanto folheava as páginas. — É uma pena que seus livros acabem tão tragicamente.

— Sim, é uma tragédia. Nós deveríamos ir...

— Você leu algum trabalho dele? É realmente uma pena que os personagens sejam um pouco bobos.

— Desculpe-me? — Eu parei olhando para ele.



Sem uma preocupação no mundo ele repetiu, — Por alguma razão todos os protagonistas deste autor e seus amantes são sempre um pouco tolos. Corajosos e bondosos, mas tolos. Eles não agem quando deveriam agir. Eles ficam quando deveriam ir. Eles cometem pequenos erros que jogam fora todo o curso de suas vidas.

— Eles são humanos, claro que cometem erros, e nem sempre é culpa deles, outros...

— Sim, outros intercedem e tentam mantê-los separados. Isso é parte da tragédia... mas... não importa, eu ainda estou torcendo por eles. — Ele sorriu quando começou a andar para frente e eu caminhei lentamente ao seu lado... mais frustrado do que antes... não importa o quê?

— Acho que não estamos indo no caminho certo. — Ele parou enquanto olhava para a sua direita e depois para a sua esquerda enquanto a multidão se separava entre nós.

— NW343 é aque...

— Desculpe! — Disse a mulher rapidamente, enquanto a bolsa dela se agarrava a bolsa que estava pendurado sobre o meu ombro, fazendo com que tudo nele caísse no chão, bem ao lado dos meus pés.

— Está tudo bem. — Eu me curvei para ajudá-la a pegar suas coisas e isso foi quando minha mão pegou o livro... uma cópia desgastada e muito familiar do Antígona de Sophocles. Eu a peguei e pude sentir a pressão crescente ao redor do meu coração. Eu não precisava olhar para cima para saber que era ela, mas eu olhei. Lá estava ela, bem na minha frente, o cabelo loiro dela agora tingido de uma cor de castanho-avermelhada.

—Li... Li-Mei?

A cabeça dela virou ao som do seu nome e ela me encarou de olhos arregalados.



— Malachi Lord? Oi!

Ela esticou a mão, mas eu me levantei pronto para fugir se fosse preciso. Mesmo assim eu não conseguia desviar o olhar de....

— Por falar em déjà vu! Você está em Nova York para o Baile de Outono? Tem sido caótico desde que eles mudaram a data.

Ela continuou falando, mas meus olhos estavam colados à criança que estava amarrada ao portador no peito dela. Algo não estava certo. Em todas as nossas vidas ela nunca havia engravidado, muito menos tido um filho. Não importava o que a história tinha jogado em nosso caminho...

— Diz olá Glen. — Ela pegou a mão do garoto e acenou para mim. Sem se incomodar, ele arrancou a mão e parecia estar prestes a chorar. Ela o fez saltar para cima e para baixo antes de pegar o livro na minha mão. — Esther vai me matar se eu fizer mais algum dano a este livro.

— Esther?

Era da Esther!

Ela me olhou como se eu estivesse louco, um olhar que eu conhecia, mas neste momento eu não me importei.

— Sim, Esther. Você está bem? Toda vez que a gente se encontra age como se estivesse à beira de um colapso mental.

— Desculpe. — Sacudi a cabeça e estendi a mão para ela. Eu precisava ver.... eu precisava saber. — E lamento não ter conseguido me apresentar corretamente da última vez. Eu sou Malachi Lord, obrigado por trabalhar tanto em meu favor.

Ela sorriu e apertou minha mão. — Prazer em conhecer você também, Malachi. E obrigada por salvar minha mãe naquele tempo.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu estava segurando a mão dela. Eu estava segurando a mão dela e mesmo assim eu não senti nada. Quando ela me soltou, eu não senti nada. Eu tinha sentido algo quando toquei o livro...

— O livro... é da Esther?

— Antígona de Sophocles? — Ela olhou para baixo. — Sim. Eu estou trabalhando em um MFA para Escrita Criativa e minha tese é sobre isso e edição de Esther é a única com as notas de rodapé - espera... por que está perguntando? - Merda, estou atrasada! Eu tenho de ir! Prazer em te conhecer de novo!

Quando ela girou, pegou sua bolsa e saiu sem olhar para trás e eu senti como se o chão debaixo dos meus pés estivesse se quebrando. Quanto mais eu olhava para a sua forma de retrocesso enquanto ela desaparecia na multidão, mais duro meu coração começava a bater. Mas isso não foi nada em comparação com a correria de lembranças que inundou minha mente. Não de décadas ou centenas de anos passados, mas simplesmente alguns meses atrás, e em minha mente, eu ouvi claramente a voz dela.

— *Esther Noëlle, editora de tradução da Editora Penohxi, desajeitada aposentada, persona nongrata de Lieber Falls, e criadora do Nação Lord online, sou sua maior fã.*

Essa foi a primeira vez que fomos apresentados e foi isso que desencadeou minhas lembranças, não os anéis.

— *Malachi, isso é incrível! Eu me sinto como... como se... eu estou montando um cavalo!* — Eu andei de moto por esse exato motivo. Parecia que eu estava montando o cavalo mais rápido de todos os tempos.

— *Você tem um amor há muito perdido? É por isso que seus livros terminam tragicamente? Por alguma razão não deu certo e agora seus personagens também nunca podem ser felizes? É por isso*



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

que este novo livro é tão difícil para você escrever? — Ela sabia exatamente a resposta e ainda não percebeu como.

— Eu sabia que o vovô ia mandar você. Oi, Malachi, desculpe o atraso... — E a primeira vez que ela me conheceu, na noite sob o luar, quando ela chegou perto de mim, ela tinha desmaiado nos meus braços. Ela não tinha desmaiado novamente desde... não foi por exaustão... aquele olhar atordoado em seus olhos, a maneira como ela olhava como se estivesse olhando através de mim... foi como eu quando as lembranças começaram a voltar para mim.

— Seu amor, sua vida inspirou milhões - não bilhões - de pessoas a amar insensatamente... egoisticamente... irracionalmente, sem nenhuma consideração por ninguém ou qualquer outra coisa.

— Era ela... — Eu disse tão suavemente que nem tinha a certeza se as palavras vinham dos meus lábios... — Era ela. — Eu fugi rindo. Era impossível e mesmo assim... Sófocles tinha caído aos meus pés duas vezes. Me avisando duas vezes.

Ele não só escreveu Antigona... mas também escreveu Édipo Rex... e como ele, eu estou tentando evitar o meu destino que eu tinha criado.

CORRER.

Era a única coisa que eu podia fazer, eu peguei minhas coisas e fiz apenas alguns metros antes de me lembrar do velho. Mas quando olhei para trás, ele não estava mais lá... nem a sua bagagem de mão.

Onde no...?

Beep. Beep. — Desculpe-nos. — Uma mulher chamava na frente de um dos carrinhos. E lá estava ele, sentado de frente para mim, com o nariz no meu livro enquanto segurava sua bengala... sua bengala que parecia... como a do Alfred. Como a que ele estava segurando no meu sonho... O que estou pensando? Não é possível. E mesmo assim o velho que estava vestido de flanela com uma



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

grande careca no centro da cabeça olhou para mim e o canto do lábio dele apareceu.

— Não. — Eu dei um passo adiante, mas o mar de pessoas rapidamente fechou a brecha que a carrinho havia criado e, assim como eles se foram na agitação do aeroporto, eu estava certo de que estava ficando louco. Parte de mim queria ir até o portão só para ter certeza de que eu não tinha perdido a sanidade... ao invés disso eu me virei e corri na direção oposta, pois as telas acima mostravam uma foto de John F. Kennedy. Suas palavras apareciam em cada tela e sua voz ressoava no meu ouvido enquanto eu corria.

— *Em qualquer arena da vida pode-se enfrentar o desafio da coragem, quaisquer que sejam os sacrifícios que ele enfrenta se ele segue sua consciência - a perda de seus amigos, sua fortuna, seu contentamento, mesmo a estima de seu companheiro mim - cada homem deve decidir por si mesmo o curso que seguirá. As histórias de coragem passada podem definir esse ingrediente - eles podem ensinar, eles podem oferecer esperança, eles fornecem inspiração. Mas eles não podem fornecer a coragem em si. Para isso cada homem deve olhar para a sua própria alma.* - John F Kennedy, 35º Presidente dos Estados Unidos... Obrigado por escolher o Aeroporto Internacional JFK. Diga-nos o seu destino... não há lugar que não podemos chegar você.

Ela.

Sempre foi ela.

Era o único lugar que eu conseguia pensar em ir e a única pessoa que poderia me levar até ela era...

— Li-Mei! — Agarrei seu braço e ela olhou para mim de olhos arregalados e aterrorizada. — Sinto muito, mas preciso da sua ajuda!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu não poderia fugir disso.. dela. Tudo não foi coincidência. Foi o destino.

Nosso destino.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Dezesseis

Sobreviver, seria ótimo

ESTHER

Caminhe devagar.

Não tropece.

Não sorria muito.

Você pode fazer isso, Esther.

Você pode fazer isso.

— Você está nervosa? — Adith perguntou enquanto se certificava de que nenhum fio estava aparecendo nas miçangas do meu vestido de cintura costurado a ouro. — Esta é a sua primeira vez sem o seu avô, certo?

Eu olhei para ele pela segunda vez sem saber o que dizer, então olhei pela janela para a fila em movimento lento. Mesmo através das janelas muito escurecidas, os flashes me deixaram tonta. Todas as câmaras, a multidão ao longo das linhas laterais... isso não me deixou nervosa. Não. Isso me aterrorizava. Quanto mais tempo eu olhava para fora, mais pesado meu coração batia contra o meu peito. Minhas mãos fecharam-se em punhos e minhas unhas cavaram-se nas palmas das mãos enquanto eu tentava controlar minha respiração.

— Eu não consigo fazer isso. — Sussurrei sacudindo minha cabeça.

— Por que estou fazendo isso?

— Você disse que foi porque seu avô nunca perdeu a Gala de Outono e não queria que as pessoas o esquecessem...

— Eu sei o que eu disse! — Eu gritei, e quando coloquei as mãos sobre o rosto, minha respiração saiu em um curto



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS



suspiro. Todos os que eram alguém estariam aqui e eu tinha certeza de que todos estariam perfeitamente incríveis. Os mais artísticos criaram um visual icônico que deixaria as pessoas perguntando, 'você viu o que ela usou para a Gala de Outono?' por semanas e faria todo mundo perguntar no ano que vem, 'você acha que ela vai superar para o Met em maio?

A Gala de Outono havia começado como um evento anual de arrecadação de fundos para o mundo editorial. Foi para Nova York o que os Oscars foram para Hollywood. Depois que o Metropolitan Museum of Arts abriu uma das maiores coleções literárias, foi agora um dos maiores eventos sociais de Nova York para autores, agentes, roteiristas, editores e até diretores. Eu tinha ido duas vezes antes com meu avô quando tinha cerca de doze anos de idade. Fora isso, este não era o meu mundo. Meu avô... eu... eu era apenas... eu era apenas Esther Noëlle.

— Eu não posso fazer isso! Por que eu estou aqui? Eu não sou uma celebridade. Eu não quero estar aqui. Desculpe-me! Desculpe-me, podemos virar...

Já era tarde demais para isso. Lágrimas se formaram em meus olhos quando a porta se abriu e eu pude ver o longo tapete vermelho que tinha sido estendido para fora. As luzes das câmaras piscavam sem parar.

— Senhora? O porteiro chamou esperando por mim.

Engolindo o caroço de medo na minha garganta eu alcancei a mão dele. Os meus saltos com tiras no tornozelo foram os primeiros a tocar o degrau do carro antes de tocar no tapete. Adith, agarrou o fundo do meu vestido, estendendo-o atrás de mim no tapete.

— Pose. — Ele sussurrou para mim.

Eu olhei para as câmaras, mas não tinha certeza do que mais fazer, então eu simplesmente coloquei minha mão na cintura e dei a eles um pequeno sorriso.



— Vamos. — Eu sussurrei enquanto varria meu cabelo para trás sobre meu ombro e andava para frente. Eu não queria tirar fotos e eu tinha certeza de que eles também não queriam uma de mim.

Adith parou à minha direita e eu sorri sem me importar, enquanto eu caminhava lentamente para frente. Cada passo que eu dava me lembrava do meu avô, e cada passo em frente sem ele me fazia sentir como se eu o estivesse deixando para trás.

Isso doía.

Tudo isso doía.

Eu queria ir para casa.

Eu queria chorar.

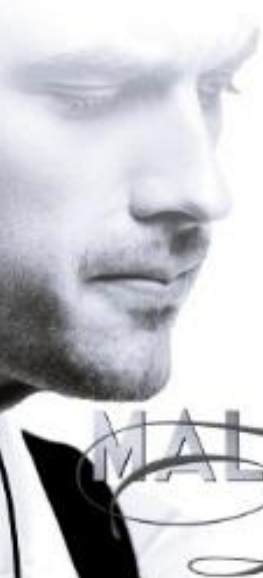
Os meus olhos já estavam queimando e minha visão embaçada, mas eu me segurei. Eu rezei e lutei pela força para segurá-las e funcionou. Eu não podia simplesmente correr para além dos outros atores e atrizes, e então quando eles pararam eu parei para que minha foto pudesse ser tirada, mas em algum momento parecia que eu estava andando na escuridão e eu só podia ver um metro à minha frente.

— Cuidado...

Eu não percebi até que já era tarde demais. Eu tinha pisado no meu próprio vestido enquanto tentava subir as escadas e antes que eu pudesse me deter eu estava caindo em direção ao tapete vermelho. Minhas mãos instintivamente se enfiaram para fora, mas elas não tocaram em nada.

— Você precisa cair cada vez que nos encontramos, Sra. Noëlle?

Eu não tinha fechado os olhos por mais de um segundo, então eu não tinha certeza de como me encontrei nesta situação... não, não nesta situação, mas em seus braços. Como foi que eu estava nos braços do Malachi? Como foi que o Malachi acabou de



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

estar aqui? Mas ele não parecia com Malachi. Se não fosse pelos seus olhos azuis penetrantes e sua cicatriz que se cruzou com um deles, eu nunca teria acreditado que era realmente ele. O cabelo dele foi cortado mais curto e estilizado e ele estava balançando a sombra mais perfeita das cinco horas. Mas a maior mudança de todas foi o terno de veludo e a gravata borboleta que ele usava.

— O meu braço está ficando cansado. Você se importa de ficar de pé agora? — Ele sorriu para mim.

Revirando os meus olhos, eu o agarrei enquanto me levantava. Adith correu para consertar meu vestido, mas Malachi balançou a cabeça dele e fez ele mesmo. Olhando para ele, eu estava insegura se eu estava sonhando ou perdendo a cabeça. Eu assisti enquanto ele saía do tapete, antes de ele se levantar e me oferecer seu braço. Quando eu não o peguei, ele pegou minha mão e a colocou em seu braço. Segurando o braço dele acima do meu e continuamos caminhando.

— Você pode ter esquecido, mas eu não sou o melhor conversador. É pior ainda se a outra pessoa não falar. — Disse ele enquanto parava e se virava para tirar uma foto comigo. Eu me virei para a câmara e olhei em branco para as lentes antes de me lembrar de sorrir.

— Esther, diga algo por favor. — Ele sussurrou enquanto começamos a andar novamente.

— Você está mesmo aqui? — Foi mais uma pergunta para mim do que para ele.

— Eu estou.

— Como? — Não era como se alguém recebesse apenas um convite...

— Eu fui convidado. Alfred sempre se certificou que eu recebesse um. — Quando ele disse o nome do meu avô ele sorriu, mas não por felicidade. Ele sorriu como eu sorria quando eu



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

pensava nele... o que me fez pensar se ele sofria como eu quando pensava no meu avô.

Sem mais uma palavra, entramos no museu sem parar para posar para mais fotos. O segurança nos observou por um momento enquanto entrávamos e seguimos na direção oposta da Gala, mas ele não nos incomodou. Meus calcanhares clicaram sobre o solo de granito e os arcos clássicos ao nosso redor espelhavam os de Roma ou da Grécia Antiga fazendo parecer que estávamos caminhando no tempo a cada passo que dávamos. Caminhamos até ficarmos debaixo do teto de vidro. No centro da sala havia uma escultura, a maior parte fraturada, que faltava tanto os braços quanto a perna direita. A pedra branca estava agora envelhecida e marrom.

— Sabe por que essas estão aqui? — Perguntou ele enquanto pausava para ver a estátua de Afrodite decapitada, sem braços, de mármore.

— Elas são... lindas e históricas. — Respondi. Embora parte de mim se perguntasse por que eu estava permitindo que ele me afastasse. Por que eu estava de pé com ele? Por que eu ainda estava agarrada à mão dele. E parte de mim sabia a resposta por que eu não fazia essas perguntas. Eu temia que ele simplesmente desaparecesse se eu o fizesse... e eu ficaria sozinha novamente.

— Lindas e históricas. — Ele sussurrou com um sorriso antes de me levar para frente novamente. — Era uma vez um tempo em que não eram lindas nem horríveis, mas simplesmente uma representação, um espelho, da pessoa para quem foram criados... era a sua maneira de tirar fotografias. E agora eles estão aqui e são considerados grandes simplesmente porque sobreviveram ao longo da história.

— Você não acha que elas são dignas de ser grandes? — Eu perguntei suavemente. Ninguém mais estava por perto, com



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

exceção de alguns guardas, e eu não queria que minha voz ecoasse.

— Havia esculturas muito melhores na Grécia antiga... e em Roma.

Eu virei meus olhos.

— Deixe-me adivinhar, em uma de suas vidas passadas você foi um escultor?

— Exatamente. — Ele sorriu para mim.

— Bem, seu trabalho deveria ter sobrevivido. — Eu brinquei. — Elas podem não ser tão grandes como os da Roma antiga ou da Grécia. Mas quem vai saber? Entre toda a arte de então, elas sobreviveram e agora o mundo só olha para elas porque não podemos apreciar algo que não está lá... então a sobrevivência em si é grandeza.

— E aqueles que sobrevivem sem querer? — Ele olhou para mim enquanto atravessávamos em direção às exposições de Arte Africana.

— Eles são ótimos duas vezes Você poderia imaginar um carro que não queira ter combustível nele? E assim quando está em sua última gota de gasolina, o tanque se reabastece automaticamente. Todos no mundo iriam querer o carro.

— Todos menos a Mãe Natureza. — Ele franziu a testa e eu não pude deixar de rir.

— Sério, como você ainda pode ser tão negativo?

— É um presente. — Ele encolheu os ombros.

— Um presente, tudo bem! — Eu murmurei enquanto fazia uma pausa para mudar meu vestido e tirar meus saltos, mas eu tinha esquecido que eles estavam amarrados ao meu tornozelo e fui forçada a soltá-lo. Mas antes que eu pudesse me curvar, ele caiu de joelhos.



— O que você está fazendo? — Eu deixei cair meu vestido rapidamente. Então brinquei. — Desculpe, não estou pronta para casar...

— Seus pés doem. Deixa comigo. Levante.

— Você não precisa ser mandão. E também não comente os meus pés. — Urgh! Eu me senti tão envergonhada enquanto suas mãos tocavam suavemente as costas da minha panturrilha enquanto ele desfazia a fivela ao redor do meu tornozelo e me deixava escorregar meu pé para fora e para o chão nu antes de ele trabalhar no outro.

— Obrigada. — Sussurrei. Fiquei feliz por ele não ter dito nada, ele apenas se levantou e segurou meus sapatos em suas mãos. Eu os tirei dele e os segurei ao meu lado. Eu queria dizer... perguntar a ele o que estava acontecendo, mas novamente o medo me parou porque eu sabia que estava sonhando e não queria acordar. Então quando ele ofereceu seu braço eu o peguei mais uma vez. Caminhamos em direção à exposição e fizemos uma pausa na primeira - um par de longas máscaras de marfim preto e pensei em uma pergunta que eu poderia fazer.

— Obinna, o Grande e seu amor, Adaeze? Eu não sabia nada sobre eles a não ser o fato de que eram realeza africana que liderou um exército que derrotou os ingleses.

Ele parou e olhou para o escudo pintado africano que havia sido tecido como se fosse um escudo gigante que pairava sobre nossas cabeças.

—Rumm...bahk...rumah...bacokka...rumm...rumm...

Olhando para baixo dos escudos enquanto ele sussurrava - não, cantava - suavemente para cima. Seu rosto estava determinado, mas sem emoção. Apenas fechando os olhos e abrindo-os, ele relaxou, embora não sorrisse nem olhasse para baixo.

— A maioria dos homens, ao longo da história, a quem foi dado o título de grandeza, conquistou-o através da capacidade



de conquista. Seja Alexandre o Grande ou o Sultão Suleimane o Magnífico, a história os lembra como reis que expandiram seus impérios para tocar os recantos do mundo conhecido e ainda queriam mais.

— O que então fez Obinna grande se ele não era um rei ou não conquistou nada? — Eu perguntei e ele finalmente olhou para mim, com dor nos olhos. — Se te machuca muito falar sobre isso, você não...

— Obinna o Grande não era um rei, mas filho de um criador de cabras e como tal....

A voz dele se desviou enquanto olhava para os artefactos. Eu soltei o braço dele e ele olhou para mim confuso por um momento até que eu me sentei no banco.

— Mesmo nos meus sonhos eu sou preguiçosa demais para ficar de pé. — Eu sorri enquanto enfiava os pés debaixo de mim e sentava de uma maneira muito pouco de senhora no banco. — Você acha que está sonhando?

— Shh... — Eu coloquei meu dedo sobre meus lábios. — Eu não quero pensar. Não posso ser positiva se pensar demais hoje em dia. Se eu começar a pensar, vou me perguntar porque você está aqui. Mesmo se você recebeu um convite, você sempre recebeu um e nunca veio. Então, por que agora? Eu vou acabar descendo numa toca de coelho de perguntas e vou perder-me ao ouvir a história de amor de uma princesa africana e de um criador de cabras.

Ele fixou seu olhar em mim enquanto desfazia o laço. — Você sabe que essas histórias não têm um "felizes para sempre"?

— Esfumado e delineador à prova d'água junto com rímel. — Eu aponte para o meu rosto com orgulho. — Também você tecnicamente ainda está aqui, então se é alguma coisa é apenas um prolongado "felizes para sempre".



Eu estava esperando um de seus roncos de volta, mas não havia nenhum. Ao invés disso, ele apenas sorriu.

— Não diga que eu não te avisei.

— Rápido, Sr. Lord! — Eu bati no meu pulso. — Tenho uma reunião às sete da manhã então não posso passar toda a noite sonhando com você.

MALACHI

Eu não tinha certeza se ela realmente acreditava que estava sonhando ou não. Eu esperava que ela se lembrasse enquanto caminhávamos pela história - as ruínas de nossa história - e ainda assim ela parecia sem pistas. Era frustrante tanto com ela quanto pra mim. Frustrado com ela por não lembrar... frustrado comigo mesmo por querer que ela se lembrasse quando eu sabia o que poderia... o que aconteceria...

— O ano era 1684, e não havia uma alma em todo Igbolândia que não tivesse ouvido falar dos desaparecimentos - a besta que veio e roubou homens, mulheres e até crianças do mundo, seja dia ou noite. Irmãs estavam desaparecidas, irmãos estavam mortos e as lágrimas encharcaram a terra de medo, de aldeia em aldeia. Anciãos, Reis e homens se reuniram de todas as partes da terra. E em desespero, apenas uma resposta pôde ser encontrada, aquela que elevou Obinna à grandeza...

*8ª Onwa Asato (agosto) 1684 - Aldeia Okwu, Igboland,
Nigéria*

— Chizoba, anda! — Comandei a velha cabra branca teimosa com manchas negras ao redor dos olhos como se fosse uma guerreira, mas ela ainda assim não puxou nada de seu próprio peso e, em vez disso, ficou ali alegremente mastigando a



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

grama, sem se importar que suas pernas traseiras estivessem afundando na lama. — Vá em frente agora. — Eu joguei minhas mãos para cima em frustração. — Coma. Leve seu tempo. Eu espero.

Andando por trás dela, tirei o pó das mãos e dos pés enquanto estava sentado perto da grama que ela estava comendo e sacudi minha cabeça para ela. Ela comeu como se nós a privássemos de comida. — Chizoba, ei... você é a única cabra em Obokwu? Por quê agora? Porquê? Toda vez que eu viro minha cara você está correndo para algum lugar. Olha! — Eu levantei meus pés para mostrar a ela. — Você me faz correr mais do que a mudança do meu próprio pai. Você não tem vergonha?

Ela gritou quando começou a escorregar mais para dentro da lama, mas apenas porque isso lhe dificultava a alimentação.

— Ahh! Viu? Que bom para você! — Eu acenei para ela quando me levantei da grama e me mudei para a lama atrás dela. Desta vez quando eu empurrei debaixo das pernas dela ela lutou e conseguiu se libertar, mas ao invés de esperar por mim a cabra egoísta começou a correr mais uma vez.

— Chizoba! — Eu corri atrás dela. Pelo menos desta vez ela correu em direção ao vilarejo. Ela abriu um caminho através da grama alta enquanto corria, que foi como eu sempre soube o caminho que ela percorria. Eu fiquei abaixado. Meu plano era capturá-la e jogá-la por cima do meu ombro. Eu estava cansado dos jogos dela, mas enquanto avançava, vi a fumaça subindo ao longe.

O som de um relâmpago...

As palavras do meu pai me vieram à mente: se você ouvir o som de um relâmpago vindo da vara de uma mão branca corra, corra e avise os outros.

Novamente, eu ouvi, e mesmo assim, ao invés de fugir dela, corri em direção a ela. Deixando Chizoba na grama, saltei sobre



as pedras da nossa terra e corri em direção a casa. Minhas mãos tocaram as paredes marrons e olhei em volta para ver meu pai e meu irmão lutando, mas as varas dos relâmpagos atiravam fumaça e fogo no ar.

Alcançando a adaga que estava pendurada na minha cintura, eu a delinee e me preparei para lutar. Mas antes que eu pudesse dar um passo adiante seus calmos olhos velhos, claros como o céu, me pararam. Ele e todos os homens e mulheres estavam armados e prontos para lutar contra essas bestas de homens que há muito tempo ouvíamos sussurrar. Ele me ofereceu uma palavra. A única palavra que poderia ser oferecida, se isso acontecesse.

Corra.

Então eu corri. Corri para que eu pudesse fazer o que me mandaram fazer - avisá-los a todos. Eu corri e corri mesmo quando o relâmpago veio atrás de mim. Eu não conhecia a língua que eles gritavam enquanto mandavam o fogo deles para mim. No canto dos meus olhos eu vi Chizoba correndo ao meu lado, mas ela não conseguiu escapar do fogo deles e caiu. O pranto dela foi a última coisa que ouvi enquanto seu manto branco ficava manchado de vermelho.

Eu gritei enquanto tentava cobrir meus olhos quando pedaços da árvore caíram na minha frente. Eu caí de cara nas rochas. Sangue se acumulou na minha boca e momentos depois pude sentir a dor espalhada pelo meu rosto. Ao chegar para cima, coloquei minha mão sobre meu olho.

Obinna, corre. Corra meu filho, corra! Eu ouvi a voz do meu pai. Cuspindo o sangue da minha boca, eu me levantei e corri. Meus pés me levaram cada vez mais longe e logo eu encontrei outra aldeia. Mesmo assim, não parei. Ao invés disso, eu desci e peguei o pedaço de pano na minha cintura e o acenei no ar para que eles soubessem... que a besta tinha vindo. As mulheres que tinham filhos os agarraram e os homens e os outros agarraram suas lanças. Eu queria



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

falar com eles, mas não consegui. Eu corri. Corri pelo meu pai. Mesmo que minhas pernas queimassem, mesmo que meu coração parasse, eu correria. A cada aldeia por onde corria, acenava o pano para eles verem, o sol começava a cair e a lua se elevava sobre as planícies. Era tudo que eu podia fazer. E assim que meu corpo começou a cair para frente, os braços se apoderaram de mim.

— Irmão. — Eu levantei o pano para eles uma última vez antes de cair.

*11^a Onwa Asato (agosto) 1684 - Bikjga Village, Igboland,
Nigéria*

— Você está acordado? — A voz dela era.... tão familiar. Como uma voz que eu tinha ouvido uma dúzia de vezes nos meus sonhos. Eu abri meus olhos e a vi ajoelhada sobre mim. Seus olhos castanhos me encaravam e quando ela sorriu, meu coração pulou. A minha mente se enchia de lembranças além do meu controle. Chegando para cima, toquei meu rosto e senti a pasta de cura que havia sido colocada sobre ele, mas era tarde demais... eu me lembrei.

— Diga aos mais velhos. — A mulher chamou as outras mulheres que eu não tinha notado atrás dela.

— Você se saiu bem. Descanse. — Disse ela enquanto tentava me empurrar de volta para baixo. No entanto, no momento em que suas mãos tocaram minha pele ela pulou e puxou as mãos para longe enquanto franzia a testa. Eu sabia pela confusão no rosto dela... que era ela.

— Como é que eles te chamam? — Eu perguntei. Ela desviou o olhar de suas mãos para mim.

— Princesa Adaeze de Bikjga.



Foi então que notei as contas laranja nos braços e pescoço dela e o lenço que tinha sido amarrado e torcido para manter o cabelo escuro dela... nesta vida ela era uma princesa.

— Como princesa, devo agradecer...

— Ele está acordado. — Chegou o mais velho. Sua longa barba era branca e cinza e sua cintura estava coberta com o mesmo pano vermelho que ela usava, assim como seu pescoço e braços tinham as mesmas contas alaranjadas que os dela.

— Sim, pai. — Ela se levantou e se afastou de mim, permitindo que ele se aproximasse. Eu tentei me levantar, mas não consegui me mexer. A mulher na tenda se moveu para ajudar. Colocando suas mãos sobre meu ombro ele disse, — Obinna de Okwu, aquele que correu do amanhecer ao anoitecer e do anoitecer ao amanhecer. Devemos dar graças. Temos de celebrar esta grandeza. Descanse meu menino, seu pai sorri para você.

— Meu pai? Meus irmãos... — Eu perguntei a ele. — O pai disse que não havia guerreiros maiores do que os de Bikjga, é por isso...

Ele bateu no meu ombro. — Não pudemos chegar a tempo à vila.

Meus ombros caíram e eu vi o rosto deles na minha mente - o rosto do meu pai. — Eles foram levados?

Ele balançou a cabeça. — A sua família será para sempre filhos deste solo. Eles ficaram de pé e lutaram.

Eles se foram e ainda assim me encheram de alívio. Eu não sabia o que dizer a este sentimento. Eu não tinha mais certeza se eu estava falando em voz alta. Tudo que eu sabia era que eu não queria estar deitado, mas quando tentei levantar minhas pernas tremiam e estremeciam enquanto a dor nelas crescia cada vez mais presente em minha mente.



— Mama! — Ela gritou enquanto saía correndo para fora da cabana. O Ancião levantou-se quando uma mulher ainda mais velha entrou. A pele marrom dela estava tão enrugada que as dobras das pálpebras dela fizeram os olhos dela caírem. Sua cabeça estava coberta por um lenço marrom e o anel de contas ao redor de seu pescoço superou de longe as da princesa que a ajudou a aproximá-la de mim.

Eu tentei mostrar respeito... mas a dor.

A princesa tentou chamar sua atenção, mas o ancião apenas levantou a mão brevemente revelando um pó amarelo dentro da palma da mão antes de soprar no meu rosto. Tossindo, eu inalei e voltei a dormir...

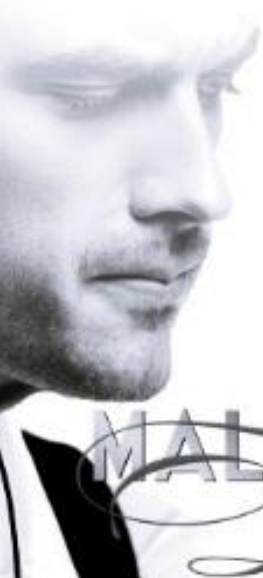
*12º Onwa Asato (agosto) 1684 - Bikjga Village, Igboland,
Nigéria*

— Obinna... eu posso ver que você está acordado. — Disse a princesa Adaeze divertida.

Abrindo meus olhos, eu pensei que era ela quem estava esfregando minhas pernas. Mas ao invés disso eu encontrei a mama pairando sobre mim. Mama inclinou sua cabeça para mim enquanto meus olhos se alargavam de surpresa, e eu me sentei em meus cotovelos.

— Hum... — Olhando em direção à parede, eu a vi trabalhando duro moendo ervas em um frasco. Um pequeno sorriso ficou nos lábios dela e eu não pude deixar de sorrir de volta. Foi então que eu senti a pressão nas minhas pernas novamente. Mudando meu olhar para a mama, ela me encarou imóvel.

— Ela quer saber se você está com dor. — Disse a princesa Adaeze enquanto a mama continuava olhando para mim. Balançando minha cabeça não, ela pressionou mais forte. Novamente eu balancei minha cabeça. Deslocando-se para os meus pés, ela cavou sua unha mais comprida no meu pé e eu vacilei.



Ela sorriu para isso e acenou para si mesma antes de olhar para a princesa Adaeze que falou por ela. — Ela diz que você se recuperou. — Ao levantar-se do seu trabalho, ela veio para ajudar a mama a se levantar e a Anciã colocou as suas mãos no meu rosto, acenando com a cabeça, uma e outra vez.

— Ela está orgulhosa de você e você é forte.

Eu acenei de volta para ela. — Obrigado.

A princesa Adaeze a ajudou a levantar antes de voltar para a parede do canto e sentar-se na pele da vaca. Pegando o que quer que ela estivesse moendo, ela a colocou em sua bebida. Eu consegui sentar agora e alcancei para tocar meu rosto. A pasta tinha desaparecido, mas agora eu tinha uma cicatriz muito familiar no meu olho.

— Como você está se sentindo? — A princesa Adaeze perguntou enquanto se ajoelhava na minha frente e me dava o copo de madeira.

Tomando-o, eu bebi e imediatamente me arrependi de fazê-lo.

— É horrível nós sabemos. — Ela riu de mim enquanto eu tossi no líquido vil. Ela empurrou o copo na minha direção e me incitou a continuar bebendo. — Mas isso é bom para o corpo, faz uma pessoa viver muito tempo. Mama não bebe mais nada além disto.

Eu poderia ajudar, mas me inclinei e sussurrei, — Há quanto tempo ela vive?

Com uma risada, ela fingiu sussurrar, mas falou alto. — Até que ela tenha ouvido tudo o que precisava ser ouvido e não ouça mais.

Isso significava que sussurrar era inútil e era por isso que ela estava rindo. Eu gostei do riso dela. O rosto dela, ela... Quando eu não falei, ela franziu a testa e seus grandes olhos castanhos me olharam com cuidado.



— Por que eu te conheço... quando eu não te conheço? — Ela perguntou.

Eu não pude responder, pois o grito de batalha que veio de fora das paredes da cabana desviou sua atenção de mim.

— Eu devo ir. Fique. Descanse. — Ela se levantou rapidamente e levou as ervas que tinha feito com ela quando desapareceu pela pele pendurada que servia como porta da cabana. Ela se moveu com tanta velocidade que senti como se tivesse desaparecido no tempo que levei para piscar os olhos.

— Para ser governante do Bikjga, você deve servir o Bikjga. — A voz da mama era tão suave que eu me perguntava como eu a tinha ouvido sobre as vozes rugindo. Ela não falava comigo, mas com ela mesma, acenando novamente enquanto bebia. Ela não olhou para mim.

Acabando a horrível bebida, eu me empurrei do chão e coxeei em direção à porta. Ela não me impediu de sair. E quando eu puxei a porta do esconderijo de volta, o sol era cegante, fazendo-me proteger meus olhos, mas não meus ouvidos.

— Rumm...bahk...rumah...bacokka...rumm...rumm... — Os guerreiros cantavam quando voltavam para a aldeia, muitos carregando seus irmãos que não conseguiam se carregar nas costas de seus escudos. No meio de tudo isso, a princesa Adaeze ficou de pé com um muro de mulheres atrás dela. Todas elas seguravam frascos em suas mãos e ela comandava sobre elas, dizendo-lhes para onde ir enquanto compartilhavam suas ervas para todos. Eu observava como todos na aldeia saíam de suas casas, dos arbustos, de longe e de perto para vê-los.

— Rumm...bahk...rumah...bacokka...rumm.... — Eles cantavam alto. O maior deles - um homem cuja pele marrom estava rasgada, sangrando e coberta de areia - olhou para o céu



e gritou, — VITÓRIA! Levantando seu escudo, todos levantaram suas vozes enquanto aplaudiam.

— Nós não iremos! — Ele virou a lança na sua mão e a jogou na terra. — Eu, Príncipe Banjoko de Ife, não irei! Eles irão! ELES IRÃO!"

O chão tremeu com suas vozes. Atirando o seu escudo enquanto ele tinha arremessado sua lança de novo, ele bateu com ela na terra. Seu peito se levantou e caiu em fúria, esperança e certeza do propósito. A princesa Adaeze, a única que parecia calma, entregou-lhe um copo, mas antes que ela pudesse passar para outro homem, ele pegou sua mão e a levantou com a dele.

Todos curvaram a cabeça com respeito e as palavras da mama vieram aos meus ouvidos mais uma vez... Para ser governante de Bikjg, você deve servir Bikjga.

— Adaeze... — Eu instintivamente sussurrei o nome dela e no meio do alvoroço os olhos dela viraram para os meus como se ela tivesse me ouvido claramente... não... ela tinha me ouvido claramente. Quanto mais tempo ela olhava, mais forte eu sentia isso. Aquela corda, aquele pulso, aquela dor, que envolveu o meu coração e se conectou com o dela.

— Eu te conheço.

Piscando, desviei o olhar dos escudos acima de mim. Olhei de volta para ela e embora ela estivesse com os olhos em lágrimas, ela me encarou seriamente enquanto alcançava o lado de sua cabeça. Empurrando-se para cima, seus pés descalços tocaram o chão mais uma vez.

— Ela era casada com outra pessoa?

Eu balancei minha cabeça. — Se ela fosse casada, teria sido rainha. Em Bikjga, o homem e a mulher que os aldeões acreditavam ser os mais dignos eram o príncipe e a princesa,



quando eles se casam eles se tornam rei e rainha. Mas Adaeze logo se lembrou de quem eu era, e dali... tudo se desmoronou.

— Os traficantes de escravos vieram.

Eu não queria ir mais fundo no passado... não quando eu sabia que ela seria arrastada para lá em breve, sozinha.

— Você é irritante. Você sabe disso, certo? — Ela fungou.

Eu levantei minha sobrancelha para ela. Eu fiquei mais divertido do que incomodado. — Como assim?

— Eu deveria estar com raiva de você. — Disse ela enquanto estava diretamente na minha frente. — Você mentiu para mim. Eu não consegui me despedir do meu avô. Você não veio ao funeral dele. Você nunca me ligou para perguntar se eu estava bem. Eu que fui ferida, então por que eu continuo me preocupando com você? Por que eu estou sempre pensando em você?

— Porque, — estendi a mão para pegar sua bochecha — é assim que o amor funciona, Esther. Você pensa em mim antes de você e eu penso em você antes de mim.

Ela riu, o que foi a pior resposta a uma confissão. O riso dela desvaneceu-se e o sorriso dela caiu quando ela me encarou. — Agora eu sei que estou sonhando! Você não me ama. Você já amou a mesma mulher novecentas e noventa e nove vezes...

— E agora mil. — Eu sussurrei enquanto colocava as duas mãos nos lados do rosto dela.

Ela olhou para mim em choque.

— Li-Mei...

— Não ela. Você. Você, Esther Noëlle. Eu corri para as montanhas e você ainda me encontrou. Eu nunca consegui



escapar de você, falei tentando o meu melhor para não ceder às minhas próprias lágrimas de alegria e dor. — Eu não posso. Eu não quero. Você foi o maior amor da minha vida mil vezes, e agora me lembro porquê... porque sem você eu não tenho sol. Eu estou dominado pela escuridão. Eu não posso rir ou respirar sem você. Eu vivo por causa de você.

— Malachi... você está cometendo um erro de novo...

— Você quer uma prova?

Ela me olhou sem palavras antes de acenar com a cabeça. Eu inclinei a cabeça dela para trás e olhei para os lábios dela cheios e levemente separados antes de eu me curvar e beijá-la. Foi naquele momento em que meus lábios tocaram os dela que eu me lembrei porque eu a tinha procurado várias vezes. Beijá-la... beijá-la me deixou inteiro novamente. Isso aqueceu minha alma. Ela era o sol da minha existência. Sem ela eu estava frio e morto por dentro.

ESTHER

Era como se o chão abaixo de mim se separasse quando ele me beijou. Eu estava caindo e ele estava caindo comigo. Ao meu redor, senti o sol nascer sobre nós. Senti neve, chuva e o vento soprando. Senti a areia sob meus pés, depois a grama, e não pude deixar de segurá-lo com mais força.

Eu não pude deixar de beijá-lo de volta, e com um desejo diferente de tudo que já havia sentido antes, dei-me ao seu beijo e lentamente abri minha boca. O mundo mudou à nossa volta e cada vez fez o meu coração doer. Eu queria rir e chorar, cantar e dançar. As emoções me inundaram e isso fez a respiração, o pensamento e quase tudo mais doloroso. Dor... muita dor.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

*2º Onwa Ite Na Ni (setembro) 1684 - Floresta de Obofia,
Igboland, Nigéria*

— Banjoko! NÃO! NÃO!

Enquanto eu corria para frente para pará-lo, a distância entre mim e Obinna parecia ser tão grande quanto os oceanos. Na minha voz, Obinna se virou assim que a lança de Banjoko atravessou seu peito.

— AHHH! — Eu gritei e a distância, agora que já era tarde demais, ficou curta novamente. Quando cheguei até ele, ele caiu. — Obi! Obi!...ahh...

Incapaz de falar, ele se aproximou para tocar meu rosto.

— Não... não... — Balançando para frente e para trás eu me agarrei a ele.

— Você não pode salvá-lo. Pegue minha mão. Eles estão vindo!

— MALDITO SEJA! — Eu gritei enquanto lhe dava um tapa na mão. E quando ele se moveu para me agarrar eu puxei a faca e a segurei no meu pescoço. —Você não pode me salvar! Vá! VÁ!

Ele ficou ali, mas quando viu o fogo se levantando da aldeia, recuou lentamente.

— Adaeze...

Ignorando-o, segurei-me a Obinna e continuei balançando para frente e para trás.

4 de julho de 1781 - Guanajuato, Nova Espanha

— Ana!

Carlos saltou da varanda dele para a minha e me agarrou, me puxando para longe do meu pai, que estava me encarando em



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

estado de choque enquanto ele se afastava e deixava a faca cair de suas mãos.

— Papai... — Eu queria dizer-lhe... perguntar-lhe porquê... mas não consegui e as minhas pernas cederam enquanto Carlos me abaixava no chão enquanto gritava com o papai. —Ajuda! Procure ajuda!

Ele pressionou as mãos contra o meu peito enquanto tentava estancar a hemorragia. Doeu... doeu tudo. Alcançando a mão ensanguentada dele.

—Eu vou... vou te ver... de novo

—ANA NÃO! Por favor. Por favor, não... ANA!!

Eu senti as lágrimas dele no meu rosto.

— Ahh... — Eu gritei enquanto me afastava dele. Eu estava tremendo e tentando respirar, tentando ficar de pé, mas eu não conseguia mais fazer isso. Toda eu doía. Ele me agarrou com força.

— Está tudo bem, está tudo bem. Eu tenho você. — Sussurrou ele.
— Eu sempre tive você, Esther. Eu sempre terei.

Minha mente ficou em branco e a dor parou.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Dezessete

O Blitz

ESTHER

Sentei-me na minha cama como se tivesse subido do túmulo e olhado em volta. Felizmente, eu vi as janelas gigantescas do meu quarto, que tinham vista para as luzes brilhantes da cidade. Eu estava sentada no meio da minha cama, ainda vestida com o vestido com contas de ouro da... gala. Passando meus dedos sobre as miçangas, todas as lembranças dessa noite vieram à minha mente, e quanto mais eu me lembrava, mais meus dedos subiam até tocar meus lábios.

—Merda!

Minha cabeça virou em direção à porta enquanto eu escorregava lentamente da cama e caminhava silenciosamente pelo chão. Tentei abri-la silenciosamente, mas tinha me esquecido de como ela rangia ruidosamente - algo que tinha servido ao meu avô como uma precaução de segurança se eu tentasse sair sorrateiramente. Eu fechei meus olhos como se isso me fizesse desaparecer.

— Você não precisa se esgueirar, é a sua casa. — Disse ele e eu imediatamente reconheci a sua voz. Abri os olhos para ter certeza de que meus ouvidos não estavam fazendo uma piada cruel em mim, e com certeza ele estava lá, parado na minha cozinha no que sobrou do seu terno - suas calças pretas, camisa branca que estava enrolada nas mangas e desabotoada no colarinho, e seu laço que estava desfeito. Em suas mãos, ele segurou minha caneca amarela.

— Desculpe, eu não queria te acordar. Eu estava procurando por café. — Ele riu para si mesmo. Eu olhei para ele por um breve momento, antes de voltar e fechar a porta. Segurei a maçaneta da porta e respirei fundo.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Um.

Dois.

Três.

Quando eu abri a porta, ele ainda estava lá me encarando, com as sobrelanceiras erguidas. — É bom ver que você ainda é um pouco estranha.

— Como... você... eu tenho perguntas. — Falei ao sair do meu quarto.

— Podemos tomar um café primeiro? — Ele levantou a caneca para mim.

— Eu não tenho café em casa... espere, não! Primeira pergunta, como você entrou no meu apartamento?

— Eu tenho uma chave. O que você quer dizer com "não tem café?" — Ele olhou para mim como se eu fosse a louca, enquanto eu não via ou ouvia falar dele há meses! Agora aqui estava ele no meu apartamento... espere.

— Por que você tem uma chave? — Eu perguntei enquanto caminhava em sua direção.

Ele deu de ombros voltando para a cozinha. — Alfred me deu uma em caso de emergência. Achei que a neta dele desmaiando nos meus braços novamente era motivo suficiente para fazer uso dela.

Desmaio.

Lembrei-me novamente...

— Sim, nós nos beijamos. E sim, você desmaiou. — Disse ele enquanto caçava pelos armários em busca de café. — E eu te trouxe para casa, mas não sem receber muitos olhares e algumas perguntas da segurança do museu, do seu assistente e do seu



motorista... tudo pelo qual você dormiu. Ninguém nunca fala sobre essa parte no cinema.

Minha cabeça está doendo.

Sentando-me na cadeira atrás da ilha da cozinha, coloquei minhas mãos na lateral do meu rosto. — Sabia. — Declarou quando olhou para uma caixa muito velha de cereais de aveia do meu avô e puxou triunfantemente um saco de café. — Alfred é o culpado pelo meu vício em café. Não havia como ele não ter nenhum.

Apesar de estar confusa e cansada, eu ri. — O velho estava me escondendo isso. Eu disse a ele para ficar com descafeinado! E ele sempre dizia...

— Não adianta tomar café se não houver cafeína. — Ele terminou. Voltando-se para mim, ele apontou para a luminária que pairava sobre a ilha da cozinha. — Deixe-me ir para casa para as minhas panelas. — Ele disse num tom zombeteiro. — São essas as panelas de que você estava falando? Essas que você está usando como decorações?

— Ei! — Eu apontei para ele. — Isso é diferente!

— Como assim?

— Você não tinha panelas e o restaurante mais próximo fica a alguns quilômetros de distância e ninguém lá fora faz entregas! Aqui eu poderia pegar uma sopa quente em minutos.

— Então por que ter panelas em tudo...

— Porque eu poderia decidir cozinhar a qualquer momento.

Ele pegou uma delas e me mostrou a parte de baixo de aço inoxidável brilhante. — Quando é que é a qualquer hora? Porque parece que essas nunca viram um fogão.



Eu olhei para ele, mas ele apenas me deu aquele sorriso presunçoso quando ele se mudou para a pia para enchê-la de água. Eu assisti por um momento. Ele andou pela minha cozinha com facilidade, como se já tivesse estado aqui mil vezes. Ele estava tão relaxado... e feliz. Ele já não parecia andar como se o mundo estivesse mais em seus ombros. Era como se ele fosse apenas um cara normal que queria tomar um café na casa de sua namorada.

Mas ele não era um cara normal.

E eu não era sua namorada.

— Você me beijou! — Falei e ele congelou por um momento, mas ele ficou de costas para mim. — Você disse que tinha cometido um erro, e me beijou.

— Eu fiz. — Disse ele mais suave e muito mais sério agora que derramou o café na água fervente.

—Malachi. — Eu respirei fundo. — Isto é uma loucura! Você não pode simplesmente aparecer assim! Você não pode simplesmente... dizer tudo o que você disse e fingir que é normal! Eu não sou... eu não sou quem você pensa que eu sou e...

— Quando te contei a história de Obinna e Ada, você percebeu que eu estava falando em outra língua? — Ele me interrompeu e perguntou. Ao desligar o fogão, ele derramou o líquido marrom na caneca antes de virar para me enfrentar.

— Que língua?

— Igbo. — Respondeu ele. Ele não se aproximou de mim, ele simplesmente se encostou contra o balcão. — Você não conhece esse idioma, e mesmo que conhecesse, não é o mesmo que o Igbo moderno, aquele que você aprenderia através de livros ou na escola. É perto, mas não o suficiente para você acompanhar perfeitamente uma história inteira do começo ao fim.



Eu não tinha certeza do que dizer porque eu nem conhecia o Igbo moderno... como então eu o tinha entendido? — As línguas estão todas conectadas talvez eu pudesse...

— Encontrei Li-Mei. — Ele confessou sem olhar para longe de mim. Seus olhos azuis me mantiveram no lugar, tornando-me incapaz de desviar o olhar. — Eu esperava... esperava que as emoções e sentimentos chegassem apressados. Mas eu fiquei na frente dela e não senti nada. E mesmo assim, quando toquei uma cópia gasta do Antígona de Sófocles, senti como se meu coração estivesse em chamas. E não foi só porque essa também era nossa história, foi porque a dona daquele livro - você - tinha passado tanto tempo lendo e relendo-o que você imprimiu uma parte de si mesma nele. Eu toquei nele na primeira vez que conheci Li-Mei e erroneamente achei que o livro era dela. Assim como eu acreditei erroneamente que os anéis dela eram a razão pela qual minhas memórias foram acionadas quando na realidade foi a primeira vez que fomos formalmente introduzidos nesta vida que o fez. Eu era um idiota e tirei conclusões precipitadas por medo ...

— Como você está fazendo agora! — Eu não tinha certeza porque eu estava gritando, mas eu me sentia quente por todo o lado e meu coração doía tanto que fazia todo o resto doer também. Eu me aproximei dele. — Você pode estar cometendo o mesmo erro comigo e está tudo bem porque...

— Você está apaixonada por mim? — Ele perguntou antes de levar a caneca aos seus lábios.

— Eu nunca disse isso. — Respondi balançando a cabeça.

— Estou apaixonado por você, e nunca me apaixonei por ninguém além de você...



— Você não pode dizer isso! — Eu coloquei as minhas mãos na minha têmpora enquanto tentava respirar. — Você não pode simplesmente...

Eu tentei falar, mas a dor era pior... e também a minha dor de cabeça. Eu agarrei a borda do balcão...

— Esther! — Ele se agarrou a mim enquanto eu ofegava por ar que não conseguia entrar nos meus pulmões.

— Ahh... — A minha visão ficou manchada e quanto mais eu tentava respirar, mais doía. Eu o senti envolver seus braços ao meu redor enquanto ele me abraçava com força. Isso deveria ter piorado as coisas, mas ao invés disso... ao invés disso eu comecei a me sentir melhor.

— Shhh....está tudo bem. Eu sei que dói. — Ele sussurrou direto no meu ouvido enquanto acariciava a parte de trás da minha cabeça. Eu me segurei nele para o que parecia ser uma eternidade antes de encontrar forças para respirar novamente.

— O que está acontecendo? — Eu sussurrei mais para mim do que para ele enquanto me afastava um pouco dos seus braços.

— Quanto mais lutamos contra nossas memórias, mais doloroso se torna. — Disse ele enquanto acariciava o lado do meu rosto quando eu olhava para ele. — Vai doer um pouco no começo, mas você vai ficar bem.

— Isto não está bem. — Eu balancei a cabeça e soltei... Mas não queria que ele saísse do meu lado. Ele veio com a xícara de café para mim.

— Isso vai ajudar com a dor de cabeça. O café constrixe os vasos sanguíneos do cérebro e alivia as enxaquecas. — Ele colocou o copo na minha mão.

Eu olhei para ele por um momento antes de tomá-lo e beber.



— Urgh. — Eu fiz uma careta. Tinha gosto de casca de árvore queimada. — Como você pode beber isso?

— Com a boca. — Respondeu o asno inteligente.

— Você é tão...

— Continue bebendo. — Ele tombou um pouco a xícara.

Eu bebi até não aguentar mais. Sacudindo-me toda eu a devolvi. — Eu estou bem. Minha dor de cabeça se foi.

Ele riu enquanto tirava a xícara de mim e terminava o resto. Ele andou até a pia e eu me aproximei para tocar minha cabeça. Com certeza, minha dor de cabeça havia desaparecido.

— Não pode ser eu...

— Porquê? — perguntou ele voltando para mim. — Por que não pode ser você, Esther?

Eu não tinha outra resposta além de... — Eu sou só eu. Eu sempre fui só eu. Agora você está me dizendo que eu já fui eu noventa e nove outras vezes?

— Sim e não. — Ele pensou por um momento, enquanto tentava explicar. — Nós somos diferentes a cada vez. Alguns traços vão e vêm, como o amor pela lavanda, mas agora você ama as rosas. As coisas adquirem significados diferentes. Mas você ainda é você. Os traços que são centrais para quem você é - uma pessoa forte, determinada, carinhosa e amorosa, com um gosto horrível em caras - está na mesma.

Eu sorri, embora não fosse engraçado. — Então... nós somos iguais, mas diferentes?

Ele sorriu e eu sabia que era porque ele tinha pegado meu deslize. — Sim, nós somos.

— Se isso tudo é verdade, você é um idiota!



— Diga de novo? — Ele cruzou os braços esperando.

Quanto mais eu pensava nisso, mais furiosa eu ficava. — Se isso é verdade! Isso significa que você estava fugindo de mim! Isso significa que mesmo se você hipoteticamente soubesse quem eu era para você, então você fugiria ainda mais para longe para me evitar, não importa o que eu sentisse sobre isso. Agora, sem nenhuma razão você volta e me beija! Qual era o objetivo de me evitar hipoteticamente então?! Você vem quando quer, você sai quando quer...

— Eu me apaixonei por você! — Ele respondeu de volta. — Sim. É egoísmo da minha parte voltar assim. Mas eu tentei, Esther! Eu tentei evitar você porque eu sabia que se eu me apaixonasse por você nessa vida, eu não poderia correr disso! Tentei, mas você me encontrou. Eu me apaixonei por você e porquê... por causa da minha própria estupidez tudo se tornou muito mais complicado. Eu estava confuso sobre o porquê de Li-Mei ser o meu passado e ainda assim você era tudo que eu podia pensar! Então ela apareceu na minha frente e eu sabia que tinha de ser você, e no segundo em que eu tive certeza disso eu não pude deixar de correr em sua direção. Em direção ao mesmo círculo para o qual eu sempre corro. Mas o que posso fazer?! Não estar perto de você me mata e estar com você vai realmente me matar! Então me diga, Esther, o que você quer que eu faça? Eu realmente não sei agora. Não sei nada além de te abraçar, eu quero te beijar, eu quero fazer amor com você, pelo tempo que nos resta.

Ele não estava jogando limpo. Ele não podia simplesmente dizer tudo isso. E o pior era que ele tinha dito isso tão honesto e desesperadamente... como eu deveria responder? O que eu deveria dizer diante disso? Nada. Eu não podia dizer nada.

— Eu sei que isso é muita coisa para processar. — Disse ele enquanto se movia da pia em minha direção. — Eu vou ficar na Suíte Real no Waldorf. Então, quando você estiver pronta e



souber o que quer que eu faça... você sabe onde me encontrar. Por favor, fique a salvo, está bem? Não vá tropeçar no meio da Times Square durante a hora de pico ou algo assim.

— Ao contrário de sua crença, eu não sou realmente uma desastrada. — Eu respondi automaticamente.

O canto da boca dele virou para cima e ele estendeu a mão para me tocar, mas parou. Caiu com a mão em um punho que ele acenou antes de deixá-la cair de lado.

— Boa noite, Esther. — Ele disse gentilmente. Chegando no bolso, ele colocou a chave no balcão e sem outra palavra ele pegou sua jaqueta de veludo do sofá e saiu do meu apartamento.

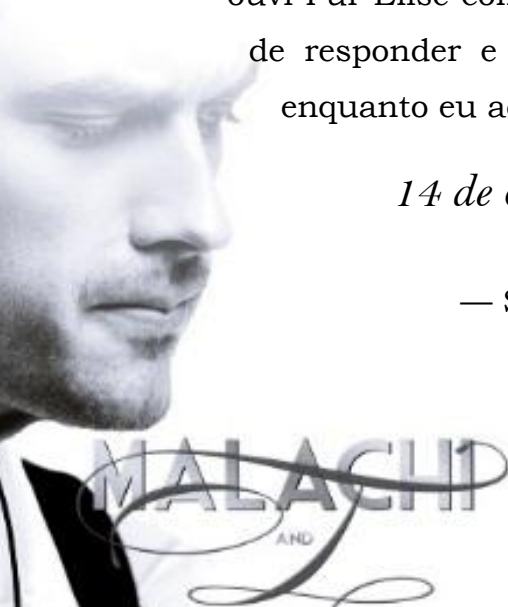
— Boa noite. — Eu sussurrei de volta quando a porta se fechou e o som ecoou em meus ouvidos. E bem dessa forma, o apartamento inteiro se sentiu misteriosamente silencioso e frio novamente. Caminhando em direção à panela que ele havia lavado, eu a sequei e, quando estava prestes a pendurá-la de volta na prateleira, decidi colocar o saco de café nele e colocá-lo de volta no fogão antes de voltar para o meu quarto.

Percebendo que eu ainda estava de vestido, eu desabotoei as costas e deixei-o cair no chão em volta dos meus pés. Não me importava que minhas cortinas ainda estivessem abertas e sem outro pensamento eu rastejei para dentro da minha cama.

— Isso é mesmo... isso é real? — Eu me perguntei enquanto me enrolava em uma bola. Quando meus olhos estavam prestes a fechar, ouvi Für Elise começar a tocar suavemente. Eu não me dei ao trabalho de responder e ao invés disso escutei como uma canção de ninar enquanto eu adormecia.

*14 de outubro de 1940 - Perto da Estação Balham
Underground, Londres, Inglaterra*

— Socorro!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Qualquer um!

Ao meu redor as pessoas gritavam, elas gritavam e gritavam para Deus. Mas na escuridão da noite, parecia que ele tinha fechado os olhos sobre nós. Meu corpo inteiro estava dolorido enquanto me levantava da rua pavimentada de pedra.

— Thomas! — Eu gritei no topo dos meus pulmões. Eu sentia falta do meu sapato e do meu chapéu e enquanto mancava ao redor eu podia sentir que meu cabelo estava preso e coberto de sangue, cinza e suor. A fumaça subiu do chão como fogo do inferno enquanto os prédios se desmoronavam ao meu redor e as chamas os engoliam inteiros. Acima, o que parecia ser uma baleia gigante deslizou pelos céus enquanto o fogo caía de sua barriga.

— Ajuda... — Um homem estendeu sua mão ensanguentada debaixo dos escombros ao meu lado e eu vi que dois de seus dedos estavam dobrados num ângulo não natural. — Por favor, ajude...

Eu alcancei-o, mas antes que nossas mãos pudessem tocar, ele ficou parado.

— Senhor? — Eu toquei a mão dele e vi que ela tinha ficado mole. — Oh... — Eu suspirei enquanto me afastava dele.

— Nellie!

Eu senti suas mãos antes de ver seu rosto enquanto ele me puxava de volta para seus braços. Olhando para ele, vi que seu chapéu também tinha desaparecido e havia sangue em seu cabelo marrom claro que tinha caído pelo seu rosto branco sobre sua cicatriz. Seus olhos verdes estavam vidrados de medo.

— Nellie! — Ele agarrou minha mão e me arrastou com ele, ignorando o coxear em sua perna ruim enquanto me obrigava a correr atrás dele. — Nós precisamos pegar os abrigos!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu não pude deixar de olhar para o céu e para a besta que deslizou através da escuridão.

— Não há soldados aqui. — Eu sussurrei como se eles se importassem - como se eles pudessem me ouvir. Talvez eles pudessem, porque não caíram mais bombas.

— Eu tenho você. — Sussurrou Thomas. Ele me abraçou enquanto corríamos para os abrigos.

— Eu tenho você também. — Foi tudo o que pude pensar para dizer. Eu nem sabia para onde ir.

Os prédios cederam no fogo e na pressão e desmoronaram ao nosso lado, me fazendo quase tropeçar, mas ele me pegou. Sem uma palavra, eu tirei meu sapato restante e o deixei para trás enquanto corria com ele mais uma vez. A cidade irrompeu ao nosso redor. Fogo, vidro e rochas fragmentadas nos atingiram de todos os lados. Parecia não haver mais ninguém ao nosso redor, e então, a não mais de um pé de mim, ficou um garotinho coberto de cinza da cabeça aos pés e olhando fixamente para o céu.

— Vem! — Eu gritei com ele enquanto esticava a mão. Mas ele não se mexeu! — VEM! — Eu gritei novamente e desta vez ele correu em minha direção e agarrou minha mão.

— Nellie... — A voz de Thomas estava rouca quando ele olhou para o garoto que agora se agarrava a mim. O garoto nos atrasava, mas eu não podia deixá-lo lá. A voz dele se afastou quando ele olhou para mim novamente. Sem uma palavra, ele se abaixou e pegou o garoto antes de estender a mão para pegar minha mão mais uma vez. Não acostumado a tanta pressão na sua perna ruim, ele correu num ritmo muito mais lento. No entanto, não havia outra maneira. Ele segurou minha mão enquanto corríamos em direção à estação, e logo vimos outros na distância nos acenando. Eu podia dizer que eles estavam



gritando embora eu não conseguisse ouvi-los por cima da besta. E mesmo enquanto a dor consumia cada centímetro do meu corpo, eu corria em direção à nossa salvação, gritando uma vez que estávamos dentro da segurança dos túneis.

Dentro pudemos ver todas as pessoas - mães embalando seus filhos chorando enquanto os homens choravam por suas perdas. Uma enfermeira estava tentando atender os feridos, mas quase não havia espaço para andar ou se mover sem tropeçar e cambalear em alguém. Assim que Thomas se inclinou para colocar o menino de pé, seus cabelos cobertos de cinzas se soltaram ao som de uma voz. — Robbie?

Mais abaixo no túnel uma mulher olhou diretamente para ele enquanto o homem ao lado dela olhava para cima das crianças que ele estava olhando.

—Ma! — O menino correu em direção à mulher e pulou nos braços dela e o pai envolveu os dois. Ela sorriu para nós e sussurrou seus agradecimentos, mas era eu quem queria agradecer a ela. Ela tinha renovado minha esperança.

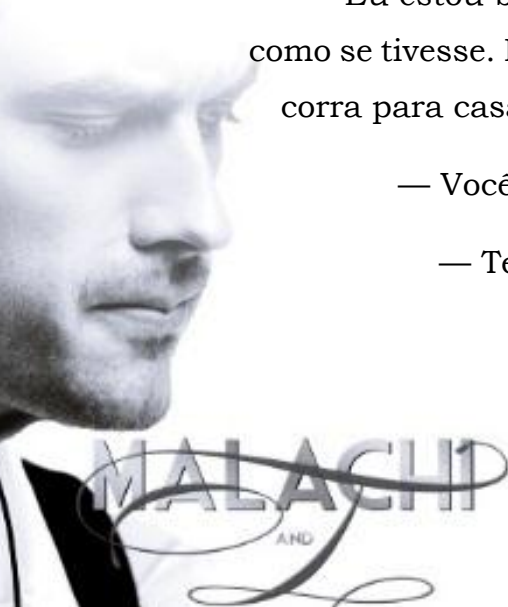
— Vamos conseguir desta vez, Thomas. — sussurrei, mas ele não disse nada. — Thomas?

Olhei em volta para encontrá-lo descansando contra as paredes e agarrando sua perna. Eu coloquei minhas mãos no rosto dele forçando-o a abrir os olhos. Ele se inclinou para me beijar e eu pude sentir o gosto do sangue na boca dele.

— Eu estou bem. — Sussurrou ele, mas ele não parecia nem olhava como se tivesse. Ele respirou fundo e se forçou a dizer, — Quando parar, corra para casa.

— Você é minha casa.

— Teimosa, até ao fim. — Ele sorriu, mas eu não.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Estamos no final? — Ele não respondeu.

— THOMAS! — A perna dele cedeu e eu estendi a mão para pegá-lo e ao fazê-lo senti uma umidade no peito dele que era mais profusa do que apenas suor. Eu o ajudei no chão antes de puxar para trás e examinei minha mão. Eu olhei para ele e depois para a grande mancha sangrenta no peito dele enquanto meu coração batia mais alto e mais alto na minha cabeça. — Nellie. — Ele me procurou.

— Eu vi uma enfermeira...

— Eu vou tocar essa música para você da próxima vez. Eu juro, Nellie. — Ele disse com um sorriso que eu não queria ver. Assim como o homem nos escombros, suas mãos começaram a cair, mas eu me agarrei e me ajoelhei ao seu lado. Apertei a mão dele desesperadamente com tanta força que minhas unhas foram cavadas na pele dele e os olhos dele se abriram de novo.

— Se você acha que vou permitir que você me deixe assim tão facilmente, Thomas Gallagher, você não me conhece muito bem. — Eu disse beijando as mãos dele.

— Nellie Camellia Wilkinson. — Ele disse meu nome lentamente. — Quando eu já te deixei? Pois até os anjos no céu acima e os demônios abaixo do mar sabem que minha alma não pode te abandonar.

— Poeta até o fim. — Sussurrei através das minhas lágrimas.

— Estamos no fim? — Perguntou ele. E, como se os anjos do céu acima e os demônios abaixo do mar quisessem nos castigar mais uma vez, o teto acima de nós tremeu com tanta força que muitos ao redor se levantaram enquanto outros começaram a gritar, e como a água entrava correndo de todos os lados, nosso abrigo se tornou nossa tumba.



MALACHI

Eu sabia que ela iria me encontrar. Foi por isso que eu tinha deixado o nome dela na recepção. Eu só não pensei que seria logo. Eu nem precisava olhar antes de abrir a porta. Só podia ser ela. Ela era a única que sabia que eu estava aqui. O que me chocou foi como ela estava quando eu abri a porta. Os olhos dela estavam vermelhos e cheios de lágrimas. Os cabelos dela pareciam como se ela tivesse acabado de sair da cama. Ela abraçou seus braços ao redor de seu casaco marrom como se fosse a única coisa que a mantinha unida.

— Esther...

— Eu acredito em você. Posso entrar? — Ela perguntou, embora não precisasse. Afastando-se, ela entrou com um ar mais quebrado do que eu jamais quis ver. Fechando a porta atrás dela, ela ficou no centro da sala de estar e olhou para o piano no canto. Eu não tinha certeza do que dizer a ela ou se ela queria que eu dissesse alguma coisa. Tudo o que eu sabia era que ela estava sofrendo e isso era a última coisa que eu queria. No momento em que eu pisei atrás dela, ela voltou para mim e apontou para o piano.

— Você jurou... — Ela mordeu o soluço. Mordendo o lábio de baixo, ela puxou a respiração antes de continuar. — Você jurou que tocaria uma música para mim... que música era? Beethoven's Für Elise? — No momento em que as palavras saíram de sua boca eu sabia onde sua mente tinha estado. O que ela tinha acabado de lembrar... e eu também senti essa dor. Aproximando-me, beijei sua testa e ela envolveu seus braços ao redor da minha cintura.

— Sim. — Eu disse suavemente. — Você quer ouvir agora?

Ela acenou contra mim, mas não me soltou e eu não a apressei. Eu não apressaria nada. Sentindo-a assim. Segurando-a assim.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

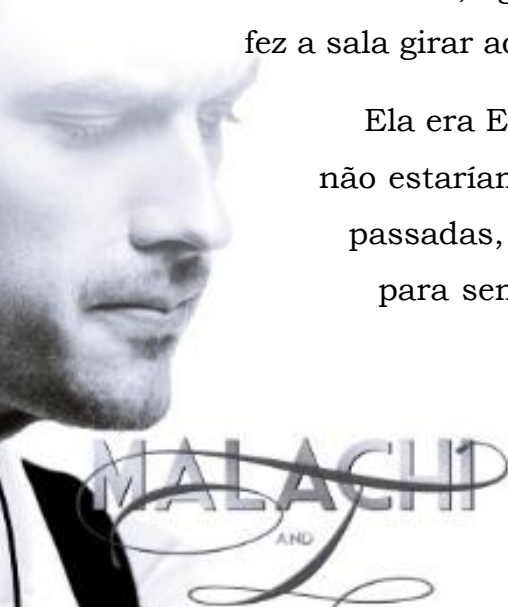
Eu queria fazer isso o máximo de tempo possível. Fez... fez toda a dor valer a pena quando eu a segurei.

— Está bem. — Ela fungou enquanto se soltava e deu um passo atrás. Ela limpou os olhos e olhou de volta para mim. — Você vai tocar para mim? Por favor?

— Eu jurei que sim, não jurei? — Eu disse a ela enquanto pegava a mão dela e a levava através dos tapetes de vinhedo em direção ao piano preto. Sentei-me no banco e estendi minha mão para que ela viesse sentar comigo. Ela olhou para ele durante horas, mas foram apenas segundos, antes de pegá-la. Lentamente ela sentou-se ao meu lado e levantou a tampa das teclas. Eu não tocava piano há anos... Eu não tocava piano há muito mais tempo do que isso.

Minhas mãos pairavam sobre as teclas enquanto ela relaxava contra mim. Fechando meus olhos, não pude deixar de pensar como este mundo era estranho. Como tantas coisas podiam avançar e como tantas coisas muitas vezes ficavam na mesma. Quando meus dedos tocavam as teclas, era como se eu tivesse praticado toda a minha vida. Eu me lembrava de cada nota e cada chave do Für Elise de Beethoven. Mas o que eu mais me lembrei foi o sentimento dela. Mais de cem anos haviam se passado desde que eu tinha tocado isso para ela - já que estávamos atrás de um piano juntos - e mesmo assim sentia exatamente o mesmo. Nós estávamos fazendo isso novamente, pegando onde tínhamos parado. No meio de uma história de amor que nenhum de nós conseguia controlar. A maneira como ela se sentiu inclinada em mim, descansando sua cabeça no meu ombro, agora mesmo, neste momento, fez meu coração correr e fez a sala girar ao meu redor.

Ela era Esther nesta vida. Parte de mim havia se perguntado se não estaríamos... se não tivéssemos as memórias de nossas vidas passadas, se não soubéssemos que éramos duas almas unidas para sempre, não importa o tempo, lugar ou situação... ainda



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

nos amariamos um ao outro? Será que ainda nos apaixonariamos um pelo outro e eu teria obtido minha resposta. Eu pertencia apenas a ela. Eu estava inquestionável e conclusivamente ligado a ela. Ela era a minha Esther.

Abrindo meus olhos enquanto tocava a última nota, meu dedo segurava a chave para baixo e o som ecoava pela sala. Quando tirei as mãos das teclas, ela levantou a cabeça e me olhou. O olhar nos olhos dela... não havia palavras que pudessem descrevê-la, era como ver o cosmos se desdobrar.

— Não é essa a parte em que você me beija de novo? — Ela sussurrou.

— Sim, mas eu não tenho certeza se devo. — Eu encontrei força para dizer na pequena distância entre nossos lábios.

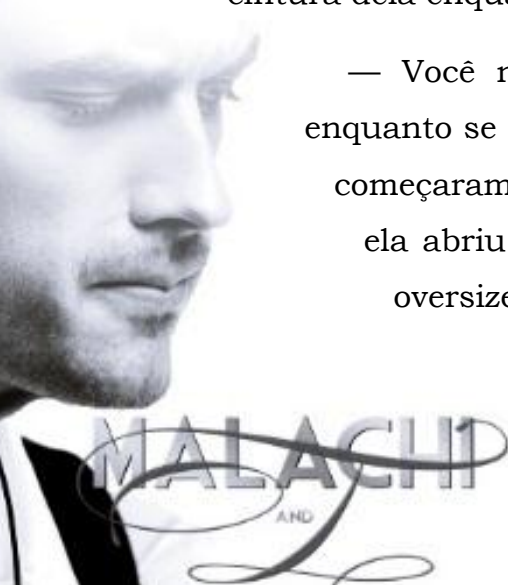
— Porquê? — Perguntou ela.

Ela realmente não sabia?

Eu coloquei minhas mãos sobre a capa do piano para me impedir de tocá-la. — Porque não tenho força para parar de beijá-la, Esther. Agora que você está aqui, agora que eu posso ver e sentir você, eu não tenho força para...

Antes que eu pudesse obter as palavras, os lábios dela estavam nos meus, enquanto os braços dela se prendiam ao meu pescoço e ela se pressionava contra mim. Um gemido escapou de nós dois quando nossas línguas se encontraram. Minhas mãos deixaram o piano para segurar a cintura dela enquanto ela se movia em cima de mim.

— Você não precisa de força para parar. — Ela sussurrou enquanto se afastava de mim. As mãos dela caíram do meu rosto e começaram a desfazer o cinto e os botões do casaco dela. Quando ela abriu, ela não estava usando nada além de... uma camisa oversized de pescoço em "V" profundo.



— Você veio assim? — Eu disse suavemente olhando para os montes de seus seios. Ela colocou sua testa na minha. — Eu o vi morrer. Eu senti você morrer... nós morremos. Eu estava tão assustada, Malachi. Eu não pensei. Eu só tinha de vir até você. Eu tinha que te ver.... para sentir que você ainda estava aqui. Então deixe-me sentir você.

Era tudo o que ela precisava dizer. Eu cedi e cobri os lábios dela com os meus novamente. Levantei do banco, agarrei suas coxas enquanto seu casaco caía no chão e nos levei pelo salão, sem me importar que esbarrasse na mesa do canto e no candeeiro no caminho em direção ao quarto. Nunca me senti tão distante. Deitando-a na cama eu tirei minha camisa tão rápido quanto ela tirou o sutiã, e antes que ela pudesse deixá-lo cair para o lado eu estava beijando a pele dela. Eu a empurrei de volta para os lençóis enquanto eu arrastava meus lábios do pescoço dela até o espaço entre os seios dela.

Ela agarrou meu cabelo enquanto o corpo dela se arqueava para cima.

— Mal... Malachi... — Ela gemeu.

Meu nome nos lábios dela, meus lábios na pele dela. Só por este momento eu estava agradecido, não importava o que o futuro me reservava.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Dezoito

O que fazem os amantes

ESTHER

Minha cabeça descansava sobre seus abdominais enquanto ele se sentava contra a cabeceira da cama. O cheiro de sexo permanecia no ar ao nosso redor enquanto estávamos ali deitados, nus e respirando-o. Meu corpo estava doendo da melhor maneira... de maneiras que eu não percebi que podia. Quantas vezes tínhamos feito amor? Fizemos amor. Eu sempre tinha rido para mim mesma sobre essa frase. Fazendo amor. Parecia tão arcaico, um termo que só parecia existir entre as páginas dos romances. E ainda assim, a maneira como ele me beijou e me abraçou e me tocou - gentilmente na primeira vez, mais rude na segunda, e pornográfico na terceira - tudo ainda apaixonado. Cada empurrão foi uma confissão que me deu arrepios por toda a parte. Era como se ele soubesse exatamente o que meu corpo precisava e quando precisava...

Foi porque ele já havia sido meu amante tantas vezes?

Espere, nós éramos realmente amantes?

Segurando os lençóis eu virei para olhar para ele, mas os olhos dele estavam fechados. Enquanto eu me movia para me virar, ele colocou o braço em volta de mim. Os olhos dele se abriram e eu não pude deixar de notar o quão longos os cílios dele eram.

— O que foi? — Perguntou ele suavemente.

O olhar suave em seus olhos, o som de sua voz, além do fato de que a única coisa que o impedia de me ver completamente nua novamente era um fino lençol me fez perder a coragem.

— Nada.



MALACHI
AND

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Ok. — Ele acenou e fechou os olhos novamente, mas não mexeu o braço que descansava bem debaixo do meu peito.

— Ok? Você desistiu facilmente. — Eu brinquei.

Ele acenou e sem abrir os olhos disse. — Quando você estiver pronta para perguntar, tenho certeza que sim. Até lá eu vou esperar e tentar não ser tentado por você.

Eu coloquei a mão no rosto, eu queria rir, não porque ele era engraçado, mas porque eu me sentia tão tonta, como se eu fosse uma adolescente ou algo assim. Mordendo o interior da minha bochecha, ignorei a segunda parte do depoimento dele.

— Eu não sei para onde vamos a partir daqui. — Eu disse a ele e ele não respondeu, então continuei falando. — Eu me sinto toda apaixonada e é estranho porque nunca me senti assim antes. Mas eu sei que isso não é verdade. Aparentemente já fizemos tudo isso antes e isso é uma loucura para mim. Tudo isso... é só... não só eu descobri que você é.... você e eu sou... eu e nós gostamos... eu só disse 'gostar' desnecessariamente porque estou divagando e só vou pensar antes de falar de novo. — Coloquei as minhas mãos de volta no rosto.

Ele riu silenciosamente e depois apenas riu. Seu corpo inteiro começou a tremer, o que por sua vez me fez tremer também.

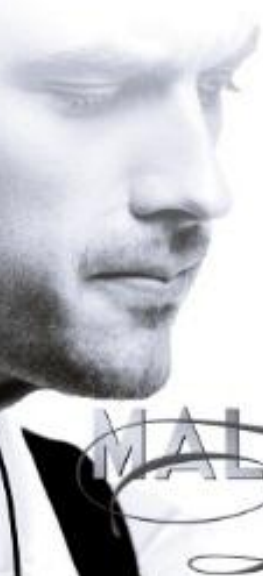
— Cale a boca. — Eu franzi a testa para ele.

— Desculpe. — Ele riu de novo, olhando para mim. — Você é fofa.

— Eu caí de tentadora para fofa?

Ele se sentou e tirou os meus cachos do meu rosto. — Você não caiu. Você é tentadora quando você é fofa também.

Segurei o pulso dele enquanto o polegar dele acariciava meu rosto. — Pare com toda essa conversa romântica.



— Estou sendo honesto, não percebi que era romântico. — Agora ele falou um pouco mais suave. — Você gostaria que eu parasse de ser honesto?

— Você faria o que eu pedisse?

O canto da boca dele apareceu. — Você sabe, você me faz essa pergunta em cada vida que tivemos.

Eu fiz?

— Não é minha culpa que eu me esqueço sempre da resposta. — Por que foi isso? Por que eu sempre esquecia? Por que ele sempre se lembrava? Por que acontecia isso? Eu tinha visto apenas uma vida, nem mesmo a vida inteira - apenas o final trágico - e a dor era insuportável.

— Quase tudo. — Respondeu ele, tirando-me dos meus pensamentos e baseado no olhar dele, eu sabia que ele tinha feito de propósito. — Eu faria quase tudo que você pedisse.

— O que você não faria?

Ele me encarou e eu voltei a olhar esperando. Ele tentou tirar a mão do meu rosto, mas eu o segurei quieto. — O que você não faria, Malachi?

— Matar você.

Levantando-me do seu estômago, eu não me importava mais se os lençóis caíssem de mim. Eu tinha perguntado algo que parte de mim não queria saber. — Eu - o eu passado - pedi para você fazer isso?

— Sim.

— E você não fez?

— Eu fiz. — Ele franziu a testa. — Em novembro de 1599. Eu era um príncipe no Império Mongol e tínhamos sido jogados no poço do abandonado para morrermos juntos. Eu pensei... eu pensei que poderia aliviar seu sofrimento... eles te



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

envenenaram... — Ele pendurou sua cabeça na vergonha e uma tristeza tão profunda que meu coração se partiu por ele e seu sofrimento. Quantas vidas já existiram desde então em que ele tinha suportado esse fardo?

— Por que isso está acontecendo?

— Eu não sei.

— Quando vai parar?

— Eu não sei.

— Nós vamos morrer?

— Todos morrem. — Ele me lembrou. — Então sim, nós vamos morrer. Eu não sei quando ou como.

— Mas geralmente acontece pouco depois de nos encontrarmos, certo? — Eu estava começando a sentir o pânico.

Ele pegou minhas mãos e as beijou. — Sim, mas nos conhecemos há meses, Esther. Este foi o maior tempo que você já levou para se lembrar, então talvez...

— Talvez não vamos morrer até que eu me lembre de tudo. — Eu terminei por ele pensando rapidamente. — Então, e se eu não me lembrar...

— Você já começou a lembrar, não é mesmo? — Perguntou ele e eu congelei enquanto me lembrava do sonho. Ele continuou. — Depois do primeiro, o resto voltará cada vez mais cedo até que tudo volte a inundar sua mente.

— Eu vou... — A minha voz rachou, mas eu preciso dizer isso. — Eu vou lutar contra isso.

— Como? — Ele franziu a testa. — O que acionou a memória que você tinha? A música? Já ouvimos tantas músicas juntos,



você vai evitar todas elas? Você vai desistir dos livros? Cheiros? Comidas? Você não pode.

— Por que me desencoraja...?

— Porque eu não quero que você desista da vida. Eu já tentei, Esther. Eu tentei não me lembrar. É agonizante e solitário. Lembra como eu estava em Montana no dia que apareceu para cuidar de mim? Esse será você e no final, a memória ainda vai forçar o seu caminho.

Eu nunca poderia esquecer a dor em que ele tinha estado. Como ele implorou para não me amar de novo.

— Então, o que fazemos? — Eu já me sentia tão derrotada.

Ele me puxou em seus braços e me abraçou com força. — Vivemos o máximo que podemos. O melhor que pudermos. Focamos em nós agora como Malachi e Esther.

— Esther e Malachi. — Eu disse sorrindo e ele também... eu adorei como nossos nomes soavam juntos. Mas também me fez pensar em todos os outros nomes que tinham soado tão bem juntos.

— Você não está com medo? — Ele beijou o lado da minha cabeça.

— No momento em que você não estiver nos meus braços ou na minha vista eu estarei.

— Então não me deixe sair dos seus braços ou da sua vista. — Eu me movi para beijar o pescoço dele. Eu gentilmente mordi a pele dele e ele arfou em choque, mas ele não ficou assim por muito tempo. Ao invés disso, ele me virou de costas e prendeu minhas mãos em ambos os lados de mim.

— Esther...

— Malachi.

Eu sorri e ele também.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

MALACHI

Faça-a feliz.

Essa foi a única coisa que pude pensar em fazer neste momento. Era a única coisa que eu me importava. De agora até o fim da minha vida - seja ela longa ou curta - eu queria dar a ela o máximo de memórias de tirar o fôlego que eu pudesse. Começando exatamente de onde eu tinha parado da última vez que estivemos juntos.

— Nada mal. — Eu lambi a cobertura de chocolate do meu polegar.

— O que no...?

Olhei para cima enquanto ela entrava na cozinha e os olhos dela cresciam enquanto olhava para o caos que eu havia deixado nas bancadas, todas cobertas de farinha, fermento em pó e casca de ovo. Ela ficou ali, vestida apenas com minha camisa, que ela nem tinha abotoado, e sua calcinha rendada, forçando-me a usar todas as minhas forças para me manter concentrado. Agarrando o isqueiro e a desculpa para o bolo que eu tinha feito, fiquei de pé na frente dela.

— Feliz aniversário Esth? — Ela leu em voz alta.

— Fiquei sem espaço. — Eu encolhi os ombros. Era o pensamento que contava, certo?

— Malachi. — Ela riu, abanando a cabeça. — Você sabe que não é o meu aniversário, certo?

— Você desejou um bolo de aniversário feito por mim então eu estou cumprindo esse desejo. — Sorri enquanto clicava no isqueiro e segurava sua chama sobre o bolo. — O ano passado não foi o que deveria ter sido e tenho certeza de que este ano foi difícil, então vamos re-recelebrá-lo.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Com os olhos chorosos, ela apagou o fogo e pegou o bolo da minha mão, olhando-o como se fosse ouro.

— Meus desejos... você se lembrou.

Levantei uma caneta e o papel agora manchado de manteiga que ela tinha escrito há quase um ano. A tinta estava um pouco desbotada e o próprio papel tinha sido dobrado e desdobrado tantas vezes que o vinco que tinha era fraco o suficiente para ser rasgado com facilidade.

— Você só escreveu treze antes... antes de sair. Você tem mais dez para acrescentar, bem onze já que agora você tem vinte e quatro anos. — Eu disse enquanto trocava o bolo nas mãos dela pela caneta e papel nas minhas.

— O quê? — Ela olhou para o papel.

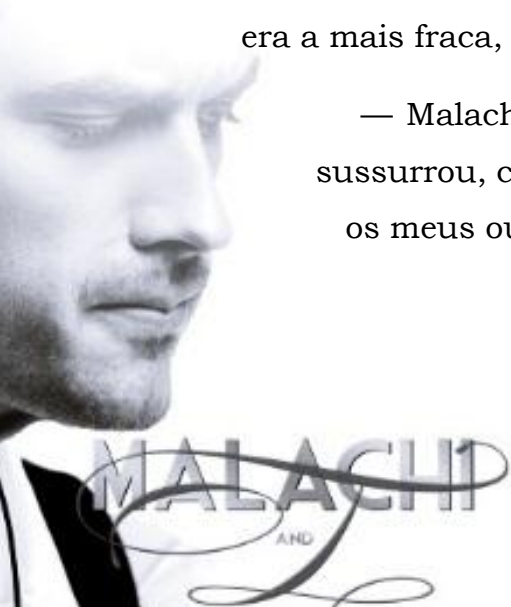
— Ver as Sete Maravilhas Antigas do Mundo. — Eu repeti. — Nós as vimos todas - e é uma coisa boa também porque a única que sobrou para realmente ver é a Grande Pirâmide.

O olhar dela era hilariante. Eu sabia quando ela tinha escrito aquela lista que ela estava apenas brincando. Ela a tinha escrito sem acreditar que eu iria realmente seguir em frente. Mas se eu pudesse, eu teria e se estivesse ao meu alcance, eu o faria.

— Quando foi nossa primeira vida?

Era a pergunta mais racional que ela poderia ter me feito e eu queria contar a ela toda a história, mas a coisa era que foi há tanto tempo, tantas vidas tinham vindo e ido desde aquela. De todas as minhas lembranças, era a mais fraca, a mais negra.

— Malachi? — Eu adorei como ela disse meu nome. Como ela sussurrou, como ela gemeu, como ela gritou. Era tudo música para os meus ouvidos.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Você vai precisar de uma faca para isso. — Eu finalmente falei novamente. Colocando o bolo no balcão, eu procurei onde tinha visto os utensílios. Entretanto, no momento em que me virei para ela, ela colocou a mão nas minhas costas. Eu não pude deixar de tremer quando ela o fez.

— Sabe, é engraçado. — Disse ela traçando seus dedos sobre minhas costas. — Eu disse uma vez ao meu avô que eu não sabia o que faria sem suas palavras. Ler suas histórias sempre me deu forças para fazer melhor, amar mais, e ser mais gentil. E ele me disse para ser o portador da sua própria felicidade e otimismo. Não um livro. Não um homem. Mas eu mesma. E agora eu sei que era eu mesma... o meu passado auto – aconselhando o meu presente. É como se eu tivesse encontrado uma brecha. Avô, eu não sou realmente obcecada pelos livros do Malachi Lord, sou obcecada por mim mesma e pelo homem que me amou noventa e nove vezes. — Ela beijou minha coluna e me abraçou com força, com as mãos no meu peito nu. — Eu não preciso de outro desejo além de estar com você.

Engolindo o caroço na minha garganta, coloquei minha mão sobre a dela e inclinei minha cabeça para trás para olhar para o teto.

— Você não poderia ter dito isso antes de eu fazer o bolo?

— E aqui eu estava desnudando a minha alma... — Ela tentou afastar seus braços, mas eu a segurei. — Você disse que tem uma reunião cedo esta manhã, certo? — Eu olhei para o relógio... já eram cinco da manhã...

— Merda, sim, eu precisava...

— Cancelar. — Eu me soltei e me virei para encará-la. — Enquanto você dormia, eu liguei e mandei abastecer a geladeira. Você estava certa, qualquer coisa pode ser entregue nesta cidade. Então, vamos ficar pelo menos por hoje.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Eu pensei que você disse que não queria que parássemos de viver a vida. — Perguntou ela enquanto eu puxava a bainha da calcinha dela.

— Eu disse. — Respondi enquanto agarrava a bunda dela e pressionava o corpo dela contra o meu, meus lábios nas orelhas dela. — Hoje eu só quero viver dentro de você. Pela primeira vez em nossas vidas, do nascer ao pôr-do-sol, vamos nos entregar uns ao outro sem nenhuma interrupção.

— Eu não vou poder andar direito, vou? — Ela ria silenciosamente enquanto brincava com a bainha da minha boxers.

Não pude deixar de sorrir com isso. — Quando você não puder andar, eu te carrego.

— Você promete?

— Eu juro.

— Então não se controle.

Com prazer.

— Desenha-me como uma das suas moças francesas, Jack.

De relance do caderno de rascunho à minha frente, ela ficou de pé em um macio roupão de seda rosa que ela tirou ligeiramente dos ombros, e propositadamente enfiou para fora sua perna marrom lisa. Ela era o epítome da beleza, mas aquela linha... eu não pude deixar de rir.

— Sério? — Eu perguntei entre risos.

Ela sorriu de orelha a orelha enquanto acenava com a cabeça e pulava para o sofá. — Você não tem ideia há quanto tempo eu queria dizer essa frase. E fazer isso.

No momento em que ela deixou cair o manto, o riso que saía da minha garganta se transformou em uma tosse, pois me vi



incapaz de desviar o olhar da curva de seus seios e de sua cintura. Eu já a tinha visto toda e mesmo assim ela ainda sugou todo o ar dos meus pulmões sem me esforçar.

— Onde você me quer? — Ela perguntou enquanto se movia para o sofá, enquanto eu lutava para voltar a ter o ar nos meus pulmões. Finalmente, ela olhou para mim e a sua confiança diminuiu e lentamente seus braços cruzaram-se sobre seu peito.

Colocando o livro e meus lápis à minha direita, levantei-me do tapete em frente ao sofá e caminhei até ela enquanto ela se inclinava para trás.

— Você está tornando isso muito mais intenso do que estava na minha cabeça. — Ela sussurrou quando eu inclinei o queixo dela para trás.

— Bom. — Sorrindo, acenei com a cabeça, enquanto mandei. — Vire um pouco. Sim, assim.

Tirando alguns travesseiros do sofá, eu parei sobre ela enquanto posicionava seus quadris e mãos. Os lábios dela se prenderam e ela tentou não olhar para mim, e porque eu não conseguia me conter - porque eu desejava desesperadamente a atenção dela - eu bati no peito dela.

— Onde está o seu diamante gigante? — Eu provoquei.

Ela olhou para mim e seus olhos eram como pedras preciosas. Ela tocou meu peito nu e permitiu que sua mão assentasse diretamente sobre meu coração. — Eu coloquei a coisa mais preciosa aqui para a guardar em segurança.

Eu olhei para a mão dela. — Isso foi sábio?

— Sem dúvida. — Ela sussurrou enquanto sua voz me obrigava a olhar para ela novamente. — Você o guardou uma e outra vez, mesmo quando eu esqueço, mesmo quando... quando



você não tem ninguém com quem possa compartilhar a dor...quando você estava sozinho. Lamento não ter podido fazer o mesmo.

Lá foi ela novamente... me deixando fraco... me fazendo sentir como se estivéssemos dizendo olá e adeus todos ao mesmo tempo.

— Fique quieta. — Eu tirei a mão dela do meu peito e a beijei antes de colocá-la de volta sobre a cintura dela. Levantando-me do sofá, voltei para o meu lugar e sentei-me.

Olhando para cima novamente eu a encontrei olhando para mim com uma intensidade profunda e ardente e enquanto parte de mim gostava do fato de que ela sabia, que ela sentia o quanto nossos corações eram profundos e sem fundo - uma outra parte de mim não conseguia mostrar a magnitude dessa realidade, eu queria distraí-la, nós, para que pudéssemos ser como éramos agora, apenas Malachi e Esther, não amantes de séculos de idade. Mas ela falou antes que eu pudesse preservar o momento.

— Nós nunca estivemos no Titanic. — Ela não estava perguntando porque não era uma pergunta. Ela estava, quer ela quisesse ou não, lembrando.

— Não. — Eu disse suavemente enquanto a desenhava dos pés até o rosto, porque cada detalhe estava gravado na minha mente e... eu não suportava ficar só olhando para ela.

— Então eu ainda posso culpar James Cameron por me fazer chorar sempre que eu ouço My Heart Will Go On.

— E Celine Dion.

Ela riu suavemente. — Certo. Estou meio chocada por você conhecer o filme ou a música.

— Porquê? — Perguntei enquanto traçava a curva das pernas dela até os quadris.



—Você disse que se trancou longe do mundo, certo?

— Não. — Eu corriji. — Eu tentei. Foi uma luta constante comigo mesmo. Às vezes eu não conseguia suportar o silêncio de estar sozinho, então eu saía na esperança de encontrar você e simplesmente acabar com isso. Eu escutava sua voz e procurava seu rosto, na música, na arte, no cinema, até que o medo me pegou de novo e eu me trancava mais uma vez. Às vezes eu estava determinado e ainda assim o mundo em que vivemos agora torna quase impossível evitar certas coisas. A música toca quando você entra num elevador ou desce a rua a pé. Na maioria das vezes eu estava despedaçado, querendo mais, temendo mais.

— Enquanto isso eu estava... eu estava alheia. — Ela lutou contra um soluço. — Por que eu nunca me lembro?

— Talvez você não deva. — Eu disse a ela honestamente, agora desenhando seus ombros. — Talvez seja eu. Eu também não deveria me lembrar. Mas eu me lembro e isso estraga tudo.

— Ou talvez seja eu e eu devo lembrar mais cedo?

— Ou talvez, ou talvez, ou talvez até ao infinito. — Eu sorri olhando para a clavícula dela antes de desenhar novamente. — Nós poderíamos adivinhar e especular, mas isso não muda o fato de que eu me lembro e você esquece. É como é e como se...

Eu congelei ao apertar o punho da caneta.

— Como será da próxima vez? — Ela terminou por mim enquanto eu começava a desenhar novamente. — Era isso que você ia dizer. Você não acredita que desta vez pode ser diferente?

— Você ainda me encontrou enquanto eu tentava me esconder, e eu me apaixonei por você, apesar dos meus esforços para não te amar. E suas lembranças estão voltando. Para que haja uma diferença, deve haver uma mudança e nada entre nós mudou.



— Malachi.

Eu não respondi.

— Malachi, olhe para mim.

Suspirei, olhei e ela sorriu, embora seus olhos estivessem cobertos de lágrimas, ela não as deixou cair.

— Eu nunca vou desistir de nós. Não importa as chances, não desista também. Prometa-me, prometa que vai acreditar que vamos conseguir desta vez.

Eu não podia fazer essa promessa porque eu não tinha essa crença. Eu só queria aproveitar esses momentos. Nossos momentos finais.

— Prometa-me. — Disse ela novamente, e quando eu não disse nada ela se levantou e se ajoelhou na minha frente. A mão fria dela tocou meu rosto. — Prometa-me, Malachi.

— Eu prometo.

— Novamente. — Ela colocou sua testa na minha.

— Eu prometo. — Falei enquanto eu colocava o bloco de esboços ao meu lado.

— Mais uma vez, para dar sorte e assim não é um duplo negativo.

Rindo eu coloquei meu braço nas costas dela e a puxei até ela estar no meu colo. Eu acenei com a cabeça. — Eu prometo... eu juro pela coisa mais preciosa que você já me deu, eu acredito nisso.

Os braços dela envolveram-se em volta do meu pescoço e com o nariz mal tocando o meu, ela disse. — Eu sabia que você estava com dor. Eu até pensei que você estava apaixonado por outra pessoa, e mesmo assim eu ainda me apaixono por você. Eu te amo, Malachi Lord.

Dor ou nenhuma dor, passado ou não passado, saber ou não saber, eu ainda te amo. Eu te quero.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Você é louca. — Eu ri.

Ela amou e antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, confessei o que queria dizer a ela no momento em que peguei a mão dela no museu. — Esther Noëlle, eu não te amo só porque eu sempre te amei. Eu te amo porque eu me apaixonei por você.

Ela me beijou antes que eu conseguisse dizer outra palavra e eu, impotente, a beijei de volta.

Não havia mais nada a fazer, exceto amar a mulher que eu amava.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Dezenove

Som do Beija-Flor

MALACHI

— As suas escolhas são Sr. & Sra. Smith...

— REJEITAR!

Ela disse isso tão vigorosamente que eu tive de olhar para longe da televisão e por cima do ombro enquanto ela entrava na sala com uma bacia de pipoca. Ela olhou para a tela como se os atores a tivessem insultado pessoalmente, e quando ela me pegou olhando para ela, ela relaxou.

— Desculpe, eu sei que é estúpido, mas eu era uma grande fã de Brangelina. Eu sei que o que eles fizeram com a Jennifer foi horrível, mas eu fiquei como, quando almas gêmeas se juntam, o que você pode fazer? Agora eles estão se divorciando e os tons de rosa estão apagados.

— Ohhh... tudo bem então. — Eu acenei quando mudei para o próximo filme.

— Caramba! Eu esqueci o vinho. — Ela correu de volta para a cozinha. — Branco ou tinto?

— Qualquer um dos dois está bom. — Respondi então gritando. — E quanto ao Grande Gatsby?

— Também não! Eu odeio o Grande Gatsby! — Ela gritou da cozinha. — A Daisy é a pior e num livro de pessoas horríveis, vaidosas e narcisistas que está a dizer alguma coisa. Mas de novo, olhando para o próprio autor, entendo porque todo mundo é visto através de uma lente assim.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu balancei minha cabeça. — O que aconteceu de pôr qualquer coisa?

— Qualquer coisa está bem, só não esses dois. — Disse ela ao entrar na sala de estar com uma garrafa de vinho tinto nas mãos.

Suspirando, eu cliquei aleatoriamente e li os dois primeiros títulos que vieram na tela —E sobre In Your Eyes ou The Hummingbirds?

Esperei que ela encontrasse alguma razão para rejeitar os dois, mas quando ela não o fez, virei-me para ela quando a garrafa escorregou de suas mãos e derramou por todo o tapete. Eu corri para a frente enquanto ela caía para trás.

— ESTHER! — Eu caí de joelhos e coloquei minha mão na cabeça dela para evitar que ela batesse na mesa lateral enquanto ela caía.

— Ma... lachi...

— Shh. — Eu disse enquanto ela tremia nos meus braços. A mandíbula dela se fechou enquanto seus olhos lutavam para ficar abertos, o que eu sabia que só iria piorar as coisas. — Não lute contra isso. Está tudo bem. Você está bem. Lembre-se, você está bem...

Os olhos dela se fecharam e assim ela foi sugada para dentro de qualquer memória que ela estava se esforçando tanto para reprimir. O rosto dela se encolheu e o corpo dela se virou lentamente nos meus braços como se ela quisesse se enrolar em uma bola.

— Você está bem. — Eu disse a ela novamente porque não havia nada que eu pudesse fazer. Nada além de levantá-la e embalá-la em meus braços enquanto eu a levava de volta para o quarto e a colocava sobre os lençóis. Eu pressionei as costas da minha mão na testa dela por um momento, antes de puxar os lençóis sobre ela.

Observando-a, eu lutei contra os pensamentos que se desdobraram em minha mente, eu lutei uma batalha perdida



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

porque cada vez que ela se agarrava eu me perguntava: Por que eu tinha voltado? Por que eu não tinha continuado correndo? Por que eu tinha feito isso com ela?

—Tlah...

Foi a única palavra que ela falou antes de seu corpo ficar mole e era tudo que eu precisava ouvir para saber onde ela estava e em que memória ela estava. Tomando as mãos frias dela nas minhas, eu as beijei.

— Eu estou aqui, Yaretzi.

ESTHER

*1518 Huey Tocoztli, (2 de maio) - A Estrada para
Tenochtitlan, capital do Império Asteca.*

— Weetz-ee-loh-POSHT-lee. O Deus dos deuses. — Falei ao chegarmos ao topo do gramado que dominava a grande cidade e as águas azuis que a rodeavam por todos os lados. Uma sombra da camada verde cresceu sobre a terra para que cada homem pudesse cultivar para si mesmo. Os únicos caminhos vinham do norte, do sul e do oeste. — Dizem que ele veio nos sonhos dos anciões, do sumo sacerdote, e mostrou-lhes a cidade que vivia sobre as águas entre as peras espinhosas que cresciam entre as rochas - a cidade que viria a se tornar Tenochtitlan. E sua casa estaria em seu centro.

Eu apontava para a única terra dentro da cidade que não tinha grama, árvores ou vida mortal. A terra tinha sido despojada dessas coisas, pois ele não precisava cultivar. Ele não comia milho nem tomate, nem bebia a água e o mel doce da terra. Ao invés disso comia carne e bebia sangue.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Yaretzi, você já esteve dentro da Grande Cidade? — perguntou Citlali, uma garota de apenas dez verões de idade - metade da minha idade - que tinha uma curiosidade que podia encher os céus. O cabelo preto dela mal passava pelas costas enquanto o meu era tão comprido que quase tocava o chão.

— Não. — Eu respondi à pergunta dela enquanto pegava sua mão castanha-avermelhada. — Nós somos Macehualtin. — Eu a lembrei. Nós não éramos dignos o suficiente para ir à Grande Cidade.

— Macehualtin hoje, mas o sol se levantará quando eu, Quauhtli, filho de Matlal, devo acordar como um Cuauhipiltin. — O irmão mais velho de Citlali levantou seus tacos para o templo e saudou o sol.

Quauhtli era o melhor guerreiro da nossa aldeia. Seu cabelo era raspado nos lados, e a marca de seus pais se mostrava na pele marrom-sangue.

— Cuauhipiltin... — Eu sussurrei a palavra. Eu nunca tinha visto um guerreiro assim, mas eu sabia deles - guerreiro entre os guerreiros, um título que só o imperador poderia dar, e só a quem se provasse mais digno.

— Não se o imperador nunca puder te ver. — Brincou sua irmã e antes mesmo que ele pudesse começar a retribuir o favor, ela largou a minha mão e correu em direção às árvores.

— Citlali, espera! — Eu gritei correndo atrás dela. Os cabelos pretos dela foram pegos pelo vento e giraram ao seu redor enquanto ela corria e ria e desaparecia na floresta em direção à vila. — Citlali!

Os galhos quebraram debaixo dos meus pés enquanto eu a seguia e eu me preocupava que ela se perdesse como sempre fez. Mas ela não tinha chegado longe e tinha caído de joelhos enquanto os guerreiros que usavam penas na cabeça e lanças em suas mãos marchavam em direção à Grande Cidade.



Correndo para ela, eu envolvi meus braços ao redor dela e estava prestes a curvar minha cabeça também quando ouvi as correntes. Não uma ou duas, mas as mãos de todos os dez guerreiros estavam acorrentadas. Eu segui os elos marrons até chegar à pele do maior homem que eu já havia visto. Tão grande que ele apagou o sol enquanto passava por mim.

— Para baixo. — Quauhtli correu ao nosso lado e se ajoelhou enquanto ele empurrava minha cabeça para baixo para olhar para o chão. — Eles capturaram Tlahuicole.

— Quem? — Eu sussurrei.

— O Grande Guerreiro de Tlaxcaltec. — Disse ele como se eu devesse saber. — O Imperador fará com que todos eles...

— LIVRE! — Um guerreiro que eu não conseguia ver gritou até que toda a floresta estivesse coberta de gritos.

— Corra! — Quauhtli gritou enquanto corria para uma batalha que se formou enquanto minha cabeça estava em baixo. Guerreiros como o grande vieram correndo para fora dos arbustos, atingindo os guerreiros da Grande Cidade.

— Citlali, venha. — Eu chamei. Mas o medo a agarrou e ela não quis se mexer. Mas não importava, logo eu não conseguia me mexer, pois encontrei um osso afiado no meu pescoço.

— Não se mexa. — Eu senti o osso morder na minha pele enquanto ele olhava para mim. O preto ao redor dos olhos dele fez os olhos dele amarelos escuros. Era como olhar nos olhos de uma cobra de árvore.

— Shhh. — Eu sussurrei enquanto colocava minha mão sobre o rosto de Citlali para cegá-la de tudo isso e para mantê-la calma. Eu desejava que alguém pudesse ter feito o mesmo por mim enquanto eu via a grama verde crescer vermelha.



— Ahh! — O homem grande gritou enquanto balançava sua corrente como um taco para bater no homem, e o homem não voltou para cima. O homem grande, o Grande Guerreiro, Tlahuicole, com correntes ainda penduradas em seu pescoço e mãos e pés, olhou nos meus olhos. Eu conhecia aqueles olhos e aquela cicatriz que corria através de um deles. Ele não se moveu enquanto olhava para mim e eu para ele. Seus olhos se semicerraram como se ele não tivesse certeza do que fazer de mim.

E assim, eu falei primeiro. — Nessa vida, será a última.

Os olhos dele se alargaram e eu sabia então que ele era quem eu sabia que ele seria. Os lábios dele se separaram para falar e ainda assim foi outra voz que saiu.

— Mais vem! — Um dos guerreiros gritou enquanto chutavam Quauhtli para dentro da árvore e levantavam a mão para golpeá-lo.

— NÃO! — Citlali, que eu tinha esquecido estava em minhas mãos, gritou e se soltou. Ela agarrou um dos cacos do chão e o jogou no rosto do guerreiro.

Quando o guerreiro no meu pescoço moveu sua arma do meu pescoço para jogá-la contra ela. Eu corri até ela, esperando empurrá-la para fora do caminho, mas ao invés disso eu cobri o corpo dela com o meu e esperei pela dor que nunca veio.

De repente, uma sombra veio sobre nós e quando olhei, era ele. Ele agarrou a lança pelo osso e o sangue pingou em seu braço.

— Tlahuicole! — Um dos outros gritou. Mas ele não falou. Ele acenou com a cabeça para eles irem embora, mas eles se recusaram. — Tlahuicole. — O homem chamou mais uma vez, mas sua voz mudou, avisando-o.

Tlahuicole não falou, ele não se moveu e então eles, seu próprio povo, correram para as suas correntes e tentaram puxá-



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

lo pela força, e sua fúria se voltou para eles, para os guerreiros confusos da Grande Cidade.

— Corra para casa. — Disse eu a Citlali enquanto lhe escovava o cabelo do rosto. Ela chorou e então eu belisquei o braço dela o mais forte que pude. — Corra!

Ela me abraçou e correu para os arbustos, sendo o cabelo dela a última coisa que eu vi dela. Parte de mim esperava que ela voltasse para trás para que eu pudesse vê-la mais uma vez, mas ela não o fez e tudo o que eu podia fazer era dizer ao vento e esperar que isso que o levasse até aos ouvidos dela. — Viva por muito tempo. Vive bem. Viver sob o sol irmãzinha.

— Deixem-no! — O guerreiro de olhos de cobra gritou e os outros recuaram enquanto mais guerreiros fugiam da Grande Cidade.

Tlahuicole ficou na minha frente e eu continuei olhando enquanto eles recuavam para os arbustos, felizmente para o oeste e não para o leste, para onde Citlali tinha ido. Quando não pude vê-los novamente, levantei-me do chão e o estendi a mão para ele.

— NÃO! — A voz de Tlahuicole era profunda, áspera e antinatural, como uma voz que não falou até este preciso momento. Não tive tempo de perguntar porque ele tinha falado ou porque não tinha sido sua primeira palavra, porque eu tinha obtido minha resposta.

Chegando até ao meu pescoço no que eu pensava ser uma mordida de inseto, descobri um pequeno dardo. Olhei para ele enquanto o tirava do pescoço e o levava ao nível dos olhos para examiná-lo. Então olhei para cima para ver o horror nos olhos dele.

— Eu estou bem... — Havia dois dele enquanto o mundo girava. O verde das árvores embaçado e meu corpo já não se sentia mais como o meu enquanto voltava.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

MALACHI

— AHH!

Ela saltou da cama, gritando em agonia. Seus olhos estavam largos e seu corpo tremia enquanto eu a agarrava.

— Esther. — Eu tirei seus cachos do rosto dela, mas ela continuou ofegante por ar. — Esther, baby, respire. Continue respirando.

— Isso dói... ISSO DÓI! — Ela gritou enquanto lágrimas caíam de seus olhos.

— Não. Você está aqui. — Eu beijei o lado do rosto dela coberto de suor. — Eu estou aqui.

— Você é... você é...

Sem mais nem menos, ela caiu novamente em meus braços, e eu não tinha certeza se deveria ou não exalar. Ela estava com dores e eu não consegui salvá-la disso. Não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser estar aqui. Então, eu envolvi meus braços ao redor dela e respirei fundo enquanto a segurava. — Eu estou aqui. Você está aqui.

ESTHER

1518 Huey Tocoztli, (4 de maio) - Tenochtitlan, capital do Império Asteca.

Gotejamento.

Gotejamento.

Gotejamento.

O que é isso?

Eu tentei me afastar da água que estava pingando nos meus olhos, mas mesmo quando me virava a água seguia-me.

— Você deve acordar.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

À sua voz eu fiz, e tive de esfregar os olhos, pois estavam doridos, mas não por causa da luz. Quase não havia luz, ao invés disso estávamos na escuridão, e a única fonte de luz vinha da frente do...

— Onde é isso? — Eu perguntei sentando-me na pele de veado.

— Perto do seu Templo. — Ele disse enquanto sacudia a água das mãos e movia o balde para o lado para que ele pudesse virar na minha direção e cruzar as pernas dele enquanto eu cruzava as minhas.

—Templo? Só o... — Eu disse ainda confusa. Eu me senti grogue e cansada enquanto olhava lentamente para ele. Ele estendeu sua mão esperando pela minha e eu a dei para ele.

— Nessa vida, eles me chamam de Tlahuicole. — Ele virou minha palma para cima e a examinou. Eu não gostei das minhas mãos, estavam sujas e as minhas unhas estavam lascadas e as pontas dos dedos ficaram com crostas. Eu desejava puxar minhas mãos de volta com vergonha, mas ele não me largava. — Como eles te chamam?

— Yaretzi. — Eu respondi quando ele colocou a palma da mão na minha. —Eles me chamam de Yaretzi. Por que você fala como...uhmm...?

Com minha outra mão, cheguei até o meu coração como se ele estivesse sendo cortado do meu corpo.

— A sua mãe nesta vida te deu um bom nome. — Disse ele suavemente. — Yaretzi, você será amada para sempre.

— Tlahuicole...o que...o que está acontecendo? — Eu perguntei agarrando bem o pulso dele.

— Acalan te envenenou de raiva. A única cura é com o seu povo, os Tarascans. Eu fui lutar para encontrá-la, mas não há o suficiente para salvá-la. Eu só queria dizer olá e adeus. — Sussurrou ele enquanto colocava minha palma sobre seu peito. Ele tinha escolhido morrer já que eu iria morrer. Como prisioneiro de



guerra, a morte significava ser sacrificado, e para os guerreiros significava uma luta até a morte.

Agora eu sabia porque estávamos no templo.

Por que meu coração ardeu.

Por que isto era olá e adeus novamente.

Eu sabia as respostas a todas as minhas perguntas.

— Tlahuicole. — O sumo sacerdote veio para tirá-lo de mim, e eu não ousei olhar para ele.

E porque eu sabia todas as respostas às minhas perguntas, eu não tinha mais nada a dizer. Eu temia que se eu abrisse minha boca, gritos seriam soltos ao invés de palavras.

Então eu peguei sua mão e a coloquei sobre meu coração também.

— Tlahuicole. — Eles chamaram novamente.

— Nos encontraremos novamente. — Disse-me ele enquanto retirava a mão do meu peito e se levantava do seu lugar diante de mim.

— E essa vida será nossa última. — Eu disse na escuridão enquanto o levavam.

Eu tossi e sangue voou dos meus lábios. Limpando o sangue da minha boca eu me deitei e disse, — Nossa próxima vida será a nossa última.

Eu não me importava quantas vezes eu tinha de dizer. Eu o diria por toda a eternidade porque me dava esperança. Eu precisava de esperança.

Hhmmmm...

Hhmmmm...

Hhmmmm...



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Empurrando-me do chão eu caminhei em direção à luz do sol, protegendo meus olhos contra o brilho do clarão. Foi só então que vi o embaçamento das asas enquanto seu corpo disparava de um lado para o outro. Ele se moveu tão rápido que tudo que eu podia ouvir era o som, era o som que só um beija-flor podia fazer e eu ri até que não conseguia mais. Eu ri até que a luz e a dor desapareceram e tudo o que sobrou foi o som.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Vinte

Namorada ESTHER

Sentei-me no roupão branco do hotel olhando para o meu próprio reflexo no brilho brilhante da mesa de jantar. O meu cabelo ainda estava molhado do chuveiro. Eu queria falar, mas não tinha palavras. E assim, sentei-me silenciosamente mesmo quando Malachi colocou a caneca de café na minha frente. Olhando para cima, eu assisti enquanto ele, ainda sem camisa, sentava à minha direita. Ele não olhou para mim, ao invés disso bebeu seu próprio café e olhou para a vista da cidade. Eu segurei a caneca e senti o calor irradiando em minhas mãos. Gostei desse calor por um momento antes de levantá-lo até os lábios para beber também. Quanto mais eu bebia, melhor eu me sentia e de repente eu tinha as palavras novamente.

— Tlahuicole. — Eu disse enquanto lambia o café dos meus lábios e ele parou de se mexer por apenas um segundo antes que seus olhos azuis se mudassem para mim. — A história o lembra como um mauzão que morreu um guerreiro como castigo por ter sido capturado, mesmo que o Imperador estivesse disposto a lhe dar tudo o que ele quisesse.

— A única coisa que ele queria era morrer e ele não podia salvá-la. — Franziu a testa, enquanto segurava a xícara de café em seus lábios.

— Sim. Nunca houve nenhuma menção a Citlali, o que obviamente prova que a história foi escrita por homens. — Eu sorri.

— Em defesa do homem, não é como se você estivesse...



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

A voz dele se afastou enquanto eu olhava para ele. Ele olhou para mim por um bom segundo antes de acenar para si mesmo e beber mais uma vez.

— Não como se eu fosse o quê? Como um guerreiro? Alguém importante?

— Este café é bom, não é? — Perguntou ele evitando completamente a minha pergunta e eu não pude deixar de rir enquanto balançava a cabeça para ele. Ele sorriu e pegou a minha mão.

— Como você está se sentindo?

— Melhor. — Não foi uma mentira. Eu me senti melhor apenas...

—Apenas não muito bem. — Foi como se ele tivesse tirado as palavras da minha cabeça. Eu acenei com a cabeça. Eu não me sentia bem porque tinha me lembrado de coisas não só daquela vida, mas de outras. — As bombas de 1940, eu era Nellie Camellia Wilkinson, filha de Walter e Edith Wilkinson, eu tinha duas irmãs mais novas Patricia e Lillian, e um irmão mais novo chamado Edward você era...

— Thomas Gallagher. — Ele disse apertando minha mão gentilmente. — Você se lembra dessa vida?

Esfregando o lado da minha cabeça eu suspirei tentando pensar em como explicar isso quando me lembrei que ele iria entender. — Sim, mas eu não vi, nem sonhei como agora. Eu sei que você era um tutor. O tutor do Edward, e você andava com um coxear porque tinha quebrado a perna quando criança e não tinha dinheiro para reajustá-la.

— O que significava que eu não estava apto para a guerra, o que me levou à casa de Walter Wilkinson, um comerciante com amor pela política, filosofia e poesia.

— Você esqueceu o outro P - seu medo da pobreza e seu amor ao poder. — De alguma forma, eu só sabia que a vida, como



Walter Wilkinson queria que eu, sua filha, casasse com dinheiro. Como na noite do atentado repentino, Thomas e eu íamos fugir juntos, mas nós morreremos. Como sempre.

— Nem todas as lembranças vêm como sonhos. Algumas vêm exatamente como são: lembranças.

— Eu não quero...

Ao ouvir Für Elise começar a tocar, levantei-me da cadeira e soltei a mão dele para encontrar meu telefone na sala de estar. Por sorte, quem quer que tenha limpado a sala, colocou-o para carregar perto da lâmpada.

— Olá...

— Esther! Graças a Deus! Você está bem? Recebi sua mensagem sobre o cancelamento de ontem e tentei ligar para confirmar, mas você não respondeu.

Eu tirei o telefone do meu ouvido para verificar e com certeza eu tinha mais de duas dúzias de chamadas perdidas e muito mais emails esperando. Merda.

— Esther?

— Adith, eu estou aqui. O que está havendo? — Eu disse colocando-o em alta-voz enquanto eu verificava através dos meus e-mails.

— Consegui remarcar suas reuniões de hoje para sexta-feira, mas isso significa que tive de mudar as reuniões de ontem para hoje e não quero empurrar Issenberg, você disse que era importante...

— E é. Para que hora você marcou? — Eu perguntei, enquanto respondia rapidamente à mensagem de Shannon, para aprovar uma das traduções de Malachi junto com algumas outras.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Para a uma para o almoço no Waldorf. Li-Mei disse que era lá que você estava. Então achei que seria mais fácil.

— Perfeito. Dê-me uma hora...

— Depois disso, você ainda tem Steeler e Michaelson às três. Você será capaz de fazer isso?

Colocando minha mão na minha cabeça, respirei fundo. Eu tinha esquecido a montanha que estava na minha cabeça. — Sim, mande-me a agenda toda, Adith, e depois ligue e verifique duas vezes. Peça também desculpas em meu nome pelo adiamento. Eu também vou precisar de roupas, vou enviar as informações do quarto.

— Espere! Também tem mais uma coisa...

— O quê?

— Sua mãe. Ela tem ligado por causa do seu... dinheiro este mês.

Fiz uma pausa no meio do texto. — Ela já recebeu dinheiro este mês.

— Eu disse isso a ela, ela disse que não queria falar comigo, mas com você sobre isso. Mas ela também não conseguia falar com você.

Eu mordi o interior da minha bochecha.

— Eu vou chamá-la. É isso?

— Sim. Estou enviando a agenda agora.

— Obrigada...

— Ela está aqui. — Ele me interrompeu para dizer.

— Quem está aí? A minha mãe? Ela está aí? No escritório?

Ele não precisava responder porque eu podia ouvi-la gritar — ESTHER? Esther, eu sei que você está aqui! É melhor você... Eu quero falar com ela e quero falar com ela agora!



Suspirando, eu cobri a boca para não gritar. Ela estava louca? Não realmente, ela estava precisando de ajuda mental de verdade?

— Senhora...

— Leve-a ao meu escritório e coloque-a na linha. — Eu disse quando ele falou novamente.

— Oh, então você atende chamadas apenas não minhas...

— Você não vai conseguir nada se não parar de causar uma cena!
— Eu gritei para o telefone. — Esse é o meu trabalho. Se você agir assim novamente, mãe ou não, vou mandar expulsá-la e proibi-la de pisar lá dentro novamente.

— E isso não é fazer mais de uma cena? — Ela zombou. — Eu posso ver isso agora. Ingrata e mimada Esther Noëlle joga sua própria mãe para fora da empresa.

— Olha quem decidiu me reconhecer como sua filha, quase vinte e quatro anos atrasada. Mas ei, é um começo, certo? — Eu sabia que isso iria irritá-la. Eu não tinha certeza porque disse isso, mas eu me sentia bem também.

— Eu preciso que você me envie algum dinheiro. — Exigiu ela, mudando completamente de assunto.

Respire, Esther, respire.

— Eu te emprestei dinheiro há duas semanas, como você já gastou tudo...

— Pare de ser tão dura. Nós entendemos. Meu pai confiou em você, por isso você é a porteira. Mas lembre-se, se você não estivesse viva graças a mim, esse dinheiro me pertenceria de qualquer maneira.

Dias atrás isso teria doído profundamente. Teria parecido que ela estava arrancando meu coração, mas hoje não. Porque



hoje eu me lembrei de mulheres mais gentis que tinham sido minha mãe antes dela.

— Eu estou viva. O dinheiro é meu e não vejo porque preciso te dar mais do que o combinado...

— Eu tenho algumas dívidas.

Ela só pode estar brincando. — De quê?

Sem resposta.

— Se você está nas drogas ou...

— Não me dê um sermão!

— Espere até ao próximo mês pela próxima transferência! — Eu gritei de volta quando desliguei.

Sentada no sofá, me senti exausta. Em menos de um minuto, ela sugou toda a energia de mim. Era isso que ela era, uma sanguessuga tentando me sugar até secar.

— Nãooo. — Eu choraminguei enquanto meu telefone tocava e sem olhar eu sabia que era ela... de novo.

— Sua mãe? — Perguntou ele enquanto se apoiava na parede em frente a mim, vestido apenas a parte de baixo do seu pijama de seda. Ele me observava de perto e eu não conseguia ler a expressão em seu rosto.

— Sim, mas não diga isso a ela. Sou apenas o caixa eletrônico dela e ela quer assim.

— Sinto muito. Você está bem?

— Eu estou bem e você não deveria ser o arrependido. — Eu me sentei de volta e sorri enquanto acrescentava. — Aparentemente, a vida não para mesmo quando você estava se reconectando com sua alma gêmea há muito perdida.



Ele não disse nada. Ao invés disso, ele olhou para baixo e cruzou os braços sobre o peito liso e nu.

— O quê?

Eu me levantei devagar.

Quando ele me olhou, ele parecia tão distante, como se não estivesse mais aqui.

— Malachi? — Eu caminhei até ele.

Ele me viu chegar até ele e foi somente quando coloquei minhas mãos em suas bochechas que ele falou novamente. — Eu não quero que você vá.

— O quê?

— Você sai... nós saímos — Ele engoliu dolorosamente. — Algo vai nos manter separados novamente. Nós não voltaremos aqui nesta vida.

— Foi você que me disse que eu não podia deixar de viver.

Ele sorriu, mas não quis fazer isso. — Eu menti.

— Você prometeu três vezes, e até jurou que iria acreditar que conseguiríamos. Isso também era mentira? — Eu olhei diretamente para a dor por detrás dos olhos azuis dele.

Ele colocou suas mãos nos lados do meu rosto e se inclinou para a frente para beijar minha testa.

— A chefe tem algum trabalho para eu fazer enquanto ela dirige o mundo?

Eu sorri, foi a melhor pergunta a fazer.

— O que quer que você esteja pensando... minha pergunta foi feita em sarcasmo.



— Não, você não pode voltar atrás. Vou ligar e pedir que marquem a entrevista... uhhh! — Eu ri enquanto tentava torcer para fora dos braços dele quando ele fez cócegas nos meus lados.

— Eu não faço entrevistas, Esther. — Disse ele fazendo cócegas em mim.

— Você faz agora... ha... pare! Hahaha! — Libertei-me dos braços dele e corri para o outro lado do sofá antes de me voltar para ele. Nós dois estávamos indo da direita para a esquerda enquanto ele tentava chegar até mim. — Você disse que não as fez porque estava tentando evitar... a mim. Bem, não funcionou, agora você tem de fazê-las de novo como qualquer outro autor.

Ele fingiu ir para a direita e eu me movi para a esquerda tentando evitá-lo. Mas ao invés de correr ao redor do sofá ele pulou por cima dele e me agarrou.

— Trapaceiro! — Eu gritei enquanto ele me abraçava.

Ele beijou o lado da minha cabeça. — Eu não posso trapacear quando não há regras.

— Uma entrevista! Espero que faça a sua parte nesta relação, muito obrigada.

— Desculpe-me? — Ele riu e eu pude sentir seu peito tremer enquanto ele o fazia.

Eu acenei com orgulho. — Sim, seus livros estão indo bem, mas eu quero dizer um livro por ano? Você pode fazer melhor do que isso, não acha? Ou eu devo trazer todo o bacon para casa?

— Enquanto isso, estamos no meu quarto de hotel.

— Comprado com o cheque que minha empresa te deu.

— Para o qual eu trabalhei.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Urgh! Basta fazer a entrevista! — Eu gritei. Ele não conseguia parar de rir e eu adorei. Eu amava mais do que o seu franzir de testa, sua preocupação ou seu medo.

— Só uma! Por causa do bacon. — Ele murmurou no meu ouvido.
— Feliz?

— Nem mesmo para o bem da sua namorada, mas pelo bacon?

— Namorada? — Ele provocou a voz dele ficando mais alto. — Sra. Noëlle, quando eu fiz de você minha namorada?

Revirando os meus olhos, eu escapei e me mudei para o quarto, mas não antes de dizer, — Quando você voltou por mim.

Ele murmurou algo e eu voltei para trás para ver o menor sorriso no rosto dele.

— O que você disse?

— Nada.

— Você está mentindo.

— O que se usa quando se ganha bacon? — Perguntou ele mudando de assunto como sempre fez, enquanto se dirigia para o quarto e me levava com ele.

— Você está matando a metáfora aqui. — Murmurei enquanto me agarrava com mais força na mão dele. Depois que meu avô morreu, eu me sentia mais sozinha do que jamais havia me sentido em minha vida, ninguém se importava com o que eu fazia, ninguém me perguntava se eu estava bem, era só eu. Mas agora éramos nós.

MALACHI

— Quem te inspirou a escrever?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Minha namorada.

— Qual é a sua cor favorita?

— Os olhos da minha namorada.

Todos eles abriram a boca para mim, a repórter, o cameraman, quase todos na Editora Penohxi, incluindo minha namorada em questão, Esther Noëlle, que estava na porta de seu escritório, que não se via da área onde esta entrevista com a Revista Novel Shop agora estava acontecendo. Se o homem, Howard, ele disse que era seu nome, não tinha concordado em limitar as perguntas do entrevistador, eu tinha certeza que nunca iria embora. A primeira etapa desta tortura foi, aparentemente, perguntas rápidas de fogo através de uma alimentação de media social ao vivo. — Alguém impactou sua vida além de sua namorada? — A entrevistadora ruiva que eu tinha esquecido o nome, perguntou quando ela olhou para cima do telefone.

Eu sorri. — Sim, o avô da minha namorada.

Algumas pessoas deram risadinhas, algumas gemeram e outras riram à nossa volta enquanto eu me inclinava para trás. Até os lábios do cameraman apareceram. Ela continuou a entrevista, ligeiramente irritada com o meu comportamento. Tenho certeza que ela estava esperando por um diálogo sério e inovador, no entanto, eu não podia dizer a ela a verdade por trás da minha escrita de qualquer maneira.

— Ok, Sr. Lord, você vai nos dizer quem é essa namorada ou você vai nos deixar a todos em suspense?

— Perdoe-me, eu não sabia que todos estavam esperando com a respiração suspensa. — Girei ligeiramente a cadeira enquanto olhava para cima para vê-los todos esperando com olhares intensos e braços cruzados. Então olhei de volta para Esther que freneticamente balançou a cabeça dela e acenou com os braços não. — A mulher dando controles de tráfego aéreo atrás de você.



Eles se viraram tão rapidamente que foi aterrorizante e hilariante, especialmente considerando que as mãos de Esther ainda estavam no ar. Forçando-se a sorrir, ela acenou para eles antes de voltar para dentro do seu escritório.

— Esther Noëlle? — Perguntou a mulher e eu acenei.

— Uau. As pessoas on-line estão zumbindo. — Disse ela olhando para o telefone dela. — Ela é a chefe do seu fã-clube?

— E eu estou na cabeça dela sempre.

Houve alguns aws e eu não pude deixar de sorrir. Se eu pudesse manter as perguntas sobre ela, então eu sabia que ela nunca mais me pediria para fazer outra dessas novamente.

ESTHER

— Entre. — Eu disse, sem levantar a cabeça da minha mesa.

— Que diabos aconteceu com o Malachi Lord? Ele é como este doce e romântico robô? As pessoas estão derretendo com as respostas piegas dele. Ele estava pronto para me dar qualquer coisa, eu só queria descobrir como entrar em contato com você no aeroporto. — As palavras de Li-Mei vieram divagando tão rápido que eu mal a segui.

Levantando minha cabeça, eu descansei o queixo na mesa e disse. — Não deveríamos falar sobre outras coisas primeiro?

Ela se sentou lentamente na cadeira em frente à minha mesa e eu percebi que ela estava tentando pensar em algo para dizer. Então, eu disse isso primeiro. — Seu filho... ele é de Howard.

Seus olhos aumentaram enquanto ela olhava para mim.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Espero que você não estivesse esperando que eu me esquecesse de vocês dois porque estou com outra pessoa. Isso estava acontecendo quando eu estava com ele?

— Não! — Ela disse rapidamente abanando a cabeça. — Não, mas... não foi tão longo assim...

— Então estamos bem. — Eu me sentei e me inclinei para trás na minha cadeira. — Desde que você não estivesse mentindo na minha cara, nós estamos bem. Mas não tenho certeza de como me sinto em relação a você apenas saindo depois do funeral do meu avô. Eu pensei que éramos amigas.

Ela pendurou a cabeça e os cachos castanho-avermelhados derramaram-se sobre os ombros. — Nós somos! Desculpe-me! Eu deveria ter estado lá por você... eu só... eu não sei, eu só fiquei assustada. Agora você era a minha chefe, e com minha mãe, e Howard, tudo acontecia tão rápido que eu fugi.

Eu entendi isso. Na verdade, eu estava com ciúmes. Eu também queria fugir. Queria correr de volta para Montana bem antes do meu avô falecer. Voltar para quando tudo parecia tão simples.

— Minha mãe está tão brava comigo. — Ela começou a fungar. Pegando a caixa de lenços de papel da minha gaveta de baixo eu andei ao redor da minha mesa e sentei-me ao lado dela. — Por que eu sinto que estou falhando em tudo? Howard e eu não estamos... estávamos apenas brincando e agora temos um filho. Mas nós não nos amamos. E eu disse a ele que ele deveria estar envolvido, e ele está envolvido, mas isso parece tão forçado. Como se eu não tivesse nenhum controle sobre minha vida. Tudo sempre vai... só que não como eu quero.

Eu também entendi essa sensação, então a abracei... especialmente agora. — Você não está falhando em tudo, Li-Mei.

Você vai ficar bem. Você tem a mim, e não para me gabar que



sou uma amiga muito legal de se ter. Então vamos lá, eu não posso ter você estragando a sua maquiagem. Está fabulosa como sempre. — Eu disse a ela escovando-lhe o cabelo do rosto.

Ela fungou e olhou para mim com seus olhos escuros. — Está bom, não é?

Eu ri e acenei. — Sim, é, e há câmaras lá fora. Você quer mesmo arruiná-la?

Ela riu comigo. Nós duas estávamos sendo bobas, mas pelo menos estávamos rindo. Ela me abraçou desajeitadamente.

DUN-DUN-DUN-DUNNNN!

— Jesus Cristo! — Ela pulou para longe de mim e olhou para o meu telefone enquanto ele vibrava e tocava a Sinfonia nº 5 em Dó menor de Beethoven.

— Minha mãe. — Eu disse a ela quando alcancei para silenciar o telefonema. — Eu queria bloqueá-la, mas achei que ela ligaria para Adith ou viria aqui fazer uma cena de novo.

— Sim, eu ouvi falar sobre isso. Está tudo bem?

— Comigo? Sim. Com ela? Não tenho ideia. — Respondi. Eu nunca soube o que estava acontecendo com ela. Era meu trabalho saber? Em que momento você teve de cortar a sua própria mãe? Ela nunca tinha estado lá por mim. Eu tinha ido de nunca ter visto ou ouvido dela, para ouvir dela todos os dias agora. O ataque sem fim de dor que ela me infligiu me deixou exausta. E ainda uma pequena parte de mim - a criança em mim - estava feliz porque ela nunca poderia me negar agora. Eu era filha dela e éramos família. Ela precisava de mim. Ela não podia mais fugir de mim. Foi errado. Nós duas estávamos nos mantendo reféns e isso ia acabar mal, como poderia não acabar? Nós duas não podíamos continuar assim, mas qual era a solução? Eu não tinha ideia. Eu não tinha certeza se alguma vez teria uma ideia.



— Esther? Esther?

— Huh? — Eu olhei para ela apenas para encontrá-la olhando diretamente no meu rosto. — Desculpe, o que você estava dizendo?

— Nada, mas parecia que você estava indo para outro mundo aí por um minuto.

Se ao menos ela soubesse.

Toc. Toc.

— Entre.

Howard entrou, mas congelou quando seus olhos cor de avelã se deslocaram entre nós duas. Eu podia dizer que ele não tinha certeza de como agir, mas Li-Mei se levantou e disse: — Ela sabe, não seja constrangedor.

Howard olhou para mim e eu sorri e acenei com a cabeça, o que o fez relaxar um pouco. Eu apreciei que ele estava constrangido ao invés de fingir que nada estava errado aqui. Isso significava que eu estava certa em me preocupar e em ver o bem dominante neles. Nenhum deles tinha me traído e mesmo assim eles ainda estavam preocupados em ferir meus sentimentos.

— Você precisava de alguma coisa? — Eu perguntei a ele.

— Oh, certo. — Ele balançou a cabeça e depois acenou com a cabeça para trás dele. — Ele acabou.

— O quê? Já? — Levantei-me e avancei em direção à porta.

Ele ficou no centro da sala de estar tirando fotos com um sorriso de meia-boca forçado no rosto. Ele parecia exausto para alguém que ainda nem tinha passado quinze minutos conversando.

Ele estava tão bonito como sempre, embora ainda mais porque eu tinha conseguido vesti-lo. Quando estávamos em



Montana, ele ficava preso com jeans escuro, suas camisas de pescoço em V, seu casaco de couro favorito e botas sempre que saía. Quando dentro de casa, ele raramente usava uma camisa - não que eu estivesse reclamando. Acho que eu realmente gostava muito do estilo antigo dele, por isso escolhi roupas que eram o oposto do que eu tinha me acostumado a ver com ele. Eu havia trocado seu casaco de couro por um blazer cinza, seu pescoço em V por uma camisa azul, e seu jeans por calças sob medida, fazendo-o parecer como se ele tivesse acabado de sair de uma foto de capa GQ, enquanto acontecia de combinar perfeitamente comigo... perfeito, exceto pelo fato de que estes não éramos realmente nós. Este foi o nosso trabalho. O nosso lado casual estava reservado um para o outro... e Lieber Falls.

Ele olhou para cima ao apertar a mão da Rita e os nossos olhos encontraram-se. E assim, tudo o que eu saía para dizer a ele fugiu da minha mente. O canto do lábio dele virou para cima e como se ele estivesse esquecido para aqueles ao seu redor - aqueles que estavam correndo para puxar seus livros para ele assinar, e aqueles que abertamente olharam para ele - ele passou por todos eles para chegar até mim. O tempo pareceu passar devagar, e cada passo que ele dava mudou o mundo ao nosso redor. Um passo, ele estava no meio da editora, caminhando até mim enquanto eu estava ao lado da porta do meu escritório. No outro, seus cabelos pretos cresceram, seus olhos escuros se inclinaram, e ele ficou vestido de preto, do lado de fora do Palácio da Pureza Celestial. E eu, no Palácio da Tranquilidade Terrestre. Ele segurava uma espada em sua mão, e eu segurava uma espada na minha.

Eu vi minha mente se dividir entre essas duas realidades - Nova York contemporânea e Pequim do século 17 - enquanto ele se dirigia a mim. A mão que ele usava para autografar os livros daqueles que cruzavam seu caminho era a mesma mão que ele usava para derrubar os guardas que estavam em seu caminho dentro do corredor da União. Sua mão se movia rápido nas duas vezes, a



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

caneta deslizava sobre a página do papel, já na seguinte, enquanto sua espada rasgava simultaneamente a carne de dois de cada vez. Eu, por outro lado, segurava uma espada que estava ocupada cortando aqueles de preto, aqueles vestidos como ele!

— Esther? — Princesa?

Eu ouvi os dois nomes, senti as duas mãos agarrarem meu braço, e me virei para ver os mesmos dois rostos, o de Li-Mei, aqui e ali, a única diferença sendo a cor do cabelo. Voltei para olhar para Malachi e vi que ele não podia ir mais longe devido ao grande número de pessoas ao seu redor, assim como o seu eu passado. Mais guardas inundaram na minha frente, forçando-o e àqueles com quem ele veio para se retirar, pouco antes de fazer isso ele olhou para mim.

— Você está tornando isso um pouco óbvio, não está? — Li-Mei me perguntou. Eu tive de piscar algumas vezes enquanto o segundo mundo se afastava e tudo que eu podia ver era o presente. Mas as minhas emoções ainda não tinham se ajustado, eu ainda sentia o terror dentro de mim que tinha surgido ao perceber que a distância entre nós era mais do que um espaço intangível, mas a de circunstâncias tangíveis. Uma princesa e rebelde.

— Nós não somos eles. — Sussurrei para mim mesmo.

— Huh? — Li-Mei me perguntou.

Eu balancei a cabeça e, sacudindo a mão dela, caminhei para frente, repetindo essas palavras uma e outra vez - nós não somos eles. Nós éramos eles, isso não era Pequim do século 17 e eu não era a Princesa Guerreira, filha do Imperador que havia executado seu pai, e ele não era o Rebelde Guerreiro que havia ajudado a derrubar o império. Eu era Esther, uma editora, e ele era Malachi, um autor, ambos igualmente suficientes e insignificantes ao mesmo tempo. Nós dois abertamente em uma relação agora, e é por isso que quando eu



disse. — Tenho a certeza de que temos outros autores com quem nos preocupar. — Aqueles ao seu redor correram para longe, o que me permitiu pisar bem ao lado dele.

Ele sorriu. — Cuidado ou as pessoas podem começar a pensar que você é minha namorada ou algo assim.

Eu quero brincar de volta, mas tudo o que eu podia fazer era esticar a mão. O sorriso no rosto dele desvaneceu um pouco, mas quando ele olhou nos meus olhos, ele viu algo, e o que quer que fosse, eu fiquei grata porque ele imediatamente pegou minha mão e puxou-me para perto dele.

— Nós não somos eles.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Vinte e Um

Tirano/ Cruel / Impiedoso

MALACHI

A cidade passou em um borrão e ela permaneceu em silêncio enquanto olhava pela janela. O sol poente lançou um tom dourado que refletia nas torres de vidro ao nosso redor e brilhava através das lacunas em becos como se o sol estivesse tentando ao máximo infiltrar-se na cidade mais uma vez antes de se fixar no horizonte.

— Esther. — Eu chamei e ela pulou um pouco antes de olhar para mim. — Onde você estava agora?

— Aqui. — Disse ela sentando-se mais direita e pegando minha mão enquanto o carro parava. — Estou bem aqui com você.

Tomando a mão dela, eu beijei a parte de trás antes de abrir a porta e saí em frente ao prédio dela.

— Você sabe que eu nunca trouxe um garoto para casa antes. O vovô teria perdido o controle. — Ela riu e me puxou em direção às portas giratórias.

— Eu já estive aqui antes, lembra? — Eu a lembrei, permitindo que ela me arrastasse.

— Isso foi diferente. Você veio sem ser convidado. — Ela acenou com a cabeça para o segurança antes de me levar para o elevador.

— Não é minha culpa toda vez que você me vê você cai nos meus braços.

— Isso foi só duas vezes! — Ela ergueu dois dedos para eu ver.



MALACHI
AND

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Duas vezes nessa vida. — Eu provoquei quando entrámos no elevador. — Eu tenho de dizer, você não é tão leve quanto eu me lembro.

A boca dela caiu aberta e eu pude sentir a tempestade de fogo que se aproximava. No entanto, eu sorria feliz enquanto as portas prateadas se fechavam, mas não antes de notar o rápido olhar que o segurança nos deu antes de pegar o telefone e discar. Eu não tinha certeza porque havia notado, mas meus instintos me disseram... me disseram que algo não estava certo.

— E nem me faça começar com esses malditos espartilhos, eles foram inventados por homens só para que eles pudessem nos sentir quando desmaiássemos por falta de oxigênio - você está me ouvindo? Malachi?

— Huh? — Eu olhei para ela. Ela olhou diretamente de volta para mim e me olhou com atenção. — Desculpe, você é tão bonita que tudo entra por um ouvido e sai pelo outro.

Ela tentou segurar um rosto sério, mas roncou antes de cobrir a boca e rir. — Oh, isso foi tão brega!

— Essa foi uma linha clássica romântica, muito obrigado! — Eu sorri.

—Sim de 1910. — Ela murmurou, olhando para cima quando chegamos ao piso do seu apartamento. Mas antes que ela pudesse sair eu pisei na frente dela e fiquei cara a cara com uma mulher que se parecia com Esther, apenas vinte anos mais velha. Ela tinha cabelo preto curto e estava vestida com um macacão de veludo e sem mangas. Ela vacilou ao me ver, mas ficou mais direita ao ver a Esther. A mandíbula dela fechou-se e seus olhos endureceram enquanto ela colocava as alças de sua bolsa vermelha sobre seu ombro.

— Mãe... — A voz de Esther se desviou enquanto ela olhava para a mulher à nossa frente.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Esther. — Ela respirou fundo. — Eu estava vindo para ver você...

— Então por que você está saindo do meu apartamento? — Esther pediu olhando por cima do ombro para a porta que não estava completamente fechada.

No entanto, sua mãe simplesmente a ignorou enquanto seus olhos castanhos se prendiam a mim. — E quem diabos é você? Seu avô se foi, então você só está trazendo homens para cá...

— O que você pegou?! — Esther estalou quando pisou na minha frente e pegou a bolsa de sua mãe.

— NÃO ME TOQUE! — Ela gritou enquanto tentava puxar sua bolsa. Mas nada iria deter Esther naquele momento. Era como se ela estivesse cega de raiva e ela agarrou e puxou com tanta força que a alça se partiu e a bolsa caiu sobre o tapete. E ao pousar, ela se abriu e todos os relógios de Alfred e algumas peças de joalheria caíram.

As duas congelaram por um momento antes de Esther mordeu o lábio. Ela acenou para mim enquanto limpava o nariz. — Malachi, chame a polícia.

— A polícia? — A mãe dela riu quando ela deu um passo atrás e olhou para mim. — Vá em frente garoto branco, chame a polícia. Por favor. Vá em frente, ligue para a polícia e diga o que, querida? Que eu tirei minhas coisas da casa do meu pai?!

— NÃO É SEU! — Esther gritou com ela. — ELE TE DEIXOU SEM NADA! ELE NÃO TE DEU NADA! PORQUE VOCÊ NÃO É NADA!

— O QUE ISSO FAZ DE VOCÊ ENTÃO? HUH?! O MAIOR ARREPENDIMENTO DE NADA! A ESCÓRIA DE NADA ...

Eu vi isso vindo e agarrei o pulso dela antes da palma da mão dela bater no lado do rosto da Esther. Olhando para a mulher, eu trouxe a mão dela para o lado dela enquanto eu pisei entre



MALACHI
AND
LOVE

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Esther e sua mãe. Eu me curvei para pegar os relógios e as jóias antes de colocá-las de volta na bolsa dela. Segurando a bolsa para ela, ela olhou para ela por um momento antes de arrancá-la das minhas mãos.

— Esqueça. — Ela zombou enquanto jogava tudo de volta no chão, na frente de Esther. — Feliz agora, Esther? Ou você também quer me ver algemada? Talvez fora morrendo de fome na rua...

— Se você não precisa de mais nada, aqui está o elevador. — Eu disse enquanto apertava o botão para ela. Já que tínhamos acabado de subir, os elevadores se abriram. Ela olhou para mim e eu tentei não odiar pela dor que ela estava infligindo. Eu tentei fazê-la perceber o quão sem importância ela era, no entanto, ela só tinha de abrir a boca novamente.

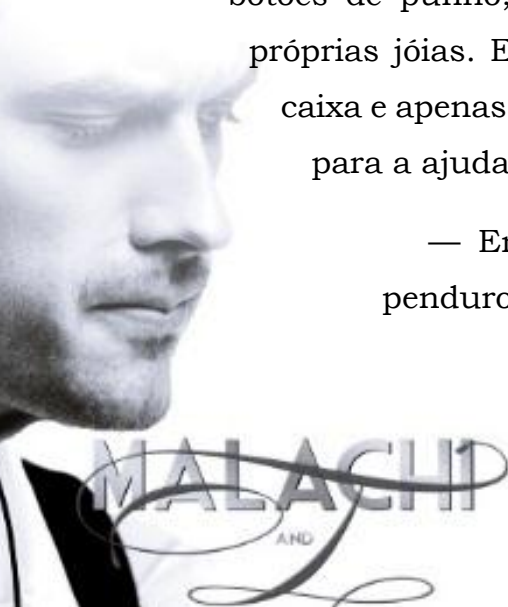
— Não pense que você é o primeiro homem a tentar foder pelo que nossas famílias têm. Você...

— SAIA! — Eu assobiei quando a agarrei pelo braço e a joguei no elevador. — Você acha que é a primeira mulher que já sofreu? Você acha que sua dor lhe dá o direito de dar dor aos outros? Você não é e não dá. Saiba que tudo o que você faz volta para você.

— Eu vou me lembrar de você! — Ela apontou para mim antes das portas se fecharem. — Apenas aguarde.

Moendo meus dentes juntos, esperei até ter certeza que os elevadores estavam descendo antes de voltar para Esther, que estava ajoelhada enquanto ela pegava calmamente os relógios do avô, presilhas, botões de punho, e o que eu só conseguia adivinhar serem as suas próprias jóias. Ela levantou um par de brincos de azevinho ainda na caixa e apenas olhou para eles. Caminhando, ajoelhei-me ao lado dela para a ajudar a pegar tudo.

— Então essa é a minha mãe. — Ela mordeu o lábio e pendurou a cabeça. — A grande Diana Noëlle. Peço desculpas,



ela é um pouco rude, não leve isso ao coração, ela é assim para todos. Ela vai se aquecer quando o inferno congelar.

Ela inalou profundamente antes de andar de volta para o seu apartamento. Ela conseguiu levar tudo até a bancada de vidro dentro da sala de estar. Sentada na frente dela, ela colocou as mãos no cabelo enquanto olhava para as coisas do avô.

— Cem mil.... ela veio aqui para roubar coisas no valor de cem mil.
— Ela riu amargamente. — Você sabe quanto ela recebe por um mês por não fazer nada além de me envergonhar e insultar? Esses não valem nada. — Suas mãos tremeram enquanto ela levantava os brincos de azevinho de novo.

Enquanto ela falava, eu tranquei a porta antes de me mover para me sentar ao lado dela.

— Quando eu tinha seis anos, meu avô me levou ao shopping para que me furasse as orelhas no Natal. Ele recebeu um telefonema e estava distraído e eu fui até a loja de brinquedos. Eu me perdi, e não consegui encontrá-lo, fiquei com medo, e logo quando ouvi essa música, ele me encontrou. Ele estava tão chateado e tão assustado que eu não tinha mais permissão para furar as minhas orelhas. Mas ele me deu esses brincos de visco e prometeu que me levaria na próxima vez. No ano seguinte, no mesmo shopping, nós nos separamos novamente. Desta vez a culpa não foi minha. Foi ele quem se perdeu, e quando comecei a ficar novamente assustada comecei a cantar Baby It's Cold Outside, e assim do nada ele apareceu na minha frente. Achei que era o truque de magia mais legal do mundo. — Ela fungou e piscou suas lágrimas.

Alcançando, eu toquei o lóbulo da orelha dela. — Sinto muito

— Porquê?

Ela é tão bonita, eu pensei enquanto ela levantava a sobrancelha em confusão. Alcançando, eu limpei as lágrimas



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

dela. Ela era realmente um bebê chorão e o fato de que ela sabia e tentava tanto não chorar era tão cativante para mim. Tudo nela me fez amá-la mais, até mesmo a raiva dela.

— Sinto muito porque continuo esquecendo que você é a neta de Alfred. Explica muito agora, na verdade. Mas, novamente, a retrospectiva sempre foi 20/20. Eu entendi que ela era a neta do homem que tinha sido como um pai para mim, mas lá no fundo ela não era nada além de minha. Ela era o meu amor passado e presente, então eu muitas vezes esquecia a relação do Alfred com ela. Aquilo era uma coisa, isso era outra.

— Naquele Natal, seu avô não se perdeu. Ele realmente me perguntou-me chateou - até que eu concordei em passar tempo com vocês dois durante as férias. Quando cheguei no shopping eu estava bem, mas depois tive uma das lembranças mais fortes que eu já tinha tido. Foi doloroso e eu acabei me escondendo em uma das lojas e o chamei. Tive medo de desmaiar e acabar em um hospital. Ele ficou comigo por... não tenho ideia de quanto tempo antes de me mandar para casa e voltar para você.

Seus olhos se alargaram ao perceber o que isso significava — Eu te conheci quando eu tinha sete anos...

— Quase. — Eu toquei um dos seus cachos. — Tive um vislumbre do seu cabelo e foi só isso. Acho que talvez tenha sido isso que trouxe a memória.

— Sinto muito, mas eu também estou meio feliz. Isso me faz egoísta?

— Ela sorriu enquanto alcançava meu rosto.

— Absolutamente. — Eu pisquei o olho e ela fez uma careta para mim. — Eu sou egoísta por amar que você é egoísta por mim?

Seu sorriso se alargou enquanto ela se inclinava para frente e colocava sua cabeça na minha. — Não, isso te deixa louco.



— Ahh, — Eu sussurrei enquanto envolvia meus braços ao redor da cintura dela e a puxava para mais perto de mim. — Então eu nem preciso perguntar, estou acostumado a ser louco por você.

— É mesmo? — perguntou ela enquanto os lábios dela pairavam sobre os meus.

— É mesmo. — Eu me inclinei para beijar o pescoço dela.

— Uhhh, — Ela gemeu e passou os dedos pelo meu cabelo enquanto minha mão se movia para o zíper na parte de trás do vestido dela.

— Malachi...

— Hmmm? — Eu perguntei contra a pele dela. Beijando o peito dela, eu puxei o sutiã dela para baixo.

— Nós... nós fizemos isso outro dia.

Eu desencostei-me para olhar para ela.

Ela continuou falando. — Esta manhã você - eu estava preocupada, e agora estamos aqui juntos novamente.

A sinceridade em sua voz, o quanto ela estava aliviada, doía. Sabendo que ela tinha passado o dia como eu, preocupada se este fosse o fim. Por toda a força que ela exigia de mim e de nós, no fundo ela estava assustada. Colocando meu braço debaixo das pernas dela, eu a levantei e a levei para o quarto. Caminhando pelo chão de madeira dura, eu nos deitei aos dois no centro da cama dela.

— Você está certa, nós conseguimos. — Eu sussurrei, embora uma voz falasse no fundo da minha mente para me lembrar que qualquer coisa poderia acontecer a qualquer momento. Entretanto, eu nunca havia cedido a esse medo antes e não cederia a ele agora, não com ela nos meus braços. — Então, vamos celebrar agora, amanhã, todas as noites para o resto de nossas longas vidas.



Dobrando-me, beijei mesmo acima do peito dela, sobre o coração dela e continuei a trabalhar para baixo a partir daí.

ESTHER

Parar? Pense direito? Eles não sabiam que amá-la nunca foi uma opção que eu escolhi? Como as flores que florescem na primavera e folhas que caem no outono, era incontrollável, era a minha natureza. Não fiz nenhum esforço consciente para isso. Eu só podia amá-la e ser honrado para sempre pelo amor que ela me deu em troca. Meu amor por ela doía desde o âmago do meu ser e se espalhava para o resto de mim. Ele me manteve quente em águas geladas e frio em terras ardentes. Eu tinha certeza de que se eles me abrissem eu sangraria amor por ela. Se algum homem deveria amar, eu os avisaria para fazer isso com a maior cautela, pois eles não seriam mais homens, mas escravos. E a escravidão é contrária à filosofia de todo homem. Era uma loucura. Mas o que é amor se não é loucura? Diga-me que outra emoção leva um homem a trair seu instinto básico de sobrevivência? Onde nenhum pensamento racional importava, se não a contivesse. Desde o primeiro momento em que nossos olhos se encontraram, eu sabia que eu pertencia a ela. E mesmo assim foi ela quem primeiro declarou que era minha de corpo, alma e mente, acorrentando seu coração ao meu, e cimentando nosso amor ao infinito. O amor é a borboleta na caixa de Pandora.

Ele tinha escrito essas palavras em seu primeiro romance, A Mulher que Amo, e quando o li, fez meu coração correr e me deixou sem fôlego. Agora eu estava deitada nua ao lado dele como a mulher que ele amava.

— Quanto tempo mais você vai ficar olhando? — Murmurou ele, apesar de seus olhos estarem fechados na escuridão do meu quarto. Chegando até ele, pinchei o cabelo dele dos olhos, fazendo-o olhar para mim.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS



— Até eu fisicamente não poder mais manter meus olhos abertos. — Sussurrei de volta. Ele não disse nada pelo que pareceram horas e suas pálpebras fecharam mais uma vez, permitindo que eu visse seus longos cílios novamente. Eu estendi a mão para tocá-lo novamente, mas ele pegou minha mão.

— Estou te implorando, Esther... — Ele lambeu os lábios.

— Para quê? — Eu perguntei quando ele não continuou.

— Misericórdia. — Respondeu ele. — Estou implorando por misericórdia. Eu posso sentir você puxando o meu coração, já é seu. Eu já sou seu. Mas quando olho em seus olhos, sinto como se você estivesse me implorando por mais e estou sem saber o que mais lhe dar.

— M... Montana. — Minha voz rachou, mas eu disse isso. Eu disse o que eu queria. Os olhos dele se abriram e eu repeti. — Eu quero Montana. Quero fazer amor com você todas as noites e roubar seu café da manhã pela manhã. Quero falar sobre nada e sobre tudo.... Vamos voltar.

Ele se levantou e colocou sua cabeça no meu rosto antes de se dobrar e beijar minha testa. Com um risinho, ele disse. — Tão impiedosa.

Sorrindo eu envolvi meus braços em torno de seu peito nu. — Você é livre para fazer exigências também.

— Eu exijo. — Ele sussurrou enquanto me rolava de costas e pairava entre minhas pernas, permitindo-me senti-lo pressionado contra mim, — Todas de você... para sempre.

— Corpo, mente e alma...ohhh! — Eu arqueei minhas costas e arfei enquanto ele empurrava dentro de mim.



MALACHI

Ela roncava suavemente, o cabelo dela uma bagunça ao redor do rosto enquanto ela se virava para o lado e rolava em uma bola. Chegando lá, eu escovei os cabelos dela e beijei a testa dela. — Amada. — Eu sussurrei acima dela.

Ela sorriu e esfregou os olhos enquanto acordava. — Cheira-me a comida.

— Eu tenho comida. — Sorri quando me mudei e dei espaço para ela se sentar. O porquê de ela se preocupar em pegar os lençóis enquanto se sentava estava além de mim, mas era bonito.

— Bom dia. — Disse ela, ainda atordoada enquanto escovava o cabelo para trás.

— Bom dia. — Eu respondi enquanto colocava a bandeja do café da manhã na frente dela. — Coma rápido. Temos um avião para pegar.

— Huh? Para onde?

— Montana. — Ela teve de pensar por um segundo antes de rir e buscar o suco de laranja. — Você sabe que eu estava meio dormindo quando eu disse isso, certo?

— Será que isso faz com que seja menos verdade? Você não quer ir...?

— Eu faço, mas há tanta coisa que eu tenho de fazer aqui. O escritório...

— Eu os chamei.

Ela tossiu contra seu suco de laranja e eu tirei o copo dela.

— Você ligou para o meu trabalho? Malachi, eu quero ir, mas não posso simplesmente largar tudo.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu levantei o avião de origami que tinha feito para ela e o segurei bem na frente do rosto dela. Ela pegou-o e gentilmente o desdobrou.

— *Sempre haverá razões para ficarmos, sempre haverá razões para irmos, então, meu amor, feche seus olhos e me diga, onde você realmente quer estar amanhã?* — **Malachi Lord**. — Ela leu, olhando de volta para mim. — Você sabe que é um pouco pretensioso usar suas próprias citações, certo?

— E aqui estava eu pensando que era romântico.

Ela inalou, mas riu enquanto o fez. — Estou te implorando, Malachi...

— Para quê?

— Misericórdia. — Ela sorriu. — Eu acabei de acordar e você já está preparado para fugir comigo?

— Esther. — Ela ainda não entendeu. — Não estou tentando fugir com você, estou tentando viver com você. Onde você quer morar?

Ela olhou para longe de mim enquanto tirava a torrada francesa do prato. — A que horas é o voo?

— Este tempo todo você ia concordar, mas você só queria lutar comigo primeiro, não era? — Eu ri e ela enfiou um pedaço de torrada na minha boca. Dando uma mordida eu mastiguei e disse. — Eu também te amo.

— Tão impiedoso. — Ela balançou a cabeça e deu outra dentada.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Vinte e Dois

Destino dos Fiéis

ESTHER

— Nós vamos aterrissar em breve, Sr. Lord. Obrigado por voar conosco. — A linda aeromoça morena lhe mostrou os dentes brancos enquanto pegava sua xícara de café.

— Com licença. — Eu disse com a voz mais educada que pude reunir, até mesmo sorrindo enquanto eu levantava meu copo para ela. — Você se importa se eu pegar um daqueles biscoitos de novo? Se você não estiver muito ocupada.

— Claro. — Ela respondeu apanhando o meu copo ao sair. Eu a vi ir e sorri feliz para mim mesma quando Malachi limpou a garganta desnecessariamente... novamente como se ele estivesse tentando não rir de mim. Olhando para cima a partir do tablet na frente dele eu perguntei, —Malachi?

— Hmmm? — Ele olhou para cima enquanto a aeromoça voltava com meus biscoitos.

— Obrigada. — Eu disse a ela enquanto abria o pacote e olhava para ele. — Você limpou a garganta algumas vezes desde que chegamos a bordo. Há alguma coisa engraçada?

— Eu fiz?

— Você fez.

— Hmmm. — Ele acenou para si mesmo, mas o sorriso que lentamente começou a se formar em seus lábios o denunciou. —



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Que tal você ignorar isso e eu ignorarei as adagas que você dispara dos seus olhos sempre que vê a aeromoça?

— Eu fiz? — Eu zombava dele.

—Você fez. — Ele acenou com a cabeça. — Embora eu tenha de admitir que gosto do seu lado ciumento.

— Eu? Ciúmes? Ha! — Cruzei meus braços e pernas. — Por que eu, a mulher atualmente envolvida em uma história de amor que abrange mil vidas, teria ciúmes?

— É isso que eu, o homem que só teve olhos para você em mil vidas, quer saber.

Eu torci minha boca até que minha mandíbula estalou porque eu não tinha resposta. Ao invés disso, eu apontei para o tablet novamente. — Bem? Você acha que o Sr. e a Sra. Yamauchi vão gostar?

— Eu não gosto de suspense. — Ele franziu a testa quando passou para a direita e ainda não viu o resto da página. Chegando lá, peguei o tablet dele e a guardei na minha bolsa.

— Às vezes eles são necessários.

— Sim, se vai haver um segundo livro ou se você quer irritar os seus leitores.

Eu sorri alegremente. Ele claramente queria mais ao invés de rasgá-lo como da última vez. — É irritante porque você quer ler mais.

— Você está escrevendo um segundo?

— Não.

— Então você só vai deixar o seu público pendurado assim.

— Você tem braços fortes, lembra-se? Então não se importe com os penhascos. — Eu disse enquanto levantava meus braços e me agarrava ao penhasco imaginário, como o Sr. Yamaguchi



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

tinha feito há mais de um ano. — Então... aguenta aí. — Eu sorri enquanto ele respirava e gemia desamparado.

—Wow. — Ele balançou a cabeça para mim.

— Então eu presumo que eu não escrevo mais como um especializada em inglês?

— Não, você faz, mas agora é mais tolerável. — Ele afivelou o cinto de segurança quando começamos a nossa descida.

— Será que mataria se você saísse e elogiasse meu grande talento literário? — Eu perguntei assim que o jato atingiu um pedaço de turbulência e meu coração afundou no meu estômago enquanto eu congelei por um segundo rápido.

— Sim. — Ele riu.

— Cale a boca! — Eu resmunguei enquanto me inclinava para trás e respirava fundo antes de olhar pela janela. A vista de Lieber Falls do céu era apenas mística, como eu me lembrava. Ao contrário do ano passado, a cidade inteira já estava coberta de neve, desde as montanhas até o lago gelado ao longe.

— Eu chamei algumas pessoas da cidade.... Perdemos a primeira queda de neve, obviamente, — Eu disse quando aterrissamos.

— Acho que vamos ter de esperar até o próximo ano pela neve, não vamos? — Ele respondeu enquanto se levantava e me oferecia a mão.

— Olha quem é o Sr. Positivo agora.

— O que posso dizer, você é contagiosa. — Ele piscou o olho.

Eu sorri enquanto agarrava minha bolsa e sua mão, e juntos caminhamos em direção à frente do jato particular que ele havia fretado. Aparentemente, não havia voos diretos de Nova York para Lieber Falls e, depois de me lembrar do incômodo que tinha sido



chegar aqui da última vez, não podia negar que estava um pouco aliviada. Acenando para ambos, tanto para a aeromoça quanto para o piloto, eu tremia com o ar frio que soprava no meu rosto quando saímos para o hangar.

— Foi por isso que você disse para não empacotar nada? — Perguntei enquanto caminhávamos em direção à sua moto que o aguardava. Eu só tinha jogado minha maquiagem, carteira e escova de dentes na minha mochila quando ele me lembrou de quantas coisas eu tinha deixado para trás. Eu não conseguia lembrar o que tinha deixado, mas por alguma razão eu gostava do pensamento de me levantar e ir sem ter de me preocupar em levar nada comigo, era como ir para casa.

— Foi uma das razões. — Disse ele timidamente enquanto chutava o seu pé por cima e sentou-se. Eu deveria saber quando ele me disse para usar um casaco de couro.

— Tudo bem, mas eu vou dirigir.

—Diga novamente? — Chegando na minha bolsa, procurei na minha carteira e tirei com orgulho a minha carteira de moto para ele ver. Ele a tirou de mim enquanto sua boca se abria levemente. Eu nunca o tinha visto tão chocado, e para ser honesta, eu não sei se ele poderia ficar chocado.

— Você realmente pode conseguir qualquer coisa em Nova York. — Ele balançou a cabeça em descrença. — Isso é real?

—É! — Eu tentei pegá-la de volta dele. — Se você não é homem o suficiente para deixar uma garota te guiar, basta dizer, Sr. Lord.

Ele mordeu o lábio e acenou para si mesmo antes de deslizar de volta para abrir espaço para mim.

— Muito obrigada. — Entreguei-lhe a minha bolsa, coloquei o capacete menor e montei a moto. Eu o senti atrás de mim enquanto suas mãos deslizavam ao redor da minha cintura e



seu corpo se pressionava contra minhas costas. Naquele momento, ele tomou conta de todos os meus sentidos. Eu não conseguia mais me mover e logo me sentia lembrando da noite anterior - como ele se deitou em cima de mim, como a pele dele se sentia contra a minha.

— Você vai? — Ele sussurrou diretamente no meu ouvido, provando que ele sabia exatamente o que estava fazendo.

— Você está me distraindo. — Eu murmurei enquanto desmontava e tirava minha bolsa dele. — Eu vou te mostrar um dia, quando você não estiver me montando - quero dizer, montando atrás de mim.

Ele bufou no meu escorregão enquanto deslizava para a posição e me permitiu subir atrás dele.

— Não vamos?

— Sim, senhora. — Ele acenou com a cabeça enquanto fechava o casaco até o fim. Ele me deu suas luvas e eu as coloquei e serpenteei minhas mãos ao redor de sua cintura. Eu me segurei com força, enquanto deixava minha cabeça descansar em suas costas, e quando o motor rugiu, ele não me assustou como antes, mas me trouxe conforto. Eu fechei meus olhos e me segurei enquanto saíamos do hangar e fomos para a estrada principal. Logo o aeroporto desbotou na distância enquanto montávamos em direção à cidade e minha mente começou a mudar, assim como havia feito no escritório. Eu me encontrei no presente e no passado mais uma vez. Observando uma princesa desonrada que estava vestida com vestes de seda vermelhas e amarelas, agarrada à antiga rebelde com o único braço que lhe restava. O corpo dela foi derrubado sobre suas costas e embora ela estivesse morrendo, ela sorriu enquanto eles cavalgavam o mais rápido possível em direção à costa.

Seus cabelos pretos pegaram o vento e fluiu para fora atrás dela, e quando seus olhos castanhos encontraram os meus olhos castanhos, foi quase como se ela pudesse me ver. O olhar dela era inabalável, e nós nos olhávamos até chegarmos a uma



encruzilhada na estrada e ela foi para a esquerda enquanto eu ia para a direita e pelo caminho que nos levava até a casa de madeira muito familiar com janelas grandes. A entrada tinha sido recentemente limpa e a garagem estava aberta, o que lhe permitia dirigir por dentro e parar na frente da porta.

Nem ele nem eu dissemos nada enquanto subíamos os degraus da garagem e entrávamos na casa. Com exceção dos lençóis brancos que cobriam os móveis, tudo parecia exatamente igual ao da última vez que estivemos aqui. Mas, novamente, o quanto uma casa poderia mudar? Os tetos de madeira altos ainda estavam altos, o sofá cinza ainda estava de frente para as janelas arqueadas, porém, o que eu não esperava ver era a foto que estava ao lado da lâmpada. Caminhando até ela, peguei a moldura e tracei a imagem do meu avô desamparado e uma versão adolescente de mim tirando uma selfie juntos.

— Perdoe-me. — Ele sussurrou enquanto caminhava ao meu lado e olhava para a foto. — Eu a vi durante a recepção do seu funeral e eu meio que, bem, eu a roubei.

— Você veio ao funeral?

Ele parecia ferido. — Eu estava lá do começo ao fim.

— Você não disse nada...

— Você me disse para ficar longe de você, lembra? — Ele respondeu, embora eu tivesse esquecido honestamente. — Você realmente acreditava que eu não viria?

Eu acenei. — Achei que você não queria arriscar com Li-Mei. Você estava tentando evitá-la, bem a mim, mas...

— Alfred é... ele era minha única família. É claro que eu iria, não importava o risco.



— Única família além de mim. — Eu acrescentei alegremente.

Ele acenou com a cabeça. — Além de você.

— Então não tenho que ficar na casa de hóspedes? — Eu perguntei enquanto colocava a foto de volta.

— Que casa de hóspede? — Ele fingiu como se não tivesse ideia do que eu estava falando. — Não há nenhuma. Na verdade, não há nem mesmo um quarto de hóspedes. Você só tem de fazer a partilha comigo.

Eu ri e o abracei. — Senti falta disso aqui.

— Eu senti sua falta aqui. — Ele me abraçou de volta antes de me pegar e me girar. E enquanto eu ria, tudo ficou preto.

24 de abril de 1644- Palácio Kunning, Pequim, Dinastia Ming

Corri o mais rápido que pude, tentando não olhar para o rosto deles enquanto agarrava as flechas nas minhas costas, uma a uma, e as levava para frente, mandando-as voando diretamente para dentro do peito deles. Isso os derrubou de costas e criou um caminho que levava diretamente para os aposentos do pai.

— Princesa!

Tudo que eu podia ver era o cabelo preto dela girando ao redor dela como uma tempestade enquanto seu corpo me protegia da adaga que voou diretamente para o pescoço dela. Os olhos dela trancaram-se com os meus por apenas um segundo - não, metade disso - antes que eles fechassem e ela caísse no chão. Eu não podia chorar, não podia chorar, não podia gritar, só podia correr em direção à minha família enquanto os guardas abriam caminho para mim enquanto eles lutavam, dando suas vidas por nós - algo que muitos dos que estavam na cidade haviam desistido há muito tempo de fazer.



Nós só precisamos fugir. Nós podemos fugir. Era a única coisa em que eu pensava enquanto me jogava nas portas abertas com tanta força que quase caía quando elas se abriram diante de mim. Dando a volta, eu as fechei e consegui colocar o trinco no lugar e manter as portas fechadas. Mas a visão dentro era muito mais horrível do que a visão fora dela.

— K..Kunyi? — Eu suspirei enquanto tropeçava e vi minha irmã, minha melhor amiga, deitada em uma poça de sangue aos pés de... — Pai?

Ele me encarou coberto pelo sangue da nossa família. Ao vê-lo assim.... o arco na minha mão caiu no chão. A espada manchada de sangue real apertou em suas mãos enquanto ele se virava para me enfrentar chorando, soluçando, mas atordoado.

— Porquê? — Era tudo o que eu podia pedir. Porquê? Por que ele tinha desistido? Nós poderíamos ter escapado. Não podíamos ter escapado?

— Por que você teve de nascer nesta família?! — Ele gritou comigo e eu fiquei tão atordoada tão assustada, que eu levantei o braço e puxei minha espada e lentamente o seu metal encontrou minha pele e cortou diretamente. Eu não senti nada além de raiva. Raiva de mim mesma por me importar, por deixá-lo para salvá-los.

MALACHI

26 de setembro 1646- Guáng ān mén, Pequim, Dinastia Ming

— Nós conseguimos princesa. — Eu sussurrei, incapaz de desviar o olhar das águas azuis na nossa frente. Estávamos finalmente fora das muralhas da cidade, de frente para a Cidade Proibida, o palácio imperial que já foi seu, mas sob o novo imperador havia se tornado sua prisão. Nós até nos afastamos do sol enquanto ele



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

se punha atrás de nós, mas ela não disse nada, e nunca mais diria nada nesta vida.

Seu último pedido tinha sido para cavalgarmos juntos, mas na verdade ela tinha pedido para eu não a ver morrer novamente. Nós deveríamos cavalgar como se estivéssemos tentando fugir do nosso destino. Segurando a sua mão agora fria enquanto eles agarravam minhas vestes, eu usei a outra para cobrir minha boca enquanto tossia tão forte que o cavalo se assustou e as aves voaram de seu ninho acima de nós. Quando tirei minha mão da boca, vi que estava manchada com meu sangue. Eu sorri enquanto balançava minha mão em um punho e limpava o sangue dos meus lábios.

— Não é engraçado, amada. — Eu sussurrei para ela. — O imperador que você serviu matou você e o imperador que eu coloquei para substituí-lo me matou. Não é... — Eu mordi o soluço que ameaçava romper meus lábios. — Não é um destino cruel, mas bem-humorado?

Ao acordar, encontrei meu olhar enevoado pelas minhas próprias lágrimas. Limpei as lágrimas dos meus olhos e sentei na minha cama quando uma familiar dor de cabeça latejante passou pela minha cabeça.

— Esther? — Eu chamei quando não a vi ao meu lado. — Esther? — Eu entrei em pânico e me levantei. Quando ela desmaiou, eu a trouxe para o quarto, mas devo ter tido uma lembrança depois disso. Saindo para o corredor, descobri que ela também não estava lá, mas senti o cheiro de café.

— Esther?

— Aqui dentro.

Sua voz era suave, pouco audível mesmo. Seguindo-a, caminhei em direção à sala de arte onde a encontrei sentada no centro da sala com sua velha colcha ao redor dos ombros e



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

uma xícara ao seu lado. Todos os quadros que eu havia criado para ela estavam agora descobertos. Ela me olhou por cima do seu ombro e rosto... ela parecia tão exausta, mas ainda sorriu para mim e levantou a xícara ao seu lado.

— Café?

— Vamos, você não deveria ficar aqui... é....

— Arrepiante? — Ela deu uma risadinha. — Eu achei romântico no começo, quando eu não sabia que era eu, mas agora, sim, é um pouco estranho, mas eu não me importo, você pegou meu lado bom cada vez.

— É difícil não quando você não tem um lado ruim. — Eu disse, encostado na estrutura da cama. Ela sorriu e depois olhou para trás, para um quadro em particular.

— Princesa Changping, filha do Imperador Chongzhen, você me avisou para sair. Você me disse que haveria um ataque e eu corri para ajudar minha família, e ele já tinha matado a maioria deles. Ele tentou me matar, mas eu perdi meu braço ao invés disso. Era aí que eu estava. Onde você estava?

— Dois anos depois disso, no portão oriental de Pequim. O Imperador Li estava preocupado que eu me revoltasse contra ele e ele esteve me envenenando. Ironicamente, ele morreu antes de mim. Você morreu no caminho, a infecção por ter perdido o braço havia se espalhado pelo seu coração. — Respondi honestamente, não percebendo que tínhamos visto a mesma vida.

Ela pendurou a cabeça e a sua mão tremeu. — Por que somos torturados assim? Nem podemos aproveitar esta vida...

— Nós podemos.

— COMO?!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Caminhando até ela, tirei o café das mãos dela e a puxei para os seus pés. Ela se recusou-se a olhar para mim, mas eu levantei o queixo dela e ela me olhou com raiva.

— Nós aproveitamos agora por não sermos apanhados por isso. Se perdermos um minuto, então aproveitamos o próximo duas vezes mais. Não vamos falar sobre isso. Vamos só... vamos pegar comida, vamos dar uma volta. Vamos fingir que isso nunca aconteceu e continuar. Nós não somos eles. Nós somos nós.

Ela olhou para mim por um longo tempo antes de respirar fundo e relaxar. Copiando o rosto dela, eu a beijei gentilmente. — Sente-se melhor?

— Eu me sentiria melhor se eu pudesse bater no Imperador Chongzhen e no Imperador Li! — Ela murmurou e eu não pude deixar de bufar.

— A melhor coisa de viver novas vidas é conhecer aqueles que nos machucaram receberam justiça de alguma forma. — Era por isso que não havia nada para fazer a não ser viver. — Vamos lá.

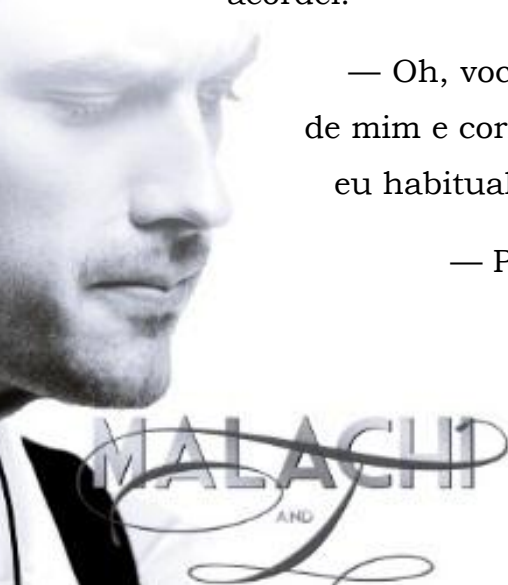
Ela me seguiu e fechou a porta, trancando-a como se trancasse toda a nossa dor atrás dela também.

— Então, o que os jovens fazem para os encontros hoje em dia? — Eu perguntei enquanto colocava meu braço ao redor do ombro dela.

Ela olhou para mim atordoada por um segundo, antes de cair em gargalhadas. Era a primeira vez que eu me sentia confortável desde que acordei.

— Oh, você vai se arrepender dessa pergunta! — Ela se libertou de mim e correu em direção às escadas, já saltando de volta ao seu eu habitual. Nada poderia mantê-la em baixo por muito tempo.

— Porquê? — Eu pedi correndo atrás dela. — Esther?



Capítulo Vinte e Três

Nós somos eles

ESTHER

— Diga 'Feliz Dia dos Fundadores!' — Eu pulei na frente dele e segurei uma velha câmara descartável até o rosto dele. Ele me encarou completamente desamparado enquanto tentava fazer malabarismos com os troncos de lenha em seus braços. Quando ele não sorriu, eu tirei a foto de qualquer maneira.

— Achei que tínhamos perdido isso. — Murmurou ele enquanto caminhávamos em direção ao local onde o resto dos homens da cidade estavam preparando a fogueira.

— Aparentemente, as recentes tempestades de neve impossibilitaram os fogos de artifício, então eles adiaram. Não somos sortudos? — Perguntei enquanto tirava outra foto, desta vez dos nossos pés enquanto andávamos de volta na neve, as pegadas dele eram tão grandes que pude pisar nelas.

— Sim, muita sorte. Também, não foi você que se voluntariou para ajudar? — Ele resmungou e quando olhei de volta para ele, ele estava me encarando com a sobrancelha levantada.

— Estou supervisionando você e documentando os eventos de hoje. Não é fácil. — Eu nem consegui dizer isso com a cara séria. Revirando os olhos, ele olhou em volta até que viu a mulher com o chapéu de pele preta que tinha o crachá preso na frente. Ela segurava uma xícara de chocolate quente fumegante em suas mãos enquanto vigiava os preparativos por trás dos óculos escuros. De repente, o olhar dela



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

me pegou e eu quase pude ver a lâmpada que explodiu em sua mente.

— Esther?

— Sim, Xerife? — Eu respondi.

— Estava me perguntando se você poderia ajudar com a...

— Ela tem as mãos cheias, xerife. — Disse Malachi ao me entregar alguns pedaços de lenha, o que não fazia sentido, já que a pilha em que ele estava destinado a jogá-los estava diretamente na nossa frente agora.

— Ótimo. Agora parecemos suspeitos. — murmurei sob meu fôlego para ele enquanto ela nos olhava com um olhar franzido.

— Só vai levar um segundo. Eu só ia perguntar a Esther sobre a realização de uma feira de livros aqui na primavera.

— Sério? — Eu disse animada enquanto jogava a lenha na pilha e me dirigia a ela.

— Se não é Esther, a conhecedora! — David gritou com um sorriso enquanto soltava o cooler que estava segurando para me dar um abraço, muito para o aborrecimento de Malachi. Os olhos de Malachi prenderam-se imediatamente nas minhas mãos como se fosse para dizer-lhes para não ousarem abraçá-lo de volta. — Bem-vinda de volta! Como você está?

— Eu estou ótima. Olá, Murphy. — Eu me afastei e acenei para Murphy, mas ela me deu o mesmo olhar que Malachi tinha dado a David. Você teria pensado que David e eu tínhamos namorado com a quantidade de hostilidade no ar. Quero dizer, eu sei que nós tínhamos flertado um pouco, mas, caramba.

— Bem-vinda de volta, Esther. Você também, Sr. Lord. — Ela acenou para ele, o que chamou a atenção de David para ele. David inclinou a cabeça, seu cabelo marrom ressaltando de seu gorro. — Senhor Malachi, algo está diferente em você. Não me diga. —



MALACHI
AND
L

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

David estalou seus dedos. — O que aconteceu? Você não está com medo de mais nenhum "toque". — Murphy acotovelou os seus lados.

— Melhor companhia. — Acrescentou Malachi, embora seu tom ainda fosse antipático.

Antes que eu pudesse interromper de novo, a xerife falou mais alto. — O Sr. Lord está ajudando. Por que você não vai buscar as barracas? — Malachi parecia pronto para se opor e eu pude ver a preocupação em seus olhos, então eu disse. — Me dê cinco minutos e depois estamos colados novamente.

Ele franziu a testa, mas acenou com a cabeça.

— Certo, eu as tenho no meu caminhão. — David olhou entre nós os dois confuso. Mas depois deu nos ombros quando Malachi começou a segui-lo.

Malachi olhou para trás novamente e eu sorri enquanto estendi minhas mãos e lhe mostrei os cinco dedos antes de levantar minha câmara para tirar outra foto deles enquanto caminhavam de volta em direção à trilha onde os carros estavam estacionados. Foi só quando eu baixe a câmara que percebi que estava entre a Xerife e Murphy.

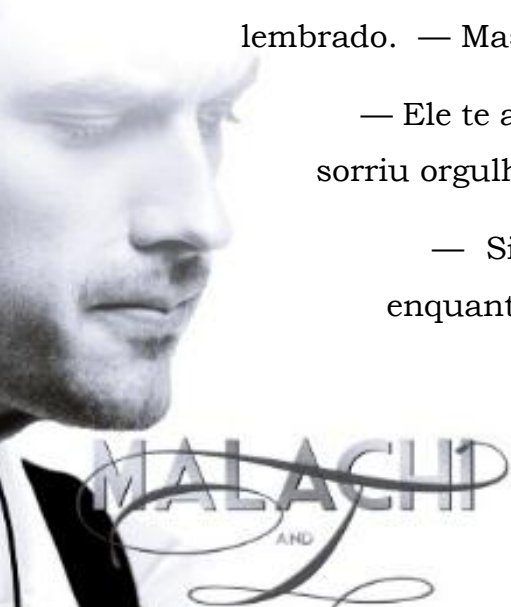
— Certo. Então, sobre a feira do livro...

— Antes de entrarmos nisso. — Disse a Xerife Richards muito mais seriamente. — Eu nunca pude lamentar-me pelo seu avô.

— Está tudo bem. Não está tudo bem, mas eu estou bem. Eu prometo. — Eu disse a ela honestamente. Eu estava feliz por ela ter se lembrado. — Mas obrigada.

— Ele te amava muito, eu podia dizer. Os avós são assim. — Ela sorriu orgulhosamente para si mesma.

— Sim... eu também o amava muito. — Eu sussurrei enquanto escovava o cabelo atrás das orelhas. Eu não podia



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

acreditar que um ano já tinha passado e mesmo assim tudo parecia exatamente o mesmo. Eu adorei como parecia que podíamos apenas retomar onde tínhamos ficado na cidade, como se sempre tivéssemos vivido aqui. Eu olhava para o céu e via o sol se afundar lentamente atrás das árvores.

— Por que ele te chama de Esther, a conhecedora? — Murphy me perguntou, felizmente mudando de assunto.

Eu sorri. — Você tem certeza que quer saber?

Ela acenou com a cabeça. — Eu esqueci de perguntar até agora.

— No primeiro dia que cheguei aqui ele estava me mostrando a casa e fomos ao restaurante do Pete. Eu não tinha comido o dia todo e, por isso, eu comi a minha refeição o mais rápido que pude, e a partir daí ele me chamou de conhecedora, mas o que ele realmente queria me chamar era de carnívora.

— Oh, meu neto. — A Xerife gemeu enquanto balançava a cabeça e tomava um gole de chocolate quente.

— Deixe-me adivinhar, você o corrigiu e ele decidiu ficar com ele. — Suspirou Murphy.

— Yep! — Eu disse minha voz ficando um pouco mais alta. — Porque ele disse que foi um erro clássico, então eu deixei passar porque prefiro não ser conhecida como Esther, a carnívora.

— Meu Deus, ele é tão burro. — Gemeu Murphy enquanto colocava as mãos enluvadas no rosto e balançava a cabeça. Foi engraçado porque ela parecia mais envergonhada por ele do que ele tinha sido por si mesmo. Mas eu acho que era assim quando você amava alguém. Eu só esperava que ele tivesse conseguido a ajuda que precisava, mas eu não queria me intrometer na vida dela e fazer perguntas.



— Se vocês dois não têm nada planejado para o Dia de Ação de Graças, sintam-se à vontade para parar na estação. — Disse a Xerife enquanto inalou o ar frio.

— Obrigada, mas o Sr. e a Sra. Yamauchi nos convidaram para o Dia de Ação de Graças. Finalmente vou conhecer a famosa filha advogada deles. Se tivermos tempo depois, adorariamos passar por lá. Então, na primavera eu adoraria sediar a feira do livro. Alguma razão para isso?

— Achei que seria uma boa maneira de arranjar alguns turistas... afinal, temos um escritor famoso vivendo na cidade agora... — A sua atenção foi repentinamente desviada pelas crianças que estavam escorregando e brincando no gelo mais abaixo na lagoa.

— Quantas vezes eu tenho de dizer a essas malditas crianças! Eu juro... onde estão os pais deles...

— Nós conseguimos, Xerife! — Murphy fez uma careta para eu me juntar a ela ao redor da fogueira. Ela olhou por cima do ombro para olhar para o xerife antes de olhar para mim. — Ela tem uma regra estrita 'não patinar no gelo no lago.

— O quê? Basta olhar para ele. Ele grita patins para mim.

— Exatamente. A maioria das pessoas vai à noite ou quando ela não está por perto. É tão bonito. A maneira como o luar reflete sobre a água. — Ela suspirou alegremente.

— Então por que ela está tão chateada com isso? — Eu me virei e com certeza, ela ainda estava observando as crianças enquanto andávamos pelos pequenos arbustos e galhos do outro lado.

— Aparentemente, quando ela era mais jovem, há muito tempo, ela e alguns amigos caíram pelo gelo. Eles a tiraram de lá, mas os outros dois garotos morreram. Era um inverno normalmente quente na época.



— Sim, mas às vezes coisas assim só ficam com você. — Eu sussurrei me sentindo mal agora. — Essas lembranças devem vir correndo de volta à sua mente...

— Eu sei que deve ser traumatizante para ela, mas você não pode simplesmente parar de viver por causa de um acidente. As pessoas entram em acidentes de carro o tempo todo nesta cidade, não podemos proibi-los de dirigir. Eles são crianças. As crianças são destemidas e inocentes por natureza. Somos nós adultos que os assustamos. — Disse ela e eu notei que ela colocou a mão sobre o estômago enquanto falava.

— Murphy... — Eu me afastei quando a seu rosto de sardas virou diretamente para mim. Não era o meu lugar para me intrometer, então fiz outra pergunta... que ainda era um pouco intrometida. — Como você e David estão se você não se importa que eu pergunte?

Ela corou e depois sorriu enquanto acenava para si mesma. — Nós estamos bem. Eu sei... eu sei que a última vez que nos viu... nós não estávamos bem... ele não estava em um bom lugar. Mas ele está melhor. Ele parou de beber e está vendo um terapeuta.

— Dr. Monterrosa? Ouvi dizer que ele era bom.

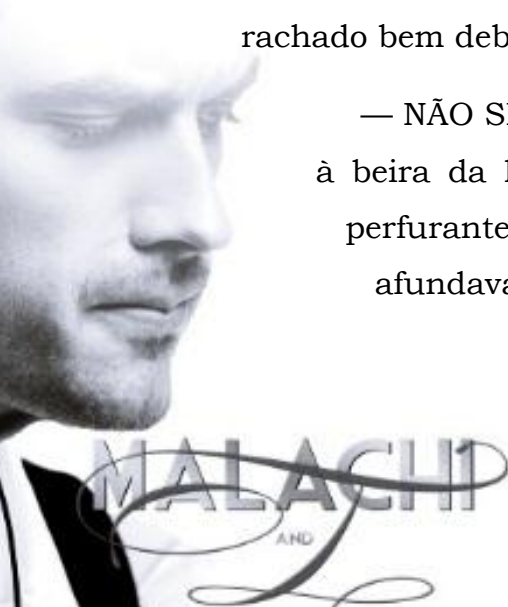
Ela me puxou para trás e me olhou para cima e para baixo. — Bem, olhe para você, você é uma verdadeira cidadã.

— Eu só sou boa com nomes...

— AJUDA!

Ambas as nossas cabeças viraram a tempo de ver que o gelo tinha rachado bem debaixo dos pés das crianças.

— NÃO SE MOVAM! — Murphy correu e eu também. Chegamos à beira da lagoa quando de repente o gelo cedeu e seus gritos perfurantes foram curtos, rápidos e petrificados enquanto afundavam sob o gelo.



Murphy se moveu para correr para dentro, mas congelou enquanto suas mãos se moviam para o estômago.

NÃO! Minha mente gritou e eu pensei que fosse para ela, mas percebi que já estava correndo para frente e mergulhando no gelo. A água me cortou como facas, me esfaqueando de todos os lados, depois a escuridão cobriu tudo. Eu agarrei uma das mãos deles e a levantei acima da água, Murphy agarrou-a e a puxou para fora enquanto eu descia novamente para pegar os outros. Um a um eu os empurrei para fora da água, cada vez que meu corpo abrandava como eu.

MALACHI

Quando voltamos para a praia, todos estavam correndo em direção à lagoa e eu não sabia porquê até vê-la, apenas o topo de seus cabelos castanhos encaracolados, mergulhando no gelo.

— ESTHER! — O grito quebrou meus lábios como fogo e meu coração ardeu enquanto eu jogava tudo nas mãos e corria não em direção à praia, mas em direção ao gelo. Eu sabia que eles estavam gritando para eu parar, mas eu não consegui. Tudo estava me puxando em direção ao buraco do tamanho de uma cratera bem perto da borda da água.

— Eu não consigo vê-la! — Alguém gritou vindo para o ar. — Não...

Eu não esperei enquanto pulava atrás dela. A água... era a morte. Se alguma coisa podia encarnar outra coisa, essa água era a morte; fria, castigadora e vazia de quase toda a luz. Eu mal conseguia ver a luz do sol se apagando e meus pulmões queimavam por mais tempo, mas eu não me importava. Nadei mais para dentro, minha cabeça estalando para a esquerda e para a direita. Rezei naquele momento para que o que quer que fosse que nos ligasse - amor, magia, Deus, o que quer que fosse me ajudasse a chegar até ela. Quando vi as



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

bolhas flutuarem para cima, mergulhei para baixo, só para vê-la gritar. Eu a agarrei e ela me encarou aterrorizada enquanto ela agarrava sua garganta e então ela parou.

ESTHER!

Eu não conseguia gritar. Tudo o que eu podia fazer era agarrá-la enquanto eu nadava de volta em direção ao rompimento no gelo. Minha visão se afinou e eu ainda a levantei primeiro até que finalmente nós dois quebramos a superfície e eu respirei por ar antes de gritar o nome dela. — Esther! ESTHER!

Eu não conseguia me concentrar em mais ninguém, mesmo quando eles nos ajudavam e a colocavam na neve. Eles estavam gritando, tentando me cobrir, tentando nos puxar para fora. Eu coloquei meus braços e bati no peito dela com mais força do que eu provavelmente deveria antes de me curvar e assoprar o ar que mal estava enchendo meus pulmões no dela.

— Vamos lá! — Eu gritei com ela antes de respirar na boca dela mais uma vez. — ESTHER, VAMOS LÁ!

Parecia que muitos segundos tinham passado antes que ela tossisse a água.

— É isso aí. Vamos lá, querida! — Inclinei a cabeça dela para o lado, permitindo que a água escorresse, mas ela começou a tremer nos meus braços. — Esther?

Seus olhos castanhos se abriram e eu vi o terror neles.

— Não, não, você está bem.

— Eu...eu...eu...sinto muito. — Ela ofegou enquanto os dentes dela batiam. Eu olhei para cima, procurando por qualquer coisa para aquecê-la e notei que várias pessoas estavam ocupadas enrolando os meninos em mantas de alumínio. Havia dezenas



de pessoas ao nosso redor que estavam correndo para ajudar e mesmo assim eu não senti nada além de terror.

— Eu, — Ela lutou para dizer. — Eu não...sabia...eu...eu...eu estava...apenas...pulando...em...eu estou tão...

— Querida, está tudo bem. Shh...está tudo bem, você está bem. — Eu disse enquanto a abanava. Eu os ouvi chamar a ambulância e tentei me levantar, mas minhas pernas estavam dormentes. — Desculpe...eu...desculpe...de...

— ESTHER! ESTHER! — Eu a sacudi, mas ela amoleceu nos meus braços. Eu não conseguia sentir o pulso dela.

— Não, não, não, não, não. Esther? ESTHER! ELA PRECISA DE AJUDA! POR FAVOR AJUDA!

Assim não. Eu não poderia perdê-la assim. Não.

Por que isso sempre acontecia?

Por que... nós apenas... porquê?

Deus, porquê?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Vinte e Quatro

O segredo para viver

MALACHI

Senti uma escuridão familiar a aproximar-se de mim novamente e a minha visão voltou a fazer um túnel quando de repente alguém me abanou.

— Deixe-a ir! SENHOR! TEM QUE A DEIXAR IR!

Pestanejando, só percebi de quem estavam falando quando dois paramédicos a tiraram dos meus braços e a colocaram numa maca. O David puxou-me para trás quando lhe cortaram a roupa e prepararam o desfibrilador e eu assisti quando eles enviaram um abanão de eletricidade.

—Ahh. — Eu agarrei o meu peito como se a eletricidade tivesse passado por mim. Mas eu saudei-a. Era melhor do que a escuridão, do que o nada.

—Mais um...— Sussurrei tão suavemente que não tinha a certeza se conseguiam me ouvir a implorar-lhes, mas voltaram a fazê-lo.

E quando o fizeram, disseram, —Temos pulso!

Eu podia voltar a respirar.

Um pulso significava que ela estava viva. E eu conseguia viver.

Nós podemos viver, não podemos amada?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

DIA UM

Parecia que tudo estava acelerado. O tempo estava passando e as coisas estavam acontecendo, mas eu não conseguia desviar o olhar.

Num momento estávamos na ambulância e eles estavam a dar-nos líquidos quentes através de uma IV. No momento seguinte, estávamos no hospital. Eu não me lembrava dos nossos movimentos, os meus olhos só ficavam nela.

Eu estava vivo, mas sentia-me entorpecido por dentro. Todos se moviam, falavam e viviam, mas eu estava apenas sentado e à espera.

Antes que eu desse por isso, estávamos numa sala. Ela estava deitada numa cama e eu estava sentado ao seu lado.

— Sr.Lord? Sr. Lord? — A mulher estalou os dedos diante do meu rosto, mas eu não me mexi nem falei. —Sr. Lord, quer ajudá-la?

Aí, olhei para a mulher preta com óculos de grandes dimensões e cabelo branco. Tentei falar, mas a minha garganta, eu reparei, doía.

—C.... como? — Eu perguntei.

Ela levantou uma muda de roupa para mim. —Mude, coma, e eu...

—Quando é que ela acorda? Ela já devia estar acordada. —Voltei para junto da Esther e observei o seu monitor de ritmo cardíaco.

— Se tenho de me preocupar contigo, preocupo-me menos com ela.
— Ela voltou a pôr a roupa à minha frente e, desta vez, eu levei-a.

— O coração dela parou, eu disse, apesar de ter a certeza de que ela já sabia. — Hipotermia accidental grave com parada cardíaca. Deu-lhe líquidos intraósseos aquecidos, oxigénio quente e humidificado, mas...

— O senhor é médico, Sr. Lord?

— Era uma vez atrás. — Sussurrei.



— Então devias saber que se pondo em risco desta maneira. Você precisa comer...

—Eu não posso deixá-la. — Quem saberia o que aconteceria se eu a deixasse novamente.

Ela suspirou. — Vou lá fora e volto a entrar e podemos falar dela o quanto quiser, mas primeiro tem de mudar de roupa.

Eu não tinha nada a dizer e quando ela saiu, sentei-me ali durante algum tempo antes de finalmente me levantar e despir a bata do hospital que me obrigaram a usar no primeiro dia em que entrámos. Disseram-me para me vestir, mas agarrei o que pude e não me importei se usava roupas mais grossas ou não. O suor não me fazia aquecer, ela sim... a Esther sim.

No entanto, eu mudei rapidamente para a roupa nova antes de me sentar de novo. Levantei as mãos da Esther para beijar as suas costas. Ela estava mais quente, muito mais quente, mas ainda se sentia tão fria para mim, como se não estivesse...

Ela está viva. Ela está aqui. Era só isso que importava.

Tique-Taque.

Tique-Taque.

Tique-Taque.

Tique-Taque.

Tique-Taque.

Tique-Taque.

O relógio atrás de mim continuou. Eu podia ouvi-lo agora. Conseguia ouvir tudo agora. Os médicos falando lá fora.

— Os exames dela voltaram?



— Sim, o cérebro dela está a acendendo como um espetáculo de fogo-de-artifício.

— Nunca vi nada parecido.

— Já se passaram quase sete horas. Ela já não devia estar acordada?

— Realizem mais testes. Talvez nos esteja escapando alguma coisa. O cérebro dela não estaria assim se fosse hipóxia.

—O que é que vai dizer a ele?

—Não tenho a certeza se ele está no estado de espírito certo para ouvir alguma coisa. Certifique-se de que ele come.

Toc.

Toc.

—Sr. Lord?

Começava a odiar ouvir o meu nome nos seus lábios. Odiava o fato de agora sentir o tempo passar em vez de eu próprio passar com o tempo. Eu estava ciente agora e não queria estar, não enquanto ela estava assim.

Alguém colocou uma bandeja à minha frente e, só para desfrutar do silêncio, agarrei na tigela e bebi a sopa como água antes de a voltar a pôr no chão.

Não precisava que se concentrassem em mim. Eu não era importante aqui, ela é que era. Eles só precisavam se preocupar com ela.

OITAVO DIA

—Sr. Lord? — Vá embora, por favor. —Vocês têm convidados.

—Malachi?



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Ao ouvir a sua voz, virei-me e com toda a certeza que era a Sra. Yamauchi. Em pé ao lado dela estava uma mulher alta e esguia, de cabelo preto comprido. Era parecida com o Sr. Yamachi... que não estava com nenhuma delas. Eu levantei-me da minha cadeira e curvei-me para as duas.

Sem largar a mão da Esther. Não tinha a certeza do que dizer ou porque estavam aqui.

Quando a Kikuko olhou para a cama, eu vi que ela estava lutando contra as lágrimas. — Oshaberi.

Por alguma razão ouvir aquele nome, tendo passado mais de uma semana sem ouvir a própria tagarelice me estripava profundamente e eu segurava meu soluço.

Apesar de estar tremendo, tentei manter a calma enquanto a Sra. Yamauchi se soltava da filha e caminhava até mim. Ela olhou-me nos olhos antes de dar uma palmadinha nos meus dois ombros e esfregá-los como se estivesse tentando me aquecer.

— Não se preocupa, se ele a vir do outro lado, vai chutá-la de volta para você. — Disse ela com um sorriso gracioso, e demorou demasiado tempo para que as suas palavras se afundassem. Olhei para trás, para a sua filha, que pendurou a cabeça e depois voltou para ela enquanto eu abanava a minha.

— Sr. Yamauchi? — Eu perguntei, e aqui estava ela tentando me consolar de todas as pessoas. — Não...

— Tenho a certeza que ela é a razão pela qual ele foi em frente. Ele queria ter a certeza de que ela não podia te deixar. — Enquanto falava, as lágrimas caíam dos seus olhos, apesar de ter mantido o sorriso no rosto.



Completamente quebrado diante dela, pude sentir as lágrimas rolarem pelas bochechas e sobre a minha boca. A dor - esta dor, a dor dela, tudo isso - me desolou de uma vez. — Sinto muito.

—Não. Sinto muito. — Ela abraçou-me.

—Como? Eu não... Era suposto jantarmos no Dia de Ação de Graças?

— Ele era velho. Nós somos velhos, Malachi. Os passeios de um dia, mantendo suas memórias, ele lutou por um longo tempo. Sabíamos que ia acontecer, e é por isso que queria um último Dia de Ação de Graças. Ele amava vocês dois especialmente. Isso aconteceu há sete dias, o dia depois de Ação de Graças. Eu não queria adicionar às suas preocupações. E eu não podia... Não estava pronta para ver ninguém. Mas agora que eu estou, fico contente. Não vamos ter de nos preocupar com a Esther. Quando os velhos morrem, é amargo e doce, quando os jovens morrem, é uma tragédia. E se há algo que o Kosuke Yamauchi detestava, era uma tragédia.

Limpando as bochechas, inspirei profundamente e, ao olhar para ela, tentei ficar de pé mesmo embora me tenha sentido tão fraco e pequeno. Soltando a mão da Esther, pois eu sabia que se ela estivesse acordada ia me estrangular se não o fizesse, virei-me para a Kikuko e voltei a curvar-me enquanto apresentava as minhas condolências.

— Goshusho-sama desu.

— Lembre-se, Malachi, o segredo de uma vida longa é amar viver, sabendo que o sofrimento pelo bem do amor não é sofrimento, e encontrar alegria nisso. Ela voltará. — Ela virou-se de mim e mudou-se para Esther. Colocando a mão sobre a testa de Esther ela disse. — Oshaberi, eu ainda estou à espera do meu livro.

O canto da minha boca apareceu-me a essa altura. —Ela acabou...



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Não vou lê-lo até ela acordar. — Disse ela com firmeza.

Eu acenei com a cabeça e movi a cadeira para que ela se sentasse. Quando olhei para cima, descobri que a filha dela já tinha desaparecido e no seu lugar estava um cesto de almoço na cadeira junto à porta.

— A Maya é tímida e com o coração partido. Ela vai voltar, eu vou certificar-me disso. Ela te trouxe comida. — Disse Kikuko, levantando alegremente um cesto. — Vamos comer. Talvez isso a levante.

Assentindo, eu fui até lá e peguei no cesto e fiquei chocada com o peso do cesto.

Quando levei até ela, ela desfez as sacolas e mostrou tudo em frente da Esther.

Depois ela fez uma pausa, à espera de ver se isso a acordaria de fato. Pela segunda vez, em uma semana, apeteceu-me sorrir. Ela fez-me lembrar a Esther...

Ela está mesmo aqui.

Voltei a olhar para ela.

— Os médicos disseram alguma coisa? — Perguntou ela gentilmente enquanto me entregava um par de pauzinhos.

— Eles não sabem porque é que ela está assim. — Tive a sensação de que o seu corpo estava doente. Desde que ela tinha caído através do gelo, não tinha tido mais uma única memória e a minha dor de cabeça tinha desaparecido. Foi tal e qual como naqueles momentos em que ela tinha morrido antes de mim. Como já nada doía, como lá era apenas dormência, e depois escuridão, e depois me lembraria desse momento de uma nova vida, num novo lugar, com um novo nome.

— Não perca a esperança. — Sussurrou ela ao colocar a sua mão sobre a minha.



— Obrigado por...

— Espero que não esteja prestes a agradecer-me por ter vindo. — Ela franziu-me a testa e eu não disse qualquer coisa em resposta. — Sabia que ela enviou presentes e cartões a todo mundo no Natal passado? O avô dela tinha morrido pouco mais de um mês antes e ela ainda teve tempo para mostrar a todas as pessoas que ela se importava. Ela telefonou nos aniversários, lembra-se dos nomes de todos. Ela é família para muitas pessoas. Isso pode dizer-se só de olhar à volta da sala.

Não o tinha feito antes. Não tinha olhado à volta do quarto do hospital onde tínhamos ficado até ela ter dito. Foi só então que reparei nas numerosas flores, cartões, ursos e balões que ocupavam o espaço à nossa volta.

— Não se agradece à família pelo apoio. É isso que eles fazem. — Lembrou-me ela.

Ela estava certa. A Esther e eu considerávamo-nos família, mas a verdade é que nós tínhamos conhecido muitas pessoas - bem, eu conheci tantas pessoas através dela - tornaram-se parte da nossa vida. Ao longo de todas as nossas vidas as pessoas pareciam quase sempre atrapalhar-nos. Elas tornavam as coisas mais difíceis para nós. O que foi uma das razões que me levou a tentar não me envolver, a não me incomodar com os outros, e Esther, mesmo agora, mesmo sabendo o destino que pairava sobre as nossas cabeças, ainda mergulhava para ajudar outra pessoa. Eu queria estar zangado, mas não parava de a ouvir implorando por perdão no fundo da minha mente. Ela não devia. Talvez ela tenha estado um pouco zangada consigo mesma por também ter feito, mas essa era a sua natureza. Era assim que ela era e era o porquê de eu sempre a amar.

—Então obrigado pela comida. — Sussurrei a Kikuko antes de encher a minha boca de arroz, não mastigando realmente,



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

mas esperando pelo menos por um momento que eu pudesse empurrar a dor para baixo.

—Cuidado! —Ela me deu água e eu tossi e chorei e comi de qualquer maneira.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Vinte e Cinco

A Bela Adormecida e Muitas Bestas

MALACHI

Dia Dezesete

Beep.

Beep.

Beep.

Beep.

Beep.

—Ela está falhando! — Um dos enfermeiros gritou.

—Outra vez? — A Dra. Neecey correu para a sala, a mesma coisa que tinha feito mais de cinco vezes ao longo das últimas duas, quase três, semanas. Observei paralisado de horror como Esther tremeu em cima da cama, as suas máquinas me dizendo, dizendo a todos que estava morrendo mais uma vez. E, tal como nas outras cinco vezes, ela ficou mole durante alguns segundos antes de o coração recomeçar por si mesmo.

— Eu nunca vi nada assim. — a Dra. Neecey ofegou. Ela, como todos os outras no espaço, eu estava emocionalmente esgotado e eu não disse nada a nenhum deles. Levando a toalha de rosto e a tigela de água quente que lhe trouxe para mais perto e limpei-lhe a testa suavemente. Silenciosamente, todos eles saíram de novo um a um.

— Amada... — Colocando a minha mão sobre a bochecha dela, eu me curvei, o meu rosto pairando sobre o dela. Eu tinha tanto a dizer e, no entanto, as únicas palavras que me passaram pela boca foram, — Volta, por favor.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu estava perdido. Menos desde que os médicos que tinham feito exames e verificado cada centímetro dela, mas mesmo assim ela ainda não estava acordando. Tinha agora, mais do que nunca, a certeza de que não havia nada que podia fazer e eu não podia dizer-lhes que ela estava perdida nas memórias das nossas vidas passadas. Eu sabia, não tinha a certeza de como sabia, mas algo me dizia que ela estava presa nas suas próprias memórias. A vivendo e morrendo uma e outra vez e outra vez. Eu não sabia como trazê-la de volta. Como a acordar. Eu sabia que ela não podia ficar aqui. Só havia tanta coisa antes dos médicos começariam a tratá-la como uma cobaia.

Talvez ela precisasse de reviver todas as noventa e nove vidas antes desta? Mas porquê? Isso nunca tinha acontecido antes e porquê só ela? Que tipo de tortura foi essa?

— Há quanto tempo estão torturando o meu bebê?

Voltei-me para a voz, uma voz que não esperava nem precisava de voltar a ouvir. E no entanto, ela falou novamente. — Esther, querida? É a mamãe.

Os saltos dela clicaram no chão quando veio para a cabeceira da Esther. Ela esgueirou-se para lhe tocar, mas agarrei-lhe no pulso.

— Não lhe toque. — Disse eu com os dentes.

— Como se atreve! Me largue! — Ela gritou comigo enquanto tentava arrancar o braço levando todas as pulseiras do seu pulso a mexeram-se. Fazendo como ela pediu, libertei-a. Colocando a toalha de rosto e a tigela na mesa lateral levantei-me.

— Vou dizê-lo uma vez: Saia, Diana!

— Deve estar enganado, Senhor Lord. — Um homem branco careca com bigode branco-cinza vestido com um terno de três peças, disse enquanto caminhava para o lado de Diana, que



sorriu e atravessou as suas mãos debaixo do seu casaco de peles, enquanto ele continuava a falar.

— Não tenho a certeza de que tipo de hospital caipira este é, mas só a família deve ser autorizada a entrar. O senhor é da família, Sr. Lord? Porque aqui a Diana é a mãe da Esther.

— Sêrio? Quando é que ela decidiu ser isso? Não pode ter sido quando ela a abandonou a sua filha criança, em pleno Inverno? Ou quando ela tentou matá-la quando era criança ou roubá-la como uma adulta!

— NÃO SABE NADA SOBRE MIM!

— COMO NÃO SABE NADA SOBRE ELA! — Não pude deixar de gritar com ela.

— Nada disso é importante! — O cretino ao lado dela apertou-lhe o braço. — Agora mesmo, a Esther precisa de estar perto da família...

— EU SOU A FAMÍLIA DELA.

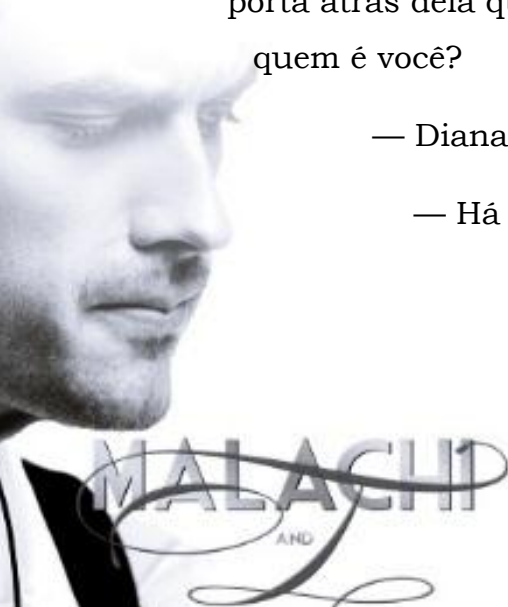
— Legalmente não é. A menos que ambos sejam casados e nós não o saibamos...

— Desculpem-me! — A Dra. Neecey andou furiosamente de volta para a sala. — O que quer que se esteja a acontecer não deveria de estar a acontecer aqui em frente do meu paciente. Todos para fora, já!

Ela até olhou para mim. Mordendo o interior do meu rosto, saí da sala depois deles e seguiu-os até ao corredor. A Dra. Neecey fechou a porta atrás dela quando ela saiu e olhou diretamente para a Diana. — E quem é você?

— Diana Noëlle. A mãe da Esther, você ligou-me...

— Há dezessete dias. — A Dra. Neecey interveio.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— E ontem. — A serpente de um homem ao seu lado acrescentou. — Você pediu o histórico familiar dela. A Sra. Noëlle não sabia que o caso da sua filha era tão grave.

— Sim. — Acrescentei olhando para ele com atenção. — Tão sério que ela trouxe o seu advogado?

Quem diria que as cobras podiam sorrir, mas ele fez enquanto acenava. — Eu sou um velho amigo e sim, um advogado, aqui no tempo de necessidade da minha amiga...

— Besteira. — Abanei a cabeça, olhando para a mulher que agora se chamava a mãe de Esther.

— Isso tem a ver com dinheiro, certo? Veio para ver se ela estava morrendo, não porque se preocupa, não porque alguma vez se preocupou, mas por causa do dinheiro dela!

— A minha filha está lutando pela sua vida! E você nem sequer teve a sabedoria de a mandar para um hospital melhor. — Ela estalou para mim e eu nunca quis bater tanto numa mulher na minha vida.

— Senhora Noëlle, asseguro-lhe que somos um hospital muito capaz...

— Quero a minha filha de volta a Nova Iorque, onde ela não estará apenas num hospital capaz, mas no melhor hospital! — Ela gritava com lágrimas nos olhos.

Eu aplaudi ela, foi o melhor que pude fazer com as minhas mãos. — Você está mesmo trabalhando pelo o Oscar, Diana!

— Sr. Lord! — A Dra. Neecey respirou fundo para se acalmar antes de colocar a mão no meu ombro. — Sei que está cansado, tem estado ao lado dela todos os momentos desde que lhe salvou a vida, mas, por favor, não se mexa.



Eu olhei para ela e ela deu-me um olhar, implorando-me que me acalmasse.

— E nós agradecemos-lhe, Senhor Lord. — Disse a serpente com o mesmo nível de falsa sinceridade que Diana. — Mas como família de Esther, Diana tem o direito de tomar a melhor decisão médica para a filha. Doutora, a Esther melhorou alguma coisa?

— O seu estado é sensível. — Obrigou-se ela própria a dizer.

— Uma condição que alegadamente não tem ideia de como tratar.

— Está perguntando como amigo da família ou como advogado, Sr....?

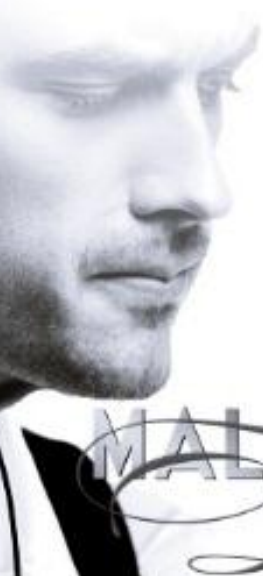
— Cain Pembroke. — Respondeu ele. — E estou perguntando como amigo, por agora. Como a senhora Noëlle perguntou, ela gostaria que a sua filha fosse transferida para a NY...

— Se você pensa por um momento... — A raiva que surgiu no meu corpo quase não me permitiu falar. As minhas mãos fecharam-se em punhos enquanto olhava para os dois. — ...que vou permitir que façam decisões em seu nome, para permitir que você a leve a qualquer lugar, você nunca conheceu um homem que está disposto a desistir de tudo e mais alguma coisa antes. — Olhando diretamente para a escória de um humano em diante de mim eu disse. — Rezo para que seja o melhor advogado do que amigo da família, porque eu vou lutar com você até que ela acorde e exponha a ambos. — Afastando-me dos dois, agarrei-me a maçaneta da porta dela quando ele voltou a manifestar-se.

— Podemos obter uma ordem judicial, Sr. Lord.

—Então faça-o, Sr. Pembroke.

Eu não tinha dito. Em vez disso, as palavras tinham vindo de Maya Yamauchi que estava chegando para mim com o cesto de almoço diário da mãe. — Mas saibam que sou uma advogada



melhor do que amigo da família, e eu vou contestar isso. Vou torná-lo maior do que o caso Terri Schiavo.

Eu não queria ouvir mais nada. Ela não era um caso. Isso não era um caso. Era apenas a Esther. Eu só a queria.

—Você precisa deixá-los movê-la. — Maya veio alguns segundos depois de mim e colocou a cesta sobre a mesa de cabeceira. Depois tirou o telefone e começou a tirar fotografias enquanto ela falou. — Que a mudem para um hospital maior, onde ela terá todos os cuidados de que necessita. Assim, não podem dizer que não está prestando os melhores cuidados para ela. A partir daí, podemos argumentar que a sua mãe não tem o direito de fazer um...

— Se a moverem, ela morrerá. — Sussurrei enquanto me dirigia para a sua cama e pegava o copo, no entanto, a água estava fria. Ao ligar a chaleira, esperei que a água aquecesse.

— O quê? — Maya baixou lentamente a câmara. —O que quer dizer com “vai morrer”?

— Quero dizer, de alguma forma, de alguma maneira, essa mulher vai matá-la. Não importa se eu levar a Esther aos melhores médicos do mundo, essa mulher, esse advogado, eles vão fingir que se importam e na primeira oportunidade que tiverem, vão matá-la. Não é uma brincadeira, não é um exagero, é um fato. Eu sei. Não confio neles! Esther e eu... Esther e eu estamos a segurar por um fio, Maya! — O meu peito doeu, mas ignorei-o quando peguei na chaleira e a derramei no copo. — Eu disse que estava disposto a desistir de tudo e mais alguma coisa antes, e era sério. Não me estou entrando no esquema deles. Eu não vou dar-lhes qualquer espaço para fazerem qualquer escolha por ela.

— Eu não entendo...



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Eles querem o dinheiro dela, Maya! Então eu dou-lhes dinheiro!
— Era tudo o que lhes interessava. Era por isso que eles estavam realmente aqui.

— O suborno só vai para...

— Não quero saber! — Eu passei a olhar para a Esther enquanto ela dormia. Odiei o que tinha de fazer, mas não havia outra forma. — O avô dela, Alfred, deixou-me muito mais do que eu merecia no seu testamento. Diga à mãe dela que desistirei de tudo, desde que ela deixe a Esther em paz.

— Malachi!

— Eu estou lutando por ela! Não por dinheiro! Mas pela vida dela! O que é o dinheiro? Eu não preciso dele. Eu preciso que eles desapareçam! Consegue fazer isso? Se que me ajudar, pode fazer isso?!
Ela olhou entre nós, sem palavras. Apesar de Maya, que ainda estava de luto pela perda do seu pai, ser normalmente calada, ela ficou excepcionalmente animada quando olhava para mim.

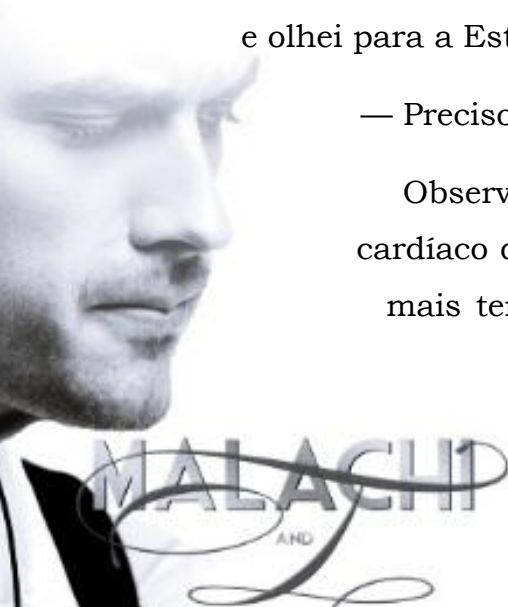
— Está bem. Vou entrar em contato com o advogado da Esther. Tenho a certeza, eles devem ter algo em algum lugar, especialmente tendo em conta...

— Apenas faça. Faça qualquer coisa. — Falei quando me sentei ao lado de Esther e continuei de onde tinha deixado de limpar a sua pele. Não queria saber como, só queria que fosse tratado.

Quando ela saiu, a porta fechou-se suavemente atrás dela e eu exalei e olhei para a Esther.

— Preciso de você aqui, agora. Eu preciso de você.

Observei-a durante um minuto. Ouvindo o batimento cardíaco dela e sentindo o meu bater no ritmo com ela. Quanto mais tempo eu a observava, maior era o meu medo. Quanto



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

mais me preocupava, mais não me faria ser capaz de a proteger. Como poderia eu protegê-la no limbo desta maneira? Quanto tempo é que ela poderia ficar assim, antes de virem mais médicos? Antes da sua mãe ficar sem dinheiro e voltar mais uma vez. O meu medo cresceu ao ponto de eu estar agindo antes de perceber disso. Fechando as persianas quando olhei para o corredor, empurrei o sofá e a cadeira que tinha estado a usando para a frente da porta. Usei qualquer coisa que não estivesse aparafusada ou a ser usada para a vigiar para a minha barricada.

— Não!

— Sra. Noëlle... — Maya tentou falar com calma, no entanto, a sua voz ainda era suficientemente alta para que eu pudesse ouvir por detrás da porta. — Vamos falar em algum lugar em privado...

— Eu não preciso de privacidade! — O seu grito começou.

— Sra. Noëlle, tenho todos os especialistas no caso da sua filha. — Disse a Dra. Neecey.

—Ninguém já viu isso antes e ninguém tem um plano de tratamento. Mudar a Esther agora é perigoso...

— ESSA É A MINHA FILHA!

— Nós compreendemos...

— ENTÃO MEXA-SE! — Gritou ela, e eles devem ter-se desviado, porque a próxima coisa que eu ouvi foi a sacudidela da maçaneta da porta. — Mas o que...

BANG!

BANG!

— Abra a porta!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Sr. Lord? Sr. Lord, isto é perigoso. Abra a porta. Está bem? — A Dra. Neecey disse suavemente, mas eu ainda não me mexi.

Talvez eu tenha enlouquecido. Talvez eu estivesse no auge do meu próprio desespero, mas não estava deixando entrar uma única pessoa. Acabaram-se os médicos. Acabaram-se as pessoas. Só nós. Sentado no limite da sua cama eu peguei o cesto que Maya tinha trazido.

Peguei numa maçã e dei uma mordida, enquanto continuavam a gritar.

— Esse dinheiro com que tentou nos subornar é o meu dinheiro! — A Diana chutou a porta.

— Sra. Noëlle, acalme-se, por favor. A Esther ainda está lá dentro...

— NÃO ME DIGA PARA ACALMAR! Essa é a minha filha! Todos vocês pensam que ele é um herói! Vejam! Ele está a raptando a minha filha! — Ela pontapeou a porta novamente. — Vamos ver como um juiz reage a isso. Não está fazendo isso porque se preocupa com ela. Tenho a certeza de que estás com medo que o seu bilhete refeição vai te escapar das mãos!

— Diana, os tribunais estão fechados hoje, mas amanhã... amanhã estaremos de volta, Senhor Lord! E essa porta tem de estar aberta.

Tem? Pensei enquanto dava mais uma mordida.

Toc. — Malachi? — *Toc.* — Malachi, sei que tem sido difícil para você nos últimos dias, mas esse não é o caminho, está bem? Isso só torna tudo mais difícil.

Ao terminar a maçã, atirei-a para o caixote do lixo perto da porta e me deitei na borda da cama ao lado dela. Descansei a cabeça no meu braço direito e coloquei o meu braço esquerdo sobre ela. Observei-a, ouvindo o seu batimento cardíaco bater firmemente diante dos meus olhos fechados.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

DIA DEZOITO

Beep.

Beep.

Beep.

Beep.

— MALACHI, ABRE A PORTA! — A Dra. Neecey entrou em pânico quando as máquinas dispararam como normalmente o faziam. Ao sair da cama, eu andei e desliguei completamente a máquina. Era inútil e só acabou por nos causar ansiedade a todos. Ao dar a volta, coloquei as minhas mãos no pulso de Esther e verifiquei o pulso só para ter a certeza de que ele estava lá. A respiração dela relaxando novamente.

— Malachi, ela está bem? — Perguntou ela e eu ainda não consegui encontrar as palavras.

Parte de mim sentia que eu estava preso no piloto automático: consciente, mas incapaz de me controlar a mim próprio. Eu não queria mais nada além de a manter segura, para lhe dar tempo de voltar...

Toc.

— Malachi? Sou eu, Maya. — Eu sabia quem ela era, a voz dela não tinha mudado.

— Esther nunca... apresentou um poder de tutela, apesar de isso ter ido contra o conselho do seu advogado. Ela declarou simplesmente que, caso morresse, o seu património pessoal iria para diversas instituições de caridade. Ela fez, no entanto, deixar a empresa por sua conta se ela morresse. Como ela está em coma, a sua mãe ainda mantém a tutela legal sobre ela. Mas, podemos lutar contra isso, posso argumentar que Esther teria querido que fosse o seu tutor desde que ela te deixou a sua empresa, mas esta fazendo as coisas pior, fechando-se aí dentro.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Malachi? É o Oficial Richards. David. Sabemos que só está olhando por ela, mas nós temos um trabalho a fazer, meu...

— Porque é que todos agem como se este homem estivesse são? Ele obviamente não está bem e tem a minha filha lá dentro! — A gritaria começou.

— Senhora, com todo o respeito, foi ele que saltou para um lago congelado para salvar a sua filha! — David falou ironicamente, não soando nem um pouco respeitoso.

— Vocês estão todos – apenas abram a porta! — A Diana gritou.

— As portas abrem por dentro, e ele está barricado...

— Quebre-a!

— Desculpe-me, isto é um hospital! Não podemos ter pessoas arrombando portas! — Dra. Neecey gritou de volta.

— Abre-a ou encontraremos alguém que possa. — A serpente finalmente falou. — Agente Richards, telefonámos porque o Sr. Lord está atualmente a infringir a lei. No entanto, todos vocês estão aqui presentes a defendê-lo. Se acontecer alguma coisa à Esther, eu vou processar a todos.

— Continuas a atirar o seu trabalho como se fosse o único com um diploma de direito, Sr. Pembroke. — Maya, já não calada ou tímida, retrucou.

— Eu sou a único que segue a lei!

Continuaram assim enquanto eu simplesmente me dirigia à Esther e lhe tirava os caracóis do rosto. Eu beijei-lhe a testa e depois os lábios. Foi a única coisa que consegui pensar em fazer.

BANG!



A minha cabeça virou-se para a porta quando uma das cadeiras no topo do sofá caiu da força em que bateram contra as portas. Eles estavam realmente arrombando. Respirando fundo, voltei a enfrentá-la e coloquei a minha testa na dela. Tomando as suas mãos, eu as mantive entre nós.

—Amada...

BANG!

— Se vai... então vai...

BANG!

—...você sabe que eu vou te seguir.

BANG!

— Mas se está aqui.... Querida, se está aqui, se queres que esta vida seja a nossa última...

BANG!

— Então, preciso que acorde. Volta para mim.

Assim que as portas se abriram o suficiente para eles passarem, senti a mão dela a apertar a minha.

— Esther?

— Afastem-no dela!

— ESTHER! — Antes que eu pudesse sentir o seu aperto de novo, eles afastaram-me dela e a Dra. Neecey correu para o lado da Esther e voltou a ligar as máquinas. — NÃO! ELA ESTÁ ACORDANDO! ELA ESTÁ ACORDANDO! ESTHER!

— Eu quero-o fora! —A Diana gritou-me na cara enquanto corria à minha frente.

— Malachi, se acalma!



MALACHI
AND
LOVE

ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Mas eu não consegui. Vê-los caminhado na sua direção. Sabendo que a magoariam... Eu podia ver nos olhos deles, como todos aqueles que nos magoaram no passado, o seu egoísmo era tão claro como o dia.

— AFASTEM-SE DELA!

— SAIAM!

Bep.

Beep.

Beeppppppppppppppppppp...

— TRAGAM O CARRINHO DE REANIMAÇÃO!

Ao libertarem-me dos seus braços, tentei chegar até ela. Foi como um déjà vu, vendo como eles rasgaram a camisa e carregaram no desfibrilador uma vez mais. David e outro oficial afastaram-me dela.

— ESTHER!

— Limpo! — A Dra. Neecey disse e mais uma vez, tal como da última vez, pareceu que a eletricidade tinha sido aplicada diretamente em mim. O choque foi tão agudo, tão excruciante, que os meus joelhos se dobraram por baixo de mim. Esta foi a resposta. Nós estávamos indo. Agora mesmo. Aqui mesmo. Eu tinha tido um sentimento, mas...

— Malachi? Malachi?! Doutora!

Deitado de lado, olhei para a cama dela, para ela. —...Esther...

Quando a minha visão começou a ficar escura, só pude fazer de novo a mesma promessa.

Vou encontrá-la. Eu vou te amar. Eu juro.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Capítulo Vinte e Seis

A Ω
MALACHI

Intemporal - O Jardim do Bem

Aves.

Eu ouvi pássaros.

Cheirava-me a flores frescas e a chuva, embora não sentisse chuva. Em vez disso, senti o calor do sol em cima e a relva fresca em baixo. Os ventos suaves sopraram o ar mais cristalino que eu já tinha respirado. Mesmo sem abrir os olhos, eu sabia que estava rodeado de beleza. Que era o paraíso. Eu queria ficar e descansar aqui quando me voltasse a lembrar dela. Os meus olhos abriram. Esperava que o sol me cegasse ou me obrigasse a fechar os olhos mais uma vez, mas não era assim. Na verdade, vi a esfera brilhante, senti o calor dela, mas não ardeu vejam só. Ficou pendurada no céu azul.

Onde é que eu estou?

— Em casa.

Eu conhecia essa voz... mas não devia ter ouvido outra vez, a menos que...

Eu sentei-me, virando à direita para onde tinha ouvido a voz de Alfred. E com certeza, lá estava ele, estava vestido todo de branco, ajoelhado diante de um arbusto para apanhar bagas. Cada vez que colhia uma, outro cresceria nesse lugar.

— Eu morri. — Sussurrei. — Isto é a morte, Alfred?

— Sim, você fez. Já deve estar habituado a isso. Vamos lá, temos muito trabalho a fazer. — Respondeu à medida que se



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

levantava do chão. Notei que as suas roupas não estavam manchadas. Ao ver a sua roupa fez-me olhar para a minha, mas eu ainda estava usando a roupa que o hospital tinha me dado. Ele entregou-me um dos seus cestos e apontou para o meu outro lado.

—Raposas? — Eu disse ao ver as pequenas bolas de pêlo laranja com pernas pretas lutar e atacar um ao outro. Olhei para trás para encontrar o Alfred, mas ele já tinha desaparecido. —Está bem. Estou morto e... agora estou a alimentar as raposas com bagas. Faz sentido.

Acenei para mim próprio e fui até ao conjunto delas. Ao ouvir a minha aproximação, todas elas pararam e viraram a cabeça para mim - uma dúzia de bolinhas de pêlo cor-de-laranja com olhos foi-me apontada. Por alguma razão, eu só queria mexer com elas. Por isso, virei à esquerda, então eu atirei-me para a direita, observando como eles se moviam de um lado para o outro, tentando antecipar para onde eu ia, antes de se fartarem coletivamente das minhas artimanhas e acabarem de fazer uma cobrança por isso, saltando em uníssono para o cesto, e para mim. As bagas voaram para o céu quando eu aterrei de volta no terreno.

— A paciência é uma virtude. — Disse-lhes com uma gargalhada, enquanto comiam as bagas à minha volta. Eu sentei-me e peguei num deles, escovando o pêlo antes de lhe entregar uma baga. — Mais devagar! — Eu disse enquanto as observava pegar as bagas. E quando acabaram, apressaram-se a sair. Pelo tempo em que me restabeleci de pé, uma dúzia de coelhos saltou para fora e todos me olharam fixamente, à espera. Eu olhei para trás.

—O quê?

Um deles saiu saltando para o agora vazio cesto das bagas.

Não só estou agora a falando com animais.... Acho que os compreendo? Não seria a coisa mais estranha que me podia acontecer. Portanto, tal como tinha visto o Alfred fazer, apanhei



as bagas até o cesto estar cheio antes de o dar aos coelhos. Depois de terminar com eles vieram os pássaros, então o veado, depois os ursos.... Habituei-me tanto a dar meia-volta e a ver um novo grupo que quando me virei e só vi os jardins, fiquei um pouco atordoadado.

— Muito bem feito. — Disse Alfred, subindo subitamente pelo meu lado e tomando uma baga para ele comer.

— Onde é que eu estou? Fui enviado para o céu dos animais em vez disso? Forçado a alimentar as almas de animais amantes de bagas para o resto da totalidade?

Ele riu. — E se isto fosse o paraíso dos animais, o que faria?

— Nada. Aqui não é mau...é o oposto de mau...é só...— Parei enquanto observava o céu escurecer para um tom roxo-rosado profundo enquanto o sol lentamente começava a pôr-se. Era bonito... Esther teria olhado com admiração.

— Esther. Tem saudades da Esther.

O seu nome. Por alguma razão olhei à minha volta para ver se ela estava aqui, mas não estava.

O que foi bom.

—Você parece aliviado.

— Você não está? — Eu perguntei, olhando para ele. —Se ela não está aqui, deve estar viva.

Ela é a melhor pessoa entre nós.

— Ela podia estar no céu para o homem. —Brincou ele e eu revirei os olhos, mas também ri.

— Então, ela exigiria que me enviasse uma mensagem. — Conhecendo-a, ela desistiria de onde ela estivesse para me encontrar, para ficar comigo. Será que ela estava bem? Eu não



queria que ela ficasse triste. Eu não queria deixá-la, mas pelo menos o ciclo acabou. — Acabou finalmente, Alfred, e, no entanto, ainda estou sem a menor ideia. Porque é que isto aconteceu? Porque é que estávamos sendo castigados? Eu tenho tantas perguntas. Pensei que a morte vinha com as respostas.

— Para você obter respostas você tem de fazer perguntas, não acha, Malachi? — Ele respondeu e caminhou até um banco que eu não tinha notado antes. Ele se sentou na frente da árvore, encostou-se para trás e olhou para mim. — Por que você não pergunta?

— Perguntar a quem? Você?

— Sim, eu me lembro de você pensar uma vez em resolver isso como homens?

Eu olhava fixamente para o rosto marrom coberto de velhice do homem que eu considerava meu pai.

— Eu sou seu pai, só não o Alfred.

Será que se pode ficar chocado no Céu?

— Sim — Respondeu ele com um sorriso no rosto. Quando ele fechou os olhos, eu senti a brisa e o calor do ar passar. — Você sabe quantas pessoas exigem resposta a perguntas que não me fazem? Elas falam consigo mesmas, ou com os outros, mas nunca comigo. E quando não são dadas respostas para as perguntas que não são feitas, muitos decidem inventar uma. Como quem disse que você estava sendo punido?

Foi quando eu me vi capaz de falar novamente. — Mil vezes. Eu morri mil vezes, cada uma depois de conhecer o amor da minha vida. Você - nós queríamos estar juntos e mesmo assim éramos separados por...

— O mundo ao seu redor. — Respondeu ele, os olhos agora abertos enquanto ele olha diretamente para mim. — A escuridão



entrou no mundo por vocês dois, manteve-os separados uma e outra vez. Raiva, ódio, ciúmes, ganância - que procura destruir o amor.

— Escuridão que eu deixo entrar no mundo? Eu? Eu não sou... — Eu parei, tentando pensar e olhei para cima e ao meu redor. — Este é o Jardim do Éden?

— Tem sido chamado de muitas coisas, mas eu o chamo de Jardim do Bem. Tudo o que é bom reside aqui. Você residiu aqui como Adão: o homem. Cuidando de tudo que estava aqui, assim como você fez agora, e no final, você desejou uma companheira para si mesmo. Assim como agora.

— Esther e eu somos Adão e Eva? — Eu não podia acreditar e ainda assim, isso significava... — E você é...

— Adonai, Alá, Bahá, a Divindade, Elohim, Krishna. Eu sou chamado de muitas coisas diferentes como você conhece Malachi, pois você me chamou de muitas coisas, e cada uma delas eu já ouvi você.

— Se você ouviu. — Eu sussurrei lentamente pendurando minha cabeça. — Se você ouviu, por que não nos ajudou? Por que você...

— Você não precisava de ajuda.

— Mil...

— Mil vezes, você chamou por amor, como eu lhe disse para amar, e você amou.

— Eu não queria mil vezes! — Eu coloquei minha mão sobre meu rosto. — Eu só - eu só queria uma. Uma boa e feliz. Por que ela e eu não podíamos ter isso? Você me perguntou quem me disse que eu estava sendo punido? Ninguém precisava me dizer. Eu senti isso. Eu vi a pessoa que eu amo morrer e morrer e morrer antes de morrer eu mesmo. Se isso não foi punição, então o que foi?!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Sacrifício. — Respondeu ele, levantando um veado bebê que apareceu em seu colo. — Você e Eva foram punidos após terem sido removidos deste jardim. Você viveu aquela vida, em dificuldade e tristeza, você morreu e seus pecados foram pagos. Eu te dei as boas vindas naquela época, como fiz agora, e ambos pediram para fazer mais por aqueles que não veriam este jardim. Vocês pediram para mostrar-lhes amor, como ele era, o que ele pedia, e o mostraram a eles uma e outra vez. Vocês sacrificaram por aqueles que vieram depois de vocês para conhecer o amor. Você pediu por isso. Eu não te castiguei, a dor que sentiste, foi da arrogância, inveja, mesquinhez, ciúme, ganância, orgulho, raiva, ódio e luxúria do mundo. Mil vezes ela veio e mil vezes, vocês dois ficaram como soldados pelo amor. E é por isso que os corpos morreram e ambos se tornaram imortais entre eles. Você não se lembra do que Esther disse?

Eu fiz então. Eu ouvi a voz dela claramente novamente. *O seu amor, a sua vida, inspirou milhões - não bilhões - de pessoas a amar insensatamente... egoisticamente... irracionalmente, sem consideração por alguém ou qualquer outra coisa. E por isso, quando vemos fogo de artifício, quando vemos o verdadeiro amor, temos de parar o que estamos fazendo e respeitá-lo o suficiente para o deixarmos ser, para o vermos dominar o céu, olharmos com admiração os fogos de artifício.*

— O que foi diferente nesta vida e em todas as outras? — Eu não tinha a resposta que eu precisava. — Ninguém estava lá para impedir vocês dois, Malachi. Vocês não estavam em lados opostos. Ninguém estava mantendo vocês separados. O seu obstáculo era o seu próprio medo. E quando você superou, vocês estavam juntos. O mundo mudou porque vocês dois tiveram a coragem de responder ao amor quando ele te chamou. E agora está feito. É isso aí. Sua última vida. Aproveite-a. Lembre-se do que você fez para merecê-la. Esther está esperando.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— O quê? Eu pensei... — Eu estendi a mão para pegar o objeto que ele jogou em mim e quando o fiz, eu soube então sem dúvida que Deus tem um senso de ironia e humor distorcido. Sacudindo a cabeça, eu olhava a maçã na minha mão, sabendo que ele já tinha saído. —Obrigado. — Eu disse, antes de dar uma mordida.

ESTHER

19 de novembro - Lieber Falls, Montana

Eu me vi – os meus eus – Pompeii, Camelot, Luxor, Seul, Verona, Paris, Tenochtitlan, Lahore, Beijing, Obokwu, St. James Parish, Londres. Sem parar, me vi girando, caindo, rindo, soluçando, implorando, suplicando e morrendo. Senti tudo isso uma e outra vez, até que me encontrei em pé em um jardim. Uma brisa suave soprava sobre mim.

— Muito bem. — Uma voz que soou como o meu avô me disse antes de eu ouvir Malachi.

— Esther... — Sua voz era tênue.

Malachi? Seu nome era ao mesmo tempo adrenalina e novocaína para o meu coração, aliviando a dor e fazendo-o acelerar, tudo ao mesmo tempo.

— Eu preciso que você acorde. — Ele se sentia tão perto. — Volte para mim.

Eu não saí. Eu estou aqui.

— ESTHER! — Ele estava com dores. Ele estava com dores.

Eu estou aqui!

Eu vou te encontrar.

Eu estou AQUI!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu vou te amar, eu juro.

MALACHI!

Quando eu abri meus olhos, a luz estava cegante, então eu os fechei apenas por um segundo. Eu abri minha boca para falar, mas minha garganta queimou, mas mesmo assim eu gritei.

— M... Malachi! — Enquanto eu ofegava para respirar, uma mulher mais velha me lançou uma luz nos olhos e eu tentei sentar, mas tudo doía. Meu corpo se sentia como pedra.

— Esther? Esther, você pode me ouvir?

— Malachi. — Eu chamei de novo, enquanto tentava entender porque doía tanto. Mas havia fios por toda a parte nas minhas mãos e no meu peito. Eu não entendi. Tudo doía. Eu não sabia onde eu estava e não podia vê-lo. Em pânico, eu tentei puxá-los.

— Esther, acalme-se! Esther, eu sou sua médica. Sidney Neecey. Você caiu pelo gelo no Lago Lieber. Eu prometo que tudo vai fazer sentido. Eu só preciso que você se acalme, está bem?

Ela segurou as minhas mãos para me impedir de puxar os fios. Eu olhei para ela por muito tempo antes de engolir a saliva que havia se amontoado na minha boca.

— O... Onde... está... M... Mal... achi...?

Ela olhou para as outras pessoas ao meu redor que estavam todas vestidas com bata verde, mas nenhuma delas era ele. Eles acenaram para ela, mas eu não tinha certeza do que isso significava. Ou porque havia tantas pessoas ao nosso redor.

— Esther?

Eu olhei para a porta onde minha mãe estava e só a visão do rosto dela fez meu coração correr e fez os monitores dispararem.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Chegando até o meu peito, meu coração doía tanto que eu me encontrava com um palpito.

— Doutora...

— Sim? — Ela se inclinou para perto.

— Tire-a daqui. — Eu implorei. Eu não tinha certeza do porquê, mas vê-la era perturbador, mais do que o normal.

— Ela está saindo. Apenas respire. Vamos fazer alguns testes, está bem?

— Então Malachi?

— Sim. Então Malachi.

— Está bem. — Eu faria qualquer coisa se isso significasse que eu poderia vê-lo. Eu não tinha certeza do que estava acontecendo, mas ele precisava de mim e neste momento eu também precisava dele. Ela passou seu tempo verificando meu batimento cardíaco. Uma enfermeira me ajudou a colocar a metade de cima da minha bata enquanto outra enfermeira me dava um copo de gelo. Eu os tomei, e enquanto elas ajudavam, ela sabia que eu precisava mais do que gelo e tentou me dar uma xícara de água com uma palhinha. Eu peguei a xícara, sentei, e bebi dela. Eu não tinha certeza porque eles estavam tão chocados. A Dra. Neecey passou algo afiado por cima dos meus pés e eu puxei minhas pernas para longe.

— Alguém pode explicar agora? — Eu perguntei, minha voz ainda rouca. Olharam uma para a outra, e eu estiquei os braços enquanto lhe entregava o copo. Senti-me constrangida e tentei brincar. — Acho que preciso começar a fazer exercícios ou algo assim. Nadar, mesmo em um lago congelado, não deveria me deixar tão dolorida.

— Esther.

— Sim? — Eu olhei para o único médico falando.



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

— Você esteve em coma...

— Em coma? Há quanto tempo? Onde está Malachi?

Eu tentei me levantar novamente, e pela segunda vez ela me parou.
— Hoje teriam sido dezoito dias. Nós não sabemos o que causou isso. No entanto, você ainda não deveria estar tão... ativa.

— Malachi a alongava duas vezes ao dia. — Uma das enfermeiras saltou para apontar, mas a Dra. Neecey deu-lhe uma olhada.

— Você respondeu a tudo, mas Malachi? Onde ele está? — Ela suspirou.

— Ele está bem. Ele está estável.

— Estável? — Eu comecei a entrar em pânico novamente. — O que o deixou instável?

— Esther, se você quer ver Malachi, eu preciso que você relaxe, pelo menos até sabermos o que está acontecendo com você...

— Doutora, eu estou bem. Farei os testes que você quiser, mas não até você me contar o que aconteceu com ele.

— Ele... ele... sua mãe veio e quis levá-la de volta para Nova York para um melhor atendimento. Malachi tentou detê-la, mas ela veio com uma ordem judicial, e então ele se barricou aqui dentro com você. A polícia foi chamada porque estávamos todos preocupados que ele pudesse fazer algo... drástico. Ele não estava dormindo e estava assustado por você.

— O que vocês todos fizeram com ele? — Minha voz tremia e meus olhos ardiam das lágrimas que eu estava tentando reagir.

— A polícia o afastou de você e ele entrou em parada cardíaca. Mas ele vai ficar bem... Esther!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Eu não me importei com o que eles disseram. Comecei a arrancar fios de mim. Ela tentou me parar pela terceira vez, mas eu a empurrei para longe. Eu chutei os lençóis de cima de mim e me levantei da cama. Acho que eu realmente tinha estado em coma porque minhas pernas pareciam geleia debaixo de mim e antes que eu pudesse cair para frente, eu me agarrei à grade da cama para me firmar. — Vamos lá! — Eu gritei para as minhas pernas.

— Esther! Você precisa...

— Eu preciso chegar até ele! — Eu estalei com ela enquanto me forçava a caminhar. A sala estava uma bagunça, mas me deu coisas para agarrar enquanto eu caminhava em direção à porta. Eu agarrei a estrutura da porta e respirei fundo. Quando eu saí, eu a vi, minha mãe, ao lado de um homem branco de meia-idade. Os braços dela estavam cruzados e ela estava ocupada murmurando algo para ele.

— Diana. — Eu gritei para ela. Ela pulou e então olhou para mim. Parecia que o hospital inteiro estava nos observando, por isso ela deve ter colocado um sorriso tão grande e aberto suas mãos enquanto caminhava em minha direção.

— Esther... querida.

— Eu te perdoo! — Eu gritei para ela enquanto eu empurrava a porta e ficava na frente dela. — O que quer que você estivesse planejando, o que quer que estivesse pensando, graças a Deus Malachi a parou porque a quantidade de carma ruim que você está coletando vai voltar para você um dia. E nesse dia, eu espero que você volte aos seus sentidos e supere a sua raiva e amargura.

— Eu vim porque...

— Porque você está com dívidas. — Falei. Eu me senti tonta, mas me mantive firme de qualquer maneira. — Eu mandei te investigar antes de sair de Nova York, Diana. Você foi sugada



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

para um esquema de Pirâmide e não pode pagar suas dívidas de jogo, ou dívidas de compras, ou aluguel...

— Esther, querida...

— Eu sempre serei sua filha e quando você quiser agir como uma mãe, por favor me avise. Até lá, vamos seguir nossos próprios caminhos.

Andando ao redor dela até o posto das enfermeiras, eu me segurei na moldura da mesa e perguntei. — Malachi Lord? Em que quarto?

— O que está na porta ao lado. — Disse ela enquanto todos dentro da ala apontavam para a porta.

— Obrigada. — Olhei em volta e tentei caminhar, mas estava cansada. De repente, uma voz muito familiar me chamou.

— Oshaberi.

— Sra. Yamauchi? — Eu sorri enquanto ela me abraçava e suas mãos enrugadas tocavam meu rosto. — Você veio?

— Claro que sim! Você me deve um livro.

Eu acenei com a cabeça. — Eu faço.

— Esther? — Eu olhei para cima para ver uma mulher magra, que se parecia muito com Kikuko, subir atrás dela. — Eu sou Maya Yamauchi, é um prazer finalmente conhecê-la. Você precisa de ajuda?

— Olá. Sim. — Eu sorri para ela enquanto ela colocava a mão sobre meu ombro e me ajudava a andar. Mas ela não estava sozinha. Murphy, vestida com seu uniforme de polícia, veio ao meu outro lado e me ajudou a andar por dentro. David, que também estava vestido com seu uniforme, segurou a porta aberta para todos nós entrarmos no quarto de Malachi.

— Vocês dois sempre fazem a nossa cidade um pouco animada demais. — Sussurrou Murphy enquanto eu olhava



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

fixamente para Malachi. Ele estava tão bonito como sempre, mesmo com seu cabelo desarrumado, rosto com barba e olheiras ao redor dos olhos.

— O que posso dizer, somos pessoas animadas. — Sussurrei uma vez que cheguei à beira da cama dele. Minha mão se levantou e escovou o cabelo do rosto dele. — Você ouviu isso? Estamos animados, estamos vivos.

Voltando para eles, eu sorri. — Obrigada a todos.

— Esther, não, obrigada. — Disse Murphy à beira das lágrimas ao lado de David.

— Você salvou tantas pessoas naquele dia. Quando você se sentir à altura, tenho certeza que todos vão querer aparecer se estiver tudo bem? — Disse David.

Eu acenei enquanto olhava de volta para Malachi. — Isso seria bom. Você vai me contar tudo o que eu perdi nos últimos dezoito dias?

MALACHI

— *“Uma hora atrás, eu pensava que te amava mais do que qualquer mulher já amou um homem, mas meia hora depois disso eu sabia que o que eu sentia antes não era nada comparado com o que eu sentia então. Mas dez minutos depois disso, eu entendi que meu amor anterior era uma poça comparada ao mar alto antes de uma tempestade”.* - **William Goldman.**

Eu mesmo não poderia ter dito melhor se tentasse. *“Ao toque do amor todo mundo se torna um poeta”* - **Platão.** Esse deveria ser seu lema, Sr. Lorde.

‘Eu a amava contra a razão, contra a promessa, contra a paz, contra a esperança, contra a felicidade, contra todo desânimo



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

que poderia ser.' -**Charles Dickens**. Ok, risque Platão, esse é o seu lema, devíamos ver se o conseguimos com direitos autorais ou algo assim.

Ela riu e sua voz foi suave. Também estava tão perto que era como se ela estivesse falando no meu ouvido.

— Malachi? Malachi, amor, acorda.

Abrindo meus olhos, eu me vi olhando para um teto branco por breves segundos, antes que seu rosto sorridente bloqueasse minha visão. Seus caracóis caíram ao seu redor e seus olhos castanhos estavam cheios de alegria.

— Eu sabia que você estava acordando.

Eu olhei para o seu lindo rosto e alcancei para tocá-lo.

— Nós morremos. — Finalmente encontrei a voz para falar.

— Nós fizemos. — Ela acenou com a cabeça, mas ainda sorrindo. — Você o conheceu... no jardim?

— Ele me deu uma maçã. — Eu sussurrei.

— E agora estamos vivos novamente. — Disse ela. Ela colocou a mão dela no meu rosto e eu pude sentir isso. Oh...deus...

— Esther. Você é Esther.

Ela riu e me abraçou. — Sim. E você é Malachi. Nós ainda somos nós. Nós ainda estamos aqui.

— HA! — Eu ri e abracei-a para mim.

— Vocês dois me envelheceram pelo menos uma década, vocês sabem disso?

Esther se moveu levemente para eu ver, mas eu não a deixei ir longe. A Dra. Neecey entrou na sala segurando uma ficha e olhou



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

para nós os dois. Ela de fato parecia exausta e as bolsas debaixo dos olhos dela eram prova disso. Mas eu não pude deixar de sorrir.

— Doutora? — Eu perguntei quando ela chegou e pegou meu pulso para verificar. — Eu tenho três perguntas.

— Espera aí. — Ela colocou o estetoscópio no meu peito e ouviu por muito tempo, então olhei para Esther que sorriu de volta para mim. — Muito bem. Quais são as suas perguntas?

— Primeiro, ela está bem?

— Você percebe que teve um ataque cardíaco e eu estou observando você agora mesmo? — Eu sorri para isso.

— Eu sei, mas preciso ter certeza de que não estou alucinando.

Ela suspirou e sacudiu a cabeça para nós dois. — Nós a verificamos da cabeça aos pés e, além do exame cerebral, ela é completamente normal. Sua segunda pergunta?

— Há quanto tempo eu estou fora?

— Algumas horas, o que não é incomum, já que você não tem dormido bem.

Respirando fundo, fechei os olhos e relaxei como ela pediu. — E sua terceira pergunta?

Abrindo os meus olhos, eu olhei diretamente para ela. — Existe algum tipo de capela aqui?

Ela franziu a testa e eu senti a Esther virar, mas eu ainda não olhei para ela. Sorri e respondi. — Eu gostaria de casar com esta mulher antes que qualquer um de nossos corações decida ceder sobre nós novamente... Esther me encarou com os olhos bem abertos. — Se ela me quiser, é claro.



Ela riu e me abraçou novamente. — Você tem mesmo de perguntar?

— Você não ia querer que a boa doutora pensasse que eu era mal-educado agora, não é? — Eu ri, mas mordi meu lábio enquanto pressionava minha bochecha contra o rosto dela enquanto ela começava a chorar em cima de mim.

— Vou ver e voltar. — Disse a Dra. Neecey suavemente antes de ela se virar e nos deixar em paz.

Eu me virei para Esther, que ainda estava chorando em cima de mim. Ela envolveu seus braços ao meu redor e eu segui o exemplo enquanto nós dois estávamos deitados de lado. — Esther, eu não vejo seus olhos há dias... olhe para mim por favor.

Ela balançou a cabeça fungando.

— Ah! Meu coração...

A cabeça dela estalou e quando eu ri, ela parecia pronta para me bater. Mas eu me sentei o melhor que pude e beijei os lábios dela rapidamente. A raiva dela desvaneceu e ela se deitou, o rosto dela apenas a centímetros de distância do meu.

— Eu te dei isso. — Ela sussurrou, tocando a minha cicatriz.

— Você se lembra?

Ela acenou com a cabeça. — Eu me lembro de tudo. Nós começamos em Pompeia.

— E terminaremos nesta vida, olhando um para o outro assim, daqui a oitenta anos.

— Oitenta anos? — Ela ofegou e riu. — Você vai ficar bem acima de cem.

— Isso soa bem. — Eu belisquei a bochecha dela. — Tenho certeza de que alguém vai me manter vivo por um longo tempo.



Ela me estendeu a mão e tocou. — Você está confiante de que esta é nossa última vida.

Eu acenei com a cabeça.

— Porquê?

— Muitas razões.

Ela fez beicinho e eu sorri. — Compartilhe.

— Porque nós já morremos. Porque você já se lembra e nós ainda estamos aqui. Porque eu sinto isso. Porque eu o quero. E o mais importante... — Eu pensei neles, em todas as pessoas que lutaram por nós, nos defenderam e tentaram nos ajudar.

— Mais importante o quê? — Os olhos dela eram tão sinceros que parte de mim queria provocá-la mais, mas eu não consegui.

— Mais importante, Esther, pela primeira vez na história, vivemos em um mundo que nos permite amar, não importa o nosso status de classe, nossas famílias, nosso tom de pele ou nossas origens. Nós não estamos envolvidos em uma guerra. Após quase dois mil anos e mil vidas, somos livres para amarmos um ao outro. Isso é que é diferente.

— A minha família ameaçou ficar no meio...

— Diana te deu à luz, mas ela não é sua mãe. Ela não é da família. De qualquer forma, ela tentou e falhou.

Ela relaxou como se eu tivesse tirado um peso dos ombros dela, dizendo o que ela já sabia.

— Nós vamos viver esta vida ao máximo porque não vamos ter outra. — Ela sorriu enquanto se aproximava de mim.

Segurando-a em meus braços eu acenei, mas então eu me lembrei do que ela estava dizendo quando eu estava acordando.

— Você estava me lendo citações de amor?



Ela riu. — Sim, eu não conseguia pensar nas palavras certas para dizer a você e lembrar que os escritores vêm dizendo a coisa perfeita há gerações.

— Você não me disse uma vez que estava escrevendo o maior romance desta geração?

Ela olhou de relance para mim. — Você está me provocando, Sr. Lord?

— Só um pouquinho. — Eu acenei e antes mesmo que ela pudesse franzir a testa ou amuar eu disse, — *‘Quando você se apaixona, é uma loucura temporária. Ela irrompe como um terremoto e depois desaparece. E quando ele se apaixona, você tem de tomar uma decisão. Você tem de descobrir se suas raízes vão ficar tão entrelaçadas que é inconcebível que você deva se separar. Porque isto é o que é o amor. O amor não é falta de ar, não é excitação, não é o desejo de acasalar a cada segundo do dia, não é ficar acordado à noite imaginando que ele está beijando cada parte do seu corpo. Não... não core. Estou lhe dizendo algumas verdades. Pois isso é apenas estar apaixonado; o que qualquer um de nós pode se convencer que está. O amor em si é o que resta quando o amor se apaga. Não soa muito excitante, não é mesmo? Mas é!’* -**Louis de Bernières**.

Ela ficou quieta por minutos, o que pareceu horas antes de finalmente dizer, — *‘O que quer que nossas almas sejam feitas, a dele e a minha são as mesmas’* -**Emily Brontë**.

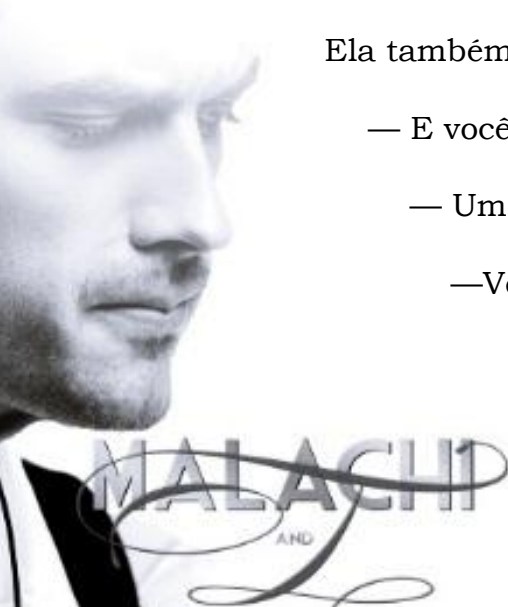
Eu ri. Eu ri tanto que ela sacudiu comigo. — Você passou todo esse tempo pensando em uma citação para citar de volta?

Ela também acenou com a cabeça e riu.

— E você escolheu Brontë. — Eu balancei minha cabeça.

— Um inglês tão bom.

—Você também era especializado em inglês!



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS

Enquanto discutíamos eu pensei, *sim, eu poderia fazer isso pelo resto da minha longa vida. Eu faria. Nós faríamos.*

— Você está me ouvindo? — Perguntou ela e eu tive de olhar para ela enquanto ela me olhava com cuidado.

— Sim... não... eu fiquei fora por um segundo.

Ela fez uma careta. — Estou pensando em escrever um novo livro.

— Você ainda nem publicou o seu primeiro.

— Estou trabalhando nisso! — Ela disse orgulhosamente acenando com a cabeça. — O que você acha se eu publicar nossa história?

— Nossa história?

Ela mordeu o lábio e acenou com excitação enquanto se sentava. — Você contou nossas histórias, e se eu contar ao mundo a verdade sobre você e eu. Eles nunca vão acreditar, mas mesmo assim.... e se?

— Como você vai chamá-lo, ‘A história de amor sem fim de Malachi e Esther?’

Ela sorriu e balançou a cabeça. — Malachi e eu.

Fim



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS



ESPALHE O AMOR POR AÍ
DIA DOS NAMORADOS